

Hitler ganhou a guerra

O poder econômico e o jogo
de interesses por trás das
relações internacionais



WALTER GRAZIANO





Hitler ganhou a guerra

Walter Graziano

Tradução: Eduardo Fava Rubio

São Paulo – 2005

1ª edição

Hitler ganó la guerra Walter Graziano

©WALTER GRAZIANO, 2004 ©EDITORIAL SUD AMERICANA S.A., 2004

Preparação: Carlos Donato Petrolini Júnior

Revisão: Maria Renata de Seixas Brito

Capa: Victory Design - victory@victorydesign.com.br

Ficha Catalográfica

Graziano, Walter

G785h Hitler ganhou a guerra. / Walter Graziano; tradução de Eduardo Fava Rubio. -- São Paulo: Editora Palíndromo, 2005

Tradução de: Hitler ganó la guerra. ISBN: 85-98817-05-8

1. Estados Unidos: Relações exteriores: Século XX 2. Estados Unidos: Política externa: Século XX 1. Título. II. Rubio, Eduardo Fava.

CDD 973.09

Índices para catálogo sistemático

1. Estados Unidos : Relações exteriores : Século XX 973.09
2. Estados Unidos : Política externa : Século XX 973.09
3. Estados Unidos : Política externa : Ciência política 327.973
4. Estados Unidos : Relações exteriores : Ciência política 327.973
5. Estados Unidos : Relações internacionais : Ciência política : 327.973

Aos que acordarem

Não importa que nos odeiem,

desde que na mesma medida nos tenham.

CALÍGULA

Orelha Esquerda do livro

Quem acha que muitos dos enormes problemas do mundo começariam a ser solucionados se se substituísse o presidente dos Estados Unidos se equivocava gravemente. O presidente atual não é nada mais do que a "ponta do iceberg" de uma complicada estrutura de poder, urdida cuidadosamente e durante muito tempo por uma reduzida elite de clãs familiares muito ricos, os verdadeiros proprietários à sombra do petróleo, dos bancos, dos laboratórios, das empresas de armas, das universidades e dos meios de comunicação do mundo, entre outros setores.

Trata-se nada menos daqueles que, antes que se iniciasse e durante a Segunda Guerra Mundial, financiaram Hitler para que este tomasse o poder e se armasse, daqueles que forneceram as matérias básicas ao Terceiro Reich, fomentaram o ideário racista do Fuhrer e levantaram o aparato nazista na Alemanha.

Neste livro, o leitor poderá compreender como essa poderosa elite, em cujo núcleo se escondem antigas sociedades secretas, faz, há muitíssimos anos, verdadeiras marionetes dos presidentes dos Estados Unidos e corrompe, até os alicerces, a própria base do partido republicano e do partido democrata. Também verá como manipula as democracias do mundo, utiliza as principais universidades norte-americanas e seus intelectuais, gerando a ilusão de progresso científico através de pura ideologia falsa, e manipula os meios de comunicação para que as massas e as classes médias não se dêem conta do que realmente está acontecendo.

Sob esta nova luz, inclusive os atentados de 11 de setembro de 2001 adquirem uma leitura diferente.

Orelha Direita do livro

Walter Graziano nasceu em 1960 na Argentina. Graduiu-se em Economia na Universidade de Buenos Aires. Até 1988 foi funcionário do Banco Central do seu país e recebeu bolsas de estudo do governo italiano e do Fundo Monetário Internacional para estudar em Nápoles e em Washington DC. Desde 1988 colaborou com meios impressos e audiovisuais argentinos de forma simultânea à sua profissão de consultor econômico. Em 1990, publicou a *História de duas hiperinflações* e, em 2001, *As sete pragas da Argentina*, livro que prenunciou a derrocada econômica e política do seu país. Desde 2001, Graziano tem-se dedicado em tempo integral aos assuntos desta obra, aos seus antecedentes históricos e às suas questões colaterais.

PRÓLOGO

Nem bem comecei a realizar as pesquisas preliminares para escrever este livro, já me dei conta de que a vastidão do tema me impunha a necessidade de encontrar colaboradores. Portanto, decidi contratar estudantes e graduados da área de humanidades.

Uma das primeiras pessoas que apareceram para as entrevistas de trabalho era uma bacharela em História, recém-graduada, com excelentes qualificações. Através do diálogo inicial, pude entrever a sólida formação acadêmica e cultural que possuía para o trabalho. Tratava-se, além disso, de uma pessoa com outras qualidades: inteligência e sagacidade.

Resolvi, então, fazer com ela a verdadeira prova de fogo: dei-lhe uma informação das muitas que o leitor vai encontrar neste livro. A recém-graduada começou a lê-la em silêncio. Enquanto isso, eu a observava e via como ia ficando vermelha e como seus olhos iam se revirando, não sei se de fúria ou de incredulidade. Quando terminou a leitura do texto, ela olhou para mim. Com a voz entrecortada, um pouco enjoada, defendeu o que até aquele momento considerava um saber pouco menos do que inexpugnável: "A história não deve ser escrita senão muito tempo depois de que tenham ocorrido os fatos", disse com o tom de uma lição aprendida de memória.

Optei, então, por dar-lhe mais informação, mais abundante em dados. Dessa vez, ela ficou pálida. Ensaiou uma resposta menos estruturada, mas ainda se defendia do que bem podia considerar tão horroroso como incongruente com respeito ao que lhe haviam ensinado por anos e anos. Diante de tal defesa frágil, decidi apresentar-lhe mais material. Rendeu-se e só disse: "Se isso é verdade, já não sei o que pensar".

Expliquei-lhe, então, que o conceito de que era necessário deixar passar bastante tempo antes de escrever a História era aplicável à época em que a tecnologia tornava impossível escrevê-la com uma boa dose de rapidez e exatidão. Obviamente, Heródoto teve que levar muito tempo para juntar o material para a sua obra. E não é de se esperar que Suetônio tivesse ao alcance da mão as informações para escrever a vida de doze césares. Mas, já em nossos dias, algo tinha começado a mudar: Arnold Toynbee e Paul Johnson estavam escrevendo História (possivelmente muito enviesada, mas uma versão da História, em todo o caso) de forma quase simultânea aos acontecimentos. É compreensível: os meios de comunicação e o rápido acesso ao tipo de informação que eles fornecem tornam isso possível.

Com o rápido desenvolvimento da rede global, talvez em pouco tempo mais surjam os primeiros historiadores que possam escrever a História de forma simultânea à própria sucessão dos fatos considerados como históricos. E é até mesmo provável que apareçam os primeiros futurólogos realmente sérios. Através da rede, pode-se acessar com baixo custo e sem demora qualquer tipo de informação — de toda índole —

que qualquer indivíduo do mundo tenha desejado conseguir. Seja verdadeira ou falsa, trata-se de informação sem nenhum tipo de censura direta ou indireta. Esta última é pior ainda que a primeira, já que passa despercebida e é exercida pelas linhas editoriais e estratégicas dos megameios de comunicação.

A rede não só possibilitou o livre acesso à informação. Também permite comprar à distância qualquer livro editado em qualquer lugar do mundo, novo ou usado, e tê-lo em casa em menos de uma semana, sem desnecessárias demoras em perguntas por edições esgotadas em livrarias fisicamente distantes entre si. Também permite o acesso a variados resumos de textos, de todas as tendências, e inclusive a comentários de leitores anteriores, que em boa medida podem ajudar a ganhar tempo. Como gosto sempre de repetir: o tempo é um bem ainda muito mais escasso que o dinheiro. O dinheiro pode ir e vir. O tempo, por outro lado, só vai...

Graças à rede, já estão aparecendo os primeiros historiadores on-line. Ainda que muito da informação que surge possa ser falsa ou inexacta, com frequência é menos assim que a que se publicou em muitíssimos livros, ou que a que aparece diariamente nos mega-meios de comunicação. A vantagem que nos oferece a rede — seja porque nos provê informação diretamente, seja porque nos permite um rápido acesso para localizar e comprar em poucos segundos livros que nos poderiam custar anos para conseguir — é a possibilidade de escrever sobre o presente e conhecê-lo, com incontáveis elementos adicionais de informa-

ção.

É possível que isso provoque efeitos muito benéficos dentro de pouco tempo mais. É provável ainda que as populações de muitos países se dêem conta muito antes, enquanto estão em condições de fazer algo a respeito, de farsas de enganação coletiva, de psicopatas nos mais altos cargos do poder, de ambiciosos planos de domínio global etc.

Este livro não poderia ter sido realizado há cinquenta anos. Nem sequer há dez anos. A garota graduada em História mencionada acima teria tido, nesse caso, razão. Mas hoje as coisas mudaram. Temos acesso a infinitos elementos adicionais de informação. Se não os usássemos por preconceitos ou devido a frases feitas do tipo "a história necessita de muito tempo para ser escrita", estaríamos fazendo o jogo dos personagens mais obscuros: os que desejam que a realidade seja escrita da maneira que mais lhes convém. Muitas vezes, trata-se dos personagens com mais recursos para tentar "apagar" da memória coletiva as informações que possam chegar a comprometê-los. Esse é um velho costume utilizado por tiranos de todas as épocas. Conta-se que os mais sanguinários imperadores romanos tinham historiadores oficiais. Estes escreviam loas a atrozes imperadores e à sua ação de governo. Só muitas décadas mais tarde, quando todos os protagonistas já estavam mortos, Tácito e Suetônio puderam pôr as coisas em seu lugar e colocar personagens como Tibério, Calígula e Nero na posição que mereciam: no panteão dos mais sinistros e perversos imperadores de todos os tempos. No entanto, muitos dos cidadãos romanos contemporâneos ao período morreram sem saber quanto de seus males, de suas misérias e até mesmo de suas próprias mortes diárias era devido aos próprios imperadores e ao seu sistema de censura e de manipulação da imprensa e da História. No próprio Império Romano, tardou-se mais de sessenta anos para que se conhecesse cabalmente quem esses três imperadores tinham sido.

Que o mesmo não aconteça conosco. Graças à rede, isso agora é possível. Mas, para que nos livremos do problema, depende de nós, de uma participação ativa. Nas próximas páginas, começará a ficar claro por quê.

1. NASH: A PONTA DO NOVELO

*A guerra é a paz. A liberdade é a
escravidão. A ignorância é a força.*

George Orwell.

Teoria e prática do coletivismo oligárquico.

Capítulo 9. Parte 2. 1984.

Quem não acredita, sem quase nenhum questionamento, no velho ditado que afirma que "a História é escrita pelos vencedores"? Mais ainda, costuma-se repetir essa frase o tempo todo. No entanto, em poucas ocasiões se tem uma exata idéia de até que níveis de profundidade isso pode chegar a ser verdade. Existe outra frase famosa, que também faz parte do repertório popular. Vale a pena colocar ambas em jogo dialético. Trata-se daquele velho ditado que assegura que "a realidade supera a ficção". Se estamos de acordo que ambas as frases geralmente estão corretas, não nos resta alternativa além de pensar que a História

— por mais doloroso que isso possa ser — é somente o que desejaria-mos que tivesse acontecido. Ou seja, algo distante do que realmente aconteceu. E, mais ainda, é somente o que aqueles que a escreveram, ou a escrevem, desejariam que tivesse acontecido, mediante a distorção de fatos ocorridos na realidade. Muitas vezes, para os vencedores é necessário interpretar de forma modificada os fatos, silenciar sobre as espi-nhosas questões ocorridas ou, inclusive, gerar a História a partir do nada. Precisamente por isso, é bem possível pensar, seguindo até as últimas conseqüências o jogo dialético dessas duas verdades populares, que, se algo não está escrito nos meios de comunicação de massa ou em abundante bibliografia e não faz parte do "saber majoritário", então não ocorreu, não aconteceu, não é verdade. A versão de um fato divulgada pelos meios de comunicação de massa é precisamente o que se conhece como História.

Comecei a ter uma idéia cabal de tudo isso por causa de um acontecimento trivial, casual, cotidiano, que foi ter ido ao cinema para ver um filme. O filme em questão era nada menos que *Uma mente brilhante*, a obra protagonizada por Russell Crowe, que ganhou o Oscar de melhor filme de 2001, em março de 2002. Na realidade, trata-se de um duplo prêmio, porque a história narra a vida do matemático John Nash, que em 1994 obteve o Prêmio Nobel de Economia por suas descobertas a respeito da denominada "Teoria dos Jogos".

Apesar de o filme ter características altamente emotivas, devido à mescla de realidade e fantasia que o roteiro mostrava sobre a vida de Nash, um detalhe do mesmo não podia passar inadvertido por nós que exercemos a profissão de economistas. Trata-se somente de um detalhe, de um instante, de apenas um momento do filme em que o protagonista afirma que descobriu, literalmente, que Adam Smith - o pai da Economia - não tinha razão quando, em 1776, na sua obra *A riqueza das nações*, esboçou a sua tese principal — e base de toda a teoria econômica moderna — de que o máximo nível de bem-estar social é gerado quando cada indivíduo, de forma egoísta, persegue o seu bem-estar individual e nada mais do que isso. Na cena seguinte do filme, o decano da Universidade de Princeton, Mr. Herlinger, observa atônito os desenvolvimentos matemáticos mediante os quais Nash expõe esse raciocínio acerca de Adam Smith e declara que, com ele, mais de um século e meio de teoria econômica se desvanecia.

Como economista, devia fazer-me uma pergunta: tratava-se de uma verdade ou de uma idéia maluca do roteirista do filme? Comecei a investigar, e o melhor é que se tratava... de uma verdade. Pois bem, o que chama muito poderosamente a atenção é que essas expressões vertidas no filme tenham passado despercebidas para milhares e milhares de economistas. Para o público comum, que não passou anos inteiros estudando Economia, pode não chamar a atenção e até mesmo parecer natural escutar que alguém descobriu que Adam Smith não tinha razão na sua tese quanto à panacéia que significava o indivíduo para qualquer tipo de sociedade. Contudo, para um economista, não pode escapar, se este tem uma posição realmente científica, a real dimensão do que significaria a demolição do individualismo e da livre concorrência como base central da teoria econômica.

É necessário reforçar que Nash descobre que uma sociedade maximiza seu nível de bem-estar quando cada um de seus indivíduos age em favor do seu próprio bem-estar, mas sem perder de vista também o dos demais integrantes do grupo. Ele demonstra como um comportamento puramente individualista pode produzir em uma sociedade uma espécie de "lei da selva" na qual todos os membros acabam por obter menor bem-estar do que poderiam. Com essas premissas, Nash aprofunda as descobertas da Teoria dos Jogos, descoberta na década de 1930 por Von Neumann e Morgestern, gerando a possibilidade de mercados com múltiplos níveis de equilíbrio segundo a atitude que tenham os diferentes jogadores, segundo haja ou não uma autoridade externa ao jogo, segundo haja ou não cooperação entre os diferentes jogadores.

Dessa maneira, Nash ajuda a gerar todo um aparato teórico que descreve a realidade de forma mais acertada do que a teoria econômica clássica e que tem usos múltiplos em economia, política, diplomacia e geopolítica, a tal ponto que pode explicar e incluir o mais sangrento de todos os jogos: a guerra.

Tudo isso pode parecer difícil de entender. Mas não é. No fundo, se pensarmos bem, as descobertas de Nash implicam uma verdade indiscutível. Por exemplo, tomemos o caso do futebol. Suponhamos uma equipe em que todos os seus jogadores tentem brilhar com luz própria, jogar como atacantes e fazer o gol. Mais do que companheiros, serão rivais entre si. Uma equipe com essas características será presa fácil para qualquer outra que aplique uma mínima estratégia lógica: que os onze integrantes se ajudem entre si para vencer o rival. Qual o leitor acha que vai ser a equipe ganhadora? Mesmo que a primeira equipe tenha os melhores jogadores, é provável que naufrague e que, inclusive, até os membros da segunda equipe joguem, ou pareçam jogar, melhor individualmente. É isso, nem mais nem menos, o que Nash descobre, em contraposição a Adam Smith, que sugeriria que cada jogador "fizesse só o seu melhor".

Apesar de tratar-se de um conceito muito básico, em geral praticamente nada da Teoria dos Jogos é ensinado aos economistas, quase nada há escrito em outro idioma que não seja o inglês e, obviamente, o pouco que se ensina nos cursos de graduação e pós-graduação o é feito sem que se formule o esclarecimento prévio de que, ao se trabalhar com a Teoria dos Jogos, se usa um instrumental mais sofisticado e mais próximo da realidade do que com a teoria econômica clássica. A tal ponto chega essa distorção (cheguei a duvidar já no início se não se tratava de uma manipulação), que se silencia que a grande teoria de Smith fica, na realidade, anulada pela falsidade de sua hipótese básica, coisa demonstrada por Nash.

No curso de Economia, na Argentina e em uma vasta quantidade de países, tanto nas universidades privadas como nas públicas, continua-se ensinando desde o primeiro dia até o último que Adam Smith não só é o pai da Economia, mas que, além disso, estava certo quanto à sua hipótese acerca do individualismo. Os argumentos que são utilizados para explicar que ele supostamente tinha razão baseiam-se geralmente em desenvolvimentos teóricos anteriores às descobertas de Nash e em certas evidências empíricas percebidas não sem uma alta dose de arbitrariedade. O resultado disso é que se contamina a teoria econômica — que deveria constituir uma ciência — com uma visão ideológica, o que institui nela exatamente o contrário do que deveria ser uma ciência. Muitos dos professores que dia a dia ensinam Economia aos seus alunos nem sequer foram informados de que faz mais de meio século alguém descobriu que o individualismo, longe de conduzir ao melhor bem-estar de uma sociedade, pode produzir um grau menor, e muitas vezes sensivelmente menor, de bem-estar geral e individual do que aquele que se poderia conseguir através de outros métodos de ajuda mútua.

Como isso pode ser explicado então? Como é que viemos a saber, através de um

filme, que o pressuposto básico, fundamental, da ciência econômica é uma hipótese incorreta? Pior ainda, as descobertas de Nash foram efetuadas no princípio da década de 1950, há mais de meio século já, e foram feitas nada menos do que em Princeton, não em algum lugar isolado do planeta, sem conexões acadêmicas com o resto dos economistas, dos professores e dos profissionais da economia e das finanças, fatores que devem aumentar o grau de surpresa.

Qual é o papel que poderíamos esperar das mentes mais brilhantes de uma ciência, se, de repente, alguém descobre matematicamente que o próprio embasamento fundamental dessa ciência é incorreto? Seria possível supor que, em tal caso, todos teriam que frear os desenvolvimentos das teorias que vêm sustentando ou gerando e das idéias sobre as quais estão trabalhando, para começar a repensar as bases fundamentais da teoria, admitindo que, na realidade, se sabe muito menos do que se acreditava saber até o aparecimento da descoberta. Assim, teria início um trabalho para dotar de novas bases e novos fundamentos a ciência cuja premissa fundamental acaba de ruir. Essa seria a lógica, sobretudo se levarmos em conta que, no que diz respeito à Economia, a riqueza, o trabalho e a vida diária de milhões e milhões de pessoas são de fato alterados em função das conclusões de uma teoria, dos conselhos que a partir dela os economistas podem dar e das medidas que finalmente são tomadas por governos e empresas. Os efeitos sobre a humanidade podem ser maiores do que no caso de outras ciências. Quando são feitas recomendações econômicas, atinge-se direta ou indiretamente o destino de milhões de pessoas, o que deveria impor o cuidado e a prudência, não só naqueles que elaboram as políticas econômicas, mas também naqueles que opinam e aconselham.

Portanto, a descoberta de Nash sobre a falsidade da teoria de Adam Smith deveria ter colocado a comunidade dos economistas no planeta inteiro em estado de alerta e emergência. Isso, é claro, não ocorreu, em boa medida devido ao fato de que só um reduzido número de profissionais da Economia se inteirou no início dos anos 50 da verdadeira profundidade das descobertas de Nash.

Pode-se pensar, então, que um saudável revisionismo seria uma verdadeira atitude científica diante do acontecido. Entretanto, nada disso ocorreu nem ocorre na Economia. Os economistas, não só nos cursos de graduação, mas também nos de pós-graduação, tanto na Argentina como no exterior, não recebem informação nenhuma sobre o fato de que a base fundamental da Economia é uma hipótese demonstrada como incorreta, nada menos que a partir da própria matemática.

Além de carecer de qualquer informação nesse sentido, são transmitidas

enormes doses de teorias e modelos econômicos desenvolvidos desde a década de 1950, precisamente quando essa incorreção já era conhecida em pequenos e influentes núcleos acadêmicos, os quais não só entronizam a premissa básica do individualismo *smithsoniano*, como também tentam universalizar para todo período do tempo e do espaço os desenvolvimentos econômicos clássicos e neoclássicos iniciados pelo próprio Smith.

Quem acredita que isso não tem conseqüências se engana gravemente. Teríamos que perguntar, por exemplo, se a própria globalização teria sido possível, na sua atual dimensão, se as descobertas de Nash tivessem tido a repercussão que mereciam, se os meios de comunicação as tivessem difundido e se muitos dos economistas considerados os de maior prestígio em todo o mundo, muitas vezes financiados por universidades norte-americanas que devem a sua existência a grandes empresas do setor privado, não as tivessem deixado esquecidas no armário. Se tivesse ocorrido em seu devido momento um revisionismo profundo a partir das descobertas de Nash, talvez tivéssemos hoje estados nacionais muito mais fortes, reguladores e poderosos do que os que temos, depois de uma década de globalização.

Um ponto central que deve ser levado em conta — e que identifiquei pouco depois de começar a pesquisar o tema — é o de que, de forma praticamente simultânea às descobertas de Nash, dois economistas, Lipsey e Lancaster, descobriram o denominado "Teorema do Segundo Melhor". Essa descoberta enuncia que, se uma economia, devido às restrições próprias que ocorrem no mundo real, não pode funcionar no ponto máximo de plena liberdade e concorrência perfeita para todos os seus atores, então não se sabe *a priori* o nível de regulação e intervenções estatais de que o país necessitará para funcionar da melhor maneira possível. Em outras palavras, o que Lipsey e Lancaster descobriram é que é possível que um país funcione melhor com uma maior quantidade de restrições e interferências estatais do que sem elas. Ou seja, que bem poderia ser necessária uma atividade estatal muito intensa na economia para que tudo funcione melhor. O que se pensava até o momento era que, se o máximo era inalcançável porque o "mundo real"

não é igual ao frio mundo da teoria, então o ponto imediatamente melhor para um país era o da menor quantidade de restrições possíveis para o funcionamento da plena liberdade econômica. Pois bem, Lipsey e Lancaster derrubaram há mais de meio século esse preconceito. Como conseqüência direta disso, reaparecem no centro da cena temas como tarifas para a importação de bens, subsídios à exportação e a determinados setores sociais, impostos diferenciados, restrições ao movimento de capitais, regulamentações financeiras, etc.

Como a Teoria dos Jogos, o Teorema do Segundo Melhor quase não é explicado aos economistas em universidades públicas e privadas.

Mesmo quando suas implicações são enormes, geralmente o tema já é dado como aprendido em somente uma aula - em apenas uma meia hora - e passa-se a outro assunto. Fica parecendo quase uma "esquisitice"

exótica inserida nos programas de ensino, uma curiosidade para a qual não se costuma dar muita importância. Erro crasso.

Um caso típico é o da ex-União Soviética. Gorbachov, em seu momento, decidiu desregular, privatizar e abrir a economia, eliminando rapidamente a maior quantidade possível de barreiras à livre concorrência. Não deu certo. Longe de progredir rapidamente, a economia russa caiu em uma das piores crises de sua história. Se tivessem sido aplicados os postulados de Lipsey e Lancaster, teria havido mais cautela e, muito provavelmente, as coisas não teriam saído tão mal.

Se combinássemos as descobertas de Nash, Lipsey e Lancaster, o que obteríamos é que não se pode estabelecer a certa distância, e de antemão, o que é melhor para um determinado país, mas sim que isso dependerá de uma grande quantidade de variáveis. Portanto, toda universalização de recomendações econômicas é incorreta. Não se pode dar o mesmo conselho econômico (por exemplo, privatizar, desregular ou eliminar o déficit fiscal) para todo país e em todo momento. No entanto, isso é precisamente o que se vem fazendo cada vez com mais intensidade, sobretudo desde a década de 1990, quando, ao ritmo da globalização, foram encontradas receitas que têm sido ensinadas como universais, como verdades reveladas, que todo país deve sempre aplicar.

Pode parecer estranho, mas provavelmente não o seja: uma descoberta fundamental e que teria mudado a história da teoria econômica e até teria dificultado a aparição da globalização não teve praticamente nenhuma difusão fora de um muito reduzido núcleo de economistas acadêmicos residentes nos Estados Unidos, fato pelo qual se impôs a ideologia falsa com que muitos governos, em muitos casos sem sabê-lo, tomam decisões econômicas. Enquanto essas teorias não recebiam o grau de atenção adequado por parte dos economistas, dos arquitetos de políticas governamentais e da população em geral, as teorias desenvolvidas na Universidade de Chicago começaram a obter, naquele mesmo momento, a partir das décadas de 1950 e 1960, uma grande difusão nos meios de comunicação. Nada menos que a mesma instituição que tinha acolhido em sua sede o italiano Enrico Fermi, com o fim de que desenvolvesse a bomba atômica, financiou em matéria econômica Milton Friedman, também Prêmio Nobel de Economia, que começou a desenvolver nos mesmos

anos 1950 a denominada "Escola Monetarista". Depois de mais de uma década de estudos, Friedman e seus seguidores chegam à conclusão de que a atividade do Estado na economia deve ser reduzida a só uma premissa básica: emitir dinheiro no mesmo ritmo em que a economia está crescendo. Ou seja, se um determinado país cresce naturalmente a uma taxa de 5% ao ano, para Friedman, seu Banco Central deve emitir moeda nesse mesmo ritmo. Se, ao contrário, cresce naturalmente 1% ao ano, deve emitir moeda só no ritmo de 1% ao ano. A lógica intrínseca desse raciocínio é a de que o dinheiro serve como lu-brificante da economia real. Portanto, se de forma natural uma economia cresce muito rapidamente, ela necessita que o Banco Central do referido país gere mais meios de pagamento do que se estivesse estan-cada. No fundo, a recomendação de Milton Friedman é a de que cada país mantenha uma relação constante entre quantidade de dinheiro e o PIB. Qualquer outra política econômica estatal é desaconselhada por Friedman.

A Escola Monetarista teve um enorme grau de difusão em todo o mundo, mesmo que os bancos centrais dos principais países desenvolvidos jamais tenham aplicado os conselhos de Friedman, com a única exceção de Margaret Thatcher. A primeira-ministra britânica, depois de um breve período de alguns meses empregando as políticas monetaristas na Inglaterra, precisou ganhar uma guerra (a das Malvinas) para recuperar a popularidade perdida pelos desastrosos resultados de tais políticas, que tinham elevado o desemprego na Inglaterra a níveis poucas vezes vistos — nada menos que 14% —, sem ao menos acabar com a inflação. Foi o único e muito breve caso de aplicação das receitas desta escola em países desenvolvidos. No entanto, as pressões para que nações em vias de desenvolvimento, como a Argentina, apliquem estas políticas sempre têm sido muito fortes.

Cabe esclarecer que há geralmente dois tipos de pessoas para as quais as fórmulas de Friedman têm sido de uma atração pouco menos do que irresistível: trata-se de teóricos da economia em primeiro lugar e, em segundo, de grandes empresários. Mas ambos por motivos diferentes. Para muitos economistas teóricos, a atração que as teorias de Friedman produziam provinha da simplicidade de sua recomendação:

"Emita moeda no ritmo em que você cresce". Além disso, o caráter universal dessa premissa básica aproximava, na mente um tanto "distor-cida" de muitos profissionais na matéria, a economia das ciências exatas: a Física e a Química, objetivo que muitos dos economistas mais renomados do século XX têm perseguido, na crença de que uma ciência é mais séria se consegue encontrar fórmulas de aplicação universal ao estilo do que a lei da gravidade é na Física.

Milton Friedman parecia proporcionar precisamente isso: uma lei de aplicação universal ao campo econômico. Até poderíamos discutir se essa miragem perseguida por muitos economistas não é no fundo nada mais do que um perigoso reducionismo, dado que as ciências sociais não se movem segundo os mesmos parâmetros que as ciências exatas.

Mas nem todos os que foram atraídos pelas teorias de Friedman o faziam por esse motivo: uma boa parte do *establishment* via na geração e na aplicação desse tipo de teorias a possibilidade de derrubar um grande número de travas e regulamentações estatais em muitos países, poden-do assim alargar a sua base de negócios a zonas do planeta que permaneciam alheias à sua atividade. Isso explica o alto perfil que alcançaram as teorias monetaristas — apesar de estarem fundadas nos incorretos pressupostos de Adam Smith antes mencionados — e a sua presença constante nos meios de comunicação, muitas vezes propriedade desse mesmo *establishment*.

O fato de que o *establishment* dos países desenvolvidos louvasse enormemente essas teorias, ao mesmo tempo em que os governos desses mesmos países desenvolvidos não aplicassem para si as teorias monetaristas, não foi um obstáculo para que muitos dos mais poderosos empresários pressionassem os governantes de países periféricos para que aplicassem as teorias de Milton Friedman. Um caso típico foi o da Argentina da época de Martínez de Hoz, cujo governo aceitou as pressões de boa parte do empresariado financeiro internacional para produzir a política econômica da era militar de Videla-Martínez de Hozl.

Enquanto as descobertas de Nash, Lipsey e Lancaster permaneciam ocultas para o grande público e quase não disseminadas entre os próprios profissionais da Economia, teorias integralmente baseadas nos pressupostos básicos de Adam Smith, e que Nash demonstrou incorretas, como a monetarista de Milton Friedman, não só recebiam uma enorme difusão nos meios de comunicação, como também contavam com o beneplácito do *establishment* e começavam a fazer estragos em países tomados como laboratórios, tudo isso apesar de que, ao se basearem integralmente nos pressupostos de Smith, de antemão os principais acadêmicos dos Estados Unidos não podiam desconhecer que se tratava de teorias econômicas fundadas em pressupostos incorretos, fato pelo qual as suas chances iniciais de sucesso eram quase nulas.

Desde os anos 1960 até hoje, a Escola Monetarista e sua filha direta, a Escola de Expectativas Racionais, de Robert Lucas, têm ocupado o centro da cena nas universidades, nos centros de estudos e nos meios de comunicação. A Escola de Expectativas Racionais reduz ainda mais o papel do Estado do que já tinha feito a

Escola Monetarista. Um país, segundo Lucas, não deve fazer nada mais além de fechar o seu orçamento sem déficit. Se o desemprego é de dois dígitos, não deve fazer nada. Se o povo literalmente morre de fome, não deve fazer nada. Um bom ministro — para essa escola — deve deixar no "piloto automático"

a economia de um país e só deve se preocupar com que o gasto público esteja integralmente financiado com a arrecadação de impostos.

Robert Lucas, engenheiro de profissão, também da Universidade de Chicago, depois de uma década de abstrusos cálculos matemáticos, foi emidas de Martínez de Hoz aos Estados Unidos e em viagens à Argentina de David Rockefeller este teria dado ordens pessoalmente sobre as linhas básicas que a economia argentina deveria observar. Trata-se do mesmo personagem que parabenizou o ex-presidente De la Rúa pela nomeação de Domingo Cavallo para o Ministério da Economia em 2001, expressando à imprensa o seu beneplácito com a frase: "Cavallo sabe que se deve apertar o cinto".

baseados integralmente na hipótese fundamental de Adam Smith, chega à conclusão de que qualquer país, em qualquer momento, nem sequer deve emitir dinheiro ao ritmo que cresce. Desse modo, até a regra de ouro de Milton Friedman é abolida por essa escola cujo auge intelectual se localizou na década de 1980. A hipótese fundamental de Robert Lucas é a de que o ser humano possui perfeita racionalidade e toma suas decisões econômicas com base nela. Essa hipótese psicológica foi duramente criticada, mas Lucas e seus seguidores escudaram-se no raciocínio de que não era necessário que cada um dos operadores econômicos fosse perfeitamente racional, mas apenas que a média dos operadores econômicos se comportasse com perfeita racionalidade para que as suas teorias fossem válidas.

Isso implica transformar a hipótese psicológica da perfeita racionalidade em uma hipótese sociológica: supõe-se que os desvios na racionalidade humana, em uma sociedade, se compensam entre si. Trata-se, como se vê, de um pressuposto exótico, estranhíssimo, mas, ao mesmo tempo, tão central na teoria de Lucas que, se for derrubado, nada nela permanece de pé. É estranho que isso tenha ocorrido, sobretudo à luz das descobertas de outro economista, Gary Becker (Nobel em 1992), que descobriu matematicamente que as preferências individuais não são agregáveis (ou seja, não se pode obter uma função de preferências sociais a partir da adição das individuais, dado que estas últimas não podem ser somadas). Com essa descoberta, Becker lançou um verdadeiro míssil a toda a denominada "teoria da utilidade", que é a base subjacente nas teorias econômicas de Chicago, e termina de derrubar todo o aparato teórico de Chicago e muito mais.

Apesar disso, e como com Nash e Lipsey, os "cientistas" que estavam criando as escolas de Chicago não parecem ter acusado recibo nenhum. Para Lucas, todas as sociedades do mundo, a qualquer momento, tomam as suas decisões econômicas com perfeita racionalidade. As decisões de consumo, poupança e investimentos são feitas, segundo Lucas, sabendo-se perfeitamente bem o que é que o governo está fazendo em matéria econômica. Portanto, para Lucas e os seus seguidores, qualquer iniciativa estatal para mudar o rumo natural com o qual uma economia se move não só é inútil, mas também contraproducente.

É assim que Lucas e os seus seguidores chegaram à conclusão de que o melhor que pode fazer qualquer governo do mundo em qualquer momento, em matéria econômica, é não realizar nada que não seja manter o equilíbrio fiscal.

É difícil entender como é que essas idéias, estranhas certamente, monopolizaram a atenção de economistas e dos meios de comunicação da maneira como aconteceu. No caso específico da Argentina, pertencer à corrente da Escola de Expectativas Racionais durante os anos 1980 e 90 transformou-se, diretamente, em uma moda inescapável para muitos economistas. Qualquer economista que não pertencesse a essa corrente e que a renegasse era visto pouco menos que como um dinos-sauro. Ninguém se perguntava, e é muito estranho que tenha acontecido assim, como a teoria econômica de todo o planeta podia estar nas mãos de um engenheiro que se pôs a esboçar teorias psicológicas (disciplina muito distante da engenharia), embora fosse extremamente especializado em matemática. Mas aconteceu assim. Ninguém sabe muito bem, tampouco, de onde saiu o argumento de que a média de qualquer sociedade se comporta de maneira perfeitamente racional. Se nos deti-véssemos para pensar um minuto sobre tudo isso, poderíamos chegar facilmente à conclusão de que, se essas teorias eram levadas a sério por muitos daqueles que eram considerados os mais idôneos profissionais em economia, foi exclusivamente porque tinham sido elaboradas em uma universidade considerada de muito prestígio. Sem o selo de Chicago, as teorias de Lucas provavelmente haveriam causado hilaridade e teriam mandado o engenheiro construir pontes ou edifícios, em vez de tentar explicar como funciona a economia mundial e a psique média de toda uma sociedade. Para Lucas, então, se os governos não se meterem com a economia, esta atingirá muito facilmente o pleno emprego: é tudo uma questão de os governantes suspenderem todo tipo de restrições à concorrência perfeita e cuidarem para que não haja déficit fiscal. Nada mais do que isso, e, de forma mágica, chega-se ao pleno emprego.

E não só ao pleno emprego, mas também aos melhores salários possíveis para a massa trabalhadora, de qualquer país do mundo, em qualquer momento. As implicações disso são, no fundo, grotescas: Lucas quer-nos fazer acreditar que a

taxa de crescimento demográfico em qualquer país iguala, em pouco tempo, a taxa de geração de emprego. O

que é o mesmo que dizer que as pessoas optam por se reproduzir no mesmo ritmo em que são publicados anúncios de emprego em busca de operários e empregados nos jornais. Como se vê, trata-se de uma verdadeira aberração, de imenso porte, se levarmos em conta que, além disso, essa crença é transformada em postulado universal. Não é difícil entender por que, com base em Robert Lucas, chegamos a uma conclusão tão disparatada se considerarmos que o engenheiro parte de hipóteses equivocadas ao fundamentar-se tanto no individualismo de Adam Smith, como em hipóteses psicológicas *sui generis*.

Entretanto, haveria uma forma de pensar que Lucas podia ter algo de razão. Isso se dá se consideramos a existência humana com um critério malthusiano: Thomas Robert Malthus, ensaísta inglês da primeira metade do século XIX, pensava que, enquanto as populações humanas se multiplicavam em uma proporção geométrica, os meios de subsistência só o faziam em uma proporção aritmética. Portanto, a superpopula-

ção era, para Malthus, o pior perigo que ameaçava o planeta. Dessa maneira, as guerras, a fome ou as epidemias eram métodos "saudáveis"

para corrigir o problema da superpopulação. Apesar disso, o tempo não deu razão a Malthus e a população mundial tem crescido incrivelmente nos últimos séculos. Mesmo assim, o *establishment* norte-americano acredita com fervor nas idéias malthusianas. Basta apontar que o presente dado pelo presidente George Bush ao presidente argentino Kirchner, na visita deste a Washington DC, não foi outro senão a principal obra de Malthus, chamada *Um ensaio sobre o princípio da população*, do ano de 1798.

O corolário da obra de Lucas é, então, a afirmação de que, de forma universal, a taxa de crescimento demográfico iguala a taxa de geração de emprego. Portanto, dado que a taxa de crescimento demográfico não é outra coisa além da taxa de natalidade menos a taxa de mortalidade, que esta última é rapidamente variável e que as pessoas morrem à medida que desaparece o emprego, ou vivem mais se lhes é oferecido trabalho, poderíamos nos localizar quase sempre em uma espécie de "pleno emprego", segundo Lucas. Se temos uma filosofia malthusiana, é obviamente muito mais fácil acreditar na Escola das Expectativas Racionais.

Por que o *establishment*, a elite norte-americana, crê em Malthus, mesmo quando a realidade demonstrou que ele não estava certo? Porque calculam que é

só uma questão de tempo até que Malthus se mostre correto. Como a energia do planeta está baseada em recursos não renováveis, o que boa parte do *establishment* anglo-americano pensa é que, à medida que o petróleo se esgote, Malthus começará a ter razão. Se não há energia disponível para transportar os alimentos ou para produzi-los, uma boa parte da população poderia estar destinada a desaparecer. Tudo seria questão de determinar que parte. E, para isso, a elite de negócios norte-americana usa a teoria de outro inglês famoso: Charles Darwin. Darwin foi o criador da Teoria da Seleção Natural. Essa teoria predica que as espécies mais aptas, que melhor se adaptam ao meio, sobrevivem e se reproduzem, enquanto que as menos aptas perecem e se extinguem. Aplicar uma combinação das principais teses de Malthus e Darwin às sociedades implica adotar uma posição racista de forma sistemática.

No que diz respeito ao petróleo, elemento central nessa linha de pensamento, muito pouca informação sobre suas quantidades e sua distribuição geográfica e acerca de outros recursos que possam substituí-lo costuma ser divulgada de forma massiva nos meios de comunicação.

Pensar em substituir a tecnologia do petróleo por outra, do ponto de vista econômico, apresenta mais de um risco que será necessário correr.

Requer pensar com muita antecipação sobre o panorama que pode ser ocasionado nos mercados financeiros, dado que um eventual substituto barato do petróleo poderia pôr em um risco elevado a saúde financeira dos enormes conglomerados petrolíferos e, portanto, dos mercados financeiros em seu conjunto. Por outro lado, um substituto muito barato e abundante poderia tirar, de forma imediata, milhões de pessoas da pobreza.

Voltando à Escola das Expectativas Racionais, apesar de por motivos óbvios nenhum país desenvolvido ter aplicado ou aplicar hoje em dia as teses de Robert Lucas, a Argentina, sim, as aplicou. O chamado

"piloto automático", com o qual operavam os ministros Cavallo, Fer-nández e Machinea, não era nada mais do que a confissão de que o Estado ia lavar as mãos sobre a crise de emprego que a Argentina vivia na década de 1990, e a mensagem que os argentinos recebiam de forma massiva através dos meios de comunicação era a de que, segundo as autoridades e os economistas supostamente independentes, não se devia fazer nada, porque a situação do emprego poderia solucionar-se por si só. Não é por acaso que Robert Lucas visitou a Argentina em 1996 —

convidado de forma especial pela principal usina da Escola de Expectativas

Racionais da Argentina: o CEMA (Centro de Estudos Macroeconômicos da Argentina) — e até conheceu o então presidente Menem na residência presidencial de Olivos, o que mostra até que ponto essa verdadeira seita da Economia atingiu profundamente a Argentina.

Quem se perguntar por que na Argentina essas idéias tiveram muito mais aplicação do que em outros países, pode encontrar uma resposta ao alcance da mão: desde a década de 1960, a Argentina padeceu cronicamente de altas taxas de inflação e até chegou ao excesso de sofrer duas curtas hiperinflações em 1989. Dado que as teorias desenvolvidas na Universidade de Chicago, tanto a de Friedman como a de Lucas, vinham etiquetadas como o mais poderoso antídoto contra a inflação, os economistas argentinos adotaram um corte muito mais pronunciado que seus pares de outros países do mundo a favor das teorias de Chicago, sem exercer o pensamento crítico simplesmente porque essas idéias vinham de Chicago. Muitos dos mais conhecidos de nossos economistas inclusive estudaram ali e depois disseminaram na Argentina essas idéias. Não é por acaso, então, que já há vários anos este país ostenta o estranho recorde mundial de desemprego e subemprego, os quais, somados, sustentaram durante longos anos algarismos superiores a 30%. O curioso nesse caso é que geralmente se ensina nas universidades de todo o mundo que a Escola Monetarista surgiu como uma resposta às altas taxas de inflação que os elevados déficits orçamentários causavam em várias partes do planeta. No entanto, se revirmos a História, observaremos que nos anos 1950 e 60 nos Estados Unidos praticamente não havia inflação e, na maior parte dos países desenvolvidos, as taxas de inflação eram relativamente baixas, de só um dígito anual. Seria necessário questionar, então, a suposta origem antiinflacionária das teorias de Chicago, dado que a inflação não era um problema dos países desenvolvidos no momento em que essas teorias começaram a surgir. Assim, permanece por enquanto nebulosa a verdadeira causa dessas teorias, precursoras, na verdade, da globalização. Quando foram concebidas, a inflação só era um problema grave em países em vias de desenvolvimento. Terá sido por acaso um gesto de filantropia do *establishment* norte-americano para com os países pobres dedicar tantos recursos à geração das "escolas de Chicago"?

Em resumo, desde pelo menos a década de 1950, a teoria econômica vem sendo conduzida de uma maneira não só muito pouco profissional, como, além disso, anticientífica, quase como se se tratasse da astrologia ou de alguma outra disciplina cujas bases fundamentais não podem ser explicadas racionalmente. Descobertas científicas de grande envergadura, cuja difusão poderia ter mudado a história da globalização e detido suas piores conseqüências, foram cuidadosamente ocultadas até dos próprios economistas, enquanto que teorias baseadas de antemão em hipóteses provadas matematicamente como falsas

foram disseminadas não somente entre os profissionais em Economia, mas também nos meios de comunicação, e até foram aplicadas nos lugares do mundo em que isso tenha sido possível, como na América Latina.

Ensinaram-nos que o sistema de universidades norte-americano era o mais desenvolvido do mundo, que a sua atitude diante do conhecimento científico era fria e imparcial, que a ciência progredia nessas universidades independentemente de pressões políticas e de conveniências econômicas e empresariais. Como isso pode ter ocorrido, então?

Um detalhe não tão pequeno que se deve levar em conta é o fato de que as duas escolas mencionadas se originaram, se desenvolveram e se expandiram a partir da Universidade de Chicago, recebendo fortes doses de financiamento dessa instituição. O financiamento não se restringiu somente a pagar os elevados salários dos pesquisadores que desenvolviam as teorias monetaristas e a fomentar expectativas racionais nesse recinto acadêmico, mas também bancou a custosa campanha de difusão dessas idéias nos meios de comunicação. É necessário levar em conta que, ainda que alguém possa chegar a uma descoberta do tipo "a pólvora econômica", sem o dinheiro suficiente para disseminar essa idéia nos meios de comunicação, não há nenhuma maneira de que o saber em questão se torne de conhecimento público.

É evidente, então, que houve poderosos interesses por trás das teorias da denominada Escola de Chicago, teorias que, por sua vez, constituíram o embasamento para o que hoje é a globalização, mesmo que se tratasse, nada mais, nada menos, de um saber falso. Que interesses estão por trás da Universidade de Chicago? Pois bem, ela foi fundada pelo magnata do petróleo John D. Rockefeller, criador, além disso, do maior monopólio petrolífero do mundo: a Standard Oil. Essa institui-

ção de estudos superiores tem sido desde sempre um baluarte da indústria petrolífera. Mas o controle de uma alta casa de estudos como a Universidade de Chicago por si só não teria bastado, no meio de um contexto intelectual muito independente, para impor as idéias de Milton Friedman e Robert Lucas da maneira como foi feito. Se tivesse havido um contexto intelectual realmente independente, teriam aparecido fortes críticas aos pressupostos psicológicos e sociológicos que o engenheiro Lucas introduzia em suas teorias. Por que, então, o nível de críticas que recebeu a Escola de Expectativas Racionais não chegou a ser muito importante? Pois bem, a indústria petrolífera não só fundou a Universidade de Chicago, como também controla, de forma direta ou indireta, pelo menos as universidades de Harvard, Nova York, Columbia e Stanford e está presente em muitas outras universidades. É comum que muitos dos diretores

desses centros de estudos superiores alternem tarefas em empresas petrolíferas ou em instituições financeiras muito relacionadas com tal setor.

Precisamente por isso, não nos deve chamar tanto a atenção que as teorias clássicas da Economia e as suas derivadas (Friedman, Lucas, etc.) dêem praticamente um tratamento uniforme a todos os mercados, de todos os bens, em todos os países e em todos os momentos, sem fazer distinção entre eles. Por quê? Há bens que podem ser produzidos e outros cuja capacidade de produção é limitada: há recursos renováveis e outros não renováveis. O petróleo é, especificamente, um recurso não renovável, fato pelo qual seu mercado tem características especiais. Apesar disso, é uma questão que escapa ao tratamento que lhe é dado usualmente na teoria econômica. A quantidade de petróleo que há na Terra é finita e limitada. Mais ainda quando se leva em conta que, em se tratando da principal fonte de energia utilizada hoje no planeta, uma eventual escassez brusca não poderia ser contornada mediante o uso de outras fontes de energia, pelo menos de forma rápida. Portanto, os efeitos do que ocorre no mercado petrolífero podem transferir-se com fenomenal rapidez aos outros mercados. Mas os defeitos da Escola de Chicago não se resumem a desconhecer esse fato e a negar as descobertas de Nash, Lipsey e Lancaster. Chama a atenção o fato de que o próprio produto, de características particulares e cuja exploração permitiu a fundação da própria universidade e o controle de outras tantas, é um bem que não foi tratado na teoria de uma maneira especial — já que é um recurso não renovável — por Friedman e Lucas, que tampouco levam em conta que precisamente o petróleo é o bem cujo mercado ostenta o maior nível de cartelização do mundo. Paradoxalmente, então, aqueles que tentaram exercer um verdadeiro oligopólio no estratégico mercado da energia fomentaram a criação e a difusão de teorias econômicas baseadas na livre concorrência, na ausência de regulamenta-

ções estatais, no paraíso do consumidor e na concorrência constante entre si de uma enorme gama de produtores que só têm em teoria um lucro exíguo a ganhar.

Agora começava a ficar mais claro para mim por que, e devido a quem, a principal descoberta de Nash tinha permanecido oculta e, ao mesmo tempo, aparecia como um enigma a verdadeira situação do mercado petrolífero, sobretudo à luz das guerras ocorridas no século XXI.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS:

Teoria econômica geral:

BLANCHARD, Olivier; PÉREZ ENRRI, Daniel: *Macroeconomi. Teoria y política económica con aplicaciones a América Latina*. Prentice Hall, 2000.

DORNBUSCH, Rudiger; FISCHER, Stanley: *Macroeconomia*. McGraw Hill, 1994.

ROLL, Eric: *Historia de las doctrinas económicas*. Fondo de Cultura Económica, 1942.

SCHUMPETER, Joseph: *Historia del análisis económico*. Fondo de Cultura Económica, 1971.

SMITH, Adam: *On the wealth of nations*. Londres, 1776.

John Nash e a Teoria dos Jogos:

DAVIS, Morton: *Game theory. A nontechnical introduction* Dover Publications, 1970.

FUDENBERG, Drew; LEVINE, David: *The theory of learning in games*. The MIT Press, 1998.

GINTIS, Herbert: *Game theory evolving. A problem-centered introduction to modeling Strategic interaction*. Princeton University Press, 2000.

GOLDSMAN, Akiva: *A beautiful mind. The shooting script*. Newmarket Press, 2002.

HOFBAUER, Josef; SIGMUND, Karl: *Evolutionary games and population dynamics*.

Cambridge University Press, 1998.

KUHN, Harold: *Classics in game theory*. Princeton University Press, 1997.

KUHN, Harold; NASAR, Sylvia: *The essential John Nash*. Princeton University Press, 2002.

MYERSON, Roger: *Game theory. Analysis of conflict*. Harvard University Press, 1991.

NASAR, Sylvia: *A beautiful mind*. Touchstone, 1998.

OSBORNE, Martin; RUBINSTEIN, Ariel: *A course in game theory*. The MIT Press, 1994.

POUNDSTONE, William: *Prisoner's dilemma*. Anchor Books, 1992.

SAMUELSON, Larry: *Evolutionary games and equilibrium selection*. The MIT Press, 1997.

WEIBULL, Jorgen: *Evolutionary game theory*. The MIT Press, 1995.

WILLIAMS, J. D.: *The complete strategist. Being a primer on the theory of games strategy*. Dover Publications, 1986.

NA INTERNET:

Teoria do Segundo Melhor:

cepa.newschool.edu/~het/profiles/lancast.htm

cepa.newschool.edu/~het/profiles/lipsey.htm

netec/mcc.ac.uk/bibEc/data/papers/kudepruwp95-06.html
student/www.uchicago.edu/~rposner/rebello2.htm

www.internationalecon.com/vl.O/ch100/100c030.html

Teoria dos Jogos:

plato.stanford.edu/entries/game-theory

william-king.www.drexel.edu/class/histf.html

William-king.www.drexel.edu/top/eco/gama/gama.html

www.econ.Canterbury.ac.nz/hist.htm

www.economics.harvard.edu/~aroth/alroth.html

2. O PROBLEMA DO PETRÓLEO

O mundo se divide em três categorias de pessoas: um pequeníssimo número que

faz as coisas acontecerem; um grupo um pouco mais importante que vigia sua execução e assiste ao seu cumprimento; e, por fim, uma vasta maioria que jamais saberá o que aconteceu na realidade.

Nicholas Murray Butler,

Membro do Council on Foreign Relations

O petróleo não é um tema cuja análise desperte a paixão das multi-dões. Excessivamente técnico e cheio de aspectos econômicos, em geral é considerado um assunto para especialistas. Por esse motivo, a relativamente pouca quantidade de material bibliográfico existente acerca do mercado energético mundial costuma ser descartada até mesmo pelo público mais ávido por informação, em função da aridez do tema. Contudo, ao concluir este capítulo, talvez a visão do leitor sobre a matéria comece a ser muito diferente.

Uma coisa sobre a qual não tomamos a devida consciência é que a vida inteira poderia ser analisada a partir do ponto de vista da transformação da energia. Quando comemos, ou nos vestimos, ou desenvolvemos qualquer atividade diária, não estamos fazendo outra coisa senão processar energia. Quando, por exemplo, saboreamos um prato de macarrão, o que estamos comendo — e, portanto, o que reflete seu valor monetário — não é nada mais do que a semente do trigo, mais o trabalho utilizado em todas as etapas de produção, mais o combustível que se utilizou para cultivar os campos, mais o petróleo que foi empregado para transportar a semente ao moinho da indústria, mais o combustível usado para transformar tudo isso em farinha, mais a quantidade de energia, majoritariamente concentrada em hidrocarbonetos, destinada aos processos de embalagem, marketing, distribuição no atacado e no varejo. Ou seja, o componente energético, na forma de hidrocarbonetos, é um fator muito relevante dentro do custo total de um produto. Se, por sua vez, levamos em conta que os salários pagos pelo trabalho são gastos também em consumo de energia, devemos concluir — e não é só um paradoxo — que a energia move o mundo. Poderíamos chegar a um raciocínio similar se analisássemos, por exemplo, o molho desse prato de macarrões — não importa quais sejam seus ingredientes — e o vinho, o refrigerante ou a água mineral que estivermos consumindo. A vida é impossível sem energia; a vida urbana ficaria rapidamente caótica se houvesse um corte brusco sem o pronto restabelecimento dos fluxos energéticos. Basta recordar o caos que às vezes produz um mero apagão temporário, para se ter uma idéia da real dimensão desse assunto no caso de uma teórica escassez na fonte do mercado energético impedir, entre outras coisas, que os alimentos entrassem nas cidades.

Há outra maneira de ver esse mesmo tema: a partir do sistema de pre-

ços e salários de toda sociedade, o qual implica, em síntese, o nível de bem-estar que cada um de nós pode alcançar, girando em torno do quão barata ou cara, escassa ou abundante é a energia que intervém nos processos produtivos. Se voltarmos ao exemplo do prato de macarrão, este será tão mais caro quanto mais doses de unidades de energia requerer a sua elaboração e quanto mais escassa e cara for essa energia.

Agora pode ficar claro que, ao falarmos em energia, não nos referimos a só mais um mercado ou a um bem comum e corrente, facilmente substituível por outro, mas sim a uma questão de sobrevivência. Se muitas vezes não paramos para pensar nessas questões é porque, salvo em contadas ocasiões, não sofremos graves problemas para conseguir a energia de que necessitamos para viver e para consumir os bens que desejamos. Fica claro, então, que não dá na mesma se as fontes energéticas estão baseadas em recursos renováveis ou em recursos não renováveis. Os recursos não renováveis estão fadados a se esgotarem e, se não derem lugar no decorrer do tempo a outro tipo de recurso que os suplante, pode começar um processo que nunca vimos em nossas vidas: uma luta muito mais dura pela sobrevivência. Jeremy Rifkin menciona muito bem, em sua obra *A economia do hidrogênio*, que as civilizações que não tratam de modo cuidadoso das fontes e quantidades de energia disponível se extinguem. Se falamos em termos de cultura, extinguir-se implica uma mais rápida ou mais lenta morte massiva.

A inteligência do homem tem sido capaz de gerar assombros científicos incomparáveis: chegou-se à fórmula e à possível manipulação do genoma humano, há mais de três décadas se chegou à Lua, podemos nos comunicar de forma instantânea com alguém que se encontra em outra parte do planeta praticamente sem custo e pode-se dar a volta ao mundo em horas quando há até alguns séculos isso demandava meses. Apesar de todo esse enorme progresso, a energia com a qual nos movemos, e movemos todos os bens, é basicamente a mesma que se usava há um século e meio: um recurso não renovável, escasso, poluidor e que ocasionou terríveis guerras, várias delas recentes.

O homem não foi capaz de criar um substituto? Duas grandes empresas automobilísticas estão fazendo ensaios preliminares para que o combustível de seus automóveis seja o hidrogênio. De qualquer modo, trata-se ainda de algo muito incerto no tempo e com escassa ou nula programação estatal na matéria. Ou seja, não há planos governamentais importantes para estimular que o petróleo seja substituído por um recurso energético renovável. Em meados de 2003, depois da guerra contra o Iraque, George W.

Bush continuava postergando a decisão sobre a licitação entre as universidades norte-americanas para estudar de forma hipotética como desenvolver a tecnologia do hidrogênio. Portanto, se foram criados substitutos para os hidrocarbonetos fósseis com bons resultados, esses permanecem no anonimato. Não é nada improvável que os enormes interesses que há por trás do oligopólio mundial do petróleo tenham provocado seu silêncio.

Quando falamos de monopólio ou oligopólio mundial do petróleo, devemos nos referir obrigatoriamente às empresas derivadas da antiga Standard Oil, companhia criada depois da guerra civil norte-americana pelo já mencionado John D. Rockefeller I.

FAZENDO UM POUCO DE HISTÓRIA

Rockefeller, em muito pouco tempo, transformou-se em um tácito monopolista da indústria petrolífera norte-americana. Chegou a concentrar em suas mãos 95% da exploração, distribuição e venda no varejo da gasolina nos Estados Unidos. Sempre pensou que o negócio petrolífero deveria estar integrado de forma vertical, ou seja, com uma mesma empresa controlando todas as etapas da produção. Considerava ainda que a chave do negócio em si era ter sob sua órbita o processo de distribuição, fato pelo qual chegou a obter um acordo com importantes descontos com a rede ferroviária controlada pelo JP Morgan, acordo que posteriormente se mostrou ruinoso para todos os seus concorrentes, que um a um foi eliminando do mercado, muitas vezes mediante métodos semicompulsórios ou compulsórios. Esse modo de ação empresarial, carente de preceitos morais ou de códigos, era comum entre a dezena de empresários que começou a controlar a economia norte-americana depois da morte de Abraham Lincoln.

Tratava-se de empresários profundamente odiados pela população em seu conjunto, fato pelo qual já naquela época eles foram batizados como The Robber Barons (Os Barões Ladrões), expressão que permaneceu através dos tempos e com a qual ainda hoje muitos os lembram, apesar da ação de uma boa quantidade de biógrafos contratados que, com o transcurso das décadas, a falta de sólidos conhecimentos de História por parte do povo norte-americano e o passar das gerações, agora tentam mostrar um passado muito mais cor-de-rosa. Por exemplo, Ron Chernow, o historiador oficial com que hoje conta a elite norte-americana, intitula sua volumosa biografia de John D. Rockefeller I com o nome de Titã e representa o empresário como um personagem ambivalente. Quanto às biografias, é necessário mencionar que aquelas que citavam com mais detalhes alguns dos atos de crueldade e barbárie atribuídos ao clã desapareceram quase por completo do mercado bibliográfico, a ponto de terem caído no

esquecimento episódios tais como o massacre de Ludlow, quando, em 1913, o próprio pessoal de Rockefeller matou mulheres e crianças por se juntarem a uma greve da Colorado Oil and Fuel, empresa de propriedade dessa família. Inclusive, as recentes biografias para a televisão que foram realizadas tanto pelo History Channel como pela PBS mostram Rockefeller, o primeiro bilionário do mundo, quase como um altruísta, um poeta, quando o saber popular recorda que seus assessores lhe recomendavam dar algumas moedas às crian-

ças pobres quando havia fotografos por perto, o que não ocorria espontaneamente ao próprio empresário, cuja máxima ambição na vida, além de acumular dinheiro e poder, foi a de chegar aos 100 anos, marca da qual esteve muito perto, ao morrer em 1937 aos 98 anos de idade.

O ódio popular aos Robber Barons era enorme naquela época. Tratava-se cada vez mais de uma casta monopolista em suas diferentes atividades, de uma verdadeira equipe na qual, solidaria-mente, seus membros ajudavam uns aos outros e cujos herdeiros se casavam entre si, para que não se disseminassem as fortunas familiares. Apesar de, um século antes, Adam Smith ter começado a idealizar a tese do individualismo como base da concorrência perfeita, quem detinha o poder econômico nos Estados Unidos em fins do século XIX, constituía, na realidade, uma verdadeira corpora-

ção. Tão corporativo e concentrado era o poder econômico que, em 1890, o governo norte-americano se viu obrigado a editar a chamada "Lei Sherman", legislação antitruste que demorou 21 anos para ser aplicada no caso do petróleo. Somente em 1911 se determina a divisão da Standard Oil, que passa, assim, a fragmentar-se em uma série de empresas menores estaduais, mas que seguiram durante muitíssimo tempo constituindo um monopólio nas sombras devido a uma conjunção de fatores. Em primeiro lugar, o clã Rockefeller recebeu uma porcentagem de ações de cada uma; em segundo lugar, as particulares condições da bolsa norte-americana, na qual o capital acionário está singularmente fragmentado, fazem com que, com uma pequena fração do total das ações, se possa controlar toda a empresa, suas políticas comerciais e financeiras e até a nomeação dos diretores. Os próprios bancos relacionados, desde o fim do século XIX, com o clã Rockefeller facilitaram para que a desmonopolização tivesse sido apenas uma tentativa em vão: uma lei supostamente cumprida, depois da qual surge um monopólio nas sombras. Esse processo intensifica-se quando começa a proliferar uma imensa gama de fundos de pensão e investimentos, nos quais a população norte-americana coloca as suas economias e os fundos para a sua aposentadoria. Essas entidades, muito relacionadas com os bancos, têm investido enormes quantidades de fundos para comprar ainda mais ações dessas empresas. Como esses fundos de investimento e pensão em muitos casos são de propriedade

dos bancos da elite norte-americana, ou estão relacionados com eles, essa elite encontrou uma espécie de "poção mágica" não só para continuar controlando o que antes eram monopólios dirigidos de maneira unipessoal, mas também para exercer o seu domínio sobre muitos outros setores aos quais não teria tido acesso se não se houvesse formado essa singular forma de estrutura que ainda hoje existe em Wall Street. Possuindo 5% ou 10% de uma empresa e administrando outra parte, mesmo quando não seja de fundos próprios, mas com as economias das pessoas investidas em bancos e fundos de pensão e investimento, pode-se controlar totalmente um mercado tão estratégico como o energético.

O caso do clã Rockefeller é talvez o mais emblemático, mas não o único. Durante boa parte do século XX, o monopólio petrolífero anglo-americano foi rebatizado como "The Seven Sisters" (As Sete Irmãs), mas o processo de grande concentração do capital vivido na década de 1990 fez com que se deixasse de manter as aparências e as empresas petrolíferas voltaram a fundir-se. Seguindo-se nesse ritmo, faltaria muito pouco para que retornasse a primitiva Standard Oil. Na verdade, a família Rockefeller controla os conglomerados petrolíferos Exxon-Mobil, Chevron-Gulf-Texaco e Amoco-British Petroleum. Também lhe corresponde, entre muitos outros interesses petrolíferos no resto do mundo, uma proporção muito grande no petróleo que a Repsol espanhola possui na Argentina, já que o ex-primeiro ministro Aznar vendeu, em 1997, ações da Repsol na Bolsa de Madrid, ações essas que foram compradas por nada menos que o Chase Manhattan Bank. Esse banco, também controlado pela família Rockefeller, adquiriu recentemente o JP Morgan, o Chemical Bank e o Manufacturers Hannover. Já faz algum tempo, a mesma família controla o Citibank e influi decisivamente no Bank of America. Na realidade, há uma gama de negócios que continua oligopolista nas sombras nos Estados Unidos, apesar da legislação sobre a matéria. É necessário voltar a reforçar que o capitalismo em sua versão norte-americana produziu uma enorme subida das cotações na Bolsa de todo tipo de empresas. Com uma parte muito pequena do capital acionário dessas mesmas companhias e com uma parcela igualmente reduzida dos fundos de investimento ou pensão, uma seleta elite influi decisivamente nas políticas das megaempresas desses setores. Isso ocorre mais visivelmente nos negócios dos bancos e do mercado financeiro, do petróleo e do setor energético, dos laboratórios² e da área de saúde, da área de educação e das universidades. Todos esses ramos da produção estão relacionados entre si através dos clãs elitistas que controlam os setores do bloco. Não se trata de um esquema fechado em si mesmo, mas sim com derivados em outros setores da atividade como, por exemplo, a indústria de armamentos. Deve-se levar em conta que, no oligopólio mundial energético, também tem uma vital influência a empresa Royal Dutch Shell, em parte propriedade das coroas britânica e holandesa e financiada em boa medida pela

família Rothschild, antiga financiadora européia de várias coroas reais, sobretudo no que diz respeito aos gastos com guerras. Ela se caracterizava por, ao mesmo tempo, auxiliar financeiramente os dois lados.

Segundo abundante informação, essa mesma família é a credora original dos Rockefeller e de todo o desenvolvimento petrolífero, ferroviário e 1 Algo similar ocorreu com a Telefônica da Espanha. As ações vendidas na bolsa de Madri pelo estado espanhol foram compradas de forma majoritária por bancos norte-americanos muito relacionados com o clã que controla o petróleo dos Estados Unidos.

2 A indústria farmacêutica trabalha, tal como faz a petroquímica, com derivados diretos do petróleo. Antes de 1860, o petróleo costumava ser vendido em povoados e cidades norte-americanas como "remédio mila grosso" para uma grande quantidade de males, como o câncer. William Rockefeller, pai do fundador da Standard Oil, dedicava-se a essa atividade.

bancário nos Estados Unidos, através das famílias Morgan (ferrovias e altas finanças) e Rockefeller (petróleo e bancos). As ferrovias não eram apenas mais um negócio de transportes no século XIX, já que, na época, não havia transporte aéreo, não existia o transporte de cargas por estradas e não havia malha rodoviária. Somente uma das poucas empresas ferroviárias dos Estados Unidos rivalizava com o próprio governo federal em quantidade de operários empregados. Isso significa que controlar quase como um monopólio ferrovias, petróleo e bancos implicava deter o real poder nos Estados Unidos. Parece digno de nota, então, que a família Rothschild, na recente biografia oficial em dois tomos escrita por Nial Ferguson, em Oxford, tente mostrar a si mesma como estando em decadência desde meados do século XIX, precisamente por não ter podido instalar-se como banco nos Estados Unidos e por ter perdido o controle da situação quando Nova York começou a rivalizar com Londres como centro financeiro mundial.

Isso se dá sem levar em conta o controle que esse grupo econômico exercia por meio do financiamento de três dos principais negócios dos Estados Unidos. No entanto, essa vontade própria de estar cada vez mais no anonimato vai de mãos dadas com o fato de que o clã Rothschild só empresta na atualidade seu sobrenome a bancos de investimento singularmente pequenos.

ENERGIA E PODER

Apesar de existirem algumas outras grandes empresas no mercado petrolífero mundial, geralmente se trata de companhias estatais de países sem petróleo, como no caso da ENI (Itália) ou a TotalFina Elf (França). No caso de vários países árabes, o petróleo ficou nas mãos de um monopólio árabe-americano (Aramco), cujo controle o clã Rockefeller no mínimo compartilha. A Arábia Saudita possui mais de um quinto das reservas mundiais de petróleo que restam no planeta. Atualmente, no mercado petrolífero mundial, as companhias estatais tendem a concentrar uma proporção cada vez mais importante nas fases mais primárias da produção, ou seja, na exploração, extração e, às vezes, no refino do petróleo. Por sua vez, as mega empresas privadas anglo-americanas ficam com uma propor-

ção cada vez mais importante nas etapas finais da produção (distribuição e venda no varejo). Se essa tendência — que se aprofunda no mesmo ritmo em que se dá a própria extinção do petróleo norte-americano e em águas inglesas — continuasse, as empresas privadas anglo-americanas perderiam uma boa cota do poder real que detêm por ter se constituído há mais de um século como um verdadeiro monopólio nas sombras, já que quase não contariam mais com petróleo próprio, mas sim dependeriam da boa vontade de empresas petrolíferas estatais, as reais donas das reservas. Se pararmos para pensar um pouco neste ponto, observaremos que a decisão de ir ao Iraque e invadi-lo, contra tudo e contra todos, é uma decisão estratégica com vistas a estar onde está o petróleo, a manejá-lo e a extraí-lo como se fosse próprio e a não depender da boa vontade de empresas estatais e de líderes nacionais. Em suma, trata-se da necessidade de conservar o poder proporcionado pelo fato de se ter como próprias as escassas fontes de energia não renováveis que hoje resultam fundamentais para a vida humana e, sobretudo, para a vida urbana.

Controlar a energia é ter o poder. Se os mais importantes recursos energéticos são escassos e não renováveis, como o petróleo e o gás, os que controlarem esses bens terão o poder. Se as principais fontes de energia se baseassem em recursos renováveis — e é preciso levar em conta que toda matéria é fonte potencial de energia —, nenhum minúsculo grupo poderia deter o poder, porque as decisões humanas de consumo poderiam muito bem ficar muito mais independentes da necessidade de trabalhar. Ou seja, a necessidade de trabalhar para viver no mundo contemporâneo deve-se, em boa medida, ao petróleo e ao fato de ele ser um bem escasso e, portanto, oneroso, o que torna muito mais caros os bens consumidos usualmente.

Qual é, então, à luz da guerra no Iraque e da ocupação do Afeganistão, a

verdadeira situação do mercado petrolífero? O petróleo é abundante ou escasso? Sua substituição é urgente ou temos tempo? Na internet se pode acessar com facilidade o site oficial da International Energy Administration. Esse site proporciona informação abundante. Apesar de não haver dados por empresa, há sim dados de produção, consumo, reservas, preços, etc., tanto de petróleo como de gás natural. As conclusões mais importantes que se podem extrair são as seguintes:

Por volta de 2002, restavam reservas de petróleo compatíveis com o consumo atual mundial para 35 anos. Embora o petróleo pudesse ser extraído durante mais de 80 anos na Arábia Saudita e durante mais de 110

anos no Iraque se se mantivessem os níveis atuais de produção, ambos os países deverão multiplicar em um prazo muito curto sua produção, para compensar a extinção de poços de petróleo nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Rússia e no México. Daí que haja petróleo no mundo para somente 35 anos nos níveis atuais de consumo.

É necessário mencionar que, a esta altura, já praticamente todo o planeta foi explorado, restando algumas dúvidas ainda sobre o potencial que poderiam ter um setor da costa da Groenlândia, o Congo e a bacia do Niger (país que o presidente George W. Bush e a CIA acusaram de vender urânio a Saddam Hussein, acusação que se comprovou falsa).

Aproximadamente 70% de todas as reservas mundiais de petróleo se encontram concentradas no Golfo Pérsico: Arábia Saudita, Iraque, Kuwait, Emirados Árabes Unidos e Irã. No prazo de uma década, mais de 80% do petróleo mundial estaria nessa região. Outros 10% do petróleo mundial também se encontram em países muçulmanos como a Líbia, a Nigéria e a Indonésia. Hoje, 80% do petróleo do mundo está em mãos muçulmanas e essa porcentagem tende a subir com o passar do tempo. Dado que o petróleo começou a ser usado como fonte energética nos Estados Unidos depois da guerra civil e que naquela época só era conhecido de forma abundante dentro dos Estados Unidos e da Rússia, estrategicamente resultava não só cômodo como sumamente viável começar a basear a energia em hidrocarbonetos fósseis. O combustível saudita só veio à luz em 1938 e foi com o passar das décadas que o mundo teve a surpresa de que estava concentrado principalmente em torno ao Golfo Pérsico. Então, pode começar a ficar um pouco mais claro o porquê da freqüente propaganda contra países de origem muçulmana, dado que a tentativa de basear a energia do planeta em um recurso escasso, que se encontrasse sobretudo no subsolo norte-americano, naufragou à medida que iam secando os poços petrolíferos do Texas, coisa que começou a ocorrer por volta da década de 1960, e iam sendo

descobertas cada vez mais reservas gigantescas em países árabes (o que parou de ocorrer nos anos 80).

MUITO PERTO DO TETO

Os Estados Unidos atingiram o teto de sua produção anual de petróleo no ano de 1970, com um pouco menos de 10 trilhões de barris anuais de petróleo cru. Hoje quase não se consegue produzir cinco trilhões de barris por ano, ainda que tenha sido incorporada ao mercado a um tanto decepcionante — no que diz respeito à sua magnitude — bacia petrolífera do Alasca. Tudo isso ao custo de gerar um preocupante problema ambiental e a despeito do desenvolvimento e da aplicação de novas tecnologias extrativas, as quais, por exemplo, introduzem gás por pressão na rocha das jazidas, para virtualmente "secá-las" do seu petróleo e aumentar a possibilidade de poços vizinhos, incrementando de forma importante a recuperação do investimento nos poços. Apesar de essas cifras indicarem uma realidade energética preocupante ao menos dentro dos Estados Unidos, o governo de George W. Bush mostra uma grande lentidão nas tarefas preliminares previstas para licitar, entre as universidades norte-americanas, alguns fundos para o estudo de tecnologias massivas que substituam o petróleo. Essa preguiça contrapõe-se à enorme rapidez com a qual o mesmo governo decidiu efetuar a licitação das obras petrolíferas a serem desenvolvidas no Iraque, que ganhou, antes da própria queda de Bagdá e Basra, uma filial da empresa Halliburton (Kellogg), que foi há até pouco tempo dirigida pelo próprio vice-presidente norte-americano Dick Cheney.

Desde 1970, quando os Estados Unidos alcançaram o denominado

"teto de produção anual", esta não parou de declinar, como indicam as cifras antes comentadas. A queda foi particularmente maior na década de 1990 e no início deste século, já que, ao longo de aproximadamente dez anos, a produção baixou em quase 20%. Por volta de 1950, os Estados Unidos produziam praticamente 100% do petróleo que consumiam e eram o primeiro produtor mundial. Importavam um pouco de petróleo, mas também exportavam. Hoje, os Estados Unidos não chegam a produzir 45% do petróleo que consomem, mas continuam sendo o primeiro consumidor mundial, com quase um quarto do consumo de todo o planeta. Calcula-se que, no ritmo atual de produção, o petróleo norte-americano terminará no ano de 2010. Pior ainda é a situação na Inglaterra: os poços descobertos no Mar do Norte, cuja propriedade é compartilhada pela Inglaterra e pela Noruega, a princípio pareciam ser muito maiores e acabaram sendo menos abundantes do que o previsto. Calcula-se, assim, que a Inglaterra ficará sem petróleo no ano 2006. Exceto pelos países muçulmanos, o petróleo é ainda abundante só na Venezuela (deve-se recordar a tentativa de golpe contra Hugo Chávez efetuada por setores empresariais muito relacionados com o *establishment* petrolífero dos Estados Unidos e a CIA) e em algumas das repúblicas da ex-URSS. Em medida muito menor, há ainda petróleo

na China, na Líbia e no México. E.. em nenhum outro lugar.

A partir de meados da próxima década, o petróleo estará, dessa forma, tão concentrado em tão poucas mãos — e será tão escasso nos Estados Unidos —, que isso pode ajudar a explicar a verdadeira natureza das guerras que temos visto no século XXI. A decisão até o momento tem sido a de não só ir atrás do petróleo, mas também a de continuar ferreamente com a tecnologia desse combustível. Mencionamos que as cifras oficiais indicam que há reservas mundiais para 35 anos. Isso pode gerar uma falsa idéia: a de que há pelo menos três décadas antes que se produza uma grave crise energética e de que tudo é uma questão de encontrar os métodos pacíficos para a solução dos conflitos, de maneira tal que o comércio de petróleo do Golfo Pérsico para o Ocidente e para o Japão se realize de forma fluida, evitando-se os atritos que houve com os talibãs (o Afeganistão, por sua particular localização, é importante para a passagem de gasodutos) e com o Iraque. Dessa maneira, se nos guiarmos pelas cifras oficiais da International Energy Administration, ainda há certo tempo — não muito, mas três décadas são um prazo bem razoável — e as tensões bélicas do início deste século poderiam muito bem ceder, caso as pessoas indicadas para governar os países conseguissem chegar à via do diálogo, ou seja, se os conflitos entre os Estados Unidos e o mundo muçulmano fossem resolvidos por outra classe dirigente, diferente da que hoje está sentada na Casa Branca e em vários desses Estados islâmicos. Se seguimos por esta linha de pensamento, devemos limitar-nos a apenas calcular qual seria a real magnitude do déficit estrutural adicional nas balanças de pagamentos dos Estados Unidos e da Inglaterra, ocasionado pelo fato de terem que importar todo o petróleo que hoje ainda produzem em seu próprio território. Isso requereria que as populações de ambos os países "apertassem um pouco mais o cinto", mas não seria nada do outro mundo, nada que já não se tenha visto no passado como o ajuste recessivo. Além do mais, 55% do petróleo que os Estados Unidos consomem — que é importado — representam entre 1% e 1,5% do seu PIB, segundo a cotação do barril. Isso quer dizer que o impacto de deixar de produzir petróleo, importando os restantes 45% que hoje ainda são produzidos internamente, equivaleria a cerca de outros 1% a 1,5% do seu PIB, se o conflito fosse solucionado através do comércio internacional. Apesar de, em pleno ano 2003, os Estados Unidos apresentarem um déficit muito grande na sua balança de pagamentos — da ordem de 5,2% do seu PIB —, um déficit adicional de 1% a 1,5% colocaria esse país às portas de uma recessão mais pronunciada do que a que se vem evidenciando desde o ano 2000 e talvez houvesse a necessidade de uma queda mais acentuada do dólar. Mas não se trataria de nada impossível de levar a cabo. Podemos chegar, então, a todas essas conclusões, se juntar-mos suficientes peças a partir das cifras oficiais da International Energy Administration.

Mas lamentavelmente estaríamos diante de uma ilusão, muito maior ainda do que as que costumam ser vistas nos desertos, debaixo dos quais se encontra o petróleo.

Acontece que o petróleo não é como a água ou o ar nem como o dinheiro. Ele não pode ser extraído no ritmo que se deseja, não é encontrado de maneira uniforme nem é sempre da mesma qualidade. Para começar, nas reservas costuma haver tipos de petróleo especialmente pesados, que em geral são de valor energético muito mais baixo e apresentam maiores custos para serem processados, um petróleo que ainda hoje não se sabe processar bem pelo seu baixo valor energético e econômico. Há, inclusive, tipos de petróleo que ainda hoje não possuem valor econômico e outros, localizados em zonas de muito difícil acesso, cuja exploração seria tão cara que só teria sentido com um preço mundial do petróleo cru compatível com cerca de oitenta dólares por barril em valores de hoje, atualizados pela taxa de inflação dos Estados Unidos, preço a que se chegou durante a segunda crise petrolífera mundial, devida ao conflito entre os Estados Unidos e o Irã em 1979. Isso quer dizer que uma porcentagem indeterminada mas relevante das cifras oficiais corresponde ao petróleo que está nas estatísticas mas não na realidade.

Em segundo lugar, e de forma ainda mais importante, deve-se levar em conta que o petróleo não vai começar a faltar a partir do ano em que teoricamente se extinguir (por volta de 2035-2040), mas sim a partir do momento em que se alcançar o que se denomina "teto mundial de produ-

ção". O "teto mundial de produção" é a máxima quantidade possível de petróleo que se pode produzir em um ano e depende das características geológicas dos poços, do tipo de petróleo cru, da tecnologia de extração que se use, etc., etc. No inundo, ainda nos encontramos na fase ascendente de produção mundial do petróleo cru. Medir a sua disponibilidade pelo número de anos com reservas existentes implicaria um cálculo linear de possibilidades de extração. Ou seja, significaria pensar que em todos os anos se pode extrair a mesma quantidade e um pouco mais. A realidade é diferente. Existe, primeiramente, um período ascendente, de produção superior ano após ano, causado pelo fato de que vão entrando no circuito produtivo mais jazidas do que as que vão "secando". Depois se alcança o

"teto mundial de produção" e a produção estanca perto dessa cifra por um breve período de alguns anos. Finalmente, começa um período de produ-

ção declinante ano após ano, originado pelo fato de que já não se podem acrescentar à produção novas jazidas no mesmo ritmo em que outras vão saindo

de circulação e esgotando-se muitas delas, já secas. Hoje o planeta ingressou na última parte da curva ascendente do ciclo de produção do petróleo. Não se chegou ainda ao "teto mundial de produção". Quanto falta para alcançá-lo, é um dado-chave para a economia do mundo inteiro.

O "teto de produção" sim foi alcançado em países como os Estados Unidos. Mencionamos que o "teto de produção norte-americano" foi atingido em 1970 e devemos lembrar especialmente que em 1973 se produziu uma das crises energéticas mundiais mais graves de que se tem notícia, quando a história oficial indica que a Arábia Saudita produziu um embargo petrolífero aos países ocidentais que ajudaram Israel a ganhar a guerra daquele ano.

Naqueles anos 1970 eram comuns as filas nos postos de gasolina, o racionamento de combustível e a inflação descontrolada em muitos países como consequência das subidas de preços dos hidrocarbonetos, evidenciadas em todo o mundo devido à desaceleração inevitável que se produziu na produ-

ção do petróleo cru norte-americano, fator que na realidade desempenhou um papel preponderante na triplicação dos preços do petróleo cru no início da década de 1970.

A partir do momento em que se atingir o "teto mundial de produ-

ção", vai-se tornar evidente uma série de bruscas carências de petróleo. O

mundo terá alcançado o seu máximo ritmo de produção mundial e, a partir desse momento, ano após ano, haverá cada vez menos petróleo disponível para alimentar a cada vez mais habitantes da Terra e para sustentar economias que lutam para continuar crescendo a um ritmo superior a 2% ao ano

— limite mínimo considerado aceitável —, e que seria inalcançável para todas as nações de forma conjunta em um mundo em que a cada dia haveria menos petróleo. Dessa maneira, o planeta encontra-se frente a uma encruzilhada que deve ser solucionada por alguma destas três vias, ou por uma combinação das mesmas, daqui a algum tempo: a) uma importante redução na taxa de crescimento demográfico em escala global e presumivelmente uma diminuição da quantidade de habitantes na Terra; b) uma recessão muito profunda em escala global que produza uma redução considerável no nível de vida da população mundial; c) o abandono gradual mas acelerado da tecnologia do petróleo. Em termos econômicos, essa série de crises internacionais acarretaria subidas bruscas e imprevistas na cotação do petróleo e/ou a aparição de novas guerras, cujo cenário somente alguém muito ingênuo pode acreditar que se situe por acaso na região onde existem grandes jazidas de hidrocarbonetos ou em zonas

por onde este passe.

Para dar uma idéia da magnitude do problema diante do qual estamos, é necessário mencionar que hoje em dia mais de 85% de toda a energia mundial provém de hidrocarbonetos fósseis. Só 7% tem a sua origem na energia hidrelétrica e, em porcentagens ainda menores, nas demais fontes.

Isso quer dizer que não vai ser possível substituir os hidrocarbonetos fósseis por fontes energéticas hoje existentes, mas sim que deverá ser gerada uma tecnologia alternativa.

Outra ilusão que costuma aparecer comumente é a relativa à possibilidade de se utilizar carvão como recurso energético substituto ao petróleo e ao gás natural. O carvão é bem mais abundante que ambos. Os Estados Unidos possuem carvão para trezentos anos nos níveis atuais de consumo.

No mundo, cifras comparáveis podem ser obtidas em muitos países. No entanto, se o consumo do carvão se acelerasse para substituir o de gás e o de petróleo, a quantidade de reservas seria reduzida drasticamente. Rifkin calcula que, com um crescimento anual de tão somente 4% no consumo anual do carvão, as reservas norte-americanas só durariam mais 65 anos.

Além disso, o carvão possui muitos inconvenientes: não é fácil extrair dele combustíveis líquidos e é muito custoso. Portanto, não é um substituto apto do petróleo e do gás natural. Adicionalmente, deve-se levar em conta que o carvão é um hidrocarboneto "sujo", muito poluente, difícil de carregar e de transportar.

Pois bem, então, o importante, o ponto central, é determinar qual será o ano em que se produzirá o "teto mundial de produção". A partir desse momento, despertaremos do longo sono que temos vivido e nos daremos conta de que a energia é um bem muito mais escasso do que, imersos na nossa ilusão de abundância, podemos pensar, fato que faz com que come-cem a adquirir outro significado as guerras do século XXI. Uma boa quantidade dos porquês para os brutais episódios hoje incompreensíveis para muitos adquirirá sua verdadeira perspectiva se não começar a acelerar-se a mudança tecnológica, coisa que vai precisamente na direção oposta aos interesses do oligopólio petrolífero mundial. Se um recurso energético renovável e barato for encontrado para substituir o petróleo, os enormes gigantes petrolíferos enfrentarão uma extinção muito acelerada.

O "teto mundial de produção" é, então, o dado crucial que é necessário considerar na análise, porque marca o limite entre uma produção em alta e uma que começa a declinar. A quantidade de anos de reservas, que dissemos ser de

35, parte do pressuposto de que se pode produzir petróleo de forma constante, mas já explicamos que não é assim. A determinação desse ano é um cálculo que só os geólogos podem efetuar baseando-se em seus estudos sobre os poços em todo o planeta. Os geólogos estão divididos entre os "otimistas" e os "pessimistas". No caso do evidenciado já nos Estados Unidos em 1970, a batalha foi ganha pelos "pessimistas". Pior ainda, triunfou a visão mais pessimista de todas, dado que o consenso falava de uma impossibilidade de que a produção tocasse seu teto em 1970, coisa que aconteceu e que gerou uma grande crise só três anos mais tarde. No caso do mundo, os "otimistas" esperam que o "teto mundial de produção"

seja alcançado entre 2014 e 2018. Em nenhum caso se espera que seja alcançado depois do ano 2020. Os "pessimistas" crêem que o "teto mundial de produção" será alcançado por volta do ano 2010 e alguns deles esperam que isso ocorra em 2004.

Uma boa parte da aparente aceleração que tem tido a História no começo deste milênio, com o surgimento de acontecimentos inéditos anteriormente, deve-se precisamente aos dados anteriores. Acontece que nos anos 1990, começou a ficar evidente que parte das reservas oficiais de petróleo que restavam nos estados da ex-URSS e nos países árabes em geral estavam superdimensionadas nas estatísticas, provavelmente com conhecimento de causa, já que os poços petrolíferos serviam como garantia para empréstimos bancários, o que, em alguns casos, motivou uma intenção de

"inflar" artificialmente o conteúdo das jazidas. É como se, com esforço, tivéssemos subido a ladeira de uma montanha íngreme, só para constatar, uma vez lá em cima, que deveremos descer, daqui em diante, por uma ladeira muito mais inclinada — e, portanto, perigosa — do que pensávamos.

OLHANDO PARA O OUTRO LADO

A partir desses cálculos surgem várias questões. A primeira delas é por que o governo norte-americano não aconselha a sua população a economizar o máximo possível de petróleo. Quando, no ano de 1973, se produziu a crise petrolífera, em boa medida gerada pelas empresas multinacionais norte-americanas e britânicas e pela qual logo foram acusados apenas os países árabes, o governo de Nixon aconselhava, através dos meios de comunicação, a economia de combustíveis. Tratava-se só de uma crise temporária, até que tecnicamente fluísse uma maior quantidade de petróleo do Golfo Pérsico para substituir o que começava a escassear nos Estados Unidos, e, embora a solução fosse somente uma questão de tempo, o governo cumpria o dever de guiar a população no que parecia ser uma necessidade premente: economizar energia.

Hoje, por outro lado, depois da invasão do segundo país com mais reservas de petróleo do mundo — o Iraque — e com o planeta já muito perto do seu limite de capacidade produtiva de petróleo, nenhuma voz do governo norte-americano se levanta para aconselhar a economia de energia. Isso parece muito mais chamativo se levarmos em consideração que o atual governo dos Estados Unidos foi praticamente arrebatado pela indústria petrolífera. O presidente George W. Bush dirigiu ou formou várias empresas: Arbusto Energy, Bush Energy, Spectrum 7, Harken. O seu pai foi co-fundador da polémica Zapata Oil, depois dividida em Zapata Oil e Zapata Offshore³. A máxima assessora em matéria de segurança do governo Bush, Condoleezza Rice, chefe do Conselho Nacional de Segurança (National Security Council - NSC), também provém da indústria petrolífera, mais especificamente da Chevron.

O caso do atual vice-presidente e ex-ministro da Defesa do pai de Bush, Dick Cheney, é ainda mais chamativo. Durante a década de 1990, ele dirigiu a empresa Halliburton, principal fornecedora mundial de insumos para o setor petrolífero. Realizou importantes negócios vendendo abundante material por bilhões de dólares a Saddam Hussein, para que este se preparasse no seu afã de triplicar a oferta de petróleo cru iraquiano. O problema que depois surgiu é que Saddam Hussein decidiu excluir as empresas norte-americanas e britânicas do processo de concessão dos poços iraquianos, baseando a sua estratégia em contratar sobretudo as petrolíferas estatais da Europa continental. Se Saddam tivesse alcançado esse objetivo, dado que o petróleo está se esgotando nos Estados Unidos e na Inglaterra de forma simultânea, o declínio no volume de negócios das petrolíferas anglo-saxônicas tê-las-ia condenado a um brutal encolhimento. Haveria um maior domínio do mercado por parte das empresas estatais de petróleo.

De qualquer forma, não se pode pensar que o *establishment* petrolero norte-americano tenha sido tomado de surpresa pela estratégia de Saddam Hussein, dado que a invasão do Iraque começou a ser planejada no mais tardar em 1997, por meio de um reduzido grupo de intelectuais e de homens de ação do Pentágono, entre os quais se encontram Paul Wolfowitz, Richard Perle e outros, junto com Francis Fukuyama. O *think tank* chama-se "Project for the New American Century". Esse núcleo de pessoas, que evidentemente não se reuniu por acaso e que representa a ala mais fanática do pensamento conservador norte-americano, é na realidade uma espécie de facção do onipresente mas sempre misterioso e Sigiloso Council of Fo-3 Zapata Offshore, empresa supostamente relacionada de forma direta com a operação frustrada de invasão a Cuba no início da década de 1960, conhecida como a Invasão da Baía dos Porcos e cujo nome de código interno da CIA, não por acaso, teria sido "Operação Viva Zapata".

reign Relations (CFR), para alguns o verdadeiro governo nas sombras nos Estados Unidos. Isso faz pensar que o *establishment* petrolero norte-americano vendia material petrolero a Saddam Hussein com o objetivo de que este fosse construindo a infra-estrutura necessária para aumentar a produção, ao mesmo tempo em que se planejava sua futura derrubada. Cabe lembrar que, enquanto isso acontecia, os meios de comunicação difundiam a notícia de que o chefe de inspetores de armas, naquele momento no Iraque, Scott Ritter, declarava que o regime de Hussein não só não tinha armas de destruição em massa como tampouco estava em condições de gerá-las.

Não só as guerras no Golfo Pérsico foram induzidas por motivos energéticos. A história política e econômica dos últimos cinquenta anos gira em torno desse tema. A bonança econômica e o alto crescimento dos anos 1960 explicam-se pelo baixíssimo preço do petróleo dos países árabes (entre 1,5 e 3 dólares por barril). Os agudos processos de recessão acompanhada de inflação dos anos 1970 foram devidos ao começo do declínio na produção norte-americana de combustíveis, à escassez de energia — para muitos, como Antony Sutton, criada bastante artificialmente em 1973 — e ao afã das grandes empresas petroleras de incrementar os seus lucros, coisa que ocorreu mediante as duas crises petroleras dos anos 1973 e 1979.

Nesse último ano, o barril chegou a valer quase 80 dólares em valores atualizados. Os anos de "vacas gordas" para as petroleras e de "vacas magras"

para as pessoas foram gerando um problema: os países árabes foram enriquecendo de uma maneira que alguns no Ocidente começavam a considerar perigosa. Os petrodólares começavam a inundar os mercados financeiros. A

Arábia Saudita dava-se ao luxo de ser o segundo maior acionista do Fundo Monetário Internacional e o Islã ameaçava transformar-se em um pólo próprio de poder cujo epicentro poderia muito bem ter se situado em Bagdá, por uma confluência de fatores. Não se deve estranhar, então, que durante a década de 1980, na era Reagan-Bush, o preço do barril descesse a níveis anteriores aos da segunda crise petroléira. Isso produziu, durante boa parte dos anos 80 e 90, outro período de aceitável crescimento mundial e baixas taxas de inflação e facilitou o progresso da globalização, ao mesmo tempo em que tirou do Islã — e, sobretudo, também da ex-URSS, cujo produto de exportação era o petróleo — a possibilidade de constituir-se em um pólo próprio de poder. Claro que o problema é que isso só foi conseguido consumindo petróleo em um ritmo maior do que aquele em que se realizavam novas descobertas. Todas as crises energéticas das quais o mundo foi testemunha se resolveram de uma única maneira: aumentando a produção de combustíveis fósseis. Isso é o que já não será possível a partir de algum momento dos próximos dez anos, quando se alcançar o "teto mundial de produção".

O governo norte-americano não pode desconhecer, então, a crítica situação do mercado energético, que o levou inclusive a invadir países de forma acelerada. Se as suas intenções são altruístas, não se entende por que ainda não existe uma campanha para a economia de combustível até que se encontre um substituto para o petróleo, se é que este não existe.

UM MUNDO FELIZ?

A energia é, então, o principal limitador da globalização, que, por outro lado, o próprio *establishment* norte-americano receita como o remédio para todos os males sociais e econômicos do planeta. Os problemas vão ser muito sérios: a China, que vem crescendo notavelmente, incorporando mensalmente milhões e milhões de trabalhadores à sua oferta de trabalho graças às exportações que vem realizando para o Ocidente, muito prova-4 Os Estados Unidos conseguiram, no início dos anos 80 e graças a um acordo secreto com a Arábia Saudita, que este país exportasse maiores quantidades de petróleo do que as necessárias para o consumo. verificar esta parte O objetivo era derrubar o preço do barril, não só para facilitar uma reativação nos EUA, mas também para dificultar o acesso a divisas por parte da URSS, que Reagan e Bush queriam derrotar definitivamente na era da Guerra Fria (coisa que conseguiram apenas alguns anos mais tarde). Em troca desse excesso de petróleo no mercado, os EUA forneciam armas à Arábia Saudita, preocupada naquela época com o fato de que o Irã pudesse derrotar o Iraque na guerra e ameaçar a segurança saudita

velmente descobrirá que não lhe será possível melhorar a qualidade de vida dos

seus habitantes com a poupança decorrente do trabalho acumulado de centenas de milhões de chineses, que durante anos produziram e venderam ao exterior privando-se de consumir.

A massa de poupança acumulada no Banco Central chinês, que supera os 350 bilhões de dólares e que continua crescendo, não poderá ser destinada a melhorar a qualidade de vida dos habitantes dessa nação, porque a restrição energética que se aproxima de forma acelerada começará a operar como um sério limitador à taxa de crescimento global em pouco tempo mais. Uma elevação importante no nível de vida da população chinesa é só uma quimera se continuarmos com a tecnologia do petróleo. Calcula-se que, se o governo chinês decidisse oferecer à sua população um nível de vida similar ao do americano médio, o consumo de petróleo mundial aumentaria em 50% de um ano para outro, o que faria a crise acontecer. ontem. O Japão, que já se encontra em recessão há uns quinze anos e cujo aumento do desemprego os cálculos estatais subestimaram, não se poderia recuperar muito em um horizonte visível e muito menos de forma sustentada, dado que as condições do mercado energético mundial imporiam essa situação. Portanto, o Japão seguiria a médio prazo gerando novos desempregados. Quanto à Europa, longe de pensar em reduzir as taxas de desemprego, em alguns casos superiores a 10%, deveria conformar-se, na melhor das hipóteses, em manter esses níveis e crescer o que for possível, se é que é possível. Diante desse panorama, essa atitude invasiva em dire-

ção aos países que têm petróleo e, ao mesmo tempo, despreocupada em reduzir os níveis de consumo excessivo, por parte do governo encabeçado por Bush, pode abrir espaço para todo tipo de dúvidas e suposições acerca de que intenções há por trás dos seus atos e do seu discurso, que não andam no mesmo trilho.

É necessário pensar que a crise que foi vivida por muitos países em vias de desenvolvimento nos anos 1990 — México, países do sudeste asiático, Coreia do Sul, Brasil, Turquia e Argentina — é, na realidade, funcional para a situação energética mundial e para o interesse do *establishment* petrolífero anglo-americano, devido ao fato de que as brutais reduções evidenciadas no nível de vida desses países depois das suas respectivas crises não geram outra coisa que não um menor consumo de energia per capita e, portanto, facilitam que seja possível continuar com a era dos hidrocarbonetos fósseis. É de se esperar, então, que daqui em diante, enquanto não houver mudanças substanciais no exercício do poder nos Estados Unidos, não haverá nenhuma pressão por parte do governo norte-americano para resgatar países na bancarrota. Mais ainda, é possível que a elite banqueira-petrolífera tente, a fim de continuar com a tecnologia energética que lhe permite concentrar o poder, resolver o problema induzindo uma baixa no consumo de energia per capita. Isso se conseguiria, no caso dos países do

Terceiro Mundo, mediante cada crise econômica ou financeira que atinge algum dos seus membros mais importantes. Essa baixa taxa no consumo per capita de energia seria ainda mais pronunciada se inclusive vastas áreas do Primeiro Mundo a sofressem (por exemplo, a prolongada crise econômica japonesa), a fim de acomodar a demanda de petróleo ao decadente período produtivo que em breve atingiria o planeta.

Se observarmos a partir dessa perspectiva, os supostos "erros" de avaliação do Fundo Monetário Internacional, que contribuíram para que fossem geradas e perdurassem muitas das crises dos últimos anos, na realidade não foram equivocados, mas mecanismos funcionais para essa necessidade de reduzir o consumo de energia per capita, que, sob determinadas condições, pode transformar-se diretamente em uma necessidade de se ir começando a reduzir a quantidade de "capitas".

BIBLIOGRAFIA

LIVROS:

Básica:

DEFNEY, Kenneth: Hubberfs peak *The impending world oil's shortage*. Princeton University Press, 2001.

MEDVIN, Norman: *The American oil industry. A failure of anti-trust policy*. Marine Engineer's Beneficial Association, 1973.

MEDVIN, Norman: *The energy cartel. Who runs the American oil industry*. Vintage Books, 1974.

RIFKIN, Jeremy: *La economia del hidrógeno*: Paidós, 2002.

SAMPSON, Anthony: *The seven sisters. The great oil companies and the world they shaped*. Bantam Books, 1975.

SUTTON, Antony: *Energy. The created crisis*. Books in Focus, 1979.

YERGIN, Daniel: *The price. The epic quest of Oil, money and power*. Touch Stone, 1991.

Adicional:

BOROWITZ, Sydney: *Farewell fossil fuels*. Plenum Trade, 1999. BROWN, Harry: *The phoenix project*. SPI, 1990. CAVE BROWN, Anthony: *Oil, God and gold*.

The story of Aramco and the Saudi kings. Houghton Mifflin Company, 1999.

ECONOMIDES, Michael; OLIGNEY, Ronald: *The color of oil. The history, the money and the politics of the world's biggest business*. Round Oak Publishing Company, 2000. HENDERSON, Wayne; BENJAMIN, Scott: *Standard Oil. The first 125 years*. Motorbooks International, 1996.

HOFFMANN, Peter: *Tomorrow's energy*. MIT Press, 2001. KOPPEL, Tom: *Powering the future*. Wiley & Sons Canada, 1999. NORENG, Oystein: *El poder del petróleo*. El Ateneo, 2003. PEAVEY, Michael: *Fuel from water. Energy independence with hydrogen*. Merit Products, 1988.

TARBELL, Ida: *The history of the Standard Oil Company*. (Está disponível

gratuitamente na web.)

NA INTERNET:

Energy Information Administration (site oficial):

www.eia.doe.gov. LIVERGOOD, Norman: "The new US-British oil imperialism".

www.er-mes-press.com.

3. O 11 DE SETEMBRO E O MITO DAS GUERRAS JUSTIFICADAS

Toda nova verdade passa por três etapas.

Primeiro, tende-se a ridicularizá-la.

Depois, ela é atacada violentamente.

Finalmente, nós a tomamos como evidente por si mesma.

Arthur Schopenhauer

Todos conhecemos os acontecimentos do dia 11 de setembro de 2001. Mas sabemos realmente o que é que ocorreu? Nesse dia, as Torres Gêmeas caíram, o Pentágono sofreu um ataque e mais de duas mil pessoas morreram. Nesses episódios, o governo de George W. Bush acusou Osama Bin Laden e sua rede, a Al Qaeda de serem os autores desses atentados.

Poucos dias depois, vários cidadãos norte-americanos receberam envelopes pelo correio com bacilos de antraz. Cinco deles morreram. Os ataques adquiriram, então, outra dimensão. Com todo esse quadro, Bush conseguiu aprovar facilmente no Congresso o denominado "U.S. Patriot Act", que suspende uma variada gama de garantias constitucionais. Bin Laden negou, em uma primeira instância, ser o autor dos atentados. Posteriormente, Bush lançou as suas campanhas bélicas contra o Afeganistão e o Iraque.

A história oficial todos conhecem. Não vale a pena repeti-la aqui. O

governo norte-americano e os meios de comunicação montaram o quebra-cabeça para nós. Mas a verdade é que, depois de montá-lo, sobrou uma grande quantidade de peças que não encaixam e seria conveniente que os próprios meios de comunicação nos dissessem como elas entram nesse jogo, sobretudo se levarmos em conta que a desculpa oficial para invadir o Iraque foi a certeza,

tanto de Bush como de Blair, de que o regime de Saddam Hussein possuía armas de destruição em massa, armas que até agora

— escrevo isso em agosto de 2003 — não foram encontradas. Mesmo se aparecerem daqui em diante, despertariam sérias suspeitas, dado que a coalizão anglo-americana controla todo o território do Iraque e a entrada e saída do país. Enquanto as armas biológicas de Saddam não eram encontradas, a imprensa denunciava a presença de rastros de antraz no leito do Potomac, perto de Washington DC. A luz de todos esses episódios e, sobretudo, dada a ocultação dos dados energéticos mostrados no capítulo anterior, vale a pena revisar o ocorrido em 11 de setembro de 2001, principalmente se levarmos em conta que o Afeganistão é um país de passagem de importantes gasodutos e que o Iraque aparece em segundo lugar no ranking de reservas petrolíferas mundiais, com cerca de 110 bilhões de barris de reservas comprovadas, cifra que quase sextuplica o total de reservas que restariam nos Estados Unidos, incluídas as do Alasca.

Vejamos, então, alguns dos fios soltos dos atentados.

TRINTA DINHEIROS

1. A velocidade de cruzeiro de um Boeing é de cerca de 900km/h.

Para acertar um alvo de somente cinco andares, como é o Pentágono, ou de uma largura reduzida, como são as Torres Gêmeas, é necessário contar com pilotos profissionais de vasta experiência. De outra maneira, a possibilidade de errar os alvos por centenas de metros é muito alta. Os três aviões acertaram o alvo. No entanto, os pilotos Mohamed Atta, Marwan Al-Shehhi e Hani Hanjour não podiam voar sequer em teco-tecos. No caso particular de Hanjour, a academia de aeronavega-

ção em que ele fez o seu curso declarou que o aluno era incapaz de voar em um Cessna 172. Apesar disso, os terroristas tomaram o comando de Boeings 757 e 767, muitíssimo mais sofisticados. As informações da imprensa davam conta de que, nos arredores do aeroporto de Logan, em Boston, apareceu, no mesmo dia em que os aviões foram supostamente seqüestrados, uma cópia do Alcorão junto de um manual para a pilotagem de Boeings. Também foi noticiado que os terroristas tinham recebido aulas de pilotagem de pequenos aviões no estado da Flórida, governado pelo irmão de George W. Bush, e que teriam interrompido o curso antes de aprender a aterrissar.

2. A história oficial também dá conta de que 19 cidadãos de nacionalidade majoritariamente saudita e dispostos a se imolarem embarcaram nos quatro aviões e utilizaram, como únicas armas, estiletos e as facas de plástico que lhes foram servidas na refeição. Com essas armas, renderam toda a tripulação, tomaram o comando das naves e as espatifaram no alvo, produzindo um máximo efeito destrutivo.

3. Durante muito tempo, não existiu nenhum documento em filme sobre o ataque ao Pentágono. No entanto, por ser um objetivo militar, espe-culava-se sobre a existência de grande quantidade de câmeras nos arredores do mesmo. Pressionado pela aparição do livro *11 de setembro de 2001: uma terrível farsa*, de Thierry Meyssan, o governo norte-americano finalmente divulgou uma breve filmagem da qual foram cortados os quadros nos quais se poderia ter visto que tipo de objeto se chocou contra o Pentágono. Em suma, vemos só o Pentágono antes do ataque e quando sua parede externa explode.

4. O objeto que atingiu o Pentágono chocou-se contra ele de forma horizontal. Se tivesse sido o voo 77 da American Airlines, teria sido necessário um giro de 270o e uma descida de sete mil pés voando a quinhentas milhas por hora. Para poder aproximar-se do Pentágono de forma horizontal, a fim de maximizar o dano

produzido no edifício, teria sido necessário um vôo rasante, esquivando-se de linhas de alta tensão abundantes na região. A distância entre os dois pólos elétricos de tais linhas é menor do que a largura de um Boeing. Não só teria sido necessário um piloto profissional, como também um que tivesse formação militar.

5. A lista de mortos do Pentágono proporcionada pela CNN revela que as áreas atacadas foram as de Orçamento e Comunicações.

6. Para derrubar as Torres Gêmeas com o impacto de aviões, teria sido necessário derreter a estrutura interna de aço, tal como a explicação oficial sugeria. O aço sofre os primeiros problemas em sua estrutura quando alcança os 500° C. O combustível dos aviões não supera os 360° C quando se incendeia.

7. Se puxarmos pela memória, recordaremos que a torre sul foi atingida às 9h03, 18 minutos depois de algo ter se chocado contra a torre norte.

No entanto, a torre sul desaba primeiro. O golpe na torre norte foi quase exatamente no centro desta. Por outro lado, o impacto na outra se deu em um canto, motivo pelo qual se presume que o dano sofrido pela sua estrutura interna tenha sido muito menor. Uma grande quantidade de combustível do avião que se chocou contra a torre sul foi consumida imediatamente na explosão que foi vista, fato pelo qual não se explica o motivo por que a sua estrutura tenha ruído primeiro.

8. O tipo de desabamento sofrido por ambas as torres só é usual em demolições controladas. Não se explica como os andares superiores aos dos impactos não caíram em bloco ou de forma fragmentada. Nos registros em filme, esses pisos superiores se desfizeram.

9. O testemunho de bombeiros e sobreviventes que escutaram detonações nos andares inferiores ao lugar do impacto dos aviões foi rapidamente suprimido dos meios de comunicação.

10. A empresa que primeiro chegou ao local dos fatos foi curiosamente a mesma empreiteira que chegou primeiro em Oklahoma, quando, segundo a explicação oficial, Timothy McVeigh, um ermitão solitário, juntou uma grande quantidade de explosivos, colocou-os cuidadosamente no Murrah Building, detonou-os e escapou a pé, ocasionando a morte de centenas de pessoas. Qual é o nome dessa empresa? Controlled Demolition Inc.

11. A Controlled Demolition Inc. vendeu imediatamente, a pequenas empresas de ferro-velho, os restos de aço das estruturas das Torres Gêmeas. Por sua vez,

essas pequenas companhias exportaram o material adquirido com suma rapidez, enviando-os à China e à Coréia, o que impediu a realização de perícias judiciais que teriam podido detectar explosivos, restos dos aviões e o estado real das estruturas das torres.

12. O tipo de demolição (limpa) de ambas as torres, que afeta só uma parte muito reduzida da área limítrofe, é comum em processos de demolição controlada e muito pouco freqüente naquelas produzidas por impactos como os dos aviões. Nesses casos, se eventualmente caíssem os edifícios, seria de forma assimétrica e irregular, coisa que não aconteceu.

Nem sequer ficou de pé uma parte da estrutura metálica interna dos edifícios, o que seria esperado, se a versão oficial fosse correta, que ocorresse em ambas as torres.

13. As Torres Gêmeas foram projetadas para suportar o impacto de aviões do tipo Boeing 757 e 767, como os que se haviam chocado contra elas.

Já teria sido estranho que uma delas tivesse caído. Desabaram as duas.

14. Como pode ser comprovado no site oficial da Casa Branca, o presidente George W. Bush disse, em uma coletiva de imprensa no dia 4 de dezembro de 2001, o seguinte:

"Pergunta: (...) Como o senhor se sentiu quando ouviu as notícias sobre o ataque?"

Presidente: Obrigado, Jordan. Bem, Jordan, você não acreditaria no estado em que eu estava quando escutei sobre o ataque terrorista. Eu estava na Flórida. E meu chefe de Gabinete, Andy Card — na verdade, eu estava em uma sala de aula falando sobre um programa de leitura que funciona bem. Eu estava fora da sala esperando para entrar e vi um avião atingir a torre — a televisão estava obviamente ligada. E eu estava acostumado a voar, eu mesmo, e disse: 'Bem, que péssimo piloto'. Pensei: 'Deve ter sido um acidente horrível'. Mas estava surpreso e não tive muito tempo para pensar sobre o assunto. E eu estava sentado na aula e Andy Card, meu chefe de Gabinete, que está sentado aqui comigo, entrou e disse: 'Um segundo avião atingiu a torre. A América está sendo atacada'. "I

Em 5 de janeiro de 2002, Bush voltou a referir-se ao fato no Town Hall da Califórnia. Ele falou o seguinte:

"Pergunta: Qual foi a primeira coisa que passou pela cabeça do senhor quando escutou que um avião atingiu a primeira torre?"

Presidente: Sim, bem. Eu estava sentado em uma escola na Flórida. Tinha ido até lá para dizer ao meu irmão o que fazer e — estou só brincando, Jeb (risos) —; é minha mãe dentro de mim (risos). De qualquer modo, eu estava no meio da questão de um programa de leitura que funciona bem. Acredito muito na educação primária e ela começa quando se tem certeza de que toda criança aprende a ler. Portanto, temos que concentrar o nosso foco na ciência da leitura, não no que possa parecer bom ou no que soe bem quando se trata de ensinar as crianças a ler. (Aplausos.) Estou tentando colocar em funcionamento a minha iniciativa acerca da leitura. Enfim, eu estava ali e o meu chefe de Gabinete — bom, antes de mais nada, quando estávamos entrando na sala vi o primeiro avião atingir o primeiro edifício. Havia uma televisão ligada. E, você sabe, pensei que se tratava de um erro do piloto e me surpreendi com o fato de que alguém pudesse cometer um erro tão terrível. E algo estava errado com o avião I

TEXTO ORIGINAL: "Q: (...) how did you feel when you heard about the terrorist attack? (Applause.)

The President: Thank you, Jordan. Well, Jordan, you're not going to believe what State I was in when I heard about terrorist attack I was in Florida. And my Chief of Staff, Andy Card — actually, I was in a classroom talking about a reading program that works. I was sitting outside the classroom waiting to go in, and I saw an airplane hit the tower — the TV was obviously on. And I used to fly, myself, and I said, well, there's one terrible pilot.

I said, it must have been a horrible accident. But I was whisked off there, I didn't have much time to think about it. And I was sitting in the classroom, and Andy Card, my Chief of Staff, who is sitting over here, walked in and said, 'A Second plane has hit the tower, America is under attack'."

www.whitehouse.gov/news/releases/2001/12/200112Q4-17.html.

ou, (...) de qualquer modo, eu estava ali sentado, escutando sobre o programa de leitura e Andy Card entrou e disse: 'A América está sendo atacada'. "2

Por duas vezes, então, o presidente Bush referiu-se ao primeiro ataque às torres. No entanto, nenhuma rede pública ou privada de televisão, grande, média ou pequena, transmitiu ao vivo o primeiro atentado. Como Bush fez para ver o primeiro impacto contra as torres? Até dois anos mais tarde, só havia um registro em filme — e, para piorar, amador — do primeiro impacto. Nesse registro, feito por dois irmãos franceses que por acaso estavam rodando um documentário sobre os bombeiros no centro de Manhattan, só se vê o avião um segundo e meio antes de ele se chocar contra as torres. Também não houve transmissão alguma diferente que proviesse do registro filmico quase amador dos irmãos Naudet. O

mais importante e central de tudo é que, sem nenhuma ajuda — sem que ninguém o interro-gasse de maneira inquisitiva —, por duas vezes George W. Bush "entregou"

a si mesmo sobre o que viu no primeiro atentado: ele não tinha motivos para mentir, mas, se viu o primeiro choque, isso significa que lhe transmiti-ram o atentado por circuito fechado de televisão e que só entrou na escola onde o esperavam uma vez que teve certeza de que a operação tinha obtido sucesso. O fato de que naquela escola em Miami o presidente Bush es2 TEXTO ORIGINAL: "Q: What was the first thing that went through y our head when you heard that a plane crashed into the first building?

The President: Yes. Well, I was sitting in a schoolhouse in Florida. I had gone down to tell my little brother what to do, and — just kidding, Jeb (laughter) And - it's the mother in me (laughter). Anyway, I was in the midst of learning about a reading program that works. I'm a big believer in basic education, and it starts with making sure every child learns to read.

And therefore, we need to focus on the science of reading, not what may feel good or sound good when it comes to teaching children to read. (Applause.) I'm just getting a plug in for my reading initiative. Anyway, I was sitting there, and my Chief of Staff — well, first of all, when we walked into the classroom, I had seen this plane fly into the first building. There was a TV set on. And you know, I thought it was pilot error and I was amazed that anybody could make such a terrible mistake. And something was wrong with the plane, or - anyway, I'm sitting there, listening to the briefing, and Andy Card carne and said, 'America is under attack.'

www.whitehouse.gov/news/releases/2002/01/20020105-3.html.

tivesse com a cabeça em outro lugar se torna evidente pelo material fotográfico, que o mostra lendo um livro escolar de ponta-cabeça.

15. Nos dias prévios aos atentados, sobretudo entre 6 e 7 de setembro, houve uma grande e incomum atividade em Wall Street com opções de vendas de ações da American Airlines e da United Airlines. No caso da American Airlines, foram negociados nada me nos que 4.744 contratos de venda contra os por volta de 300 que usualmente são negociados a cada dia. Essa informação apareceu em um grande número de meios de comunicação. Também foi dito que haveria uma investigação a respeito, o que facilmente teria levado a detectar quem sabia que os atentados seriam realizados. As operações financeiras tinham sido realizadas no Deutsche Bank/ AB Brown. Nunca foi revelado quem comprou essas opções

de venda. O que, sim, se sabe é que até 1998 o Deutsche Bank/ AB Brown era dirigido por A. B. "Buzzy" Krongard, desde essa data diretor executivo da CIA.

16. A tese oficial diz que um dos quatro aviões supostamente seqüestrados se espatifou nos arredores de Pittsburgh, quando os passageiros tomaram o controle da nave das mãos dos terroristas. No entanto, restos do aparelho foram encontrados no outro dia a oito milhas de distância do lugar do impacto, fato que não deixa outra alternativa além de pensar que, na realidade, esse vôo explodiu no ar.

17. Como explicamos, para que as torres caíssem era necessário que a estrutura interna de aço derretesse. No entanto, visualmente se observa como os incêndios produzidos pelos impactos se apagam lentamente, de onde se deduz que a temperatura devia estar diminuindo no momento dos desabamentos.

18. Thierry Meyssan, em *11 de setembro de 2001: uma terrível farsa* e em seu site na internet Réseau Voltaire, demonstra como, no caso do Pentágono, o tamanho do Boeing que supostamente se chocou contra o mesmo não corresponde ao buraco produzido pelo impacto.

19. Nas fotos tiradas na área do Pentágono, não aparecem rastros da fuselagem do avião, de corpos nem de nenhuma bagagem.

20. A CIA respondeu a Meyssan que a ausência de rastros da fuselagem se deveu ao fato de que o alumínio da mesma foi consumido integralmente no impacto. Meyssan perguntou à CIA como é que os familiares dos mortos no Pentágono receberam urnas com as cinzas dos falecidos, i-identificados pelas impressões digitais, se as temperaturas tinham derre-tido o alumínio. Não obteve resposta.

21. Meyssan também comenta, em *11 de setembro de 2001: uma terrível farsa*, que vários dos supostos 17 terroristas imolados no ataque estão vivos, na Arábia Saudita, e se pergunta como é que poderiam ter morrido nos ataques.

22. A explicação oficial sobre a derrubada das torres estabelece que o fato foi possível porque as vigas que ligavam a estrutura interna com a externa eram extraordinariamente finas e foram debilitadas até entrar em colapso pelo impacto dos aviões e pelo calor dos incêndios. No entanto, em primeiro lugar, as conexões entre a estrutura central e a parede externa deviam ser suficientemente fortes para suportar que a carga de peso do vento que normalmente batia nas torres fosse transmitida até o núcleo central delas. Do contrário, os andares teriam sido torcidos pelo vento. Em segundo lugar, supor que havia conexões leves entre a parede externa e o núcleo central leva a um cálculo do aço total das

torres de só dois terços do total existente nas mesmas. Por último, há evidências fotográficas de que dentro das torres havia fortes e sólidas conexões entre a parede externa e o núcleo central.

23. Ainda que as edições jornalísticas do material filmado do 11 de setembro não costumem mostrar imagens completas das torres antes da sua queda, vários telespectadores se lembram de ter visto na transmissão original explosões nas mesmas perto do andar térreo.

24. A velocidade de derrubada das torres pode ser calculada em seis andares por segundo. Essa velocidade só é compatível com um total colapso da estrutura central das mesmas. Um colapso com essas características requeria explosões em níveis significativamente mais baixos do que os níveis em que os aviões se chocaram com os edifícios. Se apenas os aviões tivessem produzido a derrubada, a demolição resultante teria sido de andar em andar, a uma velocidade máxima de um andar por segundo, o que teria feito com que a queda de cada uma das torres demorasse mais de um minuto.

25. Os sismógrafos da Universidade de Columbia, localizados a 34 quilômetros ao norte do World Trade Center, gravaram uma estranha atividade sísmica em 11 de setembro de 2001 que ainda não foi explicada.

Enquanto os impactos dos aviões causaram tremores de terra mínimos, as agulhas dos sismógrafos registraram significativos movimentos antes de cada derrubada. Tais movimentos sísmicos seriam compatíveis com detonações ou com explosões de grande porte perto do andar térreo de ambas as torres.

26. A cepa com que foi produzido o ataque de antraz é cientificamente chamada de Ames. A sua produção é realizada somente nos Estados Unidos.

27. Em uma série de notas publicadas nada menos que no New York Times com datas de 4 de janeiro, 2 de julho, 3 de julho, 12 de julho, 19

de julho, 13 de agosto e 17 de setembro de 2002, o jornalista Nicholas Kristof descobre que o maior suspeito pelo envio do antraz é Steven Hatfill, um cientista que trabalha para o governo de George W. Bush.

Ele teria colaborado com dois regimes racistas na África do Sul e Rodésia, este último um país onde houve uma epidemia de antraz afetando dez mil granjeiros negros entre 1978 e 1980. A Federação de Cientistas Americanos, por meio da doutora Bárbara Rosenberg, expressou também que o FBI sabia que o autor dos ataques era um norte-americano com uma evidente conexão com o programa de biodefesa, mas não o prendia. Esse escândalo sobre o tema do antraz nunca

chegou a ser reproduzido nos meios de comunicação argentinos. No entanto, as notas do New York Times tiveram grande repercussão interna e fizeram com que cessasse imediatamente a difusão, nos meios de comunicação de massa, da teoria de que Saddam Hussein teria facilitado o antraz a Osama Bin Laden. A partir das notas de Kristof, começa a se instalar nos meios de comunicação a teoria das supostas armas de destruição em massa de Hussein e é arquivada a tese anterior de um eixo Osama-Saddam, no qual Saddam teria ajudado Osama dando-lhe antraz. O fim da circulação na mídia de informações em grande escala acerca do tema do antraz deveu-se à grande cobertura que a suposta relação entre Osama e Saddam teve no New York Times. O certo é que a difusão muito alta que tiveram as notas de Kristof forçou o FBI a admitir que um dos principais suspeitos era um cientista da administra-

ção Bush. Precisamente, um dos seus funcionários: Steven Hatfill. Mas o FBI decidiu não ir muito além disso, pois investigar mais a fundo poderia ter ajudado a revelar uma verdade horrorosa. Por outro lado, não fazê-lo de jeito nenhum teria levantado mais suspeitas e publicidade sobre o caso e, portanto, o FBI abriu uma espécie de "dossiê morto" sobre o tema. No entanto, um simbólico ato de justiça foi efetuado pela Universidade do Estado da Louisiana, onde Hatfill era diretor associado no Centro Nacional para a Investigação e o Treinamento Biomédico. Essa instituição de ensino superior expulsou Hatfill em 1º de julho de 2002, segundo informou, entre outros, a própria CNN

<http://www.cnn.com/2002/US/09/03/hatfill.lsu-fired/index.html>). O assunto antraz-Hatfill levantou poeira nos Estados Unidos. A imprensa ligada aos grandes meios de comunicação dedicou a menor cobertura que pôde ao assunto. No entanto, é estranho que um tema tão inquietante como esse tenha sido escassamente tratado fora do país. Uma pista sobre a causa desse fato pode ser obtida quando nos ocuparmos de quem são os donos das principais agências de notícias mundiais e de quem as controla. Que fim levou o jornalista Kristof, que "destampou" o tema no New York Times? Foi "premiado" com uma transitória transferência para Bagdá por volta do fim de 2002, justo quando eram esperados iminentes bombardeios aéreos contra a capital iraquiana, como os que haviam sido efetuados mais de uma década antes por George Bush pai.

Ali, como correspondente de guerra, Kristof descobriu, entre outras coisas, que o supostamente despótico Saddam Hussein tinha escrito e publicado três romances de histórias de amor sob um pseudônimo. .

28. Exatamente em 16 de maio de 2002, um grande escândalo explode nos Estados Unidos. A correspondente em tempo integral da rede ABC na Casa Branca, Ann Compton, que no momento dos atentados se encontrava junto a

George W. Bush na Flórida, cobrindo a visita do presidente à escola, declarou que Bush estava a par dos atentados antes que esses se produzissem. A imprensa começou a pressioná-la, então, para que dissesse como sabia disso. Compton, entre a cruz e a espada, só atinou em dizer: "Eu li nos seus olhos". O escândalo foi além. Entre outros, a senadora Hillary Clinton levou o tema ao Senado e até o jornal New York Post deu a sua manchete bombástica: "BUSH KNEW"

("Bush sabia"). Dado que Compton não era só mais uma jornalista, mas a mais antiga correspondente na Casa Branca (desde 1974), a primeira mulher destacada ali para essa função e a pessoa mais jovem a ocupar esse posto, a repercussão foi grande. Mais ainda se levamos em conta que ela representava nada menos que a rede ABC, uma das "três grandes". A CNN chegou a noticiar que Compton, inclusive, teria mencionado que várias das fotos de Bush do dia 11 de setembro de 2001 são retocadas (<http://www.ctm.com/2002/ALLPOLITICS/05/>

[16/column.billpress/index.html](http://www.ctm.com/2002/ALLPOLITICS/05/16/column.billpress/index.html)). No entanto, em poucos dias o tema estranhamente "esfriou" de modo abrupto na imprensa. Boa parte das informações sobre Compton foi inclusive suprimida da rede (sobretudo as da própria Compton no site da ABC). Mas o mais relevante do caso é a pouquíssima informação que se soube desse acontecimento fora dos Estados Unidos. Ao que parece, as agências de notícias quase não fizeram menção a esse caso e a imprensa estrangeira quase não se inteirou do que estava acontecendo, motivo pelo qual o público de outros países não teve informação nenhuma. Isso é normal? A propósito, vale a pena citar que, posteriormente ao caso, Ann Compton se transformou, em um passe de mágica, em uma das mais complacentes repórteres quando se trata de fazer perguntas a George W. Bush. .

29. Os familiares de Bin Laden que residiam nos Estados Unidos foram deslocados para a Arábia Saudita só 48 horas depois dos atentados.

Não foram interrogados pelos serviços de inteligência norte-americanos acerca do paradeiro nem das atividades de Osama. Ao mesmo tempo, em menos de 24 horas e quase sem as perícias suficientes, os meios de comunicação de massa já asseguravam de maneira concludente que o autor dos atentados era a rede Al Qaeda de Bin Laden.

30. Estranhamente, as Torres Gêmeas, que tinham sido construídas por iniciativa dos irmãos Rockefeller, foram alugadas, por 99 anos, por uns três bilhões de dólares somente sete semanas antes dos atentados. O

empresário que o fez, Larry Silverstein, estaria reclamando mais de 7

bilhões de dólares à seguradora suíça Re. No entanto, chama a atenção que o

estado de Nova York tenha assumido para si a reconstrução do lugar, que poderia terminar sendo realizada por fundos públicos. Agora vejamos: quem é Larry Silverstein? Além do leasing das Torres Gêmeas, Silverstein possui o clube noturno "Runaway 69" no Queens.

Sua boate se viu ligada a escândalos por tráfico de heroína do Laos, lavagem de dinheiro e corrupção da polícia de Nova York. Como um empresário com essas características pôde chegar ao aluguel por 99 anos das Torres Gêmeas sete semanas antes de seu colapso? É um mistério. (ver <http://www.aztlan.net/sstein2.html>).

Vimos até aqui alguns dos muitos fios soltos da versão oficial do ataque terrorista sofrido pelos Estados Unidos. Alguns deles chamam especialmente a atenção, porque dão base a suspeitas sobre a existência de negócios grandes, médios e pequenos ao redor do horror dos atentados. A raiz desses, a administração Bush não só começou a ter um pretexto para invadir países estrategicamente essenciais do ponto de vista energético, como também pôde aprovar no Congresso uma legislação que suspende nos Estados Unidos garantias constitucionais essenciais. Trata-se da "US Patriot Act", aprovada pelo Senado norte-americano em 24 de outubro de 2001

por 99 votos contra 1. Essa lei de 120 páginas, elaborada no tempo recorde de algumas poucas semanas, autoriza o governo norte-americano a suspender o habeas corpus, a interceptar comunicações efetuadas por meios eletrônicos ou telefônicos, a modificar a indicação de juízes, a levar a cabo a espionagem de voice-mails, a coletar informações de inteligência no exterior, a aplicar sanções comerciais, a realizar espionagem financeira em contas bancárias privadas de qualquer indivíduo suspeito tanto nos Estados Unidos como no exterior, a suspender o sigilo bancário, a estabelecer restrições para viagens aos Estados Unidos e, a partir disso, a limitar a permanência de estrangeiros no país. A lei é suficientemente meticulosa e detalhista para que possamos pensar que não pôde ser elaborada e aprovada em menos de um mês e meio e muitas vezes se levantaram indicando que ela teria sido redigida antes do 11 de setembro de 2001. O governo de Bush também aprovou a "Executive Order 13.233", que autoriza um presidente ou ex-presidente norte-americano a manter em segredo informações confidenciais que, com o passar do tempo, deveriam ser reveladas. Inclusive, se o presidente em questão falecer, a sua família pode optar por manter o segredo. Em setembro de 2002, a Casa Branca lança um documento denominado "The National Security Strategy of the United States of America", pelo qual substitui a denominada "doutrina da segurança nacional"

pela "doutrina do ataque preventivo". Por meio dessa legislação, o governo Bush

reserva-se o direito de atacar preventivamente qualquer nação do mundo que considere suspeita de abrigar intenções terroristas. Além disso, a administração Bush criou o denominado Homeland Security Department, outorgando-lhe a estrutura de um superministério cuja função é investigar e prevenir a possibilidade de qualquer ataque terrorista interno, para o que inclusive há recompensas em dinheiro à delação de atividades suspeitas entre vizinhos.

Como já afirmamos, de fato restam muitos fios soltos do ocorrido em 11 de setembro de 2001. No entanto, sobre algo não restam dúvidas: a administração Bush-Cheney pôde utilizar o fato para invadir outros países e para exercer um controle interno muito maior da sua população. Nada dissemos até agora sobre Osama Bin Laden. Quem é realmente esse personagem?

OSAMA NA ERA CLINTON

Os primeiros problemas graves entre Osama Bin Laden e os Estados Unidos datam de 1990, quando, depois de uma estreita colaboração com a CIA para vencer o regime soviético do final dos anos 1970 e começo dos 80 no Afeganistão, Osama, segundo a versão oficial, "rompe armas" com George Bush pai, ao se opor a que sejam os norte-americanos os responsáveis por desalojar Saddam Hussein do Kuwait. Osama, segundo fontes oficiais, desejava formar uma coalizão pan árabe para derrubar Saddam Hussein. Daí que resulte duplamente ridículo supor uma anterior colabora-

ção entre Saddam Hussein e Osama Bin Laden. Quando Bush pai, depois da guerra, decide manter em território saudita as tropas que haviam vencido o conflito, faltando assim com a sua palavra, as relações com Osama pioram. Não ocorre o mesmo entre o clã Bin Laden e o governo de Bush pai, dado que ao clã Bin Laden, primeiro pólo do ramo da construção na Arábia Saudita, são entregues as obras para edificar as bases norte-americanas permanentes naquele país.

O primeiro confronto grave com Osama ocorreu em 1992, quando os Estados Unidos desembarcaram na Somália sob a bandeira da ONU. Nessa invasão, antigos combatentes afegãos participaram de uma operação na qual morreram 18 soldados norte-americanos. Os Estados Unidos culpa-ram Osama Bin Laden. O governo saudita cassou, então, a sua cidadania e ele se refugiou no Sudão, onde realizou investimentos de grande porte.

Posteriormente, o Sudão o expulsou ao acusá-lo de fomentar um complô para matar o presidente egípcio Hosni Mubarak, o que implicou no seu retorno ao Afeganistão.

Em junho de 1996, ele também foi acusado de instigar um atentado contra uma base militar na Arábia Saudita, no qual morreram 19 soldados norte-americanos. Em agosto de 1998, aconteceram duas explosões simultâneas nas embaixadas norte-americanas no Quênia e na Tanzânia, resultando em quase trezentos mortos e 4.500 feridos. O governo de Clinton culpou por esses atentados tanto Bin Laden como a sua rede Al Qaeda, que tinha base no Afeganistão, sob o amparo do regime fundamentalista talibã deste país. A respeito, vale a pena citar Peter Bergen, que, em sua obra *Guerra Santa S. A.*, nos sugere muito sobre a própria origem do regime talibã. Ao longo do capítulo, o leitor poderá dar a estas palavras a sua verdadeira dimensão, mas notará desde já que elas mostram claramente não só que o movimento terrorista de Bin Laden foi sustentado pelo Paquistão e pelo seu serviço secreto, como também que o seu próprio início teria

sido impossível sem a ajuda deste país, principal aliado dos Estados Unidos na região:

"Os partidos islâmicos paquistaneses e a poderosa agência de espionagem do Estado, a Inter Service Intelligence (ISI), desempenharam um papel decisivo na subida ao poder dos talibãs. (...) De fato, tudo começou com um grupo de estudantes religiosos afegãos que, aparentemente saídos do nada, tomaram a cidade meridional de Kandahar em 1994. (...) Em 1999, um funcionário norte-americano enviado ao Paquistão surpreendeu-me com a notícia de que dez mil dos trinta mil soldados talibãs procediam do Paquistão.

Um assombroso 30%."

A verdade é que, apesar de o Afeganistão necessitar da ajuda do maior sócio histórico dos Estados Unidos na região — tanto para sobreviver (o combustível que se consome no Afeganistão é introduzido no país via Paquistão), como até mesmo para receber chamadas telefônicas do exterior (os afegãos devem intermediar as ligações por meio de uma central paquistanesa) —, em maio de 2001, pouco antes da queda das Torres Gêmeas, Donald Rumsfeld, secretário de defesa de Bush, disse à imprensa não só que Bin Laden possuía armas bacteriológicas e químicas, como também que ele estava a ponto de produzir uma bomba atômica. A perseguição em escala mundial a Osama Bin Laden produziu-se, assim, depois dos atentados de 11 de setembro de 2001.

Um ponto que deveria chamar a atenção de qualquer leitor é o nome que Bin Laden escolheu para o seu grupo terrorista: Al Qaeda. Supõe-se que os setores árabes fundamentalistas escolhem nomes com alegorias religiosas para batizar esses grupos. No entanto, Bin Laden, um suposto terrorista mundial em grande escala — talvez o oficialmente mais fanático do mundo — escolheu o modesto e tímido nome de Al Qaeda. O que significa Al Qaeda? Nada de "guerra santa", nem de "Alá seja louvado", nem de "vi-va o profeta". Al Qaeda significa só "base de dados". Tratava-se da base de dados que Bin Laden ia construindo com os fanáticos muçulmanos que se aproximavam do Afeganistão para combater a União Soviética no início da década de 1980. Era como se, na Argentina, Mario Firmenich e Juan Manuel Abal Medina³ tivessem batizado com o nome de "lista total" o movimento dos Montoneros; ou como se, na Espanha, tivessem posto o nome de "somos 1.238" ao grupo separatista basco ETA. Esse dado, que pode a esta altura parecer irrelevante, também adquirirá uma maior dimensão³

Principais nomes do grupo peronista armado argentino Montoneros, fundado em Buenos Aires em 1970.(N. do T.)

mais tarde.

Segundo os franceses Jean-Charles Brisard e Guillaume Dasquié, em sua obra *The Forbidden Truth*, os grupos petrolíferos norte-americanos estavam muito preocupados porque Moscou e Pequim multiplicavam acordos para a construção de gasodutos que poderiam monopolizar o transporte de gás na Ásia Central. No verão do ano 2000, tinha começado a funcionar um oleoduto russo que passava através do Mar Cáspio, enquanto o seu principal concorrente, um oleoduto norte-americano que desembocaria na Turquia, continuava sendo só um projeto. Para Brisard e Dasquié, se a situação continuasse assim, logo os campos de petróleo e gás do Cazaquistão, do Turcomenistão e do Uzbequistão, que pertenceriam a companhias norte-americanas, seriam exclusivamente conectados a oleodutos e gasodutos controlados pela Rússia e pela China. As negociações com os talibãs tinham sido feitas, a princípio, por uma ex-funcionária da CIA: Christina Rocca.

Em sua obra, amplamente difundida pela imprensa ocidental, Brisard e Dasquié narram, além disso, uma situação muito curiosa acontecida enquanto os Estados Unidos supostamente desejavam extraditar Bin Laden.

Os autores afirmam concretamente que, em julho de 1999, Clinton recebeu oficialmente o primeiro-ministro paquistanês Sharif em Washington. Nessa reunião, o primeiro-ministro paquistanês aceitou pedir ao chefe de seu serviço secreto (ISI) que viajasse ao Afeganistão para tentar convencer os talibãs a extraditar Bin Laden. Em 12 de outubro de 1999 — justo quando iam ser resolvidas a questão do fechamento dos campos de treinamento terroristas na fronteira do Afeganistão com o Paquistão e a questão da possível entrega de Bin Laden —, o general Musharaf dá um golpe de estado no Paquistão e derruba Sharif, fazendo com que os esforços para entregar Bin Laden e acabar com os campos de treinamento de terroristas não dêem em nada. Trata-se de um dado mais que sugestivo, posto que o Paquistão continua sendo, ainda hoje, um aliado incondicional dos Estados Unidos. O

serviço secreto paquistanês (ISI) é um dos melhores sócios que a CIA possui. Portanto, é impensável que um golpe de estado no Paquistão tenha podido acontecer sem o aval tácito da CIA e dos Estados Unidos. Cabe perguntar, então, se os norte-americanos e a sua central de inteligência desejavam verdadeiramente capturar Bin Laden. Ou se, embora dissessem que sim, na realidade não o queriam. Apesar da fundamentação muito sólida de Brisard e Dasquié, apoiada em muita informação relevante, é necessário questionar qual é a real dimensão do petróleo e do gás na Ásia Central e no Cáucaso. Uma grande quantidade explicaria por que esta é uma

"região quente". Pois bem, até agora não se descobriu no Afeganistão uma só gota de petróleo. As suas reservas de gás natural são muito escassas: apenas 3

trilhões de pés cúbicos, enquanto as reservas mundiais são de cerca de 5.700 trilhões de pés cúbicos. Costuma-se mencionar que o Afeganistão é um importante país de passagem de gasodutos, sobretudo caso se deseje exportar gás via Paquistão ou Índia, mas, como se vê, o país quase não possui combustíveis fósseis.

Os Estados Unidos tinham a alternativa de exportar o gás através dos portos turcos, como bem o apontaram Brisard e Dasquié, mas não haviam começado a construir o gasoduto. Victor Ducrot, em seu livro *Bush e Bin Laden S. A.*, dá uma explicação do porquê: apesar de um oleoduto através da Turquia ter sido factível e teria evitado guerras, invasões e horrores vários padecidos neste milênio, as companhias petrolíferas anglo-americanas não desejavam sobrecarregar a saída de petróleo através de países do Oriente Médio. Portanto, se a opção era fazê-lo pela Índia e pelo Paquistão, o Afeganistão se convertia em peça vital. Mas devemos continuar a nos perguntar: de quanto petróleo e gás natural estamos falando?

Segundo a agência oficial EIA, entre o Cáucaso e a Ásia Central só existem reservas comprovadas de petróleo de 16 bilhões de barris (nove bilhões no Cazaquistão e sete bilhões no Azerbaijão), o que representa apenas 1,5% do petróleo existente e descoberto no mundo. Ou seja, muito pouco. Toda a Ásia Central e o Cáucaso não acumulam nem a oitava parte do petróleo comprovado no Iraque. As reservas de gás natural são, sim, um pouco mais importantes: 267 trilhões de pés cúbicos⁴. De qualquer forma, trata-se somente de 4,9% das reservas de gás natural existentes em todo o mundo. Para se ter uma idéia do que estamos falando, é necessário levar em conta que, nos países do golfo Pérsico, há dois mil trilhões de pés cúbicos de gás natural e, na Rússia, aproximadamente 1.700 trilhões de pés cúbicos. Entre a região do Golfo e a Rússia se chega a 70% das reservas mundiais de gás natural.

O que implica tudo isso? Que dificilmente os Estados Unidos e a Inglaterra teriam embarcado em uma campanha bélica para controlar o Afeganistão só para ter uma zona de passagem alternativa para 1,5% do petróleo mundial e 4% do gás mundial. Evidentemente, há mais por detrás. Em primeiro lugar, pode-se pensar que o negócio de produção e tráfico de armas depende, para florescer, da existência de guerras. Se há guerras, aumentam o consumo de armas e o investimento no setor. O negócio de armamentos está quase monopolizado por algumas poucas empresas norte-americanas e inglesas (Northrop Grumman, Lockheed Martin, Raytheon, Dyncorp, United Technologies, General Dynamics e Boeing-McDonnell Douglas). Essas companhias costumam ser dirigidas e conduzidas pelos mesmos diretores e ex-diretores do Pentágono, escolhidos pelos presidentes norte-americanos e financiados pelo já descrito oligopólio banqueiro-

petroleiro dos clãs Rockefeller, Rothschild, Morgan, Harriman, etc.

A cada vez mais escassa imprensa independente norte-americana costuma denominar da seguinte forma esse processo mediante o qual altos funcionários do Pentágono e da CIA se alternam em cargos executivos em bancos, companhias petrolíferas e empresas de armamento: "*the revolving door*" (ou seja, "a porta giratória"). Esse fator adquiriu características escandalosas quando o número dois do Pentágono, Richard Perle, teve que re-nunciar ao se comprovar que ele estava envolvido em negócios pessoais com empresas de armamentos imediatamente antes da campanha no Iraque.

4 Distribuídos da seguinte forma: 101 trilhões no Turcomenistão, 66 trilhões no Uzbequistão, 65 trilhões no Cazaquistão, 30 trilhões no Azerbaijão e 3 trilhões no Afeganistão.

Mas o negócio de armas, ainda que volumoso e muito lucrativo, tampouco seria suficiente para explicar por que, em uma zona na qual quase não há petróleo, são levados a cabo uma guerra e um gasto militar permanente financiados pelos bolsos dos trabalhadores norte-americanos. Menos ainda, se há possibilidades de se tirar o gás via Turquia.

Podemos começar a ter uma idéia mais clara de quais outros fatores estão em jogo e podem explicar tanto a campanha no Afeganistão como o golpe de estado no Paquistão. Como sabemos, o anterior primeiro-ministro paquistanês, Sharif, segundo Brisard e Dasquié, esteve a ponto de concretizar a entrega pacífica de Osama Bin Laden e o fim dos acampamentos de terroristas em 1999. Um golpe militar derrubou-o, impedindo-o desses intentos, embora, como já dissemos, o Paquistão fosse o maior aliado dos Estados Unidos na região e, assim, um golpe de estado fosse impossível sem a anuência da CIA. Prestemos muita atenção ao seguinte: Em seu livro *Dreaming war: Blood for oil and the Cheney-Bush junta*, o escritor e historiador Gore Vidal assinala que o jornal paquistanês *The News*, um dia antes do atentado de 11 de setembro, mencionava que o chefe do serviço secreto paquistanês (ISI), Mamoud Ahmed, levava já uma semana em Washington, suscitando especulações devido às misteriosas reuniões que tinha no Pentágono e no Conselho de Segurança Nacional. Vidal também aponta que o *The Times of India* posteriormente informa sobre a renúncia de Mamoud Ahmed, pois a Índia havia mostrado os seus evidentes la-

ços com um dos terroristas que explodiram o World Trade Center. Esse jornal informa, inclusive, que as autoridades norte-americanas pediram a sua remoção depois de confirmar que Ahmed fez uma transferência bancária de cem mil dólares ao terrorista Mohamed Atta, para que este realizasse os atentados. Em

posteriores reportagens, Vidal mostra-se surpreso com a pouca importância que a imprensa deu a esse tema e com a falta de investigações oficiais a respeito.

Não lhe falta razão se levarmos em conta que, se é correta a informa-

ção proporcionada pelo livro de Vidal, os atentados teriam sido financiados pelo chefe da agência de espionagem paquistanesa — o maior colaborador da CIA na região —, que, como se não bastasse, participava de conversações secretas em Washington no preciso momento em que foram cometidos os atentados. Se tudo isso é verdade, a informação proporcionada por Brisard e Dasquié adquire outra dimensão: as autoridades norte-americanas diziam que queriam encontrar e extraditar Osama Bin Laden, mas isso era realmente verdade?

Thierry Meyssan assinala, em *11 de setembro de 2001: uma terrível farsa*, que Osama Bin Laden, poucos meses antes dos atentados, viajou a Dubai para tratar-se de uma infecção renal e que, inclusive, foi visitado por um membro da CIA. Portanto, os Estados Unidos desejavam realmente extraditar Bin Laden ou tratava-se de uma declaração da boca pra fora? Os Estados Unidos desejavam realmente acabar com os campos de treinamentos de terroristas? Mesmo que Bin Laden e a Al Qaeda fossem uma desculpa para ir à guerra, seria uma guerra por 1,5% do petróleo mundial e 4% do gás mundial? Só por isso? Uma guerra para produzir, vender e testar armas? Seria suficiente? Pode ser, mas... podemos ir mais fundo.

Para encontrar a resposta a essas questões, podemos citar o livro *War and globalization*, de Michel Chossudovsky. A estreita relação entre a CIA e o ISI, cujo chefe teria financiado os atentados, provinha do ano 1979, quando ambas as centrais lançaram conjuntamente uma campanha para transformar a Jihad afegã contra a União Soviética em uma guerra global de todos os Estados muçulmanos contra Moscou. Incentivados pela CIA e pelo ISI, 35 mil muçulmanos fanáticos de mais de quarenta países migraram para o Afeganistão entre 1982 e 1992. Dezenas de milhares mais viajaram ao Paquistão.

O ex-assessor de segurança do presidente Carter, Zbigniew Brzezinski, foi interrogado sobre essa operação lançada em 1979 — a maior de toda a história da CIA e, sobre se não seria de se lamentar o incentivo norte-americano ao fundamentalismo islâmico, respondeu: "O que é mais importante para o mundo: os talibãs ou o colapso do império soviético? Alguns muçulmanos irritados ou a liberação da Europa Central e o fim da Guerra Fria?"⁵

Chossudovsky revela que a CIA financiava secretamente a Jihad islâmica através do ISI. Mais ainda, a relação entre a CIA e o ISI tinha se fortalecido

quando o general Zia Ul Haq deu um golpe de estado no Paquistão no final dos anos 1970. De acordo com Chossudovsky, o Paquistão era mais agressivamente anti-soviético que os próprios Estados Unidos. Pouco antes de a União Soviética invadir militarmente o Afeganistão em 1980, Zia Ul Haq enviou o chefe do ISI para desestabilizar os estados soviéticos da Ásia Central. A CIA só concordou com isso em 1984.

A CIA era mais cuidadosa do que os paquistaneses. Tanto os Estados Unidos como o Paquistão adotaram uma postura enganosa em relação ao Afeganistão, demandando publicamente um acordo, enquanto, privada-mente, acreditavam que a escalada militar era o melhor método para enfraquecer os soviéticos. Trata-se da mesma postura que adotaram com relação a Bin Laden: procurá-lo, mas nunca encontrá-lo.

A luz de tudo isso, como pode ser, então, que o financiamento dos atentados às Torres Gêmeas tenha sido realizado pelo chefe do ISI? Como pode ser que, com o começo da divulgação dessa informação, o governo norte-americano não tenha lançado uma investigação sobre o fato de o seu principal sócio na Ásia Central ter colaborado de forma direta na prepara-

ção dos atentados? Que papel desempenhou a CIA em tudo isso? Que negócios há no Afeganistão, além de gasodutos, que podem ajudar a explicar a guerra permanente nessa região?

Chossudovsky também proporciona informações reveladoras a esse respeito. Segundo a DEA (Drug Enforcement Agency), o Afeganistão produzia, no ano 2000, mais de 70% da colheita mundial de ópio, com o qual se produz a heroína. Nesse ano, o governo talibã proibiu o cultivo de ópio, o que fez a produção mundial entrar em colapso em mais de 90%.

Segundo cifras de organismos das Nações Unidas, de mais de 82 mil hecta-5
TEXTO ORIGINAL: "What is most important to the history of the world? The Taliban or the collapse of the Soviet empire? Some stirred-up Moslems or the liberation of Central Europe and the end of the Cold War?"

res afeções cultivados no ano 2000, restaram somente 7.600 hectares com cultivo de ópio em 2001. Em 2002, depois que os Estados Unidos derrubaram o governo talibã e colocaram em seu lugar Hamid Karzai, a produ-

ção afeção de ópio voltou a aumentar para entre 45 mil e 65 mil hectares cultivados. O narcotráfico movimenta por ano cerca de 500 bilhões de dólares. Calcula-se que o negócio da droga no Afeganistão pode chegar a ser fonte de até mais ou menos 200 bilhões de dólares anuais. Em um artigo intitulado "Osama

Bin Laden, um guerreiro da CIA", de 23 de setembro de 2001, Chossudovsky dá-nos mais informações. Diz textualmente o seguinte:

"A história do comércio de drogas na Ásia Central está estreitamente relacionada com as operações encobertas da CIA. Antes da guerra soviético-afegã, a produção de ópio no Afeganistão e no Paquistão estava dirigida aos pequenos mercados regionais. Não havia uma produção regional de heroína. A esse respeito, o estudo de McCoy confirma que, nos anos da operação da CIA, as terras fronteiriças entre o Afeganistão e o Paquistão converteram-se no produtor número um do mundo, fornecendo 60% da demanda norte-americana. No Paquistão, a população viciada em heroína cresceu de quase zero em 1979 a 1,2 milhão em 1985. Um crescimento mais acelerado do que em qualquer outra nação. Os agentes da CIA controlavam esse comércio de heroína. Quando os guerrilheiros mu-jaidins tomavam algum território no Afeganistão, ordenavam aos camponeses plantar ópio como um imposto revolucionário. Cruzando a fronteira, no Paquistão, os líderes afegãos e os cartéis locais sob a proteção da inteligência paquistanesa (ISI) operavam centenas de laboratórios de heroína. Durante essa década, a agência norte-americana de combate às drogas (DEA) não conseguiu prisões ou detenções importantes em Islamabad."

Podemos perceber, então, que a imagem de um Osama Bin Laden ao mesmo tempo multimilionário e fanático religioso pode tornar-se mais do que irreal. Custa pensar que Bin Laden, financiado pelo ISI paquistanês, tenha estado ocupado exclusivamente com o treinamento de fanáticos religiosos, potenciais suicidas, enquanto ao seu lado, bem debaixo dos seus olhos, o ISI e os agentes da CIA que Chossudovsky aponta enchiam os bolsos mediante o narcotráfico.

Neste ponto, vale a pena indicar o seguinte: o orçamento anual da CIA ronda os 35 bilhões de dólares. Com esse dinheiro, a CIA deve realizar operações secretas em praticamente todo o mundo. Para se ter uma idéia mais bem acabada do que são 35 bilhões de dólares para gastar em todo o mundo em um ano, vale a pena citar que essa cifra equivale ao patrimônio de somente um fundo de investimentos médio nos Estados Unidos. Acontece que o orçamento da CIA deve ser votado no Congresso norte-americano e esse orçamento não inclui partidas para operações ilegais ou criminosas. Se a CIA só contasse com um orçamento de 35 bilhões de dólares, pouco ou nada poderia fazer no mundo. Isso pode explicar melhor por que os talibãs foram retirados do poder pelo governo Bush justo depois de terem proibido o cultivo de ópio.

Neste ponto vale a pena assinalar ainda que George Bush pai chegou a ser diretor da CIA durante o mandato do presidente Ford e que teria deixado no órgão uma enorme quantidade de amigos. O hoje presidente George W. Bush tem, além

disso, uma relação muito estreita com o atual diretor da CIA, George Tenet, que costuma reunir-se a sós com o mandatário.

Finalmente, cabe apontar que, em sua visita aos Estados Unidos entre 4 e 13 de setembro de 2001, o general Mamoud Ahmed, suposto financiador dos atentados às Torres Gêmeas, teve uma reunião com o diretor da CIA, George Tenet, com o subsecretário do Departamento de Estado, Richard Armitage, e com o senador Joseph Biden, chefe do Comitê de Relações Exteriores do Senado.

Se Vidal e Chossudovsky têm razão, toda a série de guerras que houve nos últimos anos cobra uma dimensão totalmente diferente. Os acontecimentos que rodearam a primeira Guerra do Golfo, ao contrário, podem ser entendidos com mais precisão.

EM NOME DO PAI DE BUSH

No dia 8 de fevereiro de 2002, o jornal argentino Clarín, nas suas páginas 26 e 27, revelou que George Herbert Walker Bush, o pai do atual presidente, preparou em 1990 uma autêntica campanha de mentiras e enganos para poder realizar a guerra contra o Iraque. Naquele momento, o Congresso norte-americano estava dividido quanto à necessidade da guerra. A fim de ganhar para si a opinião pública e, portanto, definir a seu favor a votação no Congresso, o pai de Bush decidiu transmitir pela televisão e para todo o mundo o testemunho de uma jovem iraquiana chamada Nayirah que, chorando diante das câmeras, assegurava que os soldados iraquianos que invadiram o Kuwait tinham causado a morte de 312 bebês ao tirá-los das incubadoras de um hospital para deixá-los morrer de frio no chão gelado. Ela disse que havia presenciado o fato e que a sua irmã estava dando à luz naquele exato momento. Em março de 1991, foi revelado que a menina de 15 anos não estava no Kuwait naquele momento, não se chamava Nayirah e era nada menos que a filha do Embaixador do Kuwait nas Nações Unidas. O episódio obrigou-a a retratar-se, inclusive, junto à Anistia Internacional, que também foi manipulada pelo próprio Bush nesse tema. O pai de Bush contratou também a consultoria Hill & Knowlton por 11,5 milhões de dólares, para que preparasse uma campanha de imprensa destinada a manipular a opinião pública a fim de poder bombardear Saddam Hussein. Isso veio à luz na Argentina em virtude da informação que falava que Tony Blair tinha forjado um relatório sobre as armas de destrui-

ção em massa de Hussein para poder invadir o Iraque em 2003, utilizando, para isso, nada menos que um velho relatório, de mais de dez anos, de um estudante universitário que, consultado pela imprensa, manifestou a sua desorientação e surpresa, declarou-se muito contente e até expressou que, se as autoridades

inglesas desejassem, podia proporcionar mais informação.

Sem sucesso, a deputada trabalhista Glenda Jackson pediu, então, a renúncia de Blair. O que teria ocorrido realmente no Golfo Pérsico? Por acaso é verdade que um demoníaco Saddam Hussein invadiu cruelmente o Kuwait em 1990? O que é que houve de fato?

Webster Tarpley e Anton Chaitkin lançam luz sobre o tema na esgotada (mas disponível livremente na web) biografia não autorizada de George Bush pai. O que ocorreu teria sido o seguinte: no início dos anos 1980, Irã e Iraque, dois países petroleiros, entraram em uma guerra entre si na qual os Estados Unidos, governados pela dupla Reagan-Bush, tomaram uma decisão salomônica: financiar ambos os lados e vender armas para os dois países. Como consequência disso, desenvolveu-se uma prolongada guerra que terminou em empate. Saddam Hussein teria acumulado rancor contra os seus vizinhos sauditas e kuwaitianos, que o teriam deixado sozinho, detendo as hordas xiitas iranianas, de raça diferente da árabe e de pronunciadas diferenças culturais com os sunitas, majoritários na Arábia Saudita, no Kuwait e, naquele momento, na elite governante no Iraque. A situação de Hussein era especialmente complicada se levarmos em conta que, enquanto o Irã possuía 60 milhões de habitantes, o Iraque mal chegava à terça parte dessa cifra. Se, além disso, levarmos em conta que 70% da população iraquiana é xiita, facilmente poderemos perceber o grau de iso-lamento que o sunita Saddam Hussein teve que suportar durante essa guerra. Uma vez terminada, Saddam Hussein aumenta o seu nível de rancor contra o emir do Kuwait ao observar que a política petroleira saudita e kuwaitiana era produzir no maior ritmo possível, baixando artificialmente o nível de preços mundiais do petróleo cru, que, como já explicamos, era funcional aos interesses das companhias petroleiras anglo-americanas nos anos 1980. Além disso, o Iraque e o Kuwait compartilham um dos maiores campos de petróleo do mundo: os campos de Rumeila. O Kuwait extraía petróleo desse campo em um ritmo frenético, o que motivou Hussein a entender que o emir do Kuwait estava roubando petróleo que correspon-dia ao Iraque.

Assim colocadas as coisas, Hussein, em 1990, informou à embaixadora dos Estados Unidos no Iraque, April Glaspie, que a sua intenção era invadir o Kuwait. A embaixadora Glaspie consultou o Departamento de Estado e o presidente George Herbert Walker Bush, que não emitiu nenhuma opinião ou comentário nem tentou dissuadir Hussein, o que foi interpretado pelo mandatário iraquiano como uma carta branca. Erroneamente, Hussein entendeu, então, que os Estados Unidos não reagiriam. O

pai de Bush tinha preparado uma armadilha que lhe dava a desculpa para

enfraquecer o líder árabe mais difícil de domesticar e para instalar bases militares na Arábia Saudita — o país com as maiores reservas petrolíferas do mundo — e no Kuwait. Tudo isso com a desculpa de que Hussein era um brutal agressor ao invadir o Kuwait e que não respeitava os direitos humanos. Claro, sem levar em conta que o Kuwait era governado autoritariamente, sem Congresso nem representação parlamentar nenhuma e por um emir que, além de manter exóticos costumes sexuais, ainda possuía escravos. As próprias autoridades norte-americanas não sabiam como dissimular o fato quando o emir se trasladou com eles para os Estados Unidos.

A história tomou tal dimensão que o próprio Bush pai teve que interceder para criar a toda velocidade uma paródia de miniparlamento kuwaitiano, a fim de dissimular as características do regime escravista, que supostamente respeitava, sim, os direitos humanos.

A estratégia do pai de Bush, apesar de triunfante no campo de batalha, com o correr dos anos significou a perda da guerra, dado que nunca se produziu o golpe de estado interno que a indústria petroleira desejava.

Acontece que, para os Estados Unidos, não era bom qualquer tipo de golpe contra Saddam Hussein. Noam Chomsky, em *Estados párias*, assinala:

"Em 1991, imediatamente depois do cessar fogo, o Departamento de Estado reiterou formalmente a sua negativa em ter qualquer contato com a oposição democrática iraquiana, e, da mesma forma que antes da Guerra do Golfo (a primeira), o acesso aos principais meios de comunicação norte-americanos lhes foi virtualmente negado.(...) Era 14 de março de 1991, enquanto Saddam estava dizendo a oposição no sul sob o olhar do general Schwarzkopf, que se negou inclusive a permitir que os oficiais militares rebeldes tivessem acesso às armas iraquianas capturadas.(...) Opondo-se a uma rebelião popular, Washington esperava que um golpe militar derrubasse Saddam e, então, Washington teria o melhor dos mundos: uma junta iraquiana com mão de ferro sem Saddam Hussein."

A situação derivou novamente em guerra quando Hussein decidiu ignorar as petroleiras anglo-americanas à medida que o Iraque retornava ao mercado internacional do petróleo.

GEORGE

As relações da família Bush com xeiques, emires e industriais de origem árabe não são novas. Na realidade, um dos nexos de mais longa data da família Bush com famílias árabes foi a cordial e lucrativa relação com a família Bin Laden. Tal vínculo se teria solidificado depois de 1968, ano no qual o patriarca familiar Mohamed Bin Laden morreu nos campos petrolíferos da família Bush no Texas. Como ele morreu? . O seu avião caiu. Os negócios da família Bin Laden, a partir desse momento, foram dirigidos pelo irmão mais velho de Osama, Salem Bin Laden. Salem compartilhava o poder com 12 dos seus irmãos. Quando o atual presidente George W. Bush funda a empresa Arbusto Energy, em 1978, Salem Bin Laden transforma-se em um dos seus principais investidores.

Salem Bin Laden nomeou, como seu representante exclusivo nos Estados Unidos, James Bath, que declarou posteriormente ter sido agente da CIA e ter sido recrutado pelo próprio George Bush pai quando este foi diretor da agência em 1976. Bath, além disso, tinha sido companheiro de Bush júnior na Texas Air National Guard e investiu milhões de dólares nos falidos empreendimentos petrolíferos de Bush. Ele repetiu tantas vezes quantas foram necessárias, e para quem quis ouvir, que esse dinheiro não provinha da família Bin Laden, o que acarretou o efeito precisamente contrário na imprensa texana da época. Bath não somente dirige os interesses do Bin Laden Group nos Estados Unidos, como também os de um xeique saudita, exatamente o cunhado de Osama Bin Laden: Khalid Bin Mahfouz.

Mahfouz transformou-se no herdeiro direto do grupo Bin Laden nos Estados Unidos quando, em 1988, aconteceu um trágico e triste episódio: no Texas, muito perto da propriedade da família Bush, nos arredores de San Antonio, faleceu inesperadamente Salem Bin Laden. Como ocorreu esse trágico episódio? Coincidência. . Seu avião caiu. Aqui é necessário destacar que, nos empreendimentos petrolíferos da família Bush, sobretudo os de George W. Bush, o único que ganhava dinheiro era o próprio Bush. As empresas — primeiro a Arbusto Energy, depois a Bush Exploration, mais tarde a Spectrum 7 e, finalmente, a Harken — costumavam perder dinheiro até ficar à beira da falência, devido, entre outras coisas, ao fato de que no Texas estava acabando o petróleo e os Bush tinham se lembrado tarde de mais, quando já não havia "ouro negro", de imitar um dos clãs que os financiou e os fez poderosos: os Rockefeller. George W. Bush sempre se virou para ganhar e fundir as suas decadentes empresas com outras maiores que as salvassem. Mas, no caminho, os amigos do pai, investidores dos seus arrebatados empreendimentos petrolíferos, só perdiam dinheiro. Talvez se possa entender melhor, então, a fila de quedas de aviões que costuma rodear a vida de George W. Bush.

No caso específico de Salem Bin Laden, o acidente produzido em 29

de maio de 1988, justo no Memorial Day, despertou a atenção de todos do lugar, dado que Salem era um exímio piloto, com mais de 12 mil horas de voo. Portanto, não se entendia como, em um dia claro e sem ventos, em vez de virar à esquerda, ele virou à direita e foi se enredar em fios de alta tensão, o que provocou a sua morte imediata.

Quem começou a dirigir o grupo desde esse trágico momento, Bin Mahfouz, cunhado de Osama, tinha todas as características de um ás das finanças. Tanto é assim que ele foi um importante acionista (20%) do banco que provocou a maior quebra financeira de todos os tempos e em todo o mundo, desfalcando pequenos poupadores pela bagatela de dez bilhões de dólares. De fato, em 1991, precisamente durante a presidência de Bush pai, cai o Bank du Crédit et Commerce International (BCCI), fundado por um paquistanês e com conexões finais em importantes bancos suíços e na CIA, agência que tinha sido dirigida até pouco tempo antes pelo próprio Bush pai. O BCCI era apontado como sendo, por trás da fachada de um banco, um empório de corrupção global que lavava o dinheiro da droga que era produzida no Afeganistão — onde estava Osama. A instituição era acusada ainda de financiar as atividades terroristas dos mujaidins afegãos e de dirigir 08 fundos do Cartel de Medellín e as economias do general Nori-ega no Panamá. Foi difícil para Bush pai se defender nesse assunto. Para isso, ele usou um dos seus colaboradores no Departamento de Justiça: Robert Mueller III, que hoje é o chefe do FBI e o responsável máximo pelas investigações sobre o 11 de setembro de 2001. Se os negócios com drogas e armas e o terrorismo movem cifras gigantescas, é óbvio que eles necessitam de entidades financeiras mediante as quais possam fazer esses enormes recursos ingressarem na economia legal. O crime organizado também precisa de bancos que possam lavar o dinheiro de grandes operações ou de acontecimentos relacionados com o crime. Portanto, sempre deverão existir grandes bancos que possam atuar dentro da lei e, ao mesmo tempo, no mundo criminoso. Uma investigação profunda no BCCI teria envolvido provavelmente não só a George Bush pai. No final das contas, todo ser humano pode descarrilar, como já o demonstrou o caso Nixon. O problema ocasionado pelo caso BCCI era que começava a tornar-se visível a real dimensão existente entre o crime organizado e a CIA. E, nesse sentido, a CIA podia chegar a ser o último bastião por trás do qual se escudava a própria elite banqueiro-petroleira anglo-americana.

Como se fosse pouco, o BCCI também estava envolvido em empréstimos ao terrorista palestino Abu Nidal e a Khun Sa (barão da heroína no denominado "triângulo dourado", formado pela Tailândia, pela Birmânia e pelo Laos). O escândalo do BCCI por lavagem de dinheiro da droga, contrabando de armas,

financiamento ao terrorismo e subornos a políticos norte-americanos prejudicou muito rapidamente o governo de Bush pai e as economias da família Bin Laden. O tema ameaçava mostrar o verdadeiro rosto daqueles que ostentavam e ostentam o poder. Em parte, talvez tenha sido por isso que a elite empresarial norte-americana mencionada no capítulo sobre o petróleo viu com beneplácito a entrada na campanha presidencial do multimilionário texano Ross Perot. Perot tirava mais votos de Bush que de Clinton, de tal maneira que se podia dar a Bush pai uma saída discreta, sem dar muita bandeira, e instalar Bill Clinton no poder.⁶ Uma eventual reeleição de Bush pai em meio a um escândalo financeiro desse tipo teria dificultado sobremaneira o enterro definitivo do tema BCCI. É

possível que até o próprio Bush pai tenha desejado perder essa campanha eleitoral. Algumas declarações e medidas tomadas por ele quando era presidente faziam-no se passar por um mandatário confuso e perdedor, mais em função dos seus supostos erros que dos acertos do adversário Clinton.

Por exemplo, a mais famosa frase de Bush que "enterrou" as suas supostas aspirações à reeleição foi, em plena campanha: "Leiam os meus lábios: nenhum imposto novo". Pouquíssimos meses depois, Bush subiu os impostos e perdeu o voto de uma grande quantidade de eleitores da classe média.

Erro infantil de um personagem tão astuto e sumamente sagaz? Ou pura estratégia para começar a dar "um passinho para o lado"?

Além disso, não havia grandes diferenças entre Bush pai e Clinton.

Na verdade, eles tinham grandes amigos em comum, como, por exemplo, Jackson Stephens, que conseguiu para o BCCI a compra do First American Bank em Washington DC. Stephens era amigo e vizinho do então jovem Bill Clinton e, depois de ter conseguido fundos da indústria petroleira para a campanha presidencial de Jimmy Carter, já fazia o mesmo para Clinton.

Por isso, muitos republicanos e democratas estavam interessados em encobrir o mais rapidamente possível o caso da quebra do banco de origem paquistanesa BCCI.

Essa enorme confusão implicou o fim da frutífera relação financeira entre os clãs Bush e Bin Laden? É claro que não. Na década de 1990, o chamado Carlyle Group — um fundo de investimentos que administra nos 6 Um dos principais "cavalos de batalha" de Perot naquela campanha presidencial era a promessa do magnata texano de resgatar sobreviventes norte-americanos no Vietnã. Bush pai ridicularizava Perot porque não conseguiu resgatar nem sequer um. A resposta de Perot não se fez esperar: "Bom, George, continuo procurando prisioneiros,

mas passo todo tempo descobrindo que o governo tem movimentado drogas em todo o mundo e que está envolvido na venda ilegal de armas... Não consigo encontrar os prisioneiros devido à corrupção de nossa própria gente". Bush não respondeu, mas para Perot foram fechados todos os arquivos oficiais.

Estados Unidos 15 bilhões de dólares, com os quais financia e compra, em sua totalidade ou em parte, empresas relacionadas, sobretudo com a produção e o comércio de armas e sistemas de defesa — dirigiu os fundos do Bin Laden Group. Essa entidade foi conduzida até pouco tempo atrás pelo ex-diretor da CIA, Frank Carlucci. No início dos anos 90, uma empresa que na ocasião era propriedade da Carlyle, a Vinnell Corporation, foi a encarregada de fornecer os soldados mercenários para vigiar os poços de petróleo sauditas, que — como hoje no Afeganistão — não são vigiados diretamente pelo exército norte-americano, mas sim por uma milícia privada.

Entre os diretores e assessores do Carlyle Group, figuram John Major (o primeiro-ministro inglês na era da primeira Guerra do Golfo), James Baker III e nada menos que... George Bush pai, que durante os anos 1990 passou longos e gratos momentos em países árabes, dando conferências em nome do Carlyle Group ao custo de uns cem mil dólares por fala. Sim, o pai de Bush cuidou - e ainda continua cuidando — até o 11 de setembro de 2001

dos interesses do Carlyle Group. E ele o fez pelos interesses financeiros da família Bin Laden. Alguns acreditam que a suposta "expulsão" de Osama do clã, há vários anos, foi na verdade um truque para evitar expor os laços entre a família Bush, a família Bin Laden e a própria CIA, já atingidos pelo assunto BCCI e pela questão do financiamento do terrorismo e do cultivo de drogas. Quanto ao terrorismo, apesar da propaganda dos meios de comunicação, de massa ele foi muito mais financiado pela CIA e pelos Estados Unidos do que pode parecer. O próprio Noam Chomsky, em *11 de setembro*, assinala:

"Como digo em todo lugar, os Estados Unidos são, no final das contas, o único país condenado pelo Tribunal Internacional por terrorismo internacional —

pelo uso ilegal da força com fins políticos, como assinala o Tribunal."

A propósito do terrorismo internacional, muitos dos atentados ficam na mais absoluta obscuridade, apesar de fatores que chamam a atenção.

Por exemplo, os atentados cometidos simultaneamente nas embaixadas norte-americanas de Nairobi (Quênia) e Dar-es-Salaam (Tanzânia) durante a era Clinton custaram a vida a centenas de pessoas, quase todas africanas.

Menos de 10% das vítimas eram norte-americanas. Quanto aos atentados cometidos em Riad (Arábia Saudita) em 12 de maio e em 8 de novembro de 2003 — que servem de desculpa aos Estados Unidos para manter seus exércitos no Iraque e suas bases na Arábia Saudita —, morreram, em maio, apenas nove norte-americanos entre os 35 mortos no total e, em novembro, nenhum norte-americano entre os trinta mortos nas explosões. Também as células tchetchenas que costumam provocar desastres na Rússia foram, segundo Chossudovsky, treinadas no Afeganistão por mujaidins afegãos. Este último seria um curioso caso em que os terroristas tchetches são úteis aos interesses das grandes empresas petrolíferas, dado que ge-ograficamente a Tchetchênia separa o Azerbaijão da Rússia e, assim, a sua eventual independência converteria os poços petrolíferos de Baku (Azerbaijão) em alvos muito mais fáceis para as petrolíferas anglo-americanas.

Em suma, sejam quem forem os verdadeiros organizadores de uma boa parte do terrorismo internacional — aqueles que, na realidade, utilizam fanáticos islâmicos ou nacionalistas vários em atentados, muitas coisas podem ficar claras: o crime organizado e vários clãs de multimilionários estão mais associados do que parece à primeira vista. A CIA e o terrorismo são muito mais amigos do que se pode supor a princípio: Thierry Meyssan, em um apêndice a *11 de setembro de 2001: a terrível farsa*, mostra os fac-símiles da denominada "Operação Northwoods", quando, no início dos anos 1960, militares norte-americanos queriam organizar operações terroristas no seu próprio território, matando cidadãos norte-americanos para apresentar a invasão que era preparada contra Cuba como se fosse um caso de legítima defesa. Os velhos filmes de Francis Ford Coppola com Brando, De Niro e Pacino sobre a máfia soam como filmes açucarados em comparação com o que a realidade parece ser de fato. Em meio a tudo isso, segue restando a grande incógnita dos atentados de 11 de setembro de 2001 e da família Bush, clã que parece mesclar interesses públicos e privados e não ter nenhum código ético no momento de perseguir os seus interesses. Depois da passagem de George Bush pai pelo governo e tendo ele deixado uma enorme quantidade de contatos políticos em todos os níveis, é muito estranho que nenhum juiz nos Estados Unidos tenha questionado, entre outras coisas, a legalidade das assessorias do ex-presidente ao Carlyle Group. Tampouco se questionou suficientemente a legalidade do fato de que, em dez anos, Dick Cheney tenha sido sucessivamente secretário de defesa, presidente da petroleira Halliburton e vice-presidente dos Estados Unidos. Apesar de que o fato não é assim tão estranho, se levarmos em conta que a Suprema Corte de Justiça dos Estados Unidos parece possuir um grau de dependência do setor industrial-petroleiro-financeiro-militar ao menos desde os anos 1980, quando Reagan e Bush nomearam a maioria dos atuais juizes. Um grande número de autores, no

entanto, situa muito mais cedo o início desse grave conflito de interesses. Há, inclusive, quem aponte que é algo inerente ao próprio tipo de capitalismo corporativo que se apoderou dos Estados Unidos, no qual a democracia é só uma ilusão.

Estudar o clã Bush pode lançar muita luz sobre como funciona realmente o mundo, sobre as reais notícias que não sempre, mas de vez em quando, coincidem com as que circulam nos meios de comunicação de massa. Como detalhe, vale mencionar o próprio caso de Osama Bin Laden: as suas declarações depois de 11 de setembro de 2001 geralmente foram obtidas, traduzidas e reproduzidas pelo canal televisivo Al-Jazeera, instalado no Catar. É possível que não se tenha divulgado o suficiente que a Al-Jazeera é uma espécie de CNN "aclimatada" ao paladar árabe. Talvez tampouco se recorde que o Catar foi o primeiro país do Golfo Pérsico que se ofereceu a prestar apoio a George W. Bush na sua campanha contra o Iraque, o que na época motivou uma ameaça de Saddam Hussein de "explodir" o Catar até os seus alicerces. O que se mencionava nos meios de comunicação sobre as expressões de Osama Bin Laden provinha do Catar e da Al-Jazeera. Quanto aos atentados de 11 de setembro de 2001, como vimos, Osama Bin Laden podia ter causas econômicas e políticas para ser o autor dos mesmos. Além disso, analisamos como também tinha razões pessoais para se vingar da família Bush. No entanto, o fato de que Bin Laden tinha muitos motivos para realizar os atentados não implica necessariamente que os tenha cometido. À medida que passa o tempo e que as questões mencionadas no início deste capítulo se vão ampliando, também vão crescendo as dúvidas a respeito da autoria dos atentados. Osama pode ter sido escolhido de antemão como "bode expiatório" justamente devido à grande quantidade de motivos que tinha para executar esses atos, fator que poderia constituir o pretexto ideal para começar uma verdadeira cruzada militar contra vários países árabes.

Talvez tudo isso ajude a explicar por que se lê pouco, muito pouco, nos jornais sobre a história dos Bush, mesmo quando um deles foi presidente dos Estados Unidos há uma década e outro o é agora, mesmo quando um terceiro é governador de um dos estados mais importantes (Flórida) e um potencial presidente em apenas alguns anos. Quem são os Bush? De onde vêm? Como sobem tão facilmente ao poder? Essa é a história que segue.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS:

ABURISH, Saïd: *Saddam Hussein. The politics of revenge*. Bloomsbury Publishing, 2000.

AHMED, Nafeez Mosaddeq: *The war on freedom. How and why America was attacked, September 11, 2001*. Tree of Life Publications, 2002.

BAUDRILLARD, Jean: *The gulfwardid not take place*. Indiana University Press, 1995.

BERGEN, Peter: *Guerra Santa, S.A. La red terrorista de Osama Bin Laden*. Grijal-bo Mondadori, 2001.

BRISARD, Jean-Charles; DASQUIÉ, Guillaume: *Forbidden truth. U.S.-Taliban secret oil diplomacy and the failed hunt for Bin Laden*. Thousand's Mouth Press/Nation Books, 2002.

CHOMSKY, Noam: *9/11*. Seven Stories Press, 2002.

CHOMSKY, Noam: *El terror como politica exterior de Estados Unidos*. Libros del Zorzal, 2001.

CHOMSKY, Noam: *Estados canallas. El império de Ia fuerza en los asuntos mundia-les*. Paidós, 2002.

CHOSSUDOVSKY, Michel: *War and globalization. The truth behind September 11*. Global Outlook, 2002.

COOLEY, John. *Guerras profanas. Afganistán, Estados Unidos y ei terrorismo internacional*. Siglo Veintiuno de España Editores, 2002.

CUDDY, Dennis Laurence: *September 11 prior knowledge. Waiting for the next shoe to drop*. Hearthstone Publishing, 2002.

DUCROT, Victor Ego: *Bush & Ben Laden S.A. La primera guerra global de Ias corporaciones financieras*. Grupo Editorial Norma, 2001.

EMERSON, Steven: *American Jihad. The terrorists living among us*. The Free Press, 2002. FRANCONA, Rick: *Ally to adversary. An eyewitness account of Iraq's fall from grace*. Naval Institute Press, 1999. GOOBAR, Walter: *Osama Bin Laden. El banquem del terror*. Editorial Sudamericana, 2001.

HOROWITZ, Leonard: *Death in the air. Globalism, terrorism & toxic warfare.*

Tetrahedron Publishing Group, 2001. HOROWITZ, Leonard: *Emerging Vi-ruses. AIDS & Ebola. Nature, accident or intentional?.* Tetrahedron Publishing Group, 1996. HOROWITZ, Leonard; PULEO, Joseph: *Healing codes for the biological apocalypse.* Tetrahedron Publishing Group, 1999.

HUNTINGTON, Samuel: *El choque de civilizaciones y la reconfiguración del orden mundial.* Paidós, 1997. ICKE, David: *Alice in Wonderland and the World Trade Center disaster. Why the official story of 9/11 is a monumental lie.*

Bridge of Love Publications, 2002.

JUERGENSMEYER, Mark: *Terrorismo religioso. El auge global de la violencia religiosa.* Siglo Veinteuno de Argentina Editores, 2001. KARSH, Efraim; RAUTSI, Inari: *Saddam Hussein. A political biography.* Grove Press, 1991.

MEYSSAN, Thierry: *11 de septiembre de 2001. La terrible impostura. Ningún avión se estrelló en el Pentágono.* El Ateneo, 2002.

MEYSSAN, Thierry: *Pentagate.* Carnot Publishing, 2002. PARENTI, Michael: *The terrorism trap. September 11 and beyond.* City Lights Books, 2002.

PITT, William Rivers; RITTER, Scott: *War on Iraq. What team Bush doesn't want you to know.* Context Books, 2002. RAI, Milan: *War plan Iraq. Ten reasons against war on Iraq.* Verso, 2002.

RASHID, Ahmed: *Jihad. The rise of militant Islam in Central Asia.* Yale University Press, 2002.

RASHID, Ahmed: *Taliban. Militant Islam, oil and fundamentalism in Central Asia.*

Yale Nota Bene, 2001. RITTER, Scott: *Endgame. Solving the Iraq problem - once and for ail.* Simon & Schuster, 1999.

SOLOMON, Norman; ERLICH, Reese: *Target Iraq: What the news media didn't tell you.* Context Books, 2003. VIDAL, Gore: *Dreaming war. Blood for oil and the Cheney-Bush junta.* Thunder's Mouth Press/Nation Books, 2002.

ZINN, Howard: *Terrorism and war.* Seven Stories Press, 2002.

NA INTERNET:

Sobre os atentados de 11 de setembro de 2001 há muitos megasites excelentes na rede, cheios de informação. Sugerimos especialmente no site www.serendipity.li os seguintes documentos: "Ashcroft following nazi example", 11/08/03. "Bush flubs it again. Details and confirmation of prior knowledge", www.whitehouse.gov/news/releases/2001/12/20011204-17.html;

17/08/03.

"Other WTC building 'collapses'", 11/08/03. "Preamble to the charter of the United Nations", 11/08/03. "The gods of Eden" 11/08/03. "The meaning of Kuta bombing", 11/08/03. "The Oklahorma City bombing", 11/08/03. "The Waco massacre", 11/08/03. "The World Trade Center demolition and the so-called war on terrorism", 11/08/03. "The World Trade Center demolition", 11/08/03.

ADAM, James: "Troubling questions in troubling times. A critical look at the history of attacks on the World Trade Center", 2001.

BOLLYN, Christopher: "Laser beam weapons and the collapse of the World Trade Center", American Free Press, 11/08/03.

BRISARD, Jean-Charles; DASQUIÉ, Guillaume: "Three reviews of Bin Laden: The forbidden truth", 11/08/03. DOWLING, Kevin; KNIGHTLEY, Phillip: "The Ol-son file. A secret that could destroy the CIA".

DUNNE, Fintan: "The split-second error... Exposing the WTC bomb plot..." 11/08/03.

DUNNE, Fintan: "Wag the WTC II. The blockbuster", 11/08/03.

Mc GEHEE, Ralph: "CIA past, present and future", partes 1 y 2, 11/08/03.

Mc MICHAEL, J.: "Muslims suspend laws of physics!", partes I e II, 11/08/03.

MEYSSAN, Thierry: "Who was behind the September 11th attacks?".

MILLER, Doreen: "Hign treason in the U.S. government", 11/08/03.

PAXINOS, George. "Greenbrier and the coming war: History repeating itself?" 11/08/03.

PLISSKEN, Snake; VALENTINE, Carol: "9-11: The flight of the bumble planes".

POST, Nadine; RUBIN, Debra: "Debris mountain starts to shrink", 11/08/03.

UPPERT, Michael: "Suppressed details of criminal insider trading lead directly into the CIA's highest ranks". FTW Publications, 2001.

SCHWARTZ, Alan. "From the preface to Life force — death force", 11/08/03.

SEAL, Cheryl: "Smoking gun. The 9/11 evidence that may hang George W. Bush", 2002.

SPENCER, Leonard: "Flight 11 revisited".

SPENCER, Leonard: "What really happened. The incredible 9-11 evidence we've all been overlooking".

SPENCER, Leonard: "What really happened? A critical analysis of Carol Valentine's 'flight of the bumble planes' hypothesis".

VALENTINE, Carol. "Operation 911: No suicide pilots", 11/08/03.

VIALLS, Joe. "Home run. Electronically Hijacking the World Trade Center attack aircraft", October 2001.

OUTROS SITES DA WEB:

"Central Asia: Drugs and conflict". The International Crisis Group. www.intl-crisis-group.org/projects/showreport.cfm?reportid=495, 11/08/03.

"George H. W. Bush". www.famoustexans.com/georgebush.htm, 30/07/02.

"Investigations conclude Russian defector is lead suspect in Antrax mailings case".

IndyMedia.

www.sf.indymedia.org/news/2002/09/144612_comment.php, 10/08/03.

HUFSCHEMID, Eric: "When nobody knows nothing, every body is an expert". Time for painful questions. Capitulo 2, www.dpgear.com, 11/08/03.

"President Bush's speech on the use of force". The New York Times, 31/10/02.

"The 9-11 bombings are not acts of war. The 9-11 bombings are crimes against humanity". www.ratical.org/ratville/CAH/, 31/07/02.

"The bioevangelist. Who will take his license to kill?" www.jdo.org/hatfill.htm.

15/09/02.

"The Bush-Bin Laden money connection". Bush Watch for Bush Money.

www.bushwatch.net/bushmoney.htm, 27/07/02.

"The National Security Strategy of the United States of America". The White House. Septiembre 2002. "U.S. Patriot Act", 107th Congress, 1st Session, H.R. 3162, in the Senate of the United States of America, 24/10/01.

ALTIMARI, Dave; DOLAN, Jack; LIGHTMAN, David: "The case of Dr. Hatfill: Suspect

or

pawn".

CTNow.

www.ctnow.com/news/specials/hc-

antrax0627.artjun27.story?coll=hc%2Dheadlines%2Dspecials, 15/09/02.

BECKER, Elizabeth: "U.S. Presses for total exemption from war crimes court".

The New York Times, 09/10/02.

BETTO, Frei. "Lazos de familia (II parte)". Agencia ALAI-AMLATINA, 28/11/2001, São Paulo.

BURNHAM, Greg: "Executive Order 13233 & the undermining of the U.S. Constitution", *www.fas.org/sgp/news/2001/ll/eo-pra.html*, 25/09/02.

CHANG, Nancy: "The U.S. Patriot Act. Whafs so patriotic about tram pling on the bill of rights?". Center for Constitutional Rights. www.ccr-ny.org/w_hats_new/usa_patriot_act.aspj 18/09/02.

CHOSSUDOVSKEY, Michel: "Las pistas del Osamagate". *www.rebellion.org/international/chossudovsky151001.htm*, 30/04/03.

CHOSSUDOVSKEY, Michel: "Osama Bin Laden: un guerrero de la CIA". La Jornada, México, 2001. www.jornada.unam.mx/2001/sep01/010923/m_asosama.html, 30/04/03.

CHOSSUDOVSKEY, Michel: "Vínculos entre la inteligencia paquistaní y El 11 de

septiembre. Las culpas del aliado", www.globalresearch.ca/articles

/CHO112B.html, 30/04/03.

DEAN, John: "Hiding past and present presidencies. The problem with Bush's Executive

Order

burying

presidential

records".

TruthOut.

www.truthout.org/docs_01/11.23D.John.Dean.htm, 23/08/02.

DRAHEIM, Richard: "The Draheim report. The Bush nazi connection".

www.lpdallas.org/features/draheim/dr991216.htm, 30/07/02.

GARCÍA: "El ántrax y el FBI". Argentina Indy media. <http://argentina.indymedia.org/news/2002/07/35716.php>, 29/07/02.

GUP, Ted: "Gotcha". The Washington Post, 28/08/02.

IEKE, David: "Coverups uncovered. Bronfman, Bush, Cheney, Seagrams, Zapata, Brown & Root. Ail interconnected in the spider's web". *www.davidicke.net/tellthetruth/coverups/bronfmanbush.html*, 30/07/02.

KRISTOF, Nicholas: "Anthrax? The F.B.I. yawns". The New York Times, 02/07/02.

KRISTOF, Nicholas: "Case of the missing Anthrax". The New York Times, 19/07/02.

KRISTOF, Nicholas: "Profile of a killer". The New York Times, 04/01/02.

KRISTOF, Nicholas: "Recipes for death". The New York Times, 17/09/02.

KRISTOF, Nicholas: "The Anthrax files". The New York Times, 12/07/02 e

13/08/02.

MADSEN, Wayne: "Questionable ties. Tracking Bin Laden's money flow leads back to Midland, Texas". In These Times. Independent News and Views.

www.inthesetimes.com/issue/25/25/feature3.shtml, 08/08/02.

MARTIN, Harry: "FEMA. The secret government".

www.sonic.net/sentinel/zgyvcon6

[.html](#), 11/08/03.

MILLER, Roger: "Bush & Bin Laden. George W. Bush had ties to billionaire Bin Laden brood". The Free American Press, www.americanfreepress.net/10

[07_01/Bush_/bush_bin_laden_-_george_w_b.htm](#), 27/07/02. New York Times Editorial Board: "Why is the U.S. government protecting the anthrax terrorist?", 03/07/02.

PETERSON, Iver: "Anthrax finding prompts questions in Princeton about scientist".

The New York Times, www.nytimes.com/2002/08/14/nyregion/14ANTH.

[html](#), 15/09/02.

ROZEN, Laura: "Who is Steven Hatfill?". The American Prospect, www.prospect

[.org/print-friendly/webfeatures/2002/06/rozen-l-06-27.html](#), 15/09/02.

RUPPERT, Michael: "Osama Bin Laden's Bush family business connections". The Wilderness Publications. www.sumeria.net/politics/binladen.html, 27/07/02.

SANGER, David; GREENHOUSE, Steven: "Bush invokes Taft-Hartley act to open west coast ports". The New York Times, 09/10/02.

SCHORR, Daniel: "Turning the spotlight on the FBI". The Christian Science Monitor,

www.csmonitor.com/2002/0816/pls02-cods.htm, 15/09/02.

SHANE, Scott: "FBI defends anthrax inquiry". SunSpot. www.sunspot.net/balte.

[hatfilll3aug13.story](#), 15/09/02.

SHOR, Fran: "Follow the money . Bush, 9/11 and deep threat". Counter-punch, 21/05/02.

SKOLNICK, Sherman: "The overthrow of the American republic". Skolnick's report 14a parte, www.skolnickreport.com/ootar14.html, 11/08/03.

SMITH, Richard. "Dr. Steven Hatfill backgrounder". www.computerbutesman.com/anthrax/hatfill.html, 1 5/09/02.

THEODORO, Luis. "After Irak, the world". ABS-CBN News. www.abs-cbn.com, 11/08/03.

VAN BERGEN, Jennifer: "Repeal the USA Patriot Act". TruthOut. www.truthout.com/docs_02/04.02A.JVB.Patriot.htm, 2 1/09/02.

VAN BERGEN, Jennifer: "The USA Patriot Act was planned before 9/11". TruthOut.
www.truthout.com/docs_02/05.21Bjvb.usapa.911.html, 20/09/02.

WHEAT, Andrew: "The Bush-Bin Laden connection". The Texas Observer.
www.texasobserver.org/showArticle.asp?ArticleID=480, 27/07/02.

WILES, Rick: "Bush family's dirty little secret: Presidenfs Oil companies funded by Bin Laden family and wealthy saudis who financed Osama Bin Laden".

American

Freedom

News.

www.americanfreedomnews.com/afn_articles/bushsecrets.htm, 27/07/02.

WILES, Rick: "Bush's former oil Company linked to Bin Laden family". American Freedom News.com. www.rense.com/general4/bushsformer.htm.
www.rense.com/general4/bushsformer.htm, 27/07/02.

4. A DINASTIA BUSH, CLINTON E COMPANHIA.

Epígrafe: *"My senior year — at Yale University — I joined Skull & Bones, a secret Society. So secret, I can't say anything more"*.

George W. Bush, em sua autobiografia

A charge to keep, por George Bush e Karen Hughes,

Editora William Morrow, 1999.

George W. Bush nasceu no estado de Connecticut em 1946. Desde os dois anos até a sua adolescência, viveu na pequena cidade de Midland, no oeste do Texas. Nos Estados Unidos, costuma-se escutar muito o termo

"bushismo". Mas "bushismo" não tem o mesmo significado dos "ismos"

ideológicos ou personalistas que costumam abundar na política dos países.

"Bushismo" — conceito muito estendido hoje — não faz referência a nenhum tipo de política, ideologia ou método de ação. "Bushismo" é o termo que alguns críticos ácidos de George W. Bush cunharam para tentar fazer referência às freqüentes expressões do primeiro mandatário, muitas vezes desopilantes, que costumam passar inadvertidas nos meios de comunicação de massa.

Por exemplo, quando em 29 de setembro do ano 2000, em Michigan, expressou: "Sei que os seres humanos e os peixes podem coexistir pacificamente"¹, George W. Bush, em plena campanha presidencial, não estava esboçando uma política ecológica. Quando, em 2 de dezembro de 1999, em pleno debate republicano em New Hampshire, ele foi perguntado sobre seus hábitos de leitura, respondeu simplesmente: "Leio o jornal"².

1 TEXTO ORIGINAL: "I know the human being and fish can coexist peacefully". Saginaw, Mich., Sept. 29, 200. (Fortunate Son, de J. H. Hatfield)

2 TEXTO ORIGINAL: "I read the newspaper", em resposta sobre seus hábitos de leitura.

Debate do Partido Republicano em New Hampshire, 2/12/99. (Fortunate Son, de J. H.

Hatfield.)

Quando, em 5 de maio de 2000, foi consultado acerca do que parecia ser o orçamento, respondeu: "É claramente um orçamento. Está cheio de números nele"³. Ninguém pensou naquele momento se George W. Bush sabe diferenciar

orçamentos de listas telefônicas. Às vezes, o discurso de Bush não costuma guardar muita coerência, como quando, em 3 de fevereiro de 2001, já presidente e diante da imprensa em Washington DC, o mandatário expressou: "É bom ver tantos amigos aqui no jardim rosa. Este é o nosso primeiro evento neste lindo lugar e é apropriado que falemos da política que afetará a vida das pessoas de uma forma positiva em tão linda, linda parte do nosso território nacional — realmente o nosso sistema de parques nacionais, suponho que vocês quererão chamá-lo assim"⁴. Muitos atribuem esse tipo de incoerências de discurso aos problemas que o próprio Bush admite ter tido com o álcool, transtorno do qual teria saído, segundo suas próprias palavras, graças à ajuda do pastor evangélico Billy Graham, que o teria transformado nada menos do que em um *born-again Christian*. Os *born-again* costumam ser conhecidos pelo seu fanatismo religioso e pela mudan-

ça abrupta que dizem ter experimentado em uma espécie de momento místico que fez as suas vidas mudarem para sempre.

Com referência a isso, faz anos George W. Bush disse ter tido momentos de profundo fervor religioso. Por exemplo, quando recordou:

"Durante o transcorrer desse fim de semana, o reverendo Graham plantou uma semente de mostarda em minha alma, uma semente que cresceu e cresceu no ano seguinte. Ensinou-me o caminho e comecei a caminhar.

Foi o começo de uma mudança em minha vida"⁵. Da mesma época, de antes de chegar a ser governador do Texas, datam as suas declarações sobre a pena de morte: "Reverencio a vida: a minha fé ensina que a vida é um pre-3 TEXTO ORIGINAL: "It's clearly a budget. It's got a lot of numbers in it." Reuters, 5/05/2000. (Fortunate Son, de J. H. Hatfield

4 TEXTO ORIGINAL: "It's good to see so many friends here in the rose garden. This is our first event in this beautiful spot, and it's appropriate we talk about policy that will affect people's life in a positive way in such a beautiful, beautiful part of our national — really, our national park system, my guess is you would want to call it." Washington DC, 3/02/01.

(Fortunate Son, de J. H. Hatfield.)

5 Ver a biografia oficial de Bush filho, Fortunate Son, escrita pelo falecido autor J. H.

Hatfield, citada na bibliografia.

sente do nosso criador. Em um mundo perfeito, a vida é outorgada por Deus e só Deus pode tomá-la. Espero que algum dia a nossa sociedade respeite a vida, o espectro inteiro da vida, desde os bebês em gestação até os anciãos"6.

Quem poderia ter suposto, então, que a mesma pessoa que faz essas declarações à imprensa iria transformar-se, alguns anos depois, no governador com o recorde de condenações à morte em todos os tempos nos Estados Unidos? Dos mais de 130 pedidos de clemência, ele não comutou nenhuma pena de morte. Nem sequer concedeu o adiamento das execu-

ções pelo período de trinta dias, como a lei do estado do Texas o autorizava a fazer. O comitê de apelações de condenações à morte no estado do Texas votava invariavelmente 18 a 0 para ratificar as condenações, nas quais sobretudo negros e hispânicos eram assassinados pelo próprio Estado. Essa atitude diante da vida e da morte — geralmente de pessoas de escassos recursos econômicos que não podiam pagar um bom advogado, provavelmente em muitos casos "bodes expiatórios" de crimes cometidos por outras pessoas — alcançou o seu paroxismo quando uma jovem condenada à morte, Karla Faye Tucker, pediu clemência diante das câmeras de televisão, desmanchando-se em choro, ao que Bush respondeu, depois da sua morte, rindo de forma debochada da maneira suplicante com que ela lhe pedia clemência. A propósito disso, cabe alguma dúvida com relação ao que ele quis dizer ao presentear com a obra de Malthus o presidente argentino Kirchner?

Assim como cabem suspeitas sobre o "amor à vida" de George W.

Bush (sobretudo depois do acontecido no Afeganistão e no Iraque após o 11 de setembro), cabem também as suspeitas de praxe sobre a sua suposta

"ressurreição espiritual".

Bush é membro de uma sociedade secreta chamada Skull & Bones ("Caveira e Ossos") desde que era estudante da Universidade de Yale, como vários dos seus familiares mais diretos. A essa sociedade secreta iremos referir-nos com maiores detalhes mais adiante. Mas vale a pena mencionar, com respeito às suas declarações sobre o cristianismo, que, na cerimônia 6 Ver a mesma obra

de iniciação da ordem Skull & Bones, a pessoa em questão é introduzida nua em um caixão de onde sai dizendo: *I am born again*. Essa cerimônia não é mais do que um símbolo por meio do qual o novo integrante da seita jura fidelidade a ela acima de qualquer outro juramento que faça na vida. .

mesmo que se trate de jurar pela própria presidência da República.

O pacto de lealdade é, então, maior entre os integrantes do grupo do que em relação a qualquer pessoa que não pertença a ele e dura para o resto da vida. Talvez George Bush tenha expressado um jogo de palavras bastante sinistro quando declarou ser um *born-again*. Pode até ser, mas não no sentido cristão do termo. As sociedades secretas, de características em geral ocultistas, rivalizam totalmente com o espírito religioso e com a democracia. Longe, muito longe, devem permanecer as imagens um tanto românticas que alguns leitores podem chegar a ter acerca desse tipo de sociedade.

Basta, como exemplo, recordar que foi uma sociedade secreta, a "Mão Negra" da Sérvia, que, assassinando o Arquiduque Francisco Ferdinando em Sarajevo, produziu o início da Primeira Guerra Mundial. Mais ainda, há autores especializados no tema que apontam a existência de uma rede mundial de sociedades secretas.

Muito bem, deixando de lado a imagem de cristão devoto com que George W. Bush nos tenha desejado presentear, a verdade é que a sua associação com Billy Graham, de quem se diz também fazer parte de sociedades secretas, lhe permitiu ganhar o apoio de vários dos mais influentes e ricos pastores protestantes conhecidos nos Estados Unidos como *televange-lists*: Pat Robertson, Jerry Falwell, etc., que possuem uma enorme ascendência sobre o eleitorado norte-americano. O próprio Pat Robertson foi candidato presidencial pelo partido republicano, sendo um competidor importante em várias das eleições protagonizadas por Ronald Reagan e George Bush pai, a ponto de ambos terem que negociar com ele para poder chegar o mais facilmente possível à presidência.

O importante é que o leitor deixe para trás a imagem de que George W. Bush é simplesmente um "doidinho". Não se trata de um fanático religioso capaz de levar o seu extremismo para lutar contra os infiéis muçulmanos, já que há outros poderes por trás da sua conduta. Alguns detalhes expressos no capítulo anterior já nos dão a pauta a respeito.

Se olharmos um pouco mais de perto a vida profissional de George W. Bush, poderemos ter uma idéia melhor sobre o assunto. Já comentamos a associação com a família Bin Laden para a realização da falida Arbusto Energy desde 1977. Por volta de 1981, a Arbusto Energy estava em uma complicadíssima situação financeira. É então que um obscuro personagem chamado Philip Uzielli, dono de uma companhia panamenha chamada Executive Resources, compra 10% da Arbusto Energy por um milhão de dólares. O estranho do caso é que o valor registrado da Arbusto Energy era de US\$ 382.376. Ou seja, Uzielli pagou um milhão pelo que valia só 38 mil. Por que Uzielli faria isso? É bom destacar que

George Bush pai já era vice-presidente dos Estados Unidos, que teria tido no passado contatos com Uzielli e que ele mesmo teria atuado em colaboração com a CIA durante a denominada operação "Irã-Contras", mediante a qual esta agência organizou um complicado mecanismo financeiro pelo qual fornecia armas ao regime fundamentalista de Khomeini, feroz inimigo dos Estados Unidos. Com o fruto dessa venda ilegal de armas aos iranianos eram financiadas e armadas as bases terroristas que lutavam contra o governo sandinista da Nicarágua. Os contras, por sua vez, enviavam o tráfico de cocaína aos Estados Unidos como pagamento pelas armas. A droga ingres-sava, entre outros lugares, pelo aeroporto de Mena, no Arkansas. Não em vão, a CIA batizou o seu quartel general em Langley, Virgínia, com o nome de "George Bush", em homenagem ao pai do atual presidente norte-americano.

Voltando aos negócios de George W. Bush, a partir do trato com Uzielli a sua empresa passou a se denominar Bush Exploration. A estratégia inicial era emitir notas promissórias no mercado e levantar rapidamente cinco milhões de dólares, com o suposto objetivo de extrair petróleo no estado do Texas. Mas os investidores não confiaram muito na operação e Bush e Uzielli só arrecadaram inicialmente 1,3 milhão. Os sucessivos balanços apontam, no entanto, que em toda a vida da Bush Exploration, os investidores aportaram 47 milhões de dólares e só obtiveram em troca, na forma de dividendos distribuídos, 1,5 milhão. O único membro da empresa que ganhou dinheiro foi Bush. Uzielli perdeu uma pequena fortuna. No entanto, em reportagens posteriores falou maravilhas do filho do vice-presidente, que o havia metido em um negócio desastroso. Quando a Bush Exploration chega à beira do abismo, aparecem dois amigos do pai desde a juventude: William De Witt Jr. e Mercer Reynolds III, donos da companhia de serviços petrolíferos Spectrum 7, que se fundiu com a semiquebra-da pequena petroleira de Bush. George W. Bush assinou com ambos um contrato que lhe foi pessoalmente muito vantajoso. Não tanto para a Spectrum 7, que na segunda metade dos anos 1980 estava já em uma situação tão delicada devido à baixa dos preços do petróleo como antes estivera a Bush Exploration. Em 1986, a petroleira Harken absorve a decadente Spectrum 7 e Bush consegue um contrato muito rentável pelo qual é nomeado presidente da diretoria, recebendo quase 20% das ações, além de honorários mensais por serviços indeterminados.

Quando o pai de Bush é nomeado presidente dos Estados Unidos, a Harken, que era uma empresa minúscula, consegue um mega-contrato nada menos que no Bahrein para extrair petróleo nas águas do Golfo Pérsico.

A operação chamou a atenção porque a Harken jamais tinha extraído uma só gota de petróleo no mar. Poucos anos mais tarde, j justo antes da primeira Guerra do Golfo e de que a Harken relatasse perdas de 23 milhões de dólares, George

Bush vende as suas ações por cerca de US\$ 4,00 por ação e, em somente quatro semanas, seus papéis despencam, chegando a valer só US\$ 1,00. A operação levantou suspeitas, tanto de que Bush tinha informações sobre a invasão ao Kuwait que Saddam Hussein realizaria mais adiante, como de que ele se aproveitou do seu cargo na empresa para vender as suas ações antes que os acionistas minoritários soubessem das perdas (*insider trading*). Apesar de ter havido uma investigação a respeito, a mesma esteve a cargo de... dois amigos do pai de George W. Bush, que não emitiram um parecer conclusivo.

Os dias de petróleo de Bush estavam terminados: quatro empresas, quatro fracassos. Apesar disso, ele tinha feito fortuna. Ao contrário, os seus sócios nas quatro empresas tinham perdido quase tudo. Bush tinha-se transformado em uma espécie de buraco negro financeiro, em uma espécie de imã do dinheiro alheio. Dólar que dava voltas por ali era dólar que cap-tava. Acontece que ele tinha o seu grande atrativo para investidores. Era conhecido como uma pessoa com bons modos, elegante, que se vestia bem e possuía certa simpatia, apesar do seu nível nulo de cultura geral. (Ele em certa ocasião respondeu a uma pergunta sobre a Grécia: "Isso deverá ser resolvido pelos grecianos.") Mas o seu maior atrativo, sem nenhuma dúvida, eram os postos, os contatos e as relações que o seu pai tinha tido.

Quando o pai deixa a presidência dos Estados Unidos, em janeiro de 1993, e se transforma em conselheiro do Carlyle Group, consegue para o filho um cargo diretivo em uma pequena empresa de catering aéreo controlada pela Carlyle. E são os mesmos velhos amigos do pai, De Witt e Reynolds III, os que o ajudam a transformá-lo em um importante sócio da equipe de beisebol Texas Rangeis. Em meados dos anos 90, outro amigo do pai, Tom Hicks (sócio majoritário do fundo de investimentos Hicks, Muse, Tate & Furst), investe nada menos do que 250 milhões de dólares na equipe de beisebol (dinheiro dos outros, é claro), o que faz com que Bush ga-nhe de uma só vez 15 milhões de dólares.

Beirando os cinquenta anos, isso é tudo o que George W. Bush tinha feito em matéria profissional. Um milagre do céu converte-o em governador do Texas em 1994, quando, inesperadamente, mas com muito dinheiro na campanha, ganha as eleições. Seis anos mais tarde, ele deixará o Texas ao chegar à presidência do país nas seguintes condições: (a) com Bush, o Texas ocupou a 50a colocação (entre os cinquenta esta dos norte-americanos) em gastos públicos per capita para programas sociais;

(b) uma em cada três crianças pobres não tinha cobertura de saúde; (c) quase 40% das crianças e dos adultos pobres apresentavam condições de saúde regulares ou ruins;

(d) 61% das famílias pobres texanas tinham problemas para conseguir comida;

(e) 17% dos texanos viviam abaixo da linha de pobreza;

(f) uma em cada três crianças texanas era pobre, fato pelo qual o Texas figurava entre os sete piores estados do país nessa matéria; (g) de todos os estados, o Texas figurava em quarto lugar em número de adolescentes menores de 18 anos grávidas;

(h) só 22% dos texanos desempregados recebiam o seguro-desemprego; (i) o Texas tinha uma média superior à da nação (1,4 caso a cada 1.000

crianças) em mortes devidas ao abuso infantil, com 1,8 morte a cada 1.000 crianças por ano;

(j) o estado figurava em 49o lugar em gastos com o meio ambiente; (k) o Texas liderava a nação como o estado com a maior poluição ambiental;

(l) a asma infantil e o enfisema pulmonar dos idosos cresciam a um ritmo alarmante;

(m) quase 230 mil crianças em sete condados urbanos estavam em situação de risco, porque as escolas se achavam a menos de duas milhas de instalações industriais que emitiam perigosos dejetos químicos.

Muitos podem se perguntar, então, como é que Bush pôde ser reeleito governador em 1998. Ele teve como elemento a favor o contexto econômico geral de euforia na bolsa, o desemprego nacional em baixa e o aumento no consumo dos anos de crédito fácil da era Clinton. Mas Clinton era especialmente odiado no estado do Texas e o candidato democrata que se opôs a Bush teve a má idéia de declarar que Clinton era seu amigo.

Ao eleitor norte-americano não deveria ter chamado a atenção que a administração Bush tivesse concentrado todo o seu esforço em transformar os Estados Unidos em um Estado policial (U. S. Patriot Act, Homeland Security Department, Doctrine of Preventive Attack, etc.) e houvesse deixado de lado importantes questões econômicas. A principal medida econômica encarada por Bush foi a redução de impostos sobre dividendos empresariais, a fim de impedir uma queda na bolsa de grandes proporções, coisa que se entevia entre 2001 e 2002. Tratou-se de uma redução de impostos para os ricos. Em 2003, apesar de uma certa recuperação da bolsa por volta do meio do ano, o desemprego retornou a níveis elevados e os

"déficits gêmeos" — fiscal e da balança de pagamentos — situaram-se em níveis muito altos (4% e 5% do PIB dos Estados Unidos, respectivamente), o que expôs claramente a artificialidade de qualquer possível reativação e os limites muito sérios para o crescimento a curto e médio prazo nos Estados Unidos.

Mas há algo mais — de que não se costuma falar — que pode ajudar a explicar não somente a reeleição de Bush para o governo do Texas, mas também o seu atual posto presidencial. Acontece que é comum observar atualmente nos estados sulistas dos Estados Unidos uma mentalidade racista, de grande desprezo pelas minorias étnicas. As classes alta e média texanas, e a sulista em geral, em boa medida estão envolvidas nesse tipo de movimento como se a Guerra Civil não tivesse acontecido. De outro modo, não se pode entender que Bush tenha felicitado por carta a Michael Grisson, membro proeminente da United Daughters of the Confederacy, que em seu livro *Sulista graças a Deus* expressa que a raça branca é superior em inteligência, respeito à lei, performance sexual e acadêmica e resistência a doenças.

A veia racista de Bush fica ainda mais clara se levarmos em conta que o seu congratulado Grisson declarou também que "ninguém pode duvidar da efetividade da Ku Klux Klan original" e que "a KKK fez enormes trabalhos entre os pobres". Bush felicitou-o por carta em 1996. E, uma vez no cargo de presidente, nomeou os racistas enrustidos John Ashcroft e Gale Norton nada menos que como Procurador Nacional de Justiça e Secretário do Interior, respectivamente. Ambos tinham declarado que a Guerra Civil norte-americana não foi mais do que um simples conflito entre estados, esquecendo que ela estourou porque o Sul se negava a abolir a escravidão.

A fluência no idioma espanhol que George Bush possui não deve ser atribuída, então, a um desejo cosmopolita de comunicar-se com popula-

ções que não fazem parte da elite anglo-americana que ele representa, mas sim à necessidade de eventualmente poder fechar bons negócios sem tradutores nem testemunhas indesejáveis. São muitas as testemunhas que re-cordam a estreita amizade, que inclusive derivava em mútuas visitas, entre membros do clã Bush e membros do clã Salinas. O leitor não deve esquecer que, enquanto Bush pai era presidente da república, cultivava "amigos"

em muitos países latino-americanos. Não só Menem, na Argentina. Também Carlos Salinas de Gortari no México, cujo irmão Raúl é acusado de lavagem de dinheiro e narcotráfico em cifras de centenas de milhões de dólares.

A vida fácil que teve George W. Bush, ganhando milhões no mesmo ritmo em

que as suas empresas os perdiam, não pode ser explicada se não se conhece a vida do seu pai: George Herbert Walker Bush. Deixemos descansar, então, George W. Bush, recordando apenas que, quando ele foi consultado acerca do valor da Bíblia, respondeu que era "um manual de política muito bom". Antes de passar ao seu pai, contudo, citaremos mais alguns "bushismos", desta vez não tão engraçados, mas um pouco mais sinistros: "Terei o meu secretário do Tesouro em contato com os centros financeiros, não só aqui, mas também em casa." (Boston, 3 de outubro de 2000.); "O gás natural é hemisférico. Gosto de chamá-lo de hemisférico da natureza, porque é um produto que podemos encontrar em nossas vizinhanças." (Austin, Texas, 20 de dezembro de 2000.) Os Estados Unidos têm pouco gás natural (só 3% das reservas mundiais). Será que Bush considera os países ricos em gás como a sua vizinhança? Se recordarmos que o próprio George W. Bush telefonou para o ex-ministro argentino Terragno, no início de 1989, fazendo *lobby* a favor da falida Enron para que lhe fosse cedido um gasoduto na Argentina (coisa que depois conseguiu com Menem), não há muito mais a acrescentar. .

POPPY

George Herbert Walker Bush, presidente dos Estados Unidos entre janeiro de 1989 e janeiro de 1993, nasceu em junho de 1924, no extremo oposto ao Texas: Massachusetts, lugar de onde provêm as famílias norte-americanas da mais antiquada aristocracia. Apesar de sempre ter tentado relativizar a sua origem, Bush passou a sua infância rodeado de criados, serventes, choferes e empregados. Acontece que o casamento dos seus pais (Prescott Bush e Dorothy Walker) tinha unido duas linhagens que combi-navam poderio financeiro, excelentes relações na elite de negócios norte-americana e até... um suposto sangue real. Alguns biógrafos de Bush traça-ram a sua árvore genealógica até o século XIII e transformaram-no em descendente direto dos reis ingleses daquela época. O certo é que ele é primo muito distante da rainha Elizabeth II da Inglaterra e que, entre os seus antepassados, se encontra um dos mais obscuros presidentes dos Estados Unidos: Franklin Pierce. Esse costume de realizar casamentos entre linhagens ricas e aristocráticas é seguido também por G. H. W. Bush ("Poppy — "papaizinho" —, para a sua mãe, apelido que carregaria por toda sua vida), que se casa, como não podia ser de outra maneira, com uma distante parenta sua: Barbara Pierce.

Bush é batizado no rito episcopal do protestantismo. A religião episcopal é característica da elite aristocrática norte-americana. Quase ninguém nos Estados Unidos é episcopal, só uns poucos ricos — os mais ricos — de sangue azul. O credo episcopal é o desprendimento norte-americano do anglicanismo. O anglicanismo, por sua vez, é um cisma da Igreja Católica Apostólica Romana, formado como tal quando, por volta do século XVI, o Papa se nega a aprovar um dos famosos divórcios do rei Henrique VIII da Inglaterra e, portanto, este último decide romper relações com Roma e nomear a si mesmo "Papa" para os ingleses. Os anglicanos — e, portanto, os episcopais — acreditam que o monarca da Inglaterra — representado pelo bispo de Canterbury — é a máxima autoridade religiosa do mundo.

Que os ingleses creiam nisso, vá lá. Mas que o façam as famílias mais ricas, opulentas e aristocráticas dos Estados Unidos, as que decidem as questões políticas mais importantes do mundo, é um completo contra-senso. Por acaso os Estados Unidos não decidiram tornar-se independentes da Inglaterra no final do século XVIII supostamente por causa de alguns confusos episódios com uns sacos cheios de chá? Por que a elite de negócios norte-americana continua acreditando que o rei da Inglaterra é uma espécie de

"Papa" na terra? Boa pergunta.

"Poppy", que curiosamente em inglês também significa papoula, flor da qual se extrai o ópio com o qual se faz a heroína, recebeu educação no mesmo colégio de Andover que o seu pai, ao qual depois enviaria os seus filhos. Logicamente, ele também passou pela elitista Universidade de Yale e foi membro — como seu pai Prescott também havia sido — da sociedade secreta Skull & Bones ("Caveira e Ossos"). Diferentemente do seu filho George W. (apelidado "Dubya"⁷), nunca reconheceu publicamente pertencer a essa sociedade secreta. Bush pai não era nenhum tonto. Sabia que o tema Skull & Bones poderia transformar-se em um escândalo de consideráveis proporções. Sem ir mais longe, se hoje os Estados Unidos são supostamente dominados pelos partidos Republicano e Democrata, é só porque por volta de 1830 houve tal pressão popular contra as sociedades secretas, que muitas delas tiveram que vir à tona, fator que em última instância determinou o fim da era de "partido único" - tal como era o partido democrático-republicano, depois da queda do partido federalista, monopolista absoluto da política norte-americana antes de 1830, ano por volta do qual tinha sido descoberta uma trama secreta.

A Skull & Bones também deve a sua origem a esses distantes e esquecidos acontecimentos da História que os livros já nem sequer mencionam.

7 Apelidado assim pela forma como se pronuncia a letra W no Texas. O "W" por sua vez, que provém do sobrenome Walker, relaciona-se com a dinastia homônima, sendo um de seus membros William Walker, um terrível pirata do século XIX, que tentou anexar a América Central ao Sul racista dos Estados Unidos e escravizar seus povos e seria parente distante de Bush.

Foi fundada em 1833 na Universidade de Yale para suplantar, de forma oculta, as sociedades secretas (como a Phi Beta Kappa) que por pressão popular tiveram que vir à tona. As sociedades secretas são secretas precisamente porque têm agendas secretas, planos secretos e estruturas internas no "estilo Nash", no sentido de que os seus componentes jamais priorizam os seus interesses individuais sobre os do grupo. Por isso, é compreensível que Bush pai tenha mantido suma cautela em torno desse tema e que a declaração de Bush filho na sua autobiografia mencionada na epígrafe deste capítulo talvez possa ser explicada como o mais assombroso de todos os seus "bushismos". As sociedades secretas são incompatíveis com a democracia. Se os seus fins fossem democráticos, não precisariam ser sociedades secretas. O segredo induz a pensar não só em motivações que vão na contramão das do povo, como também na possibilidade de que os seus membros efetuem crimes para alcançar os seus objetivos, como já citamos.

Os rituais das sociedades secretas costumam incluir grande variedade de

componentes ocultistas (e a Skull & Bones não é, de jeito nenhum, uma exceção) por várias razões. O iniciado vai sendo preparado mentalmente para não ter que temer o mal e para, se for o caso, poder praticá-lo a sangue frio. Ao mesmo tempo, os rituais eliminam a possibilidade de testemunhas curiosas que interfiram nos planos. Essas são algumas das finalidades práticas dos rituais das sociedades secretas como a Skull & Bones. Tudo isso não deveria chamar tanto a atenção se levarmos em conta que nos Estados Unidos existiu uma das mais numerosas, violentas (ainda que não perigosa) sociedades secretas: a Ku Klux Klan. Os Estados Unidos talvez sejam o único país do mundo no qual pode chegar a ser considerado normal que as notícias sobre as sociedades secretas (fazemos referência aqui à Ku Klux Klan) possam ser amplamente divulgadas nos meios de comunicação, com fotografias e tudo.

Mas voltemos a "Poppy" — apelidado assim pela sua mãe por ter o mesmo nome do seu avô paterno: George Herbert Walker. A sua primeira atuação pública conhecida foi na Segunda Guerra Mundial, no papel de aviador, mais especificamente piloto, na guerra contra o Japão. O certo é que a sina trágica que os Bush e os Bin Laden têm com os aviões poderia ter-se originado em um triste episódio do qual Bush pai não foi somente uma inocente testemunha. Ele voava pelos mares do Japão quando o seu Avenger foi avariado pela artilharia nipônica. Bush em pessoa pilotava a aeronave, que naturalmente estava preparada para poder aterrissar na água e permitir uma ordenada descida de todos os seus ocupantes. No entanto, o que aconteceu, narrado por testemunhas de aviões vizinhos, é que Bush não tentou aterrissar, mas sim se jogou de pára-quedas, deixando dentro da nave os demais ocupantes. Bush foi o único sobrevivente do trágico episódio. Anos mais tarde, quando começa a ser uma figura pública relevante, ele dá uma versão bastante adocicada desse episódio, coisa que chamou a atenção de vários ex-camaradas de armas que se comunicaram com ele para pedir que não distorcesse os fatos. Bush pai não os atendeu e, por causa disso, quando se candidatou à presidência do país, vários dos seus ex-companheiros, indignados, passaram a contar a verdade à imprensa.

Bush pai, ao contrário do seu pai Prescott, que dirigia várias das empresas do seu sogro Walker, não gostava do mundo das finanças e sentia-se atraído, por outro lado, pela forma como o clã dos Rockefeller havia "mol-dado" a sua fortuna: o petróleo. Se ao leitor ou a qualquer pessoa comum, ainda que tivesse juntado um importante capital, lhe ocorresse investir na área de petróleo, muito rapidamente seria dissuadido e aconselhado a meter o seu nariz em outras coisas. Com o clã Bush (tanto "Poppy", o pai, quanto "Duby", o filho) não acontecia isso. O clã Walker vinha realizando negócios com o petróleo dos soviéticos desde os anos 20 e o velho George Herbert Walker, avô de "Poppy", podia fazer isso graças às suas relações com o clã Rockefeller e o clã Harriman, como veremos mais

adiante. Por esse motivo, entre a elite nunca foi mal visto — muito pelo contrário

que os Bush metessem o nariz em uma área que não era diretamente a sua e constituía uma chave estratégica. Além disso, os Bush não tinham como ser mais do que uns pequenos empresários nessa área. Na sua malograda corrida petrolífera, Bush filho tinha obtido não só a ajuda de familiares, mas também a de bancos suíços supostamente muito relacionados nada menos que com o clã Rothschild, que, como mencionamos, é a família que financiou a elite norte-americana para que monopolizasse as áreas econômicas consideradas chave. Dessa forma, a União de Bancos Suíços (UBS) tinha financiado a compra da Spectrum 7 pela Harken e, para "vigiar de perto" o negócio, tinha ficado com 10% dela. No caso de Bush pai, a ajuda veio diretamente da família da mãe e foi dessa maneira que ele decidiu, nos anos 1950, instalar-se no Texas para explorar e extrair petróleo, depois de uma passagem muito breve como empregado assalariado em uma empresa de serviços petrolíferos. Era comum, depois da Segunda Guerra Mundial, que as famílias patriarcas anglo-americanas, denominadas do "*establishment liberal*", enviassem filhos e netos a regiões dos Estados Unidos que os cérebros desses clãs consideravam que seriam regiões muito prósperas em pouco tempo. Portanto, essa viagem de Bush para se instalar no Texas não deve ser vista como uma aventura individual, mas sim como uma peça, uma engrenagem a mais, de uma estratégia familiar.

Com o dinheiro familiar, Bush associa-se com os irmãos Liedtke, com quem funda a Zapata Oil, em homenagem ao filme Viva Zapata, protagonizado por Marlon Brando. Atenção a isto: eles escolheram esse nome levando em consideração que ninguém sabia muito bem se Emiliano Zapata tinha sido um herói da república ou um bandido. Bush pai não tarda a ficar milionário com esse empreendimento petrolífero. Mas, em fins dos anos 50, estavam sendo descobertas no Texas as últimas grandes jazidas, antes do definitivo declive do estado na produção de petróleo cru. Portanto, ainda que milionário, Bush não aumenta geometricamente a sua fortuna. A cada vez mais difícil exploração de petróleo no Texas — que devia, mas não o fez, dissuadir Bush filho de se meter nesse negócio — provocou alguns atritos entre Bush e os seus sócios, que, no entanto, foram resolvidos de forma amistosa. Dessa vez, não caiu, que se saiba, nenhum avião. Os Liedtke ficaram com a Zapata Oil e Bush ficou com a Zapata Offshore, empresa cujo objetivo era extrair petróleo da costa texana, do Caribe e das suas ilhas.

Estamos falando de começos dos anos 1960, quando se dá a malfa-dada invasão da CIA a Cuba, batizada de Baía dos Porcos. Vale lembrar que, não por acaso, o nome-chave interno da operação da CIA, da qual Bush seria diretor uns 15 anos

mais tarde, era "Operação Viva Zapata". Os barcos com os quais se realizou a invasão chamavam-se Zapata, Barbara (nome da esposa de Bush pai) e Houston, naquela época a cidade onde residia a família Bush.

Um poderoso detalhe é que nessa falida operação, talvez destinada de antemão ao fracasso pela própria CIA segundo alguns especulam, a fim de poder culpar o presidente John F. Kennedy, teve uma vital participação o diretor da CIA que seria expulso desse cargo por Kennedy poucos meses antes de morrer: Allen Dulles. Dulles, como veremos mais adiante, era, havia muitos anos, um grande amigo de Prescott Bush, que não tomava café na cama todos os dias com a sua esposa Dorothy, mas em um bar com Dulles.

Bush pai jamais admitiu ter sido membro da CIA antes de ocupar a sua direção, durante a presidência de Gerald Ford. No entanto, a rotineira desclassificação de informação confidencial que levam a cargo os organismos norte-americanos (agora suspensa por Bush filho) fez com que um curioso papel, assinado nada menos que por J. Edgar Hoover, diretor por quase quarenta anos do FBI, viesse à tona. No memorando consta a data 29 de novembro de 1963, somente uma semana depois do assassinato de Kennedy. Nele, Hoover aponta que informação oral sobre o assassinato de Kennedy foi dada ao senhor George Bush, membro da CIA. Bush defendeu-se dizendo que se tratava de um homônimo, o qual verdadeiramente existia. Consultado o homônimo, este manifestou não ter idéia do que se tratava.

Seguindo com a referência ao assunto Kennedy, Bush pai teria estado em contato com grupos cubanos anticastristas antes do assassinato de Kennedy. Deve-se lembrar a esse respeito que, dentro da vasta gama de teorias conspiratórias acerca desse crime, algumas das mais confiáveis apontam a presença de cubanos anticastristas na conspiração. Tinham contato com Bush pai? Como será lembrado, a tese oficial acerca do assassinato de Kennedy apontava a existência de um único e solitário atirador: Lee Harvey Oswald. Pois bem, o encarregado de vigiar Oswald antes do assassinato de Kennedy era um tal de George De Mohrenschildt, que era agente da CIA e tinha sido conde russo. De Mohrenschildt morreu em circunstâncias muito obscuras quando estava para revelar mais informações sobre Oswald, a sua estada prévia no México e a morte de Kennedy. Entre outras anotações, na sua agenda pessoal de telefones foi encontrada a seguinte inscrição: "Bush, George H. W. (Poppy) 1412 W. Ohio also Zapata Petroleum Midland" e o número telefônico "4-6355". Poucas dúvidas podem restar de que Bush era, pelo menos, um sólido contato da CIA, além de empresário petrolífero, no momento da morte de Kennedy.

Há outra incógnita, um "nexo" entre a morte de Kennedy e o escândalo

Watergate que estava arrasando a administração Nixon. Entre algumas das gravações, escuta-se Nixon muito nervoso, fazendo várias vezes referência aos "texanos", aos "cubanos" e ao "assunto da Baía dos Porcos", ao mencionar a morte de Kennedy. É um fator que abriu enormes especula-

ções (embora não nos meios de comunicação de massa) acerca da quantidade de ex-presidentes posteriores ao crime que participaram dele ou ajudaram a encobri-lo.

Mas, se recordarmos que o quartel general da CIA se chama "George Bush" já há vários anos e com o próprio Bush pai vivo, deve-se levar em conta que muito dificilmente uma organização como essa outorgaria uma homenagem a um diretor que durou somente um ano em seu posto e que antes não tinha prestado serviços à agência, tal como Bush declara, sem que houvesse outros importantes fatores que não sabemos.

Na Comissão Warren, encarregada de investigar oficialmente o assassinato de Kennedy, tomou ativa participação o velho amigo de Prescott Bush: Allen Dulles, chefe da CIA expulso por Kennedy. Dulles tinha-se despedido de Kennedy com uma só palavra, chamando-o de "traidor". E

agora resulta que Dulles, o amigo de Prescott de contato diário, investigava quem tinha assassinado Kennedy.

Voltando a "Poppy", muitos anos mais tarde, quando ele já goza de maior poder, mandará destruir toda a informação contábil da sua empresa Zapata Offshore referente ao período entre os anos 1960 e 1966. Mas, naquela época, isso ainda não o preocupava. Decide, então, iniciar a sua carreira política em 1964 para chegar ao Senado. Para isso, assume posturas radicais de ultradireita, que não são do gosto do povo, e é derrotado. Por volta de 1966, decide acomodar o seu discurso, que se torna moderado, mostrando-se distante da ultradireita de 1964. Volta a tentar ganhar uma vaga no Senado, mas perde outra vez. Depois disso, tenta ocupar uma vaga de deputado. Chama a atenção que, apesar da obscuridade política de Bush, Richard Nixon o convocasse durante o seu primeiro mandato para ser nada menos que embaixador nas Nações Unidas, sob a supervisão direta de Henry Kissinger. Alguém poderia se perguntar por que Nixon escolhe um político muito pouco popular, com idéias políticas enormemente volúveis e muito "adaptáveis", para um posto de tal importância, diante de um panorama mundial que se mostrava especialmente conflitante depois dos acontecimentos vividos no Oriente Médio na década de 1960. A resposta é simples: pertencer à Skull & Bones tem os seus privilégios.

Enquanto é embaixador nas Nações Unidas, Bush pai estabelece um grande número de laços e relações com embaixadores e mandatários de todos os países do mundo, gerando assim, para si mesmo, uma rede de importantíssimos contatos. Especialmente interessantes são os que culti-vou com a República Popular da China. Foi enquanto Bush era embaixador nas Nações Unidas que os Estados Unidos "soltaram a mão" de seu aliado incondicional, Taiwan, e aceitaram as condições de Mao Tse Tung, no sentido de que a China Popular ingressaria no Conselho de Segurança das Nações Unidas somente se fosse a única República da China presente nesse organismo. No segundo governo de Nixon, já revelado (revelado?) o escândalo Watergate, Nixon encomenda a Bush um posto-chave: chefe do Comitê do Partido Republicano. Isso ocorre nada menos que no momento em que a colaboração do partido para esclarecer o escândalo de espionagem no qual Nixon se tinha metido era fundamental. Bush desenvolve, então, durante esses anos uma obscura e secreta tarefa. Algumas testemunhas-chave do caso Watergate nunca puderam declarar tudo o que sabiam: morriam antes por causa de estranhos ataques cardíacos.

Depois de tentar em vão ocupar a vice-presidência, devido à escanda-losa renúncia do vice-presidente de Nixon por laços com a máfia, Bush assume o posto de embaixador em Pequim. Naquele momento, a sua popularidade entre seus pares políticos no Congresso era tão baixa, por causa de sua participação no caso Watergate, que era preciso mandá-lo para o mais longe possível, sem solicitar a aprovação do Congresso. A única embaixada que não requeria acordos parlamentares era a de Pequim. Ali, ele cria excelentes laços com os principais funcionários do regime comunista de Mao. Trabalha para Kissinger e prepara a visita de Nixon a Pequim. A boa "camaradagem" com os comunistas não se devia só a uma mera questão diplomática ou a um assunto estratégico. A elite anglo-americana, apesar de predicar a livre iniciativa e o individualismo, sempre foi partidária de um tipo raro de socialismo. Já explicaremos isso mais adiante.

Quando Gerald Ford substitui Nixon, chama Bush e oferece-lhe o cargo de diretor da CIA. Bush realiza, então, uma grande reorganização da instituição, nomeando um significativo número de amigos para esse órgão.

Durante o curto ano em que dirigiu a CIA, uma série de estranhos episódios ocorreu. Entre eles, a intempestiva renúncia do primeiro-ministro britânico, a quem a CIA acusava de ser um espião dos soviéticos. Esse fato teria sido do gosto do poderoso clã Rothschild, que vinha fazendo todo o possível para que o trabalhista Harald Wilson deixasse o seu cargo na Inglaterra. O terreno ia sendo preparado para a ascensão de Margaret Thatcher. E aprovado, além disso, o decreto 11.905, que autorizou a CIA a conduzir operações de contra-inteligência dentro dos Estados Unidos.

Como consequência disso, é realizado um dos poucos atentados terroristas, naquela época, dentro dos Estados Unidos, quando explodem em Washington DC o automóvel do ex-chanceler chileno do regime de Allende: Orlando Letelier.

Naquele ano, 1975, havia nos Estados Unidos um clima geral de grande desconfiança para com as agências de inteligência, dirigido principalmente à CIA e ao FBI. Ford, percebendo esse clima, decidiu criar uma comissão parlamentar para examinar as agências de inteligência. Mas, na realidade, resta a dúvida de que tenha desejado investigar autenticamente.

A Comissão Warren já tinha enterrado a investigação sobre o assassinato de Kennedy fazendo crer à população que tinha sido obra de um "maluco solto". Agora Ford punha nas mãos de ninguém menos que Nelson Rockefeller a investigação da CIA e do FBI. Tanto é assim que a dita comissão foi batizada de "Comissão Rockefeller". Quando Ford perde as eleições para Carter, Bush entra em um curto período de obscuridade do qual muito pouco se sabe. Para o público, continuava sendo um desconhecido. Mas tinha acumulado cargos absolutamente "chaves". Tinha feito, em postos diretivos, um grande número de amigos em uma enorme quantidade de países do mundo, tinha posto a sua gente na CIA, era um homem de absoluta confiança dos clãs empresariais mais poderosos dos Estados Unidos.

É assim que lança a sua campanha para a presidente do país. No entanto, perde as internas partidárias das eleições de 1980 para Ronald Reagan, que, muito a contragosto, o seleciona como o candidato a vice-presidente por vários motivos: primeiro, pela enorme rede de contatos que Bush possuía; segundo, porque acabou sendo do gosto de Reagan uma declaração de Bush no sentido de que os Estados Unidos estavam em condições de ganhar uma guerra nuclear; e, terceiro, devido às pressões da elite, sobretudo depois que o futuro diretor da CIA (e ex-agente da agência), William Casey, se transformou no seu chefe de campanha.

Mal iniciado o governo de Reagan, Bush conseguiu para si algumas das atribuições mais importantes em matéria de segurança e de relações exteriores, como integrar o estratégico Conselho de Segurança Nacional e colocar vários de seus amigos ou correligionários muito afins — como James Baker III, Caspar Weinberger, John Poindexter e William Casey — em áreas-chave do governo. Reagan já estava perto de ser octogenário, não tinha muita "tropa própria" para ocupar os mais altos cargos da administração, tinha que dormir todos os dias a sesta para poder desenvolver tarefas à tarde e até tinham que orientar quase todas as suas aparições em público. Um presidente com essas características — por mais direitista fanático no discurso que parecesse — podia ser presa fácil de

um vice-presidente ambicioso como Bush. Mas, mesmo assim, parece que isso não era o suficiente.

Em 1981, os Estados Unidos sofreram o segundo atentado à vida de um presidente em apenas 17 anos. Um jovem desconhecido, John Hinckley Jr., quase o mata com um tiro. O episódio foi aproveitado em pouco tempo por Bush para desalojar o seu arquiinimigo da administração Reagan, o general Alexander Haig, e lotar o governo com gente própria. O curioso é que possa ter feito isso apesar de pouco tempo mais tarde se ter sabido que John Hinckley Jr. era amigo de um dos filhos de Bush: Neil Bush. Não só se conheciam, como tinham participado de festas de aniversário juntos, e também se apontava que Hinckley Jr. possivelmente havia sido

"recrutado" pela CIA, a qual lhe teria feito uma lavagem cerebral.⁸

Reagan não morreu, mas ficou sim muito debilitado. Durante os seus dois mandatos, Bush exerceu muito mais influência do que qualquer outro vice-presidente norte-americano no século XX. A denominada operação

"Irã-Contras", por meio da qual a CIA fornecia armas ao inimigo Irã para que este sustentasse a guerra contra o Iraque, tinha sido diagramada por Bush e pela sua gente a partir dos fluentes contatos que haviam tido desde a denominada operação "October Surprise"⁹. O tema era realmente escandaloso, não só porque se armava até os dentes o inimigo, mas também porque em pouco tempo se decidiu destinar fundos da venda de armas para a criação de bases terroristas na Nicarágua cuja finalidade era lutar contra o governo sandinista que tinha derrubado Anastacio Somoza. Em pouco tempo, a operação se completaria com o envio de cocaína aos Estados **8** Recordar que o assassino de Robert Kennedy em 1968, Sirhan Sirhan, teria disparado em Kennedy sob hipnose e que a CIA já há muito tempo vinha desenvolvendo em segredo o projeto MK-Ultra, de controle mental.

9 Um dos piores escândalos durante a presidência de Jimmy Carter foi a tomada de reféns na embaixada norte-americana em Teerã. Carter não soube como manejar a situação, e o pessoal da embaixada não era libertado, ainda que passasse o tempo e se temesse por suas vidas. Khomeini não estava brincando quando ameaçava executar algumas tantas dezenas de norte-americanos. Quando se aproximavam as eleições, Carter estava a ponto de conseguir a libertação de todos os reféns. Obviamente, Khomeini preferia um mal conhecido (Carter) ao direito de Ragan e Bush. Teria sido nessas circunstâncias que, quarenta dias antes das eleições, Bush e alguns poucos amigos se reuniram em segredo em Paris com emissários de Khomeini para pedir-lhe que atrasasse a

entrega dos reféns até depois das eleições. Em troca do "favor", Bush prometeu armas e dinheiro vivo ao inimigo. Os reféns só foram libertados no mesmo dia em que Reagan e Bush fizeram seus juramentos como presidente e vice eleitos. As crônicas apontam que as inesperadas mortes do primeiro ministro português Sá Carneiro e de seu ministro da Defesa, fruto da queda de um avião pouco tempo mais tarde, foram devido ao fato de que este último estava demasiadamente a par destas negociações, e temia-se que falasse sobre o tema na ONU. Portugal era um país apontado para fazer a triangulação das armas na operação. Sá Carneiro teria cometido o erro de embarcar de último momento no avião em que estava planejado que voasse — e morresse — o seu ministro da Defesa.

Unidos. Muitas vezes, o terrorismo localiza-se em países com bandeiras supostamente políticas que não são mais do que uma "cortina de fumaça"

para esconder a proteção encoberta que os terroristas dão aos narcotraficantes.

O crescimento exponencial na lavagem de dinheiro proveniente da droga também data dessa época, durante a qual, além disso, se gerou um processo de concentração econômica através de diversos mecanismos financeiros que conseguiram, como produto, que a economia norte-americana se oligopolizasse muito mais. Data também desse período o lan-

çamento, pelo próprio Bush, da campanha de mídia "guerra total contra as drogas". A partir desse momento, o narcotráfico se transformaria na indústria mais florescente no mundo. Em 1988, Bush converte-se em presidente dos Estados Unidos. Durante o seu mandato ocorrem fatos políticos excepcionais: cai o Muro de Berlim, a União Soviética desintegra-se, a ONU

entra em guerra contra o Iraque e produzem-se os lembrados acontecimentos na Praça da Paz Celestial, em Pequim. Quando, em 1993, Bush deixa a presidência, o mundo era outro. Em apenas quatro anos, o planeta tinha-se transformado em um ritmo desconhecido, enquanto os Estados Unidos estavam sendo governados pela primeira vez por um ex-diretor da CIA.

Muitos eram os escândalos que ameaçavam estourar nos estertores do governo Bush: o caso BCCI, a operação "Irã-Contras", etc., etc. Além disso, a inoportuna quebra fraudulenta de um enorme número de pequenos bancos (entre eles, principalmente o Silverado Savings and Loans, dirigido por Neil Bush) ameaçava jogar mais lenha na fogueira¹⁰. Para a elite norte-americana, era então uma benção dos céus que um bilionário, feroz inimigo de Bush, Ross Perot, se apresentasse como candidato a presidente tirando votos de Bush pai e produzindo

a ascensão de Bill Clinton em 1993.

Durante os anos de Clinton, Bush pai não esteve inativo. Não só aju-10 Com extrema habilidade, Bush pai manobrou de tal maneira que a imprensa transformou o escândalo dos pequenos bancos quebrados, chamados Savings and Loans, em um escândalo parlamentar e estadual ao qual os meios de comunicação batizaram de "Keating 5" e que envolvia alguns de seus inimigos pessoais, como o senador californiano Alan Cranston. Muitos políticos de primeira linha ficaram manchados. A imprensa, por outro lado, falou muito pouco sobre a participação de Neil Bush na quebra do Silverado Savings and Loans.

dou a administrar o Carlyle Group, como, além disso, realizou uma campanha ininterrupta a favor da seita Moon, grupo que pretende a instaura-

ção de uma única religião mundial e que foi acusado repetidas vezes de lavagem de dinheiro do narcotráfico, possuindo estreitos laços com a elite anglo-americana e concentrando uma grande quantidade de meios de comunicação em seu poder. Entre eles, nada menos do que a United Press International (UPI).

PRESCOTT ("GAMPY"), O SÓCIO DE HITLER

O pai de "Poppy" chamava-se Prescott Sheldon Bush. Como depois o foram seus descendentes, ele era membro da Skull & Bones, sociedade por meio da qual tinha entrado em contato com membros das famílias Harriman e Rockefeller, que também eram estudantes de Yale. Contraíu matrimônio com Dorothy Walker, a filha do rico empresário George Herbert Walker, e desse casamento não só nasceram vários filhos, como também grandes negócios em comum entre o clã Bush e o clã Walker, negócios que, claro, sempre estiveram sob a proteção dos clãs Harriman e Rockefeller.

No dia 20 de outubro de 1942, dez meses depois de os Estados Unidos terem declarado guerra ao Japão e a Hitler, o presidente Roosevelt ordena o confisco das ações da Union Banking Corporation (UBC), sob as acusações de que a UBC financiava diretamente Hitler e de que vários nazistas proeminentes eram acionistas dessa corporação. Prescott Bush era acionista e diretor da UBC. O tema é especialmente relevante, dado que, ao assumir em 1933, Hitler tinha declarado moratória da dívida externa alemã, contraída, em boa medida, a partir do Tratado de Versailles. Portanto, o crédito internacional para a Alemanha nazista estava cortado. A família Harriman e o seu sócio Prescott Bush levaram a cabo os acordos em Wall Street para que, através de Franz Thyssen e Friedrich Flich — grande amigo de Himmler e financiador direto dos "camisas negras", ou

seja, a SS e as tropas de assalto, a SA —, Hitler pudesse ter acesso a um certo nível de crédito internacional, sem o qual não teria podido obter as divisas necessárias para pagar as importações que necessitava para levar a cabo a sua corrida armamentista cuja finalidade era entrar em guerra.

No dia 28 de outubro de 1942, Roosevelt ordena o confisco das ações de duas companhias norte-americanas que ajudavam a armar Hitler: a Holland-American Trading Corporation e a Seamless Equipment Corporation.

Ambas as companhias eram organizadas e dirigidas pelo banco conduzido por Bush e de propriedade dos Harriman. Em 8 de novembro de 1942, enquanto milhares de norte-americanos morriam em renhidos combates na África, perto de Argel, o presidente Roosevelt ordena o confisco das ações da Silesian-American Corporation, dirigida havia muitos anos por Prescott Bush e o seu sogro, George Walker. Os quatro confiscos foram realizados com base na "Trading with the Enemy Act" (Lei sobre os que Comercializam com o Inimigo).

A estreita colaboração com o regime de Hitler que realizavam o avô e o bisavô — através de duas diferentes linhagens — do atual presidente George W. Bush (Dubyá) data de muito antes da própria ascensão de Hitler ao poder. Os Harriman, Prescott Bush e George Walker não só tinham estabelecido laços com Hitler, como também com Mussolini. Hitler, através da associação com a German Steel, recebia o fornecimento, entre muitos outros materiais, de especificamente 50,8% do aço para gerar o material bélico do Terceiro Reich, de 45,5% do encanamento que a Alemanha nazista precisava e de 35% dos explosivos com os quais Hitler massacraria os seus inimigos. Qualquer alemão que tivesse uma carteirinha proeminente do Partido Nacional Socialista de Hitler (NSDAP) podia desfrutar de uma viagem gratuita em outra companhia dos Bush e dos Walker: a Hamburg-Amerika Line, empresa que possuía o monopólio comercial entre os Estados Unidos e a Alemanha de Hitler e que tinha feito um enorme favor ao Führer em 1932, quando a decadente República de Weimar preparava uma última e falida tentativa para impedir a ascensão de Hitler ao poder. O governo de Weimar ia ordenar a debandada dos exércitos privados de Hitler.

A Hamburg-Amerika Line comprou e distribuiu propaganda contra o governo de Weimar por tentar um ataque de última hora contra Hitler. Mas o grande apoio aos nazistas não é a única coisa que pode parecer curiosa. É

necessário levar em conta que, para Hitler e Stalin, teria sido muito mais difícil guerrear entre si, se a associação Harriman-Bush-Walker não tivesse, por um

lado, armado Hitler até os dentes e, por outro, fornecido combustível às tropas russas. A família Walker, desde os anos 1920, extraía petróleo de Baku (Azerbaijão) e vendia-o ao Exército Vermelho.

Pode ser que toda essa informação chame atenção do leitor. Não deveria. Antes e durante a Segunda Guerra Mundial, a Standard Oil, dirigida pela família Rockefeller, tinha uma joint-venture com a poderosa empresa química alemã I. G. Farben. Muitas das fábricas conjuntas da Standard Oil e da I. G. Farben se situavam nas imediações dos campos de concentração de Hitler, como Auschwitz, dos quais se sortiam de mão-de-obra escrava com a qual se fabricava uma variada gama de produtos químicos, entre os quais o gás letal Cyclon-B, profusamente usado nos campos de concentra-

ção para massacrar os próprios operários escravos que o fabricavam. O

fato de que, ao terminar a Segunda Guerra Mundial, uma enorme quantidade de cidades alemãs encontrava-se em ruínas não impediu as tropas norte-americanas de ter o maior cuidado possível quando se tratava de bombardear zonas próximas às fábricas químicas de propriedade conjunta da I. G. Farben e da Standard Oil. A Alemanha encontrava-se em ruínas em 1945, mas essas fábricas estavam intactas.

O leitor agora pode entender um pouco mais por que não se costuma lembrar o passado, por que a "história oficial" está tão distante da verdade. Agora sabemos algo mais, também, sobre o porquê dos Bush serem como são. Nada sobre tudo isso é dito na restrita biografia que aparece no site oficial do Congresso norte-americano, onde Prescott ("Gampy") Bush ocupou seu posto de senador por volta do fim dos anos 60 pelo estado de Connecticut. Tampouco na recente biografia "oficial", lançada quase que simultaneamente com a invasão do Iraque, intitulada *Duty, honor, country*.

The life and legacy of Prescott Bush, escrita por Mickey Herskowitz, na qual os fatos são "limpos" e perfumados. Por outro lado, podem ser observadas fotografias de ternas crianças vendendo laranja a três centavos o copo, com um cartaz que proclama: "Help Send 'Gampy' to Washington" para colaborar em sua campanha.

Toda essa informação sobre o avô e o bisavô do atual presidente norte-americano chama naturalmente a atenção. Mas o ambiente antes da Segunda Guerra Mundial dentro dos Estados Unidos, especialmente dentro da elite anglo-americana, era bastante diferente do que hoje a imprensa nos faz pensar. Basta citar alguns exemplos:

(a) Quando George Bush pai foi eleito vice-presidente em 1980, nomeou um misterioso homem, William Farish III, procurador de todos os seus bens. A associação entre os Bush e os Farish data de antes da Segunda Guerra Mundial, quando William Farish I dirigia nos Estados Unidos o cartel formado entre a Standard Oil of New Jersey (hoje Exxon) e a I.

G. Farben de Hitler. Foi essa empresa mista a que abriu o campo de concentração de Auschwitz, em 14 de junho de 1940, com a finalidade de produzir borracha sintética e nafta de carvão. Quando essa informa-

ção naquela época começou a vaziar para a imprensa, o Congresso norte-americano realizou uma investigação. Se a mesma tivesse ido até as últimas conseqüências, provavelmente teria produzido um prejuízo sem volta para o clã Rockefeller. No entanto, a investigação foi freada com a queda do chefe executivo da Standard Oil, William Farish I.

(b) A Shell Oil, cujo principal dono é a coroa real britânica, também ajudou na ascensão de Hitler ao poder, mediante acordos do seu poderoso diretor, Deterding, efetuados com o governador do Banco da Inglaterra, Montagu Norman.

(c) Entre 21 e 23 de agosto de 1932, foi realizado no American Mu-seum of Natural History de Nova York o Terceiro Congresso Mundial de Eugenia ("eugenia" é um termo que substitui a expressão

"higiene racial", para que soe menos forte). O evento foi realizado apesar da forte oposição dos afro-americanos. Os procedimentos, para que o congresso fosse realizado foram financiados por membros da família Harriman, que desde 1910 vinham doando fundos para gerar um movimento científico racial, a ponto de construir o Departamento de Informação Eugenística como sucursal de um laboratório com base em Londres. George Herbert ("Bert") Walker, bisavô de George W. Bush, costumava acompanhar os Harriman a corridas de cavalos, durante as quais, junto com membros dos Bush e dos Farish, costumava ser discutida a forma pela qual deviam ser mis-turados geneticamente tanto os cavalos quanto os humanos.

(d) W. Averell Harriman tratou pessoalmente com a Hamburg-Amerika Line, dirigida pelos Walker e pelos Bush, do transporte de ideólogos nazistas da Alemanha a Nova York para esse congresso. Entre os

"cientistas", foi despachado o principal ideólogo racista que tinha Hitler, o psiquiatra Ernst Rüdín, que em Berlim vinha desenvolvendo pesquisas raciais financiadas pelo clã Rockefeller. A fim de dar uma adequada idéia do "pedigree"

de Rüdin, vale lembrar que, em um encontro de cientistas em Munique em 1928, ele tinha intitulado a sua conferência como "Aberrações mentais e higiene racial".

Rüdin já havia encabeçado a delegação alemã no Congresso de Higiene Mental realizado em Washington DC em 1930.

(e) Esse movimento racista, presente tanto na Alemanha quanto na elite anglo-americana, baseava a sua ação em três pontos: a esterilização de pacientes mentais (mediante a formação de sociedades de higiene mental), a execução dos dementes, criminosos e doentes terminais (sociedades eutanásicas) e a purificação racial mediante a prevenção de nascimentos de pais de raças inferiores (sociedades de controle da natalidade). Como se vê, Hitler não estava sozinho em sua campanha racista. Estava acompanhado por alguns dos clãs mais ricos do mundo.

(f) Heinrich Himmler, chefe máximo da SS nazista, recebia fundos em uma conta especial da Standard Oil dirigida pelo banqueiro britânico-americano Kurt von Schroeder. Esse financiamento teria continuado inclusive até meados de 1944, quando a SS estava encarregada de supervisionar os massacres em massa em Auschwitz (onde estava a fábrica da Standard Oil-I. G. Farben) e em outros campos da morte. Depois da guerra, os interrogadores aliados receberam informa-

ções de que essas contribuições provinham de fundos corporativos da Standard Oil. Esse escândalo provocou na época a queda de Farish I, ainda que nada tenha acontecido a John D. Rockefeller II. A amizade e a colaboração entre os clãs continuariam através das gera-

ções, como demonstraria a confiança de Bush pai em William Farish III.

(g) Depois da Segunda Guerra Mundial, o movimento eugenístico recomeçou nos Estados Unidos em 1946, na Carolina do Norte. Ali a família Gray, principal dona da R. J. Reynolds Tobacco, através de contatos com a coroa britânica, funda uma escola de medicina em Winston-Salem. Nela, o Dr. Clarence Gamble, herdeiro da Procter

& Gamble, levaria a cabo um experimento entre 1946 e 1947. O experimento consistiu-se em fazer um teste de inteligência em todas as crianças registradas no distrito escolar de Winston-Salem. Aquelas crianças cujos testes não atingiram o mínimo esperado foram esterilizadas cirurgicamente.

(h) Em 1950 e 1951, John Foster Dulles (irmão do citado Allen Dulles), na época

chefe da Fundação Rockefeller, levou John D. Rockefeller III a uma série de turnês mundiais cujo foco era a necessidade de frear a expansão de populações não brancas. Em novembro de 1952, Dulles e Rockefeller fundam o Population Council, com dezenas de milhões de dólares da família Rockefeller. É nesse momento que a American Eugenics Society deixa silenciosamente, devido à má publicidade que tinha tido o "assunto Hitler", a sua sede na Universidade de Yale para se mudar para o Population Council. Ao mesmo tempo, a Federação Internacional de Paternidade Planejada é fundada em Londres, nos escritórios da British Eugenics Society.

Talvez agora se possa explicar melhor por que, vinte anos antes de ser presidente dos Estados Unidos, George Bush pai pôs dois professores racistas à frente da Republican Task Force on Earth, Resources and Population. Por coincidência (coincidência?), Bush pai era o chefe dessa comissão na Câmara dos Deputados. Foi Bush pai em pessoa que, em 5

de agosto de 1969, ofereceu à Câmara dos Deputados dos Estados Unidos um debate sobre a ameaça que representava a maior taxa de natalidade entre os negros.

Muito menos ainda deve chamar a nossa atenção, então, quando nos contam a velha história — real — sobre Prescott Bush, que, em seu último ano em Yale como membro proeminente da Skull & Bones, encabeçou uma incursão noturna a um cemitério apache com o objetivo de profanar o cadáver do cacique Gerônimo e roubar a sua caveira como troféu para a ordem, o que conseguiu. Muitos anos mais tarde, quando os poucos apaches que hoje sobrevivem nos Estados Unidos fizeram a reclamação para que lhes fosse devolvida a cabeça de Gerônimo, Prescott Bush voltou a enganá-los: deu-lhes a caveira de uma criança. Não se sabe como a obteve.

Se a elite anglo-americana, profundamente racista, conseguiu que dois membros do clã Bush (não menos racista) chegassem à presidência da única superpotência mundial com um intervalo de apenas oito anos, é óbvio que o controle que exercem sobre o aparelho político norte-americano é enorme. Para Bush filho, não custou quase nada arrecadar sessenta milhões de dólares para a sua campanha. Ele fez isso em poucas semanas. A elite que controla o petróleo, o sistema bancário, as armas e os laboratórios farmacêuticos também influi de maneira determinante nos partidos Republicano e Democrata. Enquanto os Rockefeller exerceram — e exercem — uma influência decisiva no Partido Republicano, os Harriman têm exercido uma influência esmagadora no Partido Democrata durante quase todo o século XX, a ponto de que ninguém chegava à presidência dos Estados Unidos por esse partido sem ter uma foto com um

Harriman, sobretudo com W. Averell Harriman, o todo-poderoso diplomata que ajudou a desenhar o mundo da Guerra Fria depois da queda de Hitler. Obviamente, os Rockefeller, os Harriman, os Mellon, os Morgan, os Du Pont e os europeus Rothschild são muito amigos entre si. Às vezes, os Rockefeller e os Harriman decidem intercambiar os partidos políticos nos quais influem, dando uma sensação de pluripartidarismo familiar. Talvez por isso, John D. Rockefeller IV seja senador do estado de Maryland pelo Partido Democrata e controle o orçamento para a pesquisa dos laboratórios medicinais.

Se as coisas são assim, então, como Bill Clinton pôde chegar à presidência norte-americana, fazendo com que a campanha do Iraque demorasse oito anos?

CLINTON, O SÓCIO DO SILÊNCIO

A operação Irã-Contras foi provavelmente uma das maiores opera-

ções ilegais encobertas que já se levaram a cabo. Ela exigiu a movimenta-

ção de enormes quantidades de armas para tornar possível a Guerra Irã-Iraque e o terrorismo na Nicarágua. Mobilizou imensas quantidades de dinheiro do pagamento pelo petróleo iraniano para poder bancar essas armas e numerosos agentes da CIA. Corrompeu estruturas internas em Israel e Honduras, países que serviram de intermediários para introduzir armamentos no Irã e na Nicarágua, respectivamente. Dotou a CIA de um orçamento informal muito importante. Enriqueceu muitos agentes da mesma. Mobilizou enormes quantias em operações ilegais de lavagem de dinheiro. Favoreceu e impulsionou o contrabando de cocaína para os Estados Unidos através de bases na Nicarágua. E, finalmente, sujou secretamente Bill Clinton.

Clinton era governador do Arkansas no exato momento em que a CIA decide "dar um aperto" na operação Irã-Contras. Esta vinha sendo efetuada com uma margem de ilegalidades menor, até que o Congresso norte-americano decidiu proibir o envio de armas aos contras nicaragüenses. A CIA não só teria violado sistematicamente essa proibição, como também teria decidido tirar proveito econômico do envio de armas aos guerrilheiros: pediu a eles como pagamento pelas armas a possibilidade de que lhe fosse enviada cocaína via Nicarágua, dado que o DEA estava su-pervisionando a costa caribenha.

Para que a operação pudesse ser levada a cabo, era necessário encontrar um aeroporto seguro dentro dos Estados Unidos, no qual pudessem ser embarcadas armas de forma ilegal e ser recebida a cocaína. Ficavam descartados todos os grandes aeroportos perto de cidades importantes. Era necessário encontrar um aeroporto afastado, na jurisdição de "um amigo".

Arkansas era o estado ideal — pelas suas características desérticas e por não estar muito distante da Nicarágua (como estavam os mais desérticos estados do oeste) — para realizar essas operações ilegais sob vários pontos de vista. Teria sido selecionado, então, o aeroporto de Mena e nada menos que durante o governo de Bill Clinton. Dali que foram crescendo os rumores que apontam que ele não foi outra coisa além de um secreto colaborador da CIA, a tal ponto que, ao ocupar o seu posto, teria permitido, entre outras coisas, o não esclarecimento completo do triste atentado produzido em Oklahoma em 1995, quando quase duzentas pessoas morreram. A elite e a CIA teriam considerado que Clinton estava virtualmente "nas suas mãos" desde muito antes de ser presidente da república. Teríamos que voltar às origens da carreira política de Clinton para entender isso de forma mais cabal. Não temos espaço suficiente aqui, mas diremos, por exemplo, que Clinton obteve uma bolsa Rhodes para estudar em Oxford graças ao apadrinhamento político do senador William Fullbright.

Para que se entenda melhor isso, é necessário mencionar que Cecil Rhodes — fundador das bolsas Rhodes — doou a sua fortuna ao morrer para gerar mecanismos a fim de que o império britânico governasse o mundo inteiro através de um regime caracterizado por nações debilitadas.

O mesmo Rhodes tinha colaborado na instalação de regimes racistas na África do Sul e na Rodésia (hoje Zimbábue), que levava o seu nome. O

senador Fullbright, padrinho político de Clinton junto com Pamela Churchill Harriman, é o autor da seguinte frase: "A tese de um governo a cargo da elite é irrefutável... Um governo levado a cabo pelo povo é possível, mas altamente improvável", proferida no Simpósio do Comitê de Relações Exteriores do Senado de 1963.

Agora estamos em melhores condições de entender os reais antecedentes de Bill Clinton. De qualquer modo, ele não era uma pessoa da mesma confiança da elite que Bush. Entenda-se: os Bush vinham colaborando com a elite havia várias gerações e muitas décadas. Em troca, conseguiram contratos em minúsculas companhias petrolíferas e participação como conselheiros em grupos financeiros. Em contrapartida, está claro, tinham que pôr a sua assinatura e emprestar o seu nome quando, por exemplo, era preciso financiar, enviar armas, comercializar ou vender matérias-primas a Hitler. Os "pecadilhos" sexuais e o envolvimento dos Clinton com o caso Whitewater teriam agido, então, como meras fachadas para

"ajustar os parafusos" do governo Clinton e fazer entender a Bill que, se fosse necessário, poderia haver outro presidente a deixar antecipadamente o poder,

como já o havia feito Nixon.

BILLY THE KID

São muitos os atos atrozes cometidos durante a administração Clinton que passaram despercebidos ou foram "limpos" pelos meios de imprensa. Narraremos aqui um dos fatos mais significativos, cuja causa real aparece se investigarmos só um pouco. Em 1994, comete-se no mundo um dos piores genocídios da História. Entre meio milhão e oitocentos mil ruandeses são assassinados por seus próprios compatriotas. Os meios de imprensa mais importantes apresentaram o fato como uma mera luta tribal que adquiriu proporções gigantescas por uma espécie de "barbarismo"

próprio de povos muito subdesenvolvidos. Na realidade, a história parece ter sido bastante diferente. Em *Censored 2001* (obra que recolhe anualmente todas as declarações jornalísticas censuradas nos principais meios de comunicação norteamericanos), uma nota de David Corn menciona textualmente que "Bill Clinton e a sua administração permitiram o genocídio de quinhentos mil a oitocentos mil ruandeses em 1994. Em um claro esforço para não assumir a responsabilidade e a vergonha, a administração de Clinton recusou-se a desempenhar um papel para impedir o genocídio em Ruanda". A nota também menciona que as tropas de paz da ONU, conduzidas pelo general canadense Romeo Dallaire, tinham feito um desesperado pedido às Nações Unidas para que enviassem um reforço de apenas três mil capacetes azuis, prevenindo, assim, uma matança em grande escala praticamente "cantada". Surpreendentemente, Clinton e a sua embaixadora nas Nações Unidas, Madeleine Albright, não só bloquearam a possibilidade de se enviar tropas, como Albright é citada como alguém que "punha obstáculos a cada passo". O genocídio, a ponta de faca, teve lugar diante dos próprios olhos dos dois mil soldados que Dallaire conduzia em Ruanda, que nada puderam fazer.¹¹

Qual foi a utilidade de tal matança em grande escala? Yaa-Lengi Ngemi narra com clareza, na sua obra *Genocide in the Congo (Zaire)*. Ngemi conta que, uma vez ocorrida a matança, tanto Ruanda quanto os seus vizinhos Uganda e Burundi começaram a ser conduzidos por uma mesma tribo: a hutu. Os três países, governados por dirigentes amigos e racialmente afins, produziram um golpe de estado no Zaire, ocupando com as suas tropas mancomunadas parte do seu território. Por que tanto interesse pelo Zaire, a ponto de permitir passivamente um prévio genocídio em Ruanda?

Ngemi esclarece rapidamente: não se trata de outra coisa a não ser das riquezas minerais desse país, entre elas, dois minerais considerados estratégicos para a indústria de armamentos dos Estados Unidos: o manganês e o cobalto. O primeiro serve para que o aço não se quebre com facilidade e o segundo é vital em ligas que hoje são empregadas nos sofisticados armamentos desenvolvidos pelas

empresas relacionadas com o Pentágono. Esses minerais, considerados estratégicos juntamente com o cromo e a platina, deixaram de ser extraídos em solo norte-americano na década de 1970, devido ao esgotamento dos garimpos norte-americanos. Dali em diante, os Estados Unidos têm que importar esses quatro minerais estratégicos muito 11 Poucos anos mais tarde, informações da imprensa dão conta de que à noite era freqüente ver em uma praça canadense um solitário alcoolizado. Seu nome: Romeo Dallaire. Não pôde suportar não poder fazer nada diante do massacre incentivado pelo "mundo civiliza-do"

raros e difíceis de se conseguir. E onde se encontram as maiores jazidas do mundo? Estão ultraconcentradas na África do Sul, em Zâmbia, no Zimbábue e... no Zaire. Podemos ter uma idéia, então, não só do motivo pelo qual se impediu o envio de alguns poucos três mil "capacetes azuis" para evitar a matança em Ruanda, mas também o porquê de a região que compreende esses países ser sempre "quente", com freqüentes guerras e grupos armados terroristas em nações vizinhas como Angola (que além disso possui petróleo) e Moçambique.

Estamos, então, em condições de compreender que o verdadeiro poder na única superpotência mundial não está na Casa Branca. Ao menos ultimamente, a Casa Branca só parece ser ocupada por "presidentes marionetes". Alguns mais obedientes que outros, alguns mais próximos que outros, alguns mais sócios que outros (quando há sociedade, sempre é em pequena escala). Alguns mais amigos que outros. Mas o poder está em outro lugar, em outra parte. Onde?

BIBLIOGRAFIA

LIVROS:

ABRAHAM, Rick: *The dirty truth. The Oil & chemical dependency of George W. Bush. How he sold out Texans & the environment to big business polluters.*

Mainstream Publishers, 2000.

BOWEN, Russell: *The immaculate deception. The Bush crime family exposed.*

America West Publishers, 1991.

BREWTON, Pete: *The Mafia, CIA & George Bush.* S.P.I Books, 1992.

BUSH, George W.: *A charge to keep.* William Morrow and Company, 1999.

EVANS-PRITCHARD, Ambrose: *The secret life of Bill Clinton. The unreported stories.* Regnery Publishing, 1997.

FRIEDENBERG, Daniel: *Sold to the highest bidder.* Prometheus Books, 2002.

HATFIELD, J. H.: *Fortunate son. George W. Bush and the making of an American president.* Soft Skull Press, 2001.

HERSKOWITZ, Mickey. *Duty, honor, country. The life and legacy of Prescott Bush.*

Rutledge Hill Press, 2003.

HIGHAN, Charles: *Trading with the enemy. An exposé of the Nazi-American money plot 1933-1949.* Delacorte Press, 1983.

LAX, Marc: *Selected Strategic Minerals: The Impending Crisis.* University Press of America, 1992.

Mc GRATH, Jim. *Heartbeat. George Bush in his own words.* Scribner, 2001.

MILLER, Mark Crispim *The Bush Dyslexicon. Observations on a national disorder.*

W.W. Norton & Company, 2001.

MINUTAGLIO, Bill: *Firstson. George W. Bush and the Bush family dynasty.*

Times Books-Random House, 1999.

NGEMI, Yaa-Lengi: *Genocide in the Congo (Zaire)*. Writers Club Press, 2000.

PAONE, Rocco: *Strategic Nonfuel Minerals and Western Security*. University Press of America, 1992.

PHILLIPS, Peter: *Censored 2001*. Seven Stories Press, 2001.

RAPPOPORT, Jdn: *Oklahoma City bombing. The suppressed truth*. The Book Tree, 1995.

REED, Terry; CUMMINGS, John: *Compromised: Clinton, Bush and the CIA. How the presidency was co-opted by the CIA*. S.P.I. Books, 1994.

STICH, Rodney: *Drugging America. A trojan Horse*. Diablo Western Press, 1999.

STICH, Rodney: *Defrauding America*. Diablo Western Press, 1999.

NA INTERNET:

<http://minerais.er.usgs.gov>

<http://www.globalsecurity.org>

HUCK, Jim. The truth. www.angelfire.com/ca3/jphuck/rightframe.html.

TARPLEY, Webster; CHAITKIN, Anthon: *George Bush. The unauthorized biography. 1992*. (Disponível gratuitamente na web, em www.tarpley.net.)

5. O GOVERNO DO MUNDO: O CFR

Dêem-me a possibilidade de emitir a moeda de um país e não me importará quem faça as suas leis.

Nathan Rothschild.

Não quero ser dono de nada, e controlar tudo.

A competência é um pecado.

John D. Rockefeller I

Já escutamos muitas vezes que o Banco Central norte-americano, ou seja, o Federal Reserve Bank (FED), é a entidade mais poderosa do mundo.

Nesse sentido, costuma-se dizer que seu chefe, Alan Greenspan, é mais poderoso que o próprio presidente dos Estados Unidos. Razão não falta a quem pense dessa maneira. O FED controla as taxas de juros de curto prazo do dólar não só nos Estados Unidos, mas em todo o mundo, influi de-terminantemente sobre as taxas de juros de longo prazo mediante interven-

ções no mercado financeiro, aumenta ou diminui a quantidade de dinheiro que circula nos mercados, acelera ou retrai o ritmo de crescimento e de geração de postos de trabalho nos Estados Unidos e, em menor medida, no mundo. Essa instituição influi de maneira muito importante nas paridades cambiais e, portanto, nas correntes comerciais e nos fluxos de capitais de todo o globo.

Se Greenspan ou o FED decidissem ser sumamente rigorosos na hora de emitir moeda, provavelmente provocariam uma recessão interna nos Estados Unidos — e também no mundo — que poderia muito bem, por exemplo, baixar as taxas de inflação se essas estiverem altas, arrastando, contudo, para a impopularidade quem ocupasse a Casa Branca nesse momento e impedindo provavelmente sua reeleição. Mais ou menos essa é a história do que aconteceu com George Bush pai. Os Estados Unidos estavam entrando em recessão e Alan Greenspan, que tinha sido ratificado em seu cargo por Bush pai, demorou demais para reduzir as taxas de juros nos Estados Unidos. Como consequência, em 1991 e 1992 Bush foi perdendo a enorme popularidade que tinha obtido com a primeira Guerra do Golfo. E

perdeu a reeleição. Ainda é lembrada a frase, uma espécie de trocadilho de Bush a respeito: "*I've appointed him, and he disappointed me.*" (Eu o nomeei e ele me desapontou.)

Apesar de o FED estar em condições de gerar recessão, retomadas e euforias financeiras diante das quais os políticos da vez na Casa Branca ou no Congresso pouco podem fazer para evitar o impacto nos votos que Greenspan ou o seu eventual sucessor possam indiretamente realizar, seria incorreto pensar que a real base do poder seja o FED. Em todo caso, o FED e Greenspan também são instrumentos de um poder superior. Para classificá-lo, vamos falar um pouco, só um pouco, de História.

O FED foi criado por lei do Congresso em 22 de dezembro de 1913.

Os banqueiros privados, naquele momento, vinham criticando de forma pública a lei que criava um Banco Central nos Estados Unidos. No entanto, de forma reservada, os principais banqueiros norte-americanos esfregavam as mãos diante dessa lei que tinham conseguido aprovar, na calada da noite, graças ao senador

Aldrich, casado com uma filha do magnata John D. Rockefeller I. Um número grande de legisladores se encontrava ausente nas proximidades do Natal e a votação parlamentar foi manipulada.

Tratou-se de um movimento magistral para a elite que se originou em conversações reservadas entre os principais banqueiros em 1910. Para poder criar o FED, a elite financeira e petroleira norte-americana teve que manipular as eleições de 1912. O presidente Taft buscava a reeleição. Mas o seu partido, o Republicano, tinha-se pronunciado publicamente contra a criação do FED. Com as coisas colocadas desse modo, a elite decidiu fragmentar o Partido Republicano em dois. De um lado, apresentava-se Taft.

Do outro, Theodore Roosevelt, ex-presidente da república. A divisão abriu as portas para que o manipulável Woodrow Wilson ascendesse ao poder com muito menos que 50% dos votos. A elite, com sua presença e a do senador Aldrich, teria certeza da aprovação da criação de um Banco Central privado: o FED.

Não resta dúvida de que o melhor negócio do mundo é emitir moeda.

Há séculos os principais banqueiros sabem muito bem que, se o povo aceita como meio de pagamento um papel emitido por um banqueiro privado com a promessa de restituí-lo em ouro ou prata, então tal banqueiro terá o poder de decidir quem deve receber crédito e quanto, de decidir que taxas de juros devem ser cobradas e a quem não se deve emprestar dinheiro. E

tudo mediante a criação de meios de pagamento. Se os banqueiros privados observavam que o povo não requeria que lhe restituíssem em metal as notas colocadas em circulação, mas sim que a população as acumulava e efetuava as suas transações em papel moeda, então podiam gerar do nada muito mais notas e colocá-las em circulação. Dessa maneira, o total de papel moeda superava com sobras as reservas em metal que os banqueiros privados guardavam em seus cofres. Em outras palavras, os banqueiros privados tinham o poder de criar dinheiro do nada se o povo aceitava as suas cédulas.

E foi assim que aconteceu.

A origem do próprio sistema bancário deve ser buscada em operações desse tipo. Os bancos da Inglaterra, França e Alemanha não começaram —

como usualmente se pensa — como bancos estatais nem como empresas das respectivas coroas, mas sim como bancos privados, controlados em boa medida pela dinastia banqueira européia que se tinha instalado de forma familiar na Inglaterra, França, Alemanha, Áustria e Itália: o clã Rothschild, junto às suas

associadas Kuhn, Loeb, Lehman, Warburg, etc. Que o negócio bancário era monopolizado por uns poucos clãs familiares se pode ver simplesmente através de uma velha história: enquanto Max Warburg dirigia o Banco Central alemão durante o governo do kaiser Guilherme II e era seu banqueiro pessoal antes da Primeira Guerra Mundial, seu irmão, Paul Warburg, esse fato explicaria por que depois da Primeira Guerra Mundial o kaiser Guilherme II não foi julgado pela sua responsabilidade na guerra e, ao contrário, tolerou-se seu silencioso exílio na Holanda. A sua participação no julgamento teria exposto sobremaneira muitos dos principais banqueiros do mundo como financiadores e co-responsáveis pela Primeira Guerra Mundial.

burg, era diretor do FED. O tema quase provocou um escândalo nos Estados Unidos e provocou a rápida substituição de Paul Warburg. Outra história: enquanto a família Rothschild era uma das principais acionistas, tanto de forma direta como indireta, do próprio Banco da Inglaterra, o ramo francês desse clã colocava vários integrantes para dirigir nada menos que o Banco da França, o qual só foi estatizado depois da Segunda Guerra Mundial.

O primeiro banco central criado foi o Banco da Inglaterra. Já antes das guerras napoleônicas, os Rothschild possuíam um enorme poder financeiro em toda a Europa. Desejavam aumentá-lo e assim estabelecer as políticas financeiras nos principais países europeus. O mesmo puderam fazer durante o transcurso do século XIX com os bancos centrais da França e da Alemanha. Frequentemente financiaram guerras entre os países, com a estratégia de emprestar dinheiro a ambos os lados. Dessa maneira, quando as guerras terminavam, as nações e as casas reais ficavam debilitadas, endividadas e, portanto, cada vez mais dependentes dos banqueiros.

Foram os Rothschild que decidiram ingressar nos Estados Unidos financiando clãs familiares que observavam durante muito tempo antes de outorgar-lhes fundos para os seus empreendimentos e que se tornavam "amigos incondicionais": os Rockefeller, os Morgan, os Carnegie, os Harriman, etc.

Portanto, não deve chamar a atenção do leitor que o FED não seja um Banco Central comum e corrente. Não é como o Banco Central de qualquer país latino-americano ou o Banco Central europeu. Não é um banco central de propriedade do Estado. É pura e simplesmente, um banco privado. E trata-se de um banco privado de propriedade de alguns poucos bancos privados. Por exemplo, dos 19,7 milhões de ações do FED, mais ou menos 12,2 milhões de ações (62%) eram propriedade de apenas três bancos por volta do final de 1994. Que bancos? O Chase Manhattan, o Citibank e o Morgan Guaranty Trust. Três grandes sobrenomes controlaram e controlam, há muitas décadas, esses três bancos:

Rockefeller, Rothschild, Davison (Morgan). Essa porcentagem teria continuado crescendo graças às fusões que se registraram na última década. Tampouco deve chamar a aten-

ção, então, o fato de que o atual chefe do FED, Alan Greenspan, tenha sido diretor corporativo do JP Morgan, do Morgan Guaranty Trust e da petroleira Mobil (Standard Oil of New York), antes de ocupar o atual cargo estratégico que possui no FED.

Vale mencionar, como importante detalhe, que Greenspan, em um ensaio publicado em 1946 em uma obra da romancista e ideóloga Ayn Rand, *Capitalism, the unknown ideal*, já defendia, com surpreendentes argumentos, o monopólio petroleiro do qual se havia aproveitado a família Rockefeller no século XIX. No entanto, no panegírico biográfico intitulado simplesmente Mestre, que o suposto "jornalista-estrela" do *Washington Post* e ex-agente da inteligência naval Bob Woodward escreveu em 2000, nada é mencionado sobre essas contribuições de Greenspan à indústria petroleira e aos bancos associados a ela. Tampouco se faz menção à sua passagem pela Rand Corporation: um *think-tank* militar-industrial-financeiro cuja finalidade é o desenvolvimento de tecnologias armamentistas para estender o domínio dos Estados Unidos no mundo e no qual é muito difícil ingressar por seu caráter militar e estratégico.

Greenspan também é um empregado. Ainda que mais técnico e talvez em uma posição superior na escala hierárquica que o próprio presidente dos Estados Unidos, ele não deixa de ser um empregado, um empregado de um banco privado que, por sua vez, é propriedade majoritária de três bancos privados. A moeda dos Estados Unidos, o dólar, não é a moeda emitida por um país, mas a moeda emitida pelo sistema da reserva federal (FED) e sua saúde depende, na realidade, da saúde desses bancos privados. É por isso que em qualquer nota de dólar se lê a expressão "Federal Reserve Note", e não "United States Treasury Note". Para não nos estendermos mais, apenas mencionaremos que os dois presidentes dos Estados Unidos que tentaram substituir as Federal Reserve Notes pelas United States Treasury Notes morreram assassinados antes de concluir seus mandatos.

Onde está o poder, então? É fácil e correto deduzir que uns poucos clãs familiares dominam a estrutura dos bens considerados estratégicos para o domínio global: energia, sistema bancário, armas e laboratórios. Mas é ridículo pensar que, a esta altura do século XXI, uma dezena de pessoas possa se sentar a uma mesa para decidir o que fazer com o mundo sem mais nem menos. A realidade é mais sutil, mais "perfeita", embora não menos espantosa.

O PODER NO MUNDO: O ENIGMÁTICO CFR

Voltemos a estudar um pouco de História. Por volta de 1921, uma vez terminada a Primeira Guerra Mundial e derrotado o regime czarista na Rússia, a elite petroleira e financeira anglo-americana já tinha nas suas mãos —

ou estava para ter — o controle dos combustíveis fósseis em praticamente todo o mundo. Já não era o czar Nicolau II — que havia representado um duro obstáculo para esse objetivo — quem governava a Rússia, mas sim os bolcheviques, que, pouco tempo depois, assinariam os primeiros contratos com as petroleiras anglo-americanas. Ao controlar a energia do mundo e influir nos seus preços, como explicamos no Capítulo 2, pode-se controlar também o ritmo em que estes podem crescer, a faixa de salários que receberão os trabalhadores, a quantidade de pessoas que poderão ou não obter trabalho, etc., etc.

Conhecedores do real poder que implica controlar ao mesmo tempo a energia e o sistema bancário (incluindo os bancos centrais mais poderosos do mundo), esses poucos clãs familiares decidiram estabelecer duas entidades gêmeas, ao estilo *think-tanks*, em Nova York e Londres. Nasceram, assim, o Council on Foreign Relations (CFR) e o Royal Institute for International Affairs (RIIA). Em termos práticos, ambas as entidades operam como uma só. O CFR é composto por cerca de três mil membros (mais de 2.400 norte-americanos), entre os quais sempre se incluem e se incluem políticos, economistas, militares, jornalistas e educadores. Essa entidade atua, supostamente, como um fórum de discussão para o debate de idéias e para melhorar a qualidade de vida dos habitantes do mundo. (Qualquer leitor pode visitar o seu site oficial na web, em www.cfr.org.) No entanto, trata-se de uma instituição sumamente particular. O seu presidente honorário é David Rockefeller.

Quanto ao CFR, nas suas reuniões é permitida alguma dose de discordância, dentro de certos limites. Assim como o banco dos Rothschild financiava nas guerras os dois lados do conflito, no seio do CFR se promovem a gestação e a aparição de duas posturas, até certo ponto opostas, em muitos dos temas econômicos ou políticos que são priorizados em suas reuniões. Mas o fato de que haja duas posturas não implica que, de antemão, o CFR não tenha já uma decisão tomada de qual vai ser a prevalecente. A geração da postura minoritária, então, é levada a cabo simplesmente para dar uma aparência de debate intelectual, quando na realidade as decisões já foram tomadas. Além disso, a existência de duas posições tem um efeito colateral benéfico para a implementação prática da postura escolhida de antemão: sabe-se previamente o que podem chegar a argumentar as vozes opositoras à postura escolhida, uma vez que esta seja posta em prática. É

como saber de antemão, em um jogo de xadrez, quais serão os próximos dois ou três movimentos do adversário. A elite sabe, há muito tempo, que a única forma de controlar os conflitos é controlando os dois lados dele.

O que o CFR persegue? O que procuram os clãs familiares como os Rothschild, os Rockefeller e o Carnegie Endowment for International Peace, que financiaram a criação dos *think-tanks* 2 Durante décadas, eles objetivaram a globalização, ou seja, o enfraquecimento dos Estados nacionais, o que permite que as grandes empresas multinacionais se instalem em todo o mundo e exerçam o verdadeiro e real poder em regiões do planeta onde há até alguns anos não tinham entrada. Tudo isso pode ser entendido muito 2 No começo do século XX, costumava-se mencionar nos meios de comunicação que Andrew Carnegie era o homem mais rico do mundo. Hoje se faz o mesmo com Bill Gates. As revistas que fazem esse tipo de estimativa de fortunas pessoais não levam em conta, geralmente, que há múltiplas maneiras de esconder (com fins tributários, contábeis ou jornalísticos) a própria riqueza sob formas societárias. Além disso, o controle dos meios de produção, em muitos casos, pode depender de minorias acionárias. Ou seja, em se tratando de poder, o mais benéfico seria distribuir a riqueza de forma diminuta entre muitas empresas controladas, do que acumulá-la maciçamente em uma só firma como a Microsoft.

melhor se levarmos em conta que o CFR descende, na realidade, da chamada Sociedad Fabiana, que Cecil Rhodes e o clã Rothschild financiavam na Inglaterra em fins do século XIX. A Sociedad Fabiana, através de um núcleo de intelectuais, muitos deles escritores, pretendia instaurar no mundo inteiro o socialismo através de uma maneira evolutiva não revolucionária.

Vejamos como enfoca o tema da Sociedad Fabiana um especialista, Ed-gard Wallace Robinson, em *Rol ing Thunder* (1980):

"Em 1833, um pequeno grupo de socialistas reuniu-se em Londres, anunciando a sua intenção de transformar o sistema econômico britânico capitalista em socialista. Esse grupo escolheu o nome de Sociedad Fabiana. Um dos membros líderes da Sociedad Fabiana foi George Bernard Shaw, que foi quem talvez melhor resumiu as intenções da mesma e a quem citaremos: '(...) o socialismo significa igualdade de riquezas ou nada (...) Sob o socialismo não seria permitido que ninguém fosse pobre. Todos seriam obrigatoriamente alimentados, vestidos, acomodados, ensinados e empregados, gostando ou não. Se se descobrisse que uma pessoa não tem caráter suficiente para valer todo esse trabalho, ela possivelmente seria executada de uma maneira gentil.

Mas, se lhe fosse permitido viver, deveria viver bem'."

O objetivo era, então, igualar ao máximo a forma de vida, a riqueza, os costumes, o acesso ao trabalho e, até onde fosse possível, inclusive a religi-

ão das massas em todo o mundo. Se pararmos para meditar um segundo, notaremos que essa pretensão não é muito diferente do que pensava Cecil Rhodes e isso explica o financiamento que o aristocrata inglês deu à Sociedade Fabiana.

Mas por que o apoio dos Rothschild? Muito simples. Para os abona-dos e poderosos clãs familiares que formam a elite, é conveniente gerar um regime social de natureza mundial que lhes permita conservar o poder. Um regime socialista em tal sentido os beneficia. As principais e básicas diferen-

ças em relação a um regime como o soviético seriam então duas. Em primeiro lugar, os meios de produção, o capital e as empresas não seriam propriedade do Estado, como na ex-URSS, e sim de alguns poucos clãs familiares. Em segundo lugar, seria necessária a geração de bipartidarismos para criar a ilusão de democracias em massas cada vez mais socializadas que acreditam votar em partidos, em políticos e em idéias diferentes, quando na realidade.. o CFR controla os dois lados de cada conflito, como acontece, em última instância, com as eleições. (É interessante recordar as semelhan-

ças e diferenças entre os Bush e Bill Clinton mencionadas no capítulo anterior.) Pode ser que o leitor se surpreenda, mas a verdade é que o candidato que se apresentava como o maior rival de Bush filho em sua tentativa de reeleição até meados de 2003, o general Wesley Clark, é também um muito proeminente membro do CFR há muitos anos. A partir de setembro de 2003, o candidato democrata que tem mais fundos arrecadados é o ex-governador de Vermont, Howard Dean. Dean se opôs publicamente à invasão do Iraque, mas há muitas dúvidas de que não se trate somente de uma estratégia, dado que existem declarações suas registradas nas quais ele sustenta que Bush não foi suficientemente a fundo com a Arábia Saudita e o Irã. A verdade é que Dean começou a arrecadar fundos depois de, em 23

de junho de 2003, dar uma conferência no CFR e preparar depois um *paper* com membros dessa instituição. Apenas um mês mais tarde, o ex-governador de Vermont era quase "magicamente" capa das revistas *Time*, *Newsweek* e *US News and World Report* e um "menino mimado" da imprensa, que destaca sua oposição à guerra com o Iraque, mas pouco ou nada fala de seus laços com o CFR nem das suas declarações sobre a Arábia Saudita e o Irã.

Talvez a esta altura o leitor se pergunte como funciona isso de que, enquanto a elite anseia por uma massificação coletivista de tipo comunista ou socialista, ao

mesmo tempo tenha financiado e ajudado a gerar regimes totalitários absolutamente opostos, como o Terceiro Reich de Hitler. Vale a pena recordar que a melhor forma de controlar um grande conflito em nível global é, precisamente, gerando Oposições tão antagônicas como o nazismo e o socialismo vermelho. Além disso, de cada um desses regimes, a elite aprecia algo. No caso da extrema direita, a organização verticalista, promovendo um sistema quase que de castas sociais, com os meios de produção em mãos privadas. Do socialismo vermelho, não desagradam à elite a forma e o grau de massificação das populações, que as torna muito fáceis de se controlar. Em outras palavras, aproxima-se bastante do que George Orwell, em seu romance *1984*, previa como "coletivismo oligárquico".

Qual pode ser o interesse de intelectuais, empresários, políticos, economistas, etc. ao dedicar tempo a essa organização? Pertencer a um reduzido núcleo de 2.400 norte-americanos organizados pelos clãs mais ricos e poderosos do mundo dá muitas oportunidades de excelentes trabalhos, de acesso a cargos públicos e de conexões pessoais de primeiro nível. Claro, deve-se levar em conta um ponto principal: nenhum membro do CFR, trate-se de um proeminente ou de um menos importante, operará jamais em seu âmbito de ação em nome do CFR ou em nome dos seus integrantes.

Fará tudo a título pessoal na sua respectiva área de influência. Quando o CFR — e, portanto, a elite que o domina — desejar levar a cabo uma determinada política como a invasão do Iraque ou a adoção da "doutrina do ataque preventivo", promoverá a criação de reduzidos núcleos de uns 10 ou 12

integrantes a fim de estudar um determinado tema e decidir a via de ação.

Dentro desses grupos (denominados *task-forces*) haverá intelectuais, financistas, empresários e, claro, senadores e deputados ou membros do Poder Executivo. Através desses congressistas e funcionários públicos, o CFR introduzirá no governo dos Estados Unidos as considerações, as causas e as medidas mais importantes que este deve tomar. Assim aconteceu depois do 11 de setembro, quando o CFR conseguiu criar o Homeland Security Department através de um *paper* de um dos seus "grupos de trabalho" intitulado "*America still unprepared, America still in danger*". E assim aconteceu também com a invasão do Iraque. Quando a mesma estava apenas começando, o CFR já tinha pronto um relatório final sobre o que é que deviam fazer os Estados Unidos e a Inglaterra em Bagdá a partir da queda de Saddam Hussein. E isso para citar só dois exemplos isolados.

São ou foram membros do CFR Alan Greenspan (um dos diretores do CFR até que chegou ao FED), Bush, Clinton, Carter, Nixon, os irmãos Dulles (mão direita

e mão esquerda de Eisenhower), praticamente todos os diretores da CIA, uma grande quantidade de senadores e deputados dos partidos Republicano e Democrata, Henry Kissinger, Brzezinski, Cyrus Vance, os diplomatas que formaram o mundo da Guerra Fria (Kennan, Nitze e Averell Harriman), os principais empresários, Colin Powell, Condoleezza Rice, Richard Cheney, o presidente do Banco Mundial James Wolfensohn e muitos dos intelectuais mais destacados nos meios de comunica-

ção: Jeffrey Sachs, Paul Krugman, Lester Thurow, etc. Claro que não faltam, entre seus membros, financistas como George Soros, os Warburg e os principais donos dos meios de comunicação em escala global. Não há empresa importante nos Estados Unidos que não tenha ao menos um representante no CFR. E não pode ser qualquer representante; deve ser um de seus proprietários.

Para se ter uma idéia do grau de influência que o CFR possui nas universidades e na imprensa, talvez bastaria apontar que entre seus membros se encontram nada menos que 479 decanos, diretores ou professores titulares de universidades e 313 donos ou diretores de meios de comunicação. E

as universidades e os meios de imprensa figuram respectivamente em primeiro e segundo lugar entre as atividades nas quais a elite tem buscado membros do CFR. Talvez agora possa ficar mais claro por que descobertas como as de John Nash, que comentamos no Capítulo 1, ficam relativamente encobertas. A sua difusão maciça em meios de imprensa e a sua disseminação em universidades de todo o mundo teriam demorado muito e talvez impossibilitado a globalização, que é precisamente o que a elite e o CFR

propõem.

Vejamos, por exemplo, quantos membros do CFR ocupam altos cargos em universidades: 55 membros da Universidade de Harvard, 39 da Universidade de Columbia, 30 da John Hopkins, o mesmo número de Princeton, 26 membros da Universidade de Stanford, 21 do MIT, 20 da Universidade de Georgetown, 10 da Universidade de Nova York, 9 da Universidade de Michigan e também da Universidade Cornell, 7 da Universidade da Califórnia do Sul e da Universidade do Texas, 6 da American University, da Universidade de Boston, da Universidade Brown, da City University of New York, da George Washington University e da Universidade de Chicago. A grande quantidade de professores e diretores de universidades que são membros do CFR permite a essa entidade alcançar vários objetivos: supostamente dar um verniz a muitos dos objetivos geopolíticos, econômicos ou políticos que são perseguidos em vastas regiões do planeta; semear ideologia de maneira subliminar no corpo discente dessas

instituições de ensino superior, dado que os alunos devem tomar como verdadeiro o que é ensinado pelos professores; desviar a investigação científica para os fins que sejam de utilidade para a elite dominante do CFR; saber de antemão as dificuldades intelectuais que se possam apresentar para as políticas de socialismo gradual que, sob a fachada da globalização, a elite pretende obter.

As diretorias dessas universidades estão, em geral, repletas de membros das petroleiras e dos bancos estreitamente ligados à elite. Também são formadas por representantes de empresas de armamentos como a Northrop Grumman, muito vinculadas aos clãs da elite. Universidades como Yale, Harvard, Columbia, Princeton, Nova York, Michigan, Califórnia, Illinois e Virgínia investem partes substantivas dos seus fundos líquidos nas empresas de armas e nos laboratórios da elite. Muitas vezes, as principais universidades distribuem entre si as áreas de suposta pesquisa geopolítica: enquanto na Columbia se encontra o Instituto Harriman, que publica trabalhos sobre a Europa Oriental e a ex-União Soviética, em Harvard se localiza o Centro de Estudos Latino-Americanos David Rockefeller, que costuma monopolizar as pesquisas supostamente científicas a respeito de países do Terceiro Mundo latino-americano. Mediante esse instituto e a sua suposta atividade científica, o clã Rockefeller e as famílias da elite obtêm informa-

ções de fontes primárias para realizar investimentos, influir nos governos e moldar os dirigentes latino-americanos do futuro. Vale a pena recordar a grande quantidade de ministros latino-americanos muito questionáveis que obtiveram um título em Harvard..

No MIT se encontra o Centro de Estudos do Genoma Humano, que trabalha com o Whitehead Institute, financiado pela Fundação Rockefeller.

Uma empresa farmacêutica ligada a esta joint venture tem como slogan:

"Give me your money, I will heal your genes" (Dê-me seu dinheiro, e curarei seus genes). A elite também se infiltrou na área de recursos marinhos, graças ao Instituto de Oceanografia do MIT. As pesquisas no campo médico estão praticamente monopolizadas pela elite, mediante universidades como a Rockefeller e a Cornell (fundadas também por Rockefeller). A Universidade Rockefeller, curiosamente, vinha desenvolvendo drogas contra o antraz no momento dos atentados às Torres Gêmeas. E a companhia Bioport, con-tratada pelo governo norte-americano para fornecer a vacina contra o antraz (Cipro), é propriedade do Carlyle Group.

Alguns centros de tipos de cultivo de agentes biológicos, que vendem no varejo

fórmulas letais e inclusive matrizes, trabalham lado a lado com a escola de medicina da Universidade John Hopkins. Esta última universidade possui um dos centros de influência em matéria de relações internacionais mais importantes do Ocidente, que funciona como um terminal de difusão do CFR: o Paul Nitze Foreign Institute. Quanto à Universidade do Texas, ela foi envolvida em acusações por numerosas fraudes e escândalos financeiros nos quais estava metido o amigo de Bush: Tom Hicks, grande investidor em meios de comunicação na América Latina. Os escândalos também alcançaram investimentos da universidade na petroleira Harken, da qual um dos principais acionistas, como podemos lembrar, era nada menos que.. Bush filho.

Citamos só alguns poucos exemplos dos muitos que há acerca da estreita relação entre o sistema educativo universitário norte-americano, o CFR e a elite corporativa petroleiro-financeira. Não desejamos saturar o leitor, mas devemos acrescentar que o controle do sistema universitário se acentua mediante o uso, por parte da elite, da antiga rede Phi Beta Kappa, que foi fundada na Virgínia, Estados Unidos, em 1776, e que funcionou como uma sociedade secreta até cerca de 1830, quando as acusações contra as sociedades secretas, por fazerem parte de um complô para tomar o poder mundial, derivaram na divisão do até então Partido Democrata Republicano nos Estados Unidos. Isso provocou a "vinda à luz" dessa organiza-

ção secreta e de muitas outras, as quais, segundo vários autores, trabalha-vam de forma mancomunada. A Phi Beta Kappa supostamente toma 10%

dos melhores alunos do corpo discente das principais universidades, segundo os seus estatutos. No entanto, dado que, da mesma forma, dela fizeram parte estudantes muito medíocres como os Bush, entre outros, estima-se que a instituição privilegie questões raciais na hora de recrutar pessoal. Ninguém pode preencher uma solicitação livremente para ingressar na Phi Beta Kappa. Os seus membros devem ser chamados pelos chefes dessa organização. Uma vez dentro da mesma, eles têm a via de acesso liberada para ocupar altos cargos em empresas, universidades, meios de comunicação, partidos políticos e postos de poder no Congresso e no Poder Judiciário.

Para se ter uma idéia da vastidão dessa organização, antes clandestina e agora muito low profile, e do grau de ajuda que pode dar ao CFR, basta dizer que até o ano 2000 ela possuía cerca de cem sucursais em instituições de ensino superior norte-americanas. Com a chegada de Bush filho, as sucursais (denominadas *chapters* e geralmente batizadas com letras gregas) passaram a ser mais de duzentas em apenas um ano.

Não menos estratégicos que a educação são os meios de comunicação de massa, que têm a finalidade de selecionar as notícias que convém disseminar e censurar as inconvenientes para o processo de globalização, massificando, assim, o gosto das pessoas, desviando a atenção pública de temas que possam ser prejudiciais à elite e, nas suas variantes não informativas, inibindo, mediante a manipulação de meios, valores como a família, as taxas de natalidade e o crescimento demográfico, que põem em xeque o domínio do mundo por parte da elite, devido a vários fatores como a escassez de combustíveis fósseis, a baixa proporção da raça anglo-saxã no total da população mundial, etc. Dessa maneira, *American Spectator*, *Forbes*, *Fortune*, *Foreign Affairs*, *Harpers*, *National Geographic*, *National Review*, *New Republic*, *The New Yorker*, *Newsday*, *Newsweek*, *Reader's Digest*, *Rolling Stone*, *Slate*, *Scientific America*, *Time Warner*, *Time*, *US News*, *Vanity Fair*, *Washington Post Magazine*, *World Policy Journal*, entre outras revistas, têm membros no CFR. Quanto aos jornais, vale a pena mencionar que o *Boston Globe*, o *Business Week*, o *Christian Science Monitor*, o *Dallas Morning News*, o *Los Angeles Times*, o *New York Post*, o *New York Times*, o *San Francisco Chronicle*, o *Times Mirror*, o *USA Today*, o *Wall Street Journal* e o *Washington Post* têm representantes no CFR.

Quanto às cadeias televisivas, é necessário citar que a ABC tem 12

membros no CFR, a CBS tem 10, a NBC possui 8, a CNN conta com 7 e a PBS tem 6. Mas as redes de televisão não estão representadas no CFR apenas de maneira a poder receber uma adequada influência para saber que notícias transmitir e quais não transmitir e até mesmo que tipo de comédias ou de humor deve ser oferecido à população. Também estão cartelizadas no que diz respeito à sua propriedade. Por exemplo, a NBC é uma subsidiária da RCA, um conglomerado de meios de comunicação. Entre os diretores da NBC, figuram vários diretores de outras companhias controladas pelos Rockefeller, pelos Rothschild e pelos Morgan. Um artigo de Eustace Mullins, "Who run the TV networks?", mostra-nos como a rede de televisão ABC tem entre seus diretores proeminentes membros do JP Morgan, do Metropolitan Life (propriedade dos Morgan) e do Morgan Guaranty Trust.

Os demais diretores são também diretores de outras companhias dos clãs Rothschild e Rockefeller. Quanto à CBS, ela foi durante muitos anos dirigida pelos sócios do Brown Brothers Harriman (principal banco da família Harriman). Tem entre seus diretores membros ilustres da diretoria dos bancos Chase Manhattan e Kuhn Loeb, dirigidos pelos clãs Rockefeller e Rothschild. O seu diretor foi, durante muitos anos, nada menos que Prescott Bush, quem até ajudou a angariar fundos para comprar a companhia.

Quanto à CNN, ela perdeu toda a independência desde que foi absorvida, em uma primeira etapa, pela Time Warner e, em uma segunda etapa, pela America On Line (AOL), empresas com proeminentes membros no CFR e controladas pelos mesmos grupos de poder que as demais redes de televisão. Mas as grandes redes de televisão norte-americanas não eram independentes e competiam entre si? A noção de independência é equivocada; e a de competição, muito relativa. Os meios de comunicação de propriedade dos clãs da elite podem competir entre si só em nível operacional, mas em "nível tático" as ordens vêm "de cima". A estratégia não será conhecida nunca. . nem pelos seus próprios diretores.

Para completar o vasto controle nos meios de comunicação de massa, bastará dizer que pelo menos as três principais agências de notícias do mundo estão sob controle direto dos clãs de Rothschild e Rockefeller. A Reuters tem um acionista principal desde finais do século XIX: o clã Rothschild. Naquela época, os Rothschild também detinham a propriedade das agências de notícias alemã (Wolff) e francesa (Havas), encarregadas de distribuir as notícias nos jornais dos três países, nos três idiomas. Deve-se mencionar que o ódio exacerbado (induzido pelos meios de comunicação?) entre as três nações, ao qual os meios de comunicação dos respectivos países não eram indiferentes, derivou, há noventa anos, na sangrenta Primeira Guerra Mundial. A segunda agência de notícias atualmente mais importante do mundo, a Associated Press (AP), foi adquirida pela família Rothschild através da Reuters em 1924. E, como já havíamos apontado, a United Press International (UPI) é propriedade da misteriosa seita Moon3, que propõe uma religião global, que é acusada de lavagem de dinheiro e pela qual George Bush pai fez freqüentes contatos e viagens por todo o mundo na década de 1990.

Aos negócios estratégicos de combustíveis, bancos e finanças, laboratórios e armamentos devem ser somados então dois mais, nos quais a elite tem peso decisivo próprio: educação e meios de comunicação de massa.

Sem o controle efetivo dessas duas áreas, a elite veria o seu poder e a sua riqueza comprometidos, porque careceria dos intelectuais universitários necessários para diagramar e levar a cabo as suas políticas, correndo o risco de que o público recebesse, de forma maciça, informação fidedigna acerca do grau de concentração que a riqueza e o poder têm hoje no mundo, o que converteu o capitalismo em uma espécie de corporativismo vertical e elitista, e a democracia em uma ilusão na qual só podem acreditar os desinformados.

Quem duvidar disso precisa apenas investigar o suficiente na rede acerca do grau de monopolização que adquiriram os meios de comunicação de massa. O site alternativo da web The Nation batiza como "os 10 gran-3 Seu nome real é

sugestivo: "Igreja da Unificação". Ver "A seita Moon e o dragão oriental", de Humberto Logos Schuffenegger, CESOC, 1997.

des" os dez megameios que praticamente controlam tudo o que diz respeito à comunicação. Vale a pena nomeá-los: AOL Time Warner, AT&T, General Electric, News Corporation (Murdoch), Viacom, Bertelsmann, Walt Disney Company, Vivendi Universal, Liberty Media Corp. e Sony. Não existe meio de comunicação importante que escape da direta influência de alguns desses dez megameios. No entanto, mesmo os meios supostamente independentes, como The Nation, direto acusador dessa concentração, recebem financiamento de fundações relacionadas com o CFR. Mais especificadamente, a Fundação Ford, associada de forma direta ao CFR e à Skull & Bones e com laços tanto com a CIA quanto com o Carlyle Group, seria a encarregada, junto com George Soros, a Fundação Rockefeller e o Carnegie Endowment for International Peace, de financiar a suposta imprensa "alternativa" ou "de esquerda" (ver www.questionsquestions.net/gatekeepers.html).

Não se deve esquecer que é funcional para o CFR controlar os dois lados de cada conflito. É a única forma de controlar efetivamente o conflito. Dessa maneira, possuindo os meios de comunicação "oficiais" e influenciando uma vasta gama da suposta imprensa "alternativa" ou "de esquerda", também se controla o grau de oposição que as políticas oficiais ensaiadas pelo CFR, ou pelos *think-tanks* satélites dessa entidade, vão encontrar no mundo.

Se levarmos em conta o que foi mencionado sobre a propriedade dos meios de imprensa e o seu financiamento, podemos entender mais algumas curiosas associações entre empresários de meios de comunicação supostamente de direita e esquerda produzidas nos últimos anos em muitos países.

BILDERBERG E A COMISSÃO TRILATERAL

Por volta de meados da década de 1950, a elite empresarial anglo-americana começou a observar que na Europa diminuam os piores efeitos da Segunda Guerra. Vários países europeus começavam a enriquecer e, apesar de não poderem disputar a liderança mundial com os Estados Unidos, podiam sim, ao menos, exercer um certo grau de influência no resto do globo. Mais ainda, muitos países da Europa continental começavam a se associar de maneira que, no futuro, se formaria a União Européia.

A fim de não perder o férreo controle exercido pelo CFR, foi encarregada ao príncipe Bernardo da Holanda, ex-colaborador do regime de Hitler e nazista convicto, a formação de um fórum de discussão europeu-americano no qual estivessem presentes os mais importantes empresários, aristocratas e políticos de

toda a Europa. Esse grupo foi denominado Bilderberg, em lembrança ao hotel holandês onde foi realizada a primeira reunião. Diferentemente do CFR, o grupo Bilderberg não elabora políticas de ação direta. Isso não seria permitido pelos anglo-americanos. Seu objetivo é simplesmente discutir as questões de máxima atualidade, de maneira tal que a elite anglo-americana possa ter uma idéia de quem são os que possam tornar-se menos "amigos" na Europa. O total segredo com o qual costuma se reunir o grupo Bilderberg levou muitos a pensar que era um âmbito de poder superior ao CFR. Não é verdade.

Por volta de 1970, uma nova potência parecia surgir no mundo: o Japão. O grau de controle que o CFR exercia sobre o ex-inimigo era considerado pela elite como muito baixo. Por isso, David Rockefeller criou e presidiu a denominada Comissão Trilateral, fórum de discussões similar ao de Bilderberg, chamado assim por incluir membros dos Estados Unidos, da Europa e do Japão. A Comissão Trilateral foi fundada em 1973, pouco depois do estouro do escândalo Watergate nos Estados Unidos. Há os que especulam — não sem razão — que o escândalo Watergate, a fundação da Comissão Trilateral e a expulsão de Nixon do poder estejam intimamente conectados entre si. Não lhes faltam razões, dado que Nixon estava enca-rando, desde 1970, várias medidas que entravam em direta colisão com a idéia de globalização. Entre elas, é necessário citar o fim do esquema de paridades fixas da moeda com o ouro e a adoção de barreiras alfandegárias nos Estados Unidos, coisa que tinha deixado o Japão e vários países da Ásia muito nervosos. O CFR desentendeu-se com Nixon, que tinha chegado ao poder graças aos seus excelentes contatos com a indústria petroléira. É dessa forma que o caso Watergate muito provavelmente não seja o que as pessoas acham que foi. Sobretudo se levarmos em conta que a sua descoberta foi feita pelo ex-agente de inteligência naval Bob Woodward, transformado, por obra e graça súbita, de espião em jornalista do *Washington Post*. (Com certeza, não é o único caso de "transformismo jornalístico".) A posterior ascensão de Jimmy Carter à presidência norte-americana, em 1976, deve ser interpretada como uma espécie de "golpe de estado" tácito interno nos Estados Unidos. O CFR não podia deixar que outro Nixon ascendesse ao poder. Pouco tempo antes, Carter era um obscuro personagem sem poder nenhum nos Estados Unidos além da Geórgia. Foi selecionado especialmente por David Rockefeller para, uma vez no poder, preencher uma grande quantidade de cargos com membros do CFR. Até pouco tempo antes das eleições, Jimmy Carter era um personagem desconhecido pela população norte-americana e possuía só 4% das intenções de voto.

Rockefeller e Brzezinski repararam nele porque, sendo governador da Ge-

órgia, tinha aberto escritórios comerciais em Bruxelas e Tóquio. Rockefeller o convidou para jantar e conversar várias vezes. Depois de estar convencido da

aptidão de Carter para acelerar o desenvolvimento da "agenda global", financiou a sua escalada à presidência e "deu a sua aprovação" em meios de comunicação, universidades, etc. A "agenda global" da Comissão Trilateral não se diferencia da do CFR. Consta de três postulados básicos: 1. Estabelecer um único governo mundial, com poder global a cargo dos donos e principais diretores das megacorporações.

2. Eliminar, a longo prazo, as fronteiras nacionais.

3. Incrementar o domínio das Nações Unidas.

Os posteriores governos de Bush e Clinton não fizeram mais que acentuar essa tendência. Vale a pena mencionar que, durante a era Nixon (que também ascendeu ao seu cargo graças ao CFR), a administração norte-americana contava com 115 membros do CFR em postos de poder. Durante a era Carter, essa cifra aumentou para 284 membros. Na época de Reagan, baixou um pouco, para 257 membros. Quando Bush pai foi presidente, praticamente instalou o CFR no governo, nomeando 382 membros desse organismo em postos-chave do poder. Finalmente, Bill Clinton teve 17

dos 19 postos ministeriais ocupados por membros do CFR e da Comissão Trilateral.

O PAPEL DOS INTELECTUAIS

Quando David Rockefeller é perguntado sobre como surgiu a idéia de criar a Comissão Trilateral, usualmente responde que teve a idéia lendo o livro de Zbigniew Brzezinski, *Between two ages*. Brzezinski é um proeminente membro do CFR, e provavelmente a relação de causalidade tenha sido exatamente ao contrário. Ou seja, Brzezinski teria escrito o livro a pedido de Rockefeller, para que existisse uma justificativa intelectual para gerar a Comissão Trilateral. Em *Between two ages*, Brzezinski prevê o monopólio do poder absoluto por parte dos Estados Unidos e simultaneamente pinta um panorama "rosa" do marxismo. Chega a dizer que o stalinismo pode ter resultado em uma tragédia não só para o povo russo, mas também para o ideal do comunismo. Citaremos, a esse respeito, três frases de Brzezinski:

"O marxismo é simultaneamente uma vitória do homem externo e ativo sobre o homem recluso e passivo e é, ao mesmo tempo, uma vitória da razão sobre as crenças"; "O marxismo disseminado em nível popular sob a forma do comunismo representou um grande avanço na habilidade do homem em conceituar a sua relação com o mundo"; e "O marxismo oferecia a melhor perspectiva de pensamento disponível para a realidade contemporânea."

Brzezinski, oriundo da Europa Oriental e imbuído de idéias coletivistas, influenciou de maneira determinante sobre David Rockefeller, que opera como a cabeça visível da elite. Alguém pode duvidar dos desejos coletivistas desta? Obviamente, no mundo contemporâneo, "marxismo" é uma palavra muito feia. Não era bem assim nos anos 1970, quando era necessário aplacar idéias socialistas em vastas regiões do Terceiro Mundo, nas quais movimentos populares desejavam confiscar meios de produção que eram propriedade direta ou indireta da elite. Nessa época, essas frases de Brzezinski eram funcionais para a finalidade de mostrar um governo menos imperialista, com Carter e os democratas à frente. Na década de 1970, anos de grandes convulsões nos Estados Unidos, também era necessário buscar fórmulas conciliatórias com a União Soviética e o Leste Europeu.

Obviamente, hoje em dia os postulados de Brzezinski, em *Between two ages*, resultam ser pouco menos que um insulto à propaganda globalizadora que esconde o coletivismo por trás da fachada de um suposto capitalismo de livre mercado. Talvez seja por isso que *Between two ages*, apesar de ter sido um *best seller* no início dos anos 70, hoje não é encontrado em nenhuma livraria, nem novo nem usado. Existem formas de censura muito mais sutis que as "listas negras". Muitas vezes se dá com livros que antes foram úteis aos intuitos da elite, mas que começam a ser contraproducentes para continuar a agenda da mesma, a mesma situação que em *Fahrenheit 451*: os livros desaparecem, não debaixo das labaredas dos lança-chamas como na obra de Bradbury, mas simplesmente sob uma silenciosa e chamativa "extinção". Os livros têm sido durante décadas um meio de comunicação muito mais variado e heterogêneo que os jornais, as revistas e os canais de rádio, televisão e TV a cabo. A política do CFR em matéria de comunicação parece apontar sobretudo para as grandes redes televisivas em questões informativas, a fim de homogeneizar as notícias que chegam à população e poder suprimir mais facilmente dados e informações "incômodos" para a agenda global.

Mas, voltando a Brzezinski, ele nunca foi nem é apenas mais um personagem. Por sugestão de Rockefeller, ocupou o centro da cena durante a administração Carter, assim como Kissinger tinha feito na era Nixon.

Quem ler atentamente *Between two ages*, pode observar que a globalização está prenunciada ali. Esse tipo de previsão, sem fundamentos científicos sérios, mas posteriormente concretizado na realidade, é um costume do CFR, que tem o hábito de valer-se de intelectuais a fim de justificar as políticas desenhadas de antemão, que, deste modo, gozam de um "verniz" intelectual e científico.

Podemos citar também os casos de Francis Fukuyama e Samuel Huntington. Em

sua obra *O fim da história e o último homem*, durante a presidência de Bush pai, Fukuyama prevê também cabalmente o que aconteceria na década de 1990.4 Ou seja, o auge do capitalismo corporativo e do que se conhece como democracia praticamente em todo o mundo, o fim das grandes lideranças políticas personalistas (muito ao gosto do CFR) e o final de toda a dialética histórica graças à globalização. O grande problema para todos nós é que Fukuyama prevê que isso durará vários séculos (obviamente o que pretende o CFR). Não é de se estranhar que Fukuyama tenha feito parte, então, de outro *think-tank* satélite do CFR denominado "Project for the New American Century" (PNAC), junto a vários outros "peixes graúdos" do Pentágono e do aparato industrial militar norte-americano, os quais vinham planejando a invasão do Iraque pelo menos desde 1997.

Por que o CFR gera esse tipo de *think-tanks* na hora de decidir políticas de ação como a invasão do Iraque? Por que essas políticas não são elaboradas pelo próprio CFR? Em boa medida ele o faz, mas o "trabalho sujo"

nunca sairá publicado com o próprio timbre do CFR. Se algo der errado, é melhor "queimar" o PNAC, ou qualquer outro *think-tank* em questão, que o próprio centro de poder.

Voltando aos principais intelectuais colaboracionistas (no sentido bélico do tema) com o CFR, outro dos *tops* tem sido Samuel Huntington.

Quando as Torres Gêmeas caíram, o leitor ávido por informar-se acerca dos conflitos com o povo árabe podia adquirir em qualquer livraria um livro já publicado de antemão: *O choque de civilizações*. Nessa obra, escrita em 1997, Huntington prevê o conflito com os árabes, apesar de chamativamente a-4 Com bastante miopia e superficialidade intelectual, muitos dos que "analisa a realidade" em meios de comunicação costumam dizer que Fukuyama se equivocou ao prever o

"fim da História" devido às frequentes guerras e aos conflitos existentes desde a década de 1990. Em tais opiniões, obviamente pouco ou nada do que é aqui explicado é levado em conta. Tampouco se considera que, desde que os Estados Unidos são a única potência mundial, as guerras têm resultado certo antes de serem começadas. "O fim da História" não significa que não haja acontecimentos críticos, mas sim a profecia de um período longuíssimo de capitalismo de livre empresa e "democracia" em todo o mundo, com os estados nacionais diminuídos em seu poderio. Em outras palavras: a globalização.

penas mencionar o tema do petróleo. No entanto, ele nos revela outra das causas

pelas quais Saddam Hussein devia ser removido. Huntington acredita que o que faz a civilização muçulmana fraca é a falta de uma metrópole onde se concentre o poder. As lutas internas, as lutas intestinas da civiliza-

ção árabe são, para Huntington, a causa da sua fraqueza. Hussein, por seu caráter laico e pela singular situação petrolífera no Oriente Médio, podia chegar a ter transformado Bagdá no virtual centro metropolitano do mundo árabe, sobretudo se levarmos em consideração que no Iraque se dá a singular confluência do sunismo e do xiismo, ou seja, das duas vertentes religiosas muçulmanas. O grande problema é que Huntington, ilustre membro do CFR, não se detém nesse ponto, mas também nos prevê muitos anos antes a possibilidade de um conflito bélico entre os Estados Unidos e a China, por volta de 2010. Se Huntington tem razão, não nos deve surpreender que Alan Greenspan não faça nada para reduzir o vultoso déficit da balança de pagamentos dos Estados Unidos, concentrado especialmente na China, no Japão e no Sudeste Asiático. Não são os vencedores das guerras que pagam as dívidas, mas os vencidos. .

O máximo problema que nos oferece o enquadramento de Huntington é que ele põe as lutas e as guerras em termos de civilizações, como se houvesse raças ou povos intrinsecamente superiores a outros. Esse espírito darwinista-malthusiano do "intelectual" do CFR deve ser tomado como um emergente do pensamento dominante nesse núcleo de poder mundial e dentro da própria elite globalista, o que obviamente é uma péssima notícia.

Dentro do mundo intelectual anglo-saxão, é muito mais comum do que parece essa forma de pôr os problemas humanos em termos darwinista-malthusianos, o que tira qualquer dose de sentimentalismo da possível de-saparição de civilizações inteiras, já que isso é considerado um fenômeno natural, próprio da evolução, ainda que Darwin jamais tenha tentado estender a sua teoria de cunho biológico a outras disciplinas. Os "intelectuais" do CFR fizeram isso por ele.

Por isso não nos deve chamar a atenção o aparecimento de obras como, por exemplo, *Darwinizing culture. The status of memetics as a science*, de Robert Aunger, publicado nada menos que pela Oxford University Press, não precisamente uma editora qualquer. Provavelmente o leitor nunca tenha lido ou escutado o termo "memetics" (não existe tradução ainda para o português, mas bem poderia ser "memética") até este momento. No entanto, nós o convidamos a realizar uma simples comparação: se digitarmos a palavra "câncer" em um site de buscas como o Altavista, encontraremos 6,5

milhões de sites na web com menções ao termo, em qualquer uma das suas várias acepções. Se digitarmos a palavra "meme", poderemos observar com

surpresa que aparecem nada menos que 5,6 milhões de sites que falam dos

"memes" e da "memética" (se é que podemos traduzir esses termos para o português). Se essa curiosidade provoca um sorriso no leitor, é muito provável que rapidamente ele desapareça. Um "meme" seria, para um enorme número de supostos cientistas de origem anglo-saxã, uma espécie de unidade de informação que chega ao nosso cérebro através dos sentidos (a leitura, a conversação, etc.). No livro *Virus of the mind*, o autor Richard Brodie populariza uma corrente que está ganhando força nos meios universitários anglo-saxões: a idéia de que há "memes" tóxicos, ou seja, "memes" intoxicantes.

Apesar de a "memética" ser uma disciplina sem rigor científico e sem nenhum embasamento sério, há uma boa quantidade de milhões de dólares investida no tema. Ainda não existem aplicações práticas do que é que se pode conseguir com todo o palavrorio que os partidários da "memética"

estabelecem nos mais de cinco milhões de sites na internet nem na enorme quantidade de livros, quase que exclusivamente em inglês, publicados a respeito. Mas é muito simples deduzir que, se começarmos a pensar (como fazem os seguidores da "memética") que há idéias que são vírus, então não só a autocensura na hora de se informar, como também a própria censura em forma oficial através do Estado teria sentido. Muito mais preocupante ainda é se misturamos esse engendo da "memética" com o darwinismo cultural, como já está sendo feito nada menos que em Oxford.

Essa manipulação dos intelectuais e da ciência por parte da elite anglo-americana e do CFR não se reduz à Economia (como advertimos no primeiro capítulo), à História e à Geopolítica (como vimos com Brzezinski, Fukuyama e Huntington), mas também invade praticamente todas as áreas da ciência. Na Biologia moderna, por exemplo, existe um controverso debate denominado "Dawkins versus Gould", os dois biólogos mais "importantes" da atualidade. Enquanto Gould acredita que na evolução existe um alto componente de acaso, o que daria lugar a pensar que não só as melhores espécies nem as mais aptas às vezes são as que sobrevivem, Dawkins pensa que há "pacotes" genéticos intrinsecamente superiores a outros, de maneira tal que não existe acaso algum na evolução. Esse último conceito gera um suporte, um embasamento supostamente científico para aplicar qualquer tipo de racismo e é funcional para a aplicação do darwinismo e do malthusianismo em qualquer área social.

Quando apontamos a infiltração desses grupos de poder em importantes grupos intelectuais, não nos referimos só a pensadores, cientistas políticos, economistas e cientistas. Provavelmente, um dos primeiros grupos a ser infiltrado foi o dos

literatos e escritores. Diante do projeto globalista da

"Nova ordem mundial", os escritores que tiveram acesso à informação apresentaram posturas favoráveis e contrárias. Aldous Huxley, H. G. Wells, G. Bernard Shaw, George Orwell, entre muitos outros, referiram-se de forma simbólica e alegórica, em muitos de seus escritos, ao projeto da elite, o qual, no entanto, tinham revelar abertamente. O primeiro deles, autor de *Admirável mundo novo*, morto no mesmo dia em que John Kennedy, em 22

de novembro de 1963 na Inglaterra, e imediatamente cremado, falava de um mundo dividido em castas sociais e era neto de um dos fundadores do

"Roundtable Group" de Cecil Rhodes. Huxley colaborou durante toda a sua vida com um dos maiores historiadores do século XX: Arnold Toynbee, autor da gigantesca obra *Um estudo da História*. Toynbee, membro da sociedade irmã do CFR, o RUA, é um continuísta da História. Pensava que toda civilização tinha começado uma inexorável decadência muito pouco depois de ter alcançado o seu máximo esplendor e pouco depois de ter estado a ponto de alcançar uma fase "global". A elite anglo-americana, verdadeira conhecedora desse conceito de Toynbee, estaria buscando o mesmo que Roma, Napoleão, o Egito Antigo e a coroa britânica teriam tentado conseguir, para depois fracassar. A diferença agora seria que, com o atual desenvolvimento da ciência e da tecnologia, o mundo é "menor" e a possibilidade de globalizá-lo em um esquema petrificado e sem mudanças, perpétuo dentro do possível, é para a elite não só factível como também muito mais provável e desejável.

Para isso, não se poupam esforços. Vale citar, a modo de mero exemplo, que, quando na era Reagan-Bush a elite se propôs como meta de curto prazo o desmembramento da União Soviética, não se economizaram iniciativas intelectuais por meio das quais a administração norte-americana chegou a contratar os serviços de escritores de ficção científica para que, em sessões a portas fechadas com militares, cientistas políticos, demais cientistas e agentes de inteligência, pudessem ser desenvolvidos longos *brainstorms* mais frutíferos, com cenários mais criativos e imaginativos para se chegar ao objetivo desejado.

Deixando de lado a História e indo à furtiva introdução da ideologia na ciência e nos supostos grupos de "intelectuais" financiados com mãos cheias pela elite anglo-americana, não podemos deixar de mencionar, entre outras coisas, a geração, a produção e o armazenamento de vírus (não precisamente da mente), bactérias e protozoários mortais para a vida humana.

No Capítulo 3 (e nas primeiras páginas deste), ao mencionar os ataques de 11 de

setembro, já citamos a suposta culpa de um cientista da administração de Bush nos envios de antraz. Por questões de profundidade e vastidão do tema, não discutiremos aqui o controverso debate existente no inundo científico acerca do fato de que doenças como a AIDS e a pneumonia asiática (SARS) teriam sido gerada artificialmente, em laboratórios, com a finalidade não só de gerar lucros, mas também de ir aplicando soluções malthusianas aos supostos problemas de superpopulação mundial. Só mencionaremos que o antraz, por exemplo, tinha desaparecido praticamente por completo da face da Terra na Idade Média, quando era chamado de carbúnculo. E é muito natural que tenha sido assim, já que se deve supor que, com o progresso científico (se é genuíno), deveriam poder ser erradicadas doenças, reduzindo-se a quantidade das mesmas, em lugar de serem geradas novas.

O problema é que, se não se regula adequadamente a indústria farmacêutica, esta tentará simplesmente aumentar os seus lucros, coisa que não seria possível com uma população mundial em bom estado de saúde. Não deve surpreender o leitor o fato de que a indústria farmacêutica esteja tão estri-tamente ligada à indústria petroleira como está a elite financeira anglo-americana.

Finalmente, mencionaremos que, como cúmulo dessa avidez por lucro, enquanto realizávamos a pesquisa para escrever este livro, encontramos na internet sites que vendem o código genético de uma vasta quantidade de vírus, bactérias e protozoários com pagamento em cartão de crédito. Falando nisso, como era aquela história das armas biológicas de Saddam Hussein?

A NOVA ORDEM MUNDIAL

Quando Fukuyama, durante a presidência de Bush pai, falava do fim da História, na realidade se referia a um estágio do capitalismo que desejava como permanente, por meio do qual as corporações exerceriam realmente o poder na Terra e os estados nacionais ficariam reduzidos a simples carca-

ças, referências semivazias de conteúdo. Em um mundo com essas características, existiriam simplesmente duas classes sociais: a que controla e dirige as corporações e a que trabalha para elas. A agenda antes comentada acerca dos fins da Comissão Trilateral é uma expressão desta.

Em um livro recém-lançado, *O poder nas sombras. As grandes corporações e a usurpação da democracia*, Noreena Herz adverte-nos sobre o alarmante avan-

ço desse processo no mundo. Cita, por exemplo, que, das cem maiores economias do mundo, só 49 são Estados-nação, enquanto 51 são empresas.

Quando Bush pai abordava freqüentemente o fato de que a humanidade estava aproximando-se de uma "nova ordem mundial", sabia perfeitamente a que se referia. Quando Gorbachov, ainda no poder na ex-União Soviética, respondia que, para que "uma nova ordem mundial fosse possível, os Estados Unidos deviam previamente ajudar a União Soviética", também sabia perfeitamente bem do que estava falando⁵. A inscrição que figura na nota de um dólar ("Novus Ordo Seclorum": Nova Ordem dos Séculos), introduzida a pedido de Franklin Delano Roosevelt (primo distante dos Bush), não seria só um capricho de um presidente nem algo casual. O CFR estaria levando a cabo uma agenda predeterminada, em cuja precisa antigüidade os autores não se põem de acordo. O fato de que boa parte da história na realidade esteja muito influenciada de antemão pode surpreender o leitor, mas, se pensamos bem, não tem nada de estranho que os clãs mais poderosos da Terra tenham estabelecido como meta o domínio e o controle do mundo inteiro. No final das contas, o que representam, em pequena escala, na classe média de qualquer país, os desejos de que as novas gerações superem as anteriores, em grande escala, na elite muito reduzida que controla o petróleo, o sistema bancário, as armas, os laboratórios, os megameios de comunicação e as principais universidades na Inglaterra e nos Estados Unidos, representa, como é natural, o domínio do mundo. Se raciocinarmos nessa linha, veremos que o aporte de cada geração dessa elite ao projeto — e, portanto, os feitos pessoais de cada um dos seus membros — pode ser observado na medida em que cada um contribui para essa ambição de domínio global que os fundadores ou patriarcas de uns poucos clãs estabeleceram como meta de longuíssimo prazo para os seus descendentes.

Quando os autores pós-modernos como, por exemplo, Jean Baudrillard escrevem obras como *The Gulf War did not take place*, o que estão dizendo não é que não aconteça o que estamos vendo nos meios de comunicação. Quem duvidar de que com a expressão "Nova Ordem Mundial" ou "New World Order"

está designando algo que vai além da pura retórica ou de algo casual, pode consultar *Evolving New World Order Disorder*, de Rocco Paone (University Press of America, 2001) ou *Genocide: Russia and the New World Order*, de Sergei Glazyev (EIR News Service, 1999). Rocco Paone ocupou vários postos como assessor do Pentágono e do governo de Lyndon Johnson, e Glazyev foi ministro de Relações Econômicas Internacionais de Boris Yeltsin.

6 A pirâmide com o "olho que tudo vê" tampouco é um símbolo ao acaso. É estranho que poucos se perguntem o que faz um símbolo esotérico no verso da nota de um dólar.

cação, na TV, mas sim que os acontecimentos, na realidade, significam outra coisa diferente do que, através dos meios de comunicação de massa, nos pretendem induzir a pensar. Obviamente, para que isso seja possível, é necessário gerar organismos e entidades que exerçam um controle global. A CIA, o FBI e até as Nações Unidas adquirem, então, uma dimensão diferente do que à primeira vista pode parecer. No seu estudo mergulharemos agora.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS:

ALLEN, Gary: *Say 'No!' to the New Order*. Concord Press, 1987.

AUNGER, Robert: *Darwinizing culture. The status of memetics as a science*. Oxford University Press, 2000.

BAUDRILLARD, Jean: *The Gulf War did not take place*. Indiana University Press, 1995.

BLOOM, Howard: *The Lúcifer principie. A scientific expedition into the forces of history*. The Atlantic Monthly Press, 1995.

BRODIE, Richard: *Virus of the mind. The new science of the meme*. Integral Press, 1996.

BRZEZINSKI, Zbigniew: *Between two ages. America's role in the technetronic era*. The Viking Press, 1971.

CARR, William Guy: *Pawns in the game*. St. George Press, 1967.

COLEMAN, John: *Diplomacy by deception. An account of the treasonous conduct by the governments of Britain and the United States*. Bridger House Publishers, 1993.

COOPER, Milton William: *Behold a pale horse*. Light Technology Publishing, 1991.

CUDDY, Dennis: *The globalists. The power elite exposed*. Hearthstone Publishing, 2001.

FUKUYAMA, Francis: *The end of history and the last man*. Perennial, 1992.

GAYLON ROSS, Robert: *Who's who of the elite. Members of the Bilderbergs Council on Foreign Relations & Trilateral Commission*. RIE, 1995.

HERZ, Noreena: *El poder en la sombra. Las grandes corporaciones y la usurpación de la democracia*. Grupo Editorial Planeta, 2001.

HUNTINGTON, Samuel: *El choque de civilizaciones y la reconfiguración del Nuevo Orden Mundial*. Editorial Paidós, 1997.

JONES, Alan: *How the world really works*. ABJ Press, 1996.

KAH, Gary: *En route to global occupation. A high ranking government liaison exposes the secret agenda for world unification*. Huntington House Publishers, 1992.

KAH, Gary: *The new world religion. The spiritual roots of global government*. Hope International Publishing, 1998.

KING, John: *Chaos in America. Surviving the depression*. Bridger House Publishers, 2002.

MULLINS, Eustace: *Who run the TV networks!*

PERLOFF, James: *The shadows of power. The Council on Foreign Relations and the American decline*. Western Islands Publishers, 1988.

PILGER, John: *The new rulers of the world*. Verso, 2002.

SALBUCHI, Adrián: *El cerebro del mundo. La cara oculta de la globalización*. Ediciones del Copista, 1996.

SKLAR, Holly: *Trilateralism. The Trilateral Commission and elite planning for world management*. South End Press, 1980.

STILL, William: *New World Order: the ancient plan of secret societies*. Huntington House Publishers, 1990.

SUTTON, Antony; WOOD, Patrick: *Trilaterals over Washington*. The August Corporation, 1978.

NA INTERNET:

"Trilateral Commission". www.wealth4freedom.com/truth/14/Trilateralcomm.html, 25/08/03.

HUCK, Jim: "The truth" www.angelfire.com/ca3/jphuck/ri-ghtframe.html.

THORN, Victor: "Who controls the American presidency?". Babel Magazine, www.babelmagazine.com/issue47/whocontrolstheamericanpresidency.html, 25/08/03.

6. MECANISMOS DE CONTROLE

Quando a hipocrisia começa a ser de qualidade muito ruim, é hora de começar a dizer a verdade.

Bertolt Brecht.

Vimos a estrutura de poder que a elite banqueiro-petroleira gerou, desde o início da década de 1920, em torno do CFR e das suas organiza-

ções satélites: o grupo Bilderberg e a Comissão Trilateral. No entanto, por mais poderosa, rica e influente que a elite fosse e por mais bem organizados que estivessem o CFR e as suas entidades satélites, teria sido impensável a idéia de criar a globalização sem a existência simultânea de mecanismos de controle em todos os âmbitos da sociedade e em todo o mundo.

A elite percebeu, então, que deveria estender o seu poder a partir dos centros em que se apoiava, Nova York, Washington DC e Londres, para as principais cidades de todo o mundo. Para isso, necessitava, em primeiro lugar, reduplicar a sua própria estrutura, gerando outros *think-tanks* "à imagem e semelhança" do próprio CFR e da Comissão Trilateral, a fim de poder infiltrar-se de forma adequada nas estruturas estatais de poder dos outros países. Dessa maneira, um grande número de organizações cuja suposta finalidade é o intercâmbio e o estímulo à criação de idéias para desenvolvimentos regionais tem sido criado no mundo ao longo do século XX.

O objetivo real desses *think-tanks* é, ao contrário, bem diferente. A idéia básica é entrar em contato com políticos, economistas, jornalistas, deputados, senadores e funcionários públicos de todo tipo. O objetivo de estabelecer esses vínculos seria influenciar na tomada de decisões dos respectivos países e nos meios de imprensa, a fim de controlar tanto o governo como a opinião pública e deixar, desse modo, mais fácil a agenda da globalização.

No caso da América Latina, é a Americas Society a organização encarregada pelo CFR para pressionar pela adoção de medidas que não obstruam a globalização. Em *El cerebro del mundo. La cara oculta de la globalización*, de Adrián Salbuchi, podem ser encontradas, além de muita informação valiosa, listas inteiras de membros permanentes da Americas Society. Trata-se de pessoas passíveis de sofrer o *lobby* da elite norte-americana e inoculá-lo nos governos, nos partidos políticos, na imprensa e em organizações empresariais. Segundo a mesma obra, merecem uma menção especial os únicos três latino-americanos membros oficiais da Comissão Trilateral em fevereiro de 2001. Nessa organização aparecem, nessa época, somente 15 pessoas que não são

norte-americanas, européias nem japonesas, entre os seus cerca de trezentos membros. Mas citemos textualmente Salbuchi, na página 404 de *El cerebro del mundo*:

"... somente três desses quinze são do nosso continente, o citado Cavallo, o brasileiro Roberto Egydio Setúbal (presidente executivo do Banco Itaú) e o uruguaio Enrique V. Iglesias (presidente do BID). Um quarto latino-americano, o midiático escritor ultraliberal e ex-candidato presidencial peruano Mario Vargas Llosa é também membro da Trilateral, representando a Real Academia Española, por ter também nacionalidade espanhola."

A reduplicação dessas estruturas, formadas como conselhos consultivos entre empresários e intelectuais, vai inclusive além, já que também é gerada dentro dos próprios países. No caso argentino, é necessário mencionar o CARI (Conselho Argentino de Relações Internacionais) 1. Mas há outros em praticamente todos os países da região ou nas associações de países.

A utilidade dessas estruturas de poder é, como se pode observar, muito importante para a elite. Por um lado, pode descartar todo tipo de teorias conspiratórias com o argumento de que só se trata de um grupo de pessoas interessadas no melhor desenvolvimento dos países. Portanto, não só pode ocultar os seus fins de domínio global, como também até pode oferecer à 1ª lista de membros argentinos do CARI é surpreendente. Nas páginas 392-4 de *El cerebro del mundo* figuram os nomes. Entre os seus membros internacionais aparecem George Bush pai, Bill Clinton e Henry Kissinger.

opinião pública desprevenida a idéia de objetivos filantrópicos. A verdade é que dificilmente o núcleo de pessoas que forma a Americas Society e o CARI, entre outras organizações em geral estreitamente ligadas a empresas e a partidos políticos, destinaria tempo, esforços e recursos econômicos, se não houvesse por trás a possibilidade de exercer cargos de poder ou de beneficiar-se economicamente. A adesão pessoal a esses *think-tanks* costuma ser uma espécie de "contrato tácito" pelo qual os membros dão parte do seu tempo, das suas energias, dos seus recursos (no caso de empresas) e até dos seus cérebros em troca de possíveis e prováveis benefícios econômicos, importantes cargos empresariais e possíveis e prováveis postos políticos.

Mas o controle do CFR - e da elite que o domina - sobre o mundo, a fim de gerar a globalização, não se detém em reduplicações permanentes do próprio CFR, já que também abarca outros âmbitos de ação: a segurança, a inteligência, a repressão e até a educação, através de organizações semi-secretas como a CIA e o FBI; o controle político e militar dos países através, sobretudo, das Nações

Unidas; e, finalmente, o controle econômico e financeiro por meio do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial e das suas entidades anexas ou subsidiárias. Por último, o controle global e social completa-se mediante a influência nas massas dos megameios globalizados de comunicação, entre os quais se sobressai, por várias causas, a televisão. Efetuaremos uma ligeira revisão dos mesmos.

A CIA E O FBI

A Agência Central de Inteligência (CIA) é um organismo que surgiu a partir da Overseas Secret Service (OSS) americana, da Segunda Guerra Mundial. Quando os Estados Unidos decidem entrar na guerra contra o Eixo, o presidente Roosevelt nomeia como embaixador na Suíça nada menos que Allen Dulles, proeminente advogado de Wall Street de várias firmas, nas quais os clãs Rockefeller e Harriman tinham forte interesse. A guerra era um tema especialmente espinhoso para a elite de negócios anglo-americana, já que esta vinha colaborando com o regime de Hitler, como já vimos em capítulos anteriores. Portanto, ela necessitava efetuar discretas negociações com ilustres membros do regime nazista para que os seus interesses econômicos não se vissem seriamente prejudicados uma vez que a guerra tivesse terminado. Dulles era o encarregado de estabelecer esses contatos e, apesar de na realidade ser embaixador dos Estados Unidos, alterna-va esse posto com o de porta-voz e negociador dos grupos privados econômicos norte-americanos com fortes interesses na Europa e na Alemanha.

Uma vez terminada a Segunda Guerra Mundial, Allen Dulles desempenhou tão bem o seu papel — não se sabe se o de embaixador ou o de lobista —, que foi nomeado como nada menos que presidente do CFR entre 1946 e 1950 e, depois, como subdiretor da CIA entre 1950 e 1953 e diretor da mesma entre 1953 e 1961, quando o presidente Kennedy o demitiu.

Ao contrário do FBI, a CIA é freqüentemente apresentada em séries e filmes de espionagem como uma organização temível, capaz de realizar crimes horríveis. Na realidade, é algo bastante pior. A própria origem da CIA se vê enlameada junto aos serviços secretos de Hitler. Quando começa a ficar evidente que a Alemanha perderia a guerra, o chefe de espionagem de Hitler, general Reinhardt Gehlen, começa a negociar com o governo norte-americano os termos da sua rendição. Gehlen — excelente espião —

tinha em seu poder uma grande quantidade de documentos incriminatórios contra políticos e empresários ingleses e norte-americanos. Portanto, junto com um superdimensionamento do "perigo soviético" (que a elite não podia desconhecer como exagerado), ele negociou com a possível difusão dessa informação nos meios de comunicação. Os Estados Unidos chegaram a um rápido e frutífero acordo com Gehlen: o general não só ficaria livre, como também os Estados Unidos contratariam os seus serviços e o utilizariam como prático monopolista dos serviços de espionagem na Europa Oriental e na Rússia. Isso não implicava que Gehlen tivesse que infringir as suas antigas lealdades com colaboradores diretos de Hitler. Muito pelo contrário: se o general julgava que em sua ação

havia uma espécie de "luta de lealdades" por ter que espionar tanto para a Alemanha quanto para os Estados Unidos, podia privilegiar os interesses alemães. Mais ainda, Gehlen re-portou-se diretamente ao sucessor de Hitler: o almirante Karl Doenitz. Gehlen e muitos outros nazistas começaram a fazer parte da CIA. Entre outros, teriam sido recrutados Klaus Barbie, Otto von Bolschwing (o cérebro do Holocausto, que trabalhou lado a lado com Adolf Eichmann) e o coronel da SS Otto Skorzeny (um grande protegido de Hitler).

A origem *non sancto* da CIA, baseada em um pacto perverso, favoreceu o fato de que se levassem a cabo operações secretas não só ilegais como também criminosas. Uma das primeiras operações em que ela esteve envolvida foi a chamada "*Project Paperclip*", através da qual a agência de espionagem selecionou um grande número de cientistas, militares e colaboradores nazistas de todo tipo para trabalhar e viver nos Estados Unidos. Oficialmente, os Estados Unidos reconheceram a existência dessa operação, mas reduzem a sua área de influência a projetos de alcance limitado, como o desenvolvimento da NASA por parte de cientistas nazistas como, por exemplo, Werner von Braun. É isso o que os Estados Unidos reconhecem, mas é só a "ponta do iceberg". Em alguns lugares dos Estados Unidos, como Huntsville (Alabama), teriam sido radicadas maciças quantidades de proeminentes nazistas alemães depois da queda do Terceiro Reich, aos que se costuma citar jurando a Constituição norte-americana com o braço estendido para o alto, à maneira nazista. Por exemplo, para nomear somente um dos casos de imigrações ilegais e secretas para os Estados Unidos, cabe lembrar que, junto a Von Braun, viajou para os Estados Unidos o general Walter Dohrenberg, que dirigia um campo de concentração e extermínio (que só figura em livros franceses sobre a guerra) chamado Dora, no qual se usava mão-de-obra escrava para desenvolver os projetos armamentistas de-senhados por Von Braun. Dohrenberg era um criminoso de guerra e não pôde ser julgado em Nuremberg devido à "via livre" que lhe foi outorgada pela CIA. O erro sairia caro: em poucos anos Dohrenberg estava metido em interesses da obscura corporação PERMINDEX, envolvida no financiamento do crime de Kennedy. Mas Dohrenberg estava longe de ser o único criminoso nazista resgatado e enviado são e salvo para os Estados Unidos.

Quando se menciona que a Argentina, o Brasil, o Paraguai e a Bolívia são países que deram asilo a criminosos nazistas, geralmente se tende a encobrir o apoio que lhes foi dado pelos Estados Unidos e pela CIA.

Muitos desses cientistas nazistas ajudaram a desenvolver nos Estados Unidos o chamado "*Project MK-Ultra*". Nessa operação, foram levados a cabo experimentos de controle mental com seres humanos submetendo-os à influência de drogas experimentais, radiação, eletromagnetismo, etc. Foram usados

secretamente presidiários norte-americanos e até teriam sido incluídos soldados, segundo Linda Hunt na sua esgotada obra *Project Paperclip*. Em muitos casos, esses seres humanos convertidos em "cobaias" morreram. O tragicamente famoso LSD (ácido lisérgico) não seria nada mais que um subproduto de investigações secretas da CIA de controle mental de seres humanos com a finalidade de se conseguir "robôs humanos" capazes de serem utilizados em condições particulares de hipnotismo para assassinatos e atentados. A CIA teria descartado o LSD como ferramenta para essas operações por considerar que a substância não cumpria com os requisitos para induzir seres humanos a, em determinadas condições, recordar ordens esquecidas e poder "acionar gatilhos" (o crime de Robert Kennedy teria sido realizado nessas condições). Mas a CIA não perdeu a oportunidade, segundo vários autores², de tirar proveito dessa droga alucinógena, induzindo o seu consumo pela juventude norte-americana primeiro e, depois, no resto do mundo, durante os anos 1960.

As operações da CIA não se reduziram a contrabandear nazista para os Estados Unidos nem a experimentos secretos com seres humanos como

"cobaias". Ela interveio de forma quase militar em uma vasta gama de países, organizando guerras e revoluções que em muitos casos foram financiadas com os orçamentos dos estados nacionais e beneficiaram os interesses da elite de negócios anglo-americana e dos próprios agentes da organização.

A CIA não seria nada mais do que o "braço armado" da elite e do CFR. É

por isso que ela não desaparece depois de extintos o regime soviético e a KGB, quando desaparece o suposto inimigo. Já vimos, no Capítulo 3, co-2 Ver na bibliografia: *Acid dreams*, de Martin Lee e Bruce Shlain mo, segundo informação apurada, entre outros, por Michel Chossudovsky, o terrorismo islâmico não é outra coisa senão um subproduto da CIA na Ásia Central.

Depois da Segunda Guerra Mundial, uma das primeiras operações efetuadas pela CIA em um país específico foi a denominada "Operação Gladio", na Itália. Acontece que a Itália era um terreno fértil para que um governo de esquerda, provavelmente comunista, surgisse em 1948. Ainda que, como vimos, o comunismo não desagrade à elite, isso só ocorre em determinadas condições: quando os empresários da elite mantêm em seu poder os meios de produção ou quando o comunismo serve para derrubar regimes que impedem a elite de "entrar com tudo" em alguns países (a Rússia antes da Revolução Bolchevique). Mas, em qualquer outra circunstância, um regime de esquerda ou comunista atenta facilmente contra os interesses dos empresários que dirigem o CFR. Por isso, era altamente inconveniente que na Itália triunfasse a esquerda. A

"Operação Gládio", mediante a incessante propaganda acerca da suposta periculosidade da esquerda na Itália, alcançou o seu objetivo de impedir a ascensão dela ao poder. Mas não era uma questão só de propaganda. Mediante a "Operação Gládio", armaram-se 15 mil homens na Itália, dispostos a dar um golpe de estado no caso de um triunfo da esquerda nas urnas.

O modelo de atividade da CIA na Itália foi virtualmente copiado na França e na Alemanha. No primeiro desses países, os vários atentados sofridos pelo presidente Charles de Gaulle foram atribuídos à CIA e aos seus sócios. Mas, voltando à Itália, a atividade da CIA não se reduziu a impedir a ascensão da esquerda ao poder. Dado que, depois da experiência de Mussolini, a população se voltava filosoficamente mais para a esquerda, a CIA decidiu manter a mesma "na linha" gerando e financiando exércitos terroristas de esquerda (Brigadas Vermelhas) através da atividade da loja maçônica. O fato de que a elite aprecie certo tipo de coletivismo não significa que ela veja com bons olhos a geração espontânea de socialismos que poriam em xeque a sua propriedade dos meios de produção. Recorde-se a frase de Henry Kissinger a propósito do Chile e de Salvador Allende: "Não se deve deixar que um país chegue ao marxismo só porque seu povo é irresponsável." (Ver O julgamento de Kissinger, de Christopher Hitchens, Boitempo, 2002.) Propaganda Due (P-2), a fim de manter instalada, nos meios de comunica-

ção e na mente da população, a idéia da enorme periculosidade e da violência potencial que significaria a esquerda no poder. Para isso, a CIA não titubeou em manter inalterados os estreitos contatos que possuía com a máfia siciliana e a camorra napolitana desde o final da Segunda Guerra. Tampouco hesitou em fazer vistas grossas quando as Brigadas Vermelhas assassinaram o primeiro-ministro italiano, Aldo Moro, em 1978, ou quando explodiram a estação de trens de Bolonha, matando dezenas de inocentes. As frequentes notícias sobre os laços entre ex-políticos italianos que ocuparam altíssimos cargos de poder e a máfia (por exemplo, a imprensa e a justiça italiana citaram, com frequência, Giulio Andreotti, entre outros) devem ser entendidas como engrenagens de uma máquina maior utilizada como uma estratégia da CIA.

Especial atenção merece a "obra" da CIA no Vietnã, que não foi exatamente uma ação missionária da democracia e do capitalismo.

A GUERRA DO VIETNÃ

Não haviam deixado de tropejar os últimos canhões da Segunda Guerra quando as "mentes brilhantes" que depois formariam a CIA tiveram a maquiavélica idéia. Como havia um estado de guerra na Indochina entre os franceses e as

tropas vietnamitas de ideologia comunista de Ho Chi Minh, a agência decidiu aproveitar-se da situação. Dado que, a longo prazo, os norte-americanos consideravam a presença dos franceses na região como mais perigosa que a ação dos comunistas insurgentes, a CIA decidiu armar estes últimos "até os dentes". Aparentemente, Laurance Rockefeller teria tido (segundo Norman Livergood, em *The new US-British oil imperialism*) muito que ver com a decisão, já que ocupava o posto de vice-governador na ilha vizinha de Okinawa. Ao falar de Laurance Rockefeller, referimo-nos à mesma pessoa que decidiu destinar enormes recursos para financiar funda-

ções para o estudo de discos voadores (ele chegou a escrever prólogos de livros a respeito). Os comunistas vietnamitas derrotaram, então, os franceses. A ocasião estava dada para que os "cavaleiros da liberdade" entrassem em ação. Os norte-americanos pensaram que era tarefa fácil ficar com as ex-colônias francesas e decidiram matar vários coelhos com uma cajadada só: lutar contra os vietnamitas comunistas podia oferecer-lhes um pretexto que consideravam válido para entrar em uma guerra que escondia interesses econômicos muito sólidos. Entre eles, um dos principais era o petróleo.

Sempre segundo Livergood, já desde os anos 1920 existia um estudo escrito pelo ex-presidente Herbert Hoover que demonstrava a existência de petróleo no mar do sul da China, justamente ao longo da costa vietnamita. Foi precisamente na década de 1950, quando se aperfeiçoou um método para extrair petróleo submarino. Nem lentos nem preguiçosos, os membros da elite petroleira norte-americana decidiram não desperdiçar a ocasião e, obviamente, sem a CIA isso teria sido impossível. Trocando em miúdos, os Estados Unidos inventaram uma guerra contra o comunismo como foi a do Vietnã, na qual um dos objetivos econômicos principais era, na realidade, explorar integralmente a costa vietnamita do mar do sul da China.

Enquanto os soldados norte-americanos e vietnamitas morriam aos milhares nas pantanosas selvas asiáticas e dezenas de milhares de civis inocentes perdiam suas vidas, os barcos encarregados das explorações petroleiras realizavam explosões na costa do Vietnã. Equivoca-se quem acredita que estavam atacando com disparos: estavam explodindo minas no fundo do mar, a fim de conhecer com os novos métodos de exploração petroleira onde havia petróleo e onde não havia. Claro que, de longe, o quadro dava toda a impressão de que os barcos estavam dando uma mão aos pobres soldados norte-americanos, mas deve-se entender bem o que estava acontecendo. Enquanto os Estados Unidos entregavam os seus jovens para morrer em uma guerra — da qual escaparam personagens como Clinton e Bush, apesar de contarem, naquela época, com a idade ideal para o recrutamento

— e enquanto o povo financiava, através do pagamento de impostos, a concretização dessas matanças, para o oligopólio petrolífero e para a elite que domina o negócio estava saindo de graça a exploração da que era considerada naquela época uma das bacias de hidrocarbonetos mais ricas do mundo. Pior ainda: se a Standard Oil tivesse decidido explorar essa costa em meio a um processo de paz, provavelmente teria enfrentado a oposição, nas Nações Unidas, da França, do Vietnã, da China e do Japão. Obviamente, era necessária uma guerra para poder levar a cabo a operação de maneira sigilosa e cem por cento eficiente. Livergood aponta que "mesmo observadores muito próximos só teriam visto pequenas explosões diárias nas águas do mar do sul da China e teriam pensado que isso era parte da guerra (. .)"

e, ainda, que a Standard Oil não gastou um só centavo nessas tarefas. Vinte anos mais tarde e depois que 57 mil americanos e meio milhão de vietnamitas morreram, a Standard Oil tinha dados suficientes sobre todo o petróleo existente no mar e, por isso, a guerra podia muito bem acabar. Henry Kissinger (assistente pessoal de Nelson Rockefeller) representou os Estados Unidos nas conversações de paz levadas a cabo em Paris e obteve o prêmio Nobel (! !). Quando anos mais tarde o Vietnã fez a licitação da exploração de petróleo nas suas costas, quase todas as empresas petrolíferas que tentaram extrair hidrocarbonetos perderam grandes somas de dinheiro ao esca-var onde não havia nada. Uma só empresa acertou na mosca e levou a licitação apenas nas áreas onde havia muito petróleo. Livergood nos revela algo que não é exatamente um mistério: tratou-se da Standard Oil.

Mas seria injusto dizer que o petróleo foi a única causa da Guerra do Vietnã. Houve outras. Uma delas, também muito importante. É claro que não foi tanto a luta contra o comunismo, tão caro ao ideário de Brzezinski e David Rockefeller. Tratava-se nada menos que da necessidade de controlar, sem "ninguém à espreita", a produção e a saída marítima do produto derivado do que costuma ser o melhor negócio do chamado "Triângulo Dourado" (Tailândia, Birmânia, Laos): a heroína. Vários autores apontam nas suas obras as freqüentes e frutíferas exportações de heroína dessa região para os Estados Unidos. Entre eles, a jornalista Penny Lernoux foi uma dos que melhor o fizeram. Em sua obra póstuma *In banks we trust*, lançada em 1984, ela mostra como a heroína que saía da Indochina chegava a São Francisco via Austrália. Na mesma obra, Lernoux revela o mistério sobre quais são os principais bancos implicados na lavagem de dinheiro do narcotráfico na região: cita e até mostra em gráficos o Chase Manhattan Bank e o Citibank. Lernoux morreu em 1989, pouco depois de Bush pai assumir como presidente.

O leitor não deve estranhar, então, que tenha acontecido a sangrenta Guerra do

Vietnã, sobretudo se havia petróleo e possibilidades de processar ópio nas cercanias. A CIA era especialista em armar os cenários, pôr os ca-brestos e desinformar, através dos meios de comunicação, sobre o que realmente estava acontecendo. Tampouco deve parecer estranho que nos países vizinhos tenha havido, na mesma época, sangrentas guerras civis, como, por exemplo, o sinistro caso do Camboja. Em sua breve mas detalhada obra *The CIA greatest hits*, Mark Zepezauer detalha os horrores que todos pu-demos ver no filme *Os gritos do silêncio*, quando o processo de coletivização agrícola levado a cabo pelo criminoso Pol Pot matou brutalmente nada menos que um terço da população cambojana, com o apoio encoberto da CIA.

Se a desculpa no Vietnã tinha sido o comunismo, no Camboja não havia nenhuma justificativa ideológica: não havia comunismo antes de a CIA instaurar o regime comunista do Khmer Vermelho. Seria longo e tedioso citar todas as operações da agência nos seus tristes cinqüenta anos de vida: da frustrada operação da Baía dos Porcos, em Cuba, até o Golpe dos Coronéis na Grécia; do golpe militar contra Salvador Allende em 11 de setembro de 1973 até o massacre de suicídio coletivo em Johnstown, Guiana, onde a CIA teria levado a cabo um experimento de controle coletivo; da derrubada do governo legítimo de Jacobo Arbenz na Guatemala, efetuada simplesmente para impedir uma reforma agrária que teria ido contra a United Fruit (empresa da família Rockefeller), até a sua participação no escândalo Watergate e nas mortes dos irmãos Kennedy, de Martin Luther King, de Mal-c olm X, etc., etc.

A CIA E O VATICANO

A CIA também não conhece limites quando se trata de religiões. Em sua obra *Em nome de Deus*, David Yallop mostra com riqueza de detalhes como a morte do Papa João Paulo I, Albino Luciani, teria sido obra de sócios da CIA (a loja maçônica P-2, o Banco Ambrosiano e o Instituto per le Opere Religiose) e de alguns dos seus agentes infiltrados no Vaticano (o cardeal norte-americano Paul Marcinkus). João Paulo I teria estado em completo desacordo com os laços financeiros existentes entre o Vaticano e o sistema bancário italiano sócio da CIA (Banco Ambrosiano) e desejava não só romper esses laços que se tinham fortalecido com o Papa Paulo VI, como também divulgar episódios de corrupção relacionados com as finan-

ças vaticanas, fazendo um *mea culpa* em nome da Igreja. De fato, o pontífice ia passar um "pente fino" na cúria romana no dia seguinte ao da sua morte.

A tentativa de João Paulo I de separar Roma dos sócios da CIA foi conclu-

ída abruptamente com o que teria sido o seu envenenamento. Com João Paulo II, que desde jovem era um fervoroso anticomunista, o Vaticano se teria prestado não só a manter em segredo a cadeia que João Paulo I estava para revelar, como também a acentuar os laços entre o Vaticano e a CIA4.

Durante a década de 1980, ele ainda teria permitido que a CIA canalizasse fundos, através de organizações relacionadas com o Vaticano, para o sindicato Solidariedade, que, na cidade polonesa de Gdansk (o ex-corredor de Danzig), vinha organizando revoltas contra o regime político polonês. A CIA via a Polônia como um país estratégico para acelerar a queda do regime comunista da URSS. Segundo a sua tese — incrivelmente apresentada na obra *Victory. The Reagan administration's secret strategy that hastened the collapse of the Soviet Union* —, Peter Schweizer comenta, depois da euforia do triunfo sobre o comunismo da era Reagan-Bush, como a União Soviética caiu em consequência direta da estratégia e dos enormes esforços realizados nesse sentido pela CIA. Ou seja, algo muito diferente da tese que os próprios Estados Unidos costumam divulgar nos meios, caracterizada por focalizar a ineficiência do regime soviético, sem citar em nenhuma parte a CIA.

É necessário sublinhar que a colaboração entre o Vaticano e a CIA para financiar o Solidariedade se deu — talvez não casualmente de forma ma-4 Ver o site na internet www.angelfire.com/ca3/jphuck/rightframe.html.

joritária — depois do fracassado atentado contra o Papa João Paulo II em maio

de 1981, cuja autoria foi atribuída pela mídia aos serviços secretos búlgaros e à KGB. Na realidade, algo muito diferente teria ocorrido, dado que, como bem documenta Edward Herman em *The vise and fal of the Bulgarian connection*, a suposta conexão entre a Bulgária, a KGB e o assassino Ali Agca não era nada mais que uma invenção da CIA. Nunca se pôde comprovar cabalmente que a CIA tivesse estado por trás do atentado (teria sido um escândalo mundial) 5, mas, se tivesse estado, então poderíamos observar com clareza o clássico "duplo benefício" que a CIA costuma extrair de muitas das suas atividades criminosas: comete um crime que lhe convém com fins políticos e, simultaneamente, em forma de propaganda difunde na mídia que o autor do crime foi o inimigo. Às vezes, há até um "terceiro benefício": ganha-se dinheiro.

Mas talvez muito mais perigosa que as próprias operações da CIA seja a infiltração que a mesma realiza nos meios de comunicação. No seu artigo

"CNN: the covered news network", o jornalista Greg Bishop aponta que:

"Em um artigo de 1977 na Rolling Stone, o ganhador do prêmio Pulitzer (junto com Bob Woodward) pelo escândalo Watergate, Carl Bernstein, descobriu uma lista de mais de quatrocentos jornalistas e de um grande número de editores e empresários de meios de comunicação que basicamente tinham estado 'panfletando' propaganda da CIA desde os anos 1950. O grupo incluía as revistas Life e Time, a rede CBS e, inclusive, Arthur Sulzberger (...)."

5 O atentado foi levado a cabo só três semanas depois que o diretor da CIA, Bill Casey, se reuniu em Roma com o monsenhor Agostino Casaroli, para pedir-lhe a colaboração direta do Vaticano na luta contra o comunismo na ex-União Soviética e em seus aliados da Europa Oriental. Casaroli mostrou-se a princípio um tanto reticente, dando a entender que o Papa não estava convencido de tal coisa. O atentado teria contribuído a fazê-lo mudar de opinião.

Muitos autores entendem que, na realidade, é duvidoso que o objetivo do atentado tenha sido o de matar João Paulo II, mas sim o de apenas feri-lo. Acontece que Agca é um excelente atirador profissional e não apontou para os órgãos vitais do pontífice, mas sim para o seu abdômen. O sugestivo é que Agca se achava a poucos metros do Papa quando atentou contra a sua vida. No posterior julgamento, a justiça italiana demonstrou que os serviços secretos búlgaros não tiveram nenhuma relação com o atentado. A imprensa deu a princípio uma ampla cobertura à suposta participação da Bulgária e, provavelmente, da KGB no acontecimento, mas teve pouca ou nenhuma repercussão o resultado final do julgamento, que foi no sentido contrário.

No caso daqueles para os quais o sobrenome Sulzberger não diz nada, basta mencionar que é a máxima cabeça empresarial e quem estabelece a linha editorial do supostamente independente *The New York Times*. Se já em 1977 a CIA tinha quatrocentos ativistas camuflados de jornalistas, donos de meios de comunicação e editores, quantos pode ter em 2003? Talvez agora possamos ter uma idéia melhor do ocorrido na década de 1990 com os meios de comunicação na América Latina, quando Tom Hicks, um amigo do ex-diretor da CIA, Bush pai, investiu enormes somas na região para comprar canais de TV, estações de rádio e redes de TV a cabo, quase que no atacado, pagando o que nunca podiam chegar a valer pelos seus próprios resultados comerciais. Temos a CIA em casa cada vez que ligamos a TV?

A CIA NAS UNIVERSIDADES

Mas não só os meios de comunicação têm sido "presa fácil", já há muito tempo, da agência de inteligência semi-secreta norte-americana. Em um megasite da internet (www.cia-on-campus.org) pode mos encontrar informações reveladoras em um artigo de David Gibbs intitulado "Academics and spies":

"Durante os anos 1940 e 1950, a CIA e a inteligência militar estavam entre as maiores fontes de apoio financeiro aos cientistas sociais norte-americanos. Na Europa, a agência apoiava secretamente alguns dos escritores mais conhecidos e estudiosos através do Congresso para a Liberdade Cultural. (...) Desde 1996, a CIA tornou público que, de acordo com especialistas em inteligência, a estratégia de recrutar objetivos acadêmicos de top priority deu certo."

A infiltração da CIA abarcaria praticamente todo o sistema educativo universitário norte-americano. O objetivo da agência de inteligência teria sido o de recrutar nas suas fileiras não só cientistas, professores e educadores, mas também alunos e, muitas vezes, alunos estrangeiros.

O historiador Bruce Cummings, conhecido por sua história em dois volumes da Guerra da Coréia, ocupou-se especialmente desse tema. Segundo Cummings, "muitos estudiosos hoje, particularmente no âmbito das relações internacionais, colaboram com o governo. É comum que muitos jovens e velhos sejam recrutados pelo Conselho de Segurança Nacional ou pela CIA como consultores por um tempo". Particularmente significativa é a menção que, no mesmo megasite e no artigo homônimo, Robert Witaneck faz sobre o recrutamento de estudantes estrangeiros. Vejamos:

"Por volta do início dos anos 1950, o programa tinha-se expandido para incluir o recrutamento de estudantes estrangeiros em universidades norte-americanas, a fim de servirem como agentes da CIA quando retornassem aos seus respectivos países. O recrutamento de estudantes estrangeiros tinha as suas raízes em programas anteriores do fim dos anos 1930 e 1940, quando estudantes de países amigos eram admitidos nas academias militares norte-americanas. Os seus serviços eram especialmente desejados pelos Estados Unidos, já que, quando retornassem aos seus países, fariam parte da elite militar das suas respectivas nações. Através deles, os Estados Unidos esperavam influenciar a marcha dos acontecimentos nesses países e ter acesso a informações dos trabalhos secretos dos seus respectivos governos. Por volta do fim dos anos 1970, cerca de cinco mil acadêmicos estavam fazendo a sua inscrição para entrar na CIA. (...) Existiam comitês que monitoravam todo o tempo os 250 mil estudantes estrangeiros nos Estados Unidos, a fim de selecionar entre duzentos e trezentos futuros agentes da

CIA. Por volta de 60%

dos professores, pesquisadores e administradores das universidades estavam totalmente cientes e recebiam compensação direta da CIA como empregados contratados, ou recebiam bolsas de pesquisa pelo seu papel como recrutadores escondidos da CIA.."

Onde fica, então, o suposto prestígio que ganharam no mundo, desde a década de 1970, as universidades norte-americanas? Durante muitos anos, para numerosas famílias de todo o mundo era altamente desejável que os seus filhos fizessem cursos de graduação ou pós-graduação nos Estados Unidos. Supostamente, a formação científica era muito superior à de outras universidades. O que não sabíamos era que — além da manipulação do conhecimento científico, que antes apontamos como uma constante desejada pela elite financeiro-petroleira, geralmente dona, financiadora ou diretora das universidades — os estudantes estrangeiros estariam sob um constante monitoramento da CIA — com a finalidade de esta arregimentar agentes no exterior — e, como se fosse pouco, que mais da metade dos professores recebiam e recebem pagamentos da agência para "facilitar" o acesso aos alunos.

Mas as surpresas não terminam aí. Na página 189 do relatório oficial conhecido popularmente como o "Church Committee Report", do Congresso norte-americano, indica-se que:

"(...) A CIA está usando agora centenas de acadêmicos norte-americanos, que, além de proporcionar pistas e apresentações para questões de inteligência, ocasionalmente escrevem livros e outros materiais para serem usados com fins de propaganda no exterior. (...) Esses acadêmicos estão localizados em mais de cem universidades e institutos norte-americanos."

Talvez agora possamos entender com mais precisão o que aconteceu com John Nash e com o discreto encobrimento sofrido pelas suas conclusões acerca da falsidade das teorias de Adam Smith, em comparação com a superexposição de teorias econômicas sem real embasamento científico (como a chamada "Escola de Expectativas Racionais" de Lucas). O "Church Committee Report" foi escrito em 1976. Quanto mais terá avançado a infiltração da CIA entre diretores, professores e alunos de universidades norte-americanas desde aquela época? No mesmo trabalho, Volksman aponta que:

"Yale tem sido um terreno fértil no recrutamento de agentes da CIA desde que a agência começou em 1946. Na realidade, muitos dos primeiros executivos da CIA provêm de Yale e de outras escolas da IVY, fato pelo qual a CIA foi

acusada durante muitos anos de corresponder aos interesses do *establishment* anglo-americano. A acusação era verdade: 25% dos executivos top da CIA tinham sido alunos de Yale."

No mesmo trabalho, indica-se que a universidade norte-americana que constitui a principal base de recrutamento de alunos estrangeiros — para que no retorno aos seus países trabalhem como agentes da CIA — é nada menos que... a Universidade de Harvard. Agora pode ser que alguns pontos sobre o grau de penetração que a política e a propagação do CFR realiza-ram no mundo fiquem mais claros. Quantos funcionários públicos europeus, latino-americanos, asiáticos e africanos estudaram em Harvard?

Cabe mencionar que as duas universidades norte-americanas que mais fundos manejam são, não por acaso: primeiro, a Universidade de Harvard⁶, principal sócia universitária da CIA; e, segundo, a Universidade de Yale, instituição dos Bush, dos Harriman, dos Rockefeller e da aristocracia norte-americana que dirige a agência.

Mas as atividades da CIA no mundo universitário e da cultura não se limitaram à infiltração em universidades em todos os seus níveis. Frances Stonor Saunders, em *Cultural Coldwar*, mostra como, depois da Segunda Guerra Mundial, a CIA conseguiu infiltrar-se em praticamente todos os espaços da cultura. Muitas vezes isso era feito mediante fundações "filantrópicas" e congressos culturais, além de exposições, concertos e até turnês de orquestras sinfônicas. O autor descreve ainda como a CIA subvencionava ambiciosos programas editoriais e até se ocupava de realizar traduções para todos os idiomas. Stonor Saunders também narra como as revistas de toda a Europa e de outros lugares do mundo compensavam a queda no faturamento com publicidade mediante supostos mecenas atrás dos quais se escondia a CIA. Talvez o pior de tudo, sempre segundo Stonor Saunders, é como muitos dos mais eloqüentes expoentes da liberdade intelectual do Ocidente se converteram em instrumentos dos serviços secretos norte-americanos. Em muitas ocasiões, a manipulação de intelectuais por parte da CIA. O diretor do fundo de investimentos, Robert Stone, é casado com uma Rockefeller e investiu, para a desgraça dos professores dessa universidade, grandes somas em ações da Enron antes da queda. Vê-se que ele não aprende com a experiência, já que, há muitos anos, quando "Duby a" Bush era acionista da Harken, decidiu investir nessa empresa. Claro que Bush vendeu as ações a preços próximos do máximo da época, enquanto o fundo de investimento da Universidade de Harvard teve que suportar, estoicamente, a queda das ações da Harken de US\$ 4,00 para cerca de US\$ 1,00 por unidade.

CIA dava-se inclusive sem que estes soubessem e, geralmente, mesmo que não

gostassem.

O FBI (Federal Bureau of Investigations) não é nada mais do que uma

"polícia paralela" interna nos Estados Unidos. A visão um tanto romântica das séries e dos filmes norte-americanos acerca dos laboriosos e incorruptíveis agentes — que muitas vezes, para elucidar crimes téticos, ficam trabalhando até altas horas e se alimentam com comida chinesa fria entregue em domicílio — não é nada além de propaganda de quinta categoria. Muitas vezes ouvimos falar sobre os cruéis crimes da Gestapo de Hitler. A Gestapo não era nada mais que uma polícia paralela e o FBI opera da mesma maneira, desde a sua instauração em 1935 pelo presidente Franklin Delano Roosevelt (reconhecido membro de uma sociedade secreta). O FBI foi dirigido durante mais de três décadas por um sinistro personagem, também membro de uma sociedade secreta: J. Edgar Hoover. Sob o comando de Hoover, o FBI realizou todo tipo de operações internas. Por exemplo, ma-nipulou o senador McCarthy durante os anos 1950 para que este levasse a cabo a sua famosa "cruzada anticomunista" e pôs em prática, durante décadas, o racista e temível Counter Intelligence Program (COINTELPRO), mediante o qual os agentes do FBI espionavam as atividades dos membros mais importantes de todas as minorias raciais nos Estados Unidos (incluindo os indígenas nas reservas). O FBI não se limitou a espionar, pois em muitas ocasiões atuou também de forma violenta contra quem acreditou que podia pôr em relativo xeque a supremacia branca e anglo-saxã de todas as estruturas de poder norte-americanas. Enquanto tudo isso ocorria silenciosamente, sem que os meios de comunicação divulgassem a menor notícia a respeito, J. Edgar Hoover era mostrado na mídia como um paladino da luta contra o crime, como o "tio bonzinho" que todo norte-americano desejava ter. Hoover era temido ainda por personagens muito poderosos devido a sua posse de arquivos pessoais de empresários, políticos e intelectuais. Não os colecionava, mas sim os usava para fins extorsivos. O inescrupuloso manda-chuva do FBI foi colocado e mantido no seu cargo diretamente pela elite. Existem muitas especulações de que J. Edgar Hoover era na verdade filho bastardo de um dos membros da elite e até se diz que teria sido concebido em um dos rituais de uma sociedade secreta.

OS ORGANISMOS INTERNACIONAIS

O controle social e global não se realiza somente mediante a existência de lúgubres organizações como a CIA e o FBI. Também foi criado, com o mesmo objetivo, um grande número de organismos internacionais. Muitos deles foram criados depois da Primeira Guerra Mundial, enquanto se concebiam a própria existência do CFR. Outros, por outro lado, surgiram depois da Segunda Guerra Mundial.

A Organização das Nações Unidas foi constituída depois da Primeira Guerra Mundial, com o suposto fim prioritário de evitar outra guerra tão atroz como a de 1914-1918. No entanto, em pouco mais de duas décadas, o mundo se viu envolvido em um conflito bélico muito pior. O nome recebido inicialmente pelas Nações Unidas (Sociedade das Nações) teve que ser mudado, e o seu estatuto interno também, devido, em boa medida, ao péssimo conceito que as populações de todo o mundo tinham da Sociedade das Nações. Apesar do fato de que a Nações Unidas possuem, através de vários organismos satélites, muitos programas de ajuda humanitária, acredita-se — não sem fundamento — que depois do fim da Guerra Fria esse organismo se converteu em uma espécie de marionete dos Estados Unidos e, por via indireta, do CFR.

O apoio que Bush pai conseguiu, em 1990, no âmbito das Nações Unidas para ir à guerra contra o Iraque, apesar de ter baseado a defesa das suas teses em mentiras e enganos, mostra claramente que o organismo, no mínimo, não esteve à altura das circunstâncias. O fato de que George W.

Bush, em 2002, não tenha conseguido a aprovação das Nações Unidas para voltar à guerra contra o Iraque não significa que a ONU tenha ganhado espaços de liberdade e independência como organismo, mas sim que as populações de vários países começam a se dar conta de que os seus líderes as submetem a processos de manipulação e, portanto, de que já não podem tomar a decisão de se perfilar com os Estados Unidos e a Inglaterra sem pagar enormes custos. Esse saudável processo pelo qual em muitos países se generaliza a consciência de que por trás das guerras quase nunca se escondem objetivos de justiça é um produto não desejado e muito temido pela elite. A fim de medir esse progresso na conscientização dos povos, basta mencionar que em 1990 Bush pai não só conseguiu aprovar diante das Nações Unidas a guerra contra Saddam Hussein, como, além disso, conseguiu passar a conta da guerra também para a Alemanha, a Arábia Saudita, o Japão e o emir do Kuwait. De fato, durante 1991 e 1992 ingressaram nos Estados Unidos aproximadamente sessenta bilhões de dólares dessas quatro nações como pagamento por ter realizado com sucesso a chamada *Desert Storm* (Operação Tempestade no Deserto). Na realidade, Bush não estava

inventando nada de novo quando criou um novo produto de exportação: a guerra. Tinha aprendido o suficiente dos seus "padrinhos" da elite financeiro-petroléira que há séculos vinham financiando guerras na Europa, na América e no resto do mundo, com o fim de debilitar os estados nacionais, aos quais, depois da contenda, eram impostas duras condições para o pagamento do seu financiamento. As Nações Unidas, em toda a sua existência, não moveram uma palha para proibir ou limitar o financiamento de guerras. Os conflitos bélicos seriam impossíveis se ninguém os financiasse ou se houvesse um boicote ao financiamento de indústrias armamentistas.

Por outro lado, pode-se "dopar" a consciência social acerca da verdadeira natureza desses organismos internacionais, que muitas vezes serviram para dar um verniz de legalidade a sangrentos conflitos entre países. Geralmente, nomeia-se para o comando das Nações Unidas um negro ou um latino-americano, o que também dá um verniz de pluralismo, tolerância e suposta democracia, fator que muitas vezes não é nada mais que uma paródia.

Embora o controle político que a elite exerce sobre a sociedade global se dê através das Nações Unidas e dos seus organismos satélites, o controle econômico é feito graças ao Fundo Monetário Internacional (FMI), ao Banco Mundial (BIRF) e aos demais organismos satélites, como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Essas entidades foram criadas após a Segunda Guerra Mundial e a função do FMI era, naquela época, ajudar a manter um esquema de paridades de câmbios fixas em relação ao ouro. No caso de muitos países subdesenvolvidos que possuíam poucas reservas de ouro e de divisas e que emitiam grandes quantidades de papel-moeda, o que às vezes provocava inflação, o objetivo do FMI era geralmente emprestar-lhes dinheiro a fim de que pudessem realizar os seus pagamentos externos em troca de um ajuste interno e da desvalorização da sua moeda, de acordo com o grau de emissão monetária e a inflação que tais países tinham sofrido antes. Dessa forma, o objetivo do FMI na realidade não era outra coisa além de, ao mesmo tempo, manter inalterados o sistema de pagamentos internacionais e as relações de preços relativos entre as nações do mundo. Esse conceito, que muitas vezes permaneceu obscuro, implica, na realidade, decidir tacitamente que países devem industrializar-se e quais não devem e possui um efeito ao mesmo tempo determinante na distribuição mundial de riquezas. Ou seja, era decidido, também implícita-mente, que sociedades podiam enriquecer e quais não podiam. Uma vez que um país começava a endividar-se fortemente com o FMI, perdia todo tipo de liberdade — seja quem fosse que estivesse no seu governo — para realizar qualquer tipo de política social que não tivesse a autorização expressa do organismo internacional. Portanto, por trás da fachada de um suposto

"hospital" de países economicamente "doentes", escondia-se na realidade um carcereiro, um policial que fazia exigências aos governos em troca de fundos para pagar as dívidas. Quando, na década de 1970, Nixon retirou os Estados Unidos do sistema de paridades fixas com o ouro e o sistema de Bretton Woods explodiu em mil pedaços, o FMI teve que rever a sua missão. Claro, a meta principal de ajudar os países para que estes pudessem pagar as suas dívidas permaneceu inalterada, mas já não há regime de paridades fixas entre moedas para ser defendido.

Em muitas ocasiões, cada vez mais acentuadas durante os anos 1990 e o início do novo milênio, o FMI fez "vistas grossas" diante de enormes in-consistências macroeconômicas de muitos países-membros. O caso argentino é um exemplo clássico. Sabia-se que o regime de convertibilidade não podia ser mantido indefinidamente e que, quanto mais tarde ocorresse o ajuste, mais doloroso ele seria para a Argentina, porque mais dívida pública e privada se acumulava para sustentar a irreal paridade cambial de um a um entre o peso e o dólar. Apesar disso, o FMI fez "vistas grossas" para esse fator, porque os grandes credores da Argentina, que possibilitavam a ficção de um a um entre o peso e o dólar, não eram os grandes bancos de Nova York e Londres, mas sim milhões de pequenos investidores que possuíam bônus de dívidas estatais, milhões de investidores das sociedades de aposentadoria e pensão (AFJP) e milhões de pequenos investidores em fundos de investimento. Enquanto fosse possível ir colocando bônus da dívida argentina no mercado, os grandes bancos norte-americanos e ingleses podiam continuar a cobrar honorários e comissões muito significativas sem arriscar um só centavo do seu próprio capital em operações de crédito para a Argentina. Portanto, os prejudicados por uma potencial crise financeira como a que aconteceu no final de 2001 não seriam propriamente os membros da elite financeiro-petroleira. Muito pelo contrário: a situação de extrema debilidade em que caiu a Argentina fazia-os ganhar posições na hora de negociar empréstimos e investimentos no país com eventuais futuros governos argentinos.

É necessário levar em conta, então, que é impossível que todos os funcionários do FMI relacionados com a Argentina tenham "deixado escapar" a inevitabilidade da crise. O ponto é que, enquanto em Wall Street se podia continuar ganhando em mega-operações de câmbio, não era conveniente acelerar a saída da convertibilidade, mesmo que depois se pagasse muito caro. Além disso, uma vez de joelhos, a Argentina perderia mais independência e mais graus de liberdade nas suas decisões internas. Esse era o objetivo da elite.

Citamos o caso argentino simplesmente porque talvez seja dos mais paradigmáticos e porque mostra claramente como o FMI, longe de cumprir como deveria uma verdadeira tarefa em um mundo realmente democrático,

está a serviço dos interesses de alguns poucos clãs familiares e das megacorporações que estes possuem.

A situação do BIRF (Banco Mundial) é ainda mais clara. Essa entidade financia diretamente projetos de investimento que os países devem depois realizar com grandes corporações privadas situadas precisamente nos países da elite. Se pensarmos bem, não é algo muito diferente do que em sua época foi o denominado "Plano Marshall". Ou seja, aquele plano por meio do qual os contribuintes norte-americanos financiavam os países europeus de vastados pela Segunda Guerra Mundial, para que estes comprassem em dinheiro produtos das grandes corporações privadas norte-americanas. Dito de outro modo, os pequenos e médios contribuintes norte-americanos estavam financiando os lucros dos empresários mais ricos dos Estados Unidos.

Nada muito diferente acontece com o BIRF. Essa entidade empresta fundos aos países subdesenvolvidos para que eles realizem projetos de investimento. Mas a independência desses países na hora de fazer a contratação e licitação para tais investimentos é muito limitada. Novamente, são os médios e pequenos que subsidiam o lucro dos grandes. Para que esse esquema possa ser mantido, obviamente é necessário comprar a consciência e o silêncio de uma grande quantidade de economistas que cobram polpidos honorários por "trabalhos de consultoria" financiados pelo FMI, pelo BIRF, pelo BID, etc. Na realidade, esses trabalhos costumam ser arquivados, sem peso algum, nas decisões finais sobre créditos e contratos. Todo o sistema econômico-financeiro global está, então, especialmente projetado para que, por trás de uma aparente legalidade e legitimidade em empréstimos, dívidas e contratações, se esconda na realidade o interesse exclusivo de megacorporações privadas e da elite financeiro-petroleira anglo-americana.

Já falamos, em trechos deste e de outros capítulos, sobre a necessidade de que todo esse quadro "feche" mediante o controle social e global exercido pelos maiores meios de comunicação. Portanto, não voltaremos a repetir as referências acerca de quem são os verdadeiros donos dos megameios globais e de como se manipula a opinião pública. Só mencionaremos que a mídia que costuma ser priorizada pela elite como forma primordial de massificar e desinformar é a televisão.

Vale a pena recordar que, no final da década de 1940, durante todos os anos 50 e no começo dos anos 60, a televisão cresceu nos Estados Unidos como um empreendimento estatal. Os empresários da elite petroleiro-financeira norte-americana tinham convencido os funcionários do governo da necessidade de destinar fundos públicos para o enorme investimento que seria preciso. Durante

aqueles anos de TV estatal, as petroleiras foram as principais anunciantes nos programas televisivos. A sua participação não se limitava à publicidade, mas também se estendia aos conteúdos. Por exemplo, deve-se recordar como muitos países transmitiam a sua versão própria do "Repórter Esso". Quando o Estado terminou de realizar todo o gasto com fundos provenientes dos contribuintes, a mesma elite convenceu os funcionários das administrações Lyndon Johnson e Richard Nixon da necessidade de que a TV fosse dirigida por mãos privadas. Já estavam feitos os principais investimentos. As famílias já tinham aparelhos de TV em casa.

Agora a televisão era um negócio rentável. Para que deixá-lo nas mãos do Estado? Além disso, para exercer um máximo controle social, é melhor dirigir diretamente os meios e os seus noticiários do que colocar publicidade e ditar notícias de forma indireta no estilo "Repórter Esso".

Por sua vez, as três principais mega-redes de TV dos Estados Unidos, a CBS, a NBC e a ABC, são na realidade empresas originadas a partir do antigo megamonopólio radiofônico da RCA. A elite teria decidido gerar três redes televisivas, em vez de uma, para criar a ilusão de concorrência. Por sua vez, a RCA foi gerada principalmente pelo banco Morgan, pela United Fruit (Rockefeller) e por três empresas nas quais o banco Morgan possui fortes interesses desde que os seus fundadores (Thomas A. Edison, Graham Bell e Westinghouse, respectivamente) foram praticamente "despojados"

mediante artifícios acionários. Trata-se nada menos que das atuais General Electric, AT&T e Westinghouse.

Não devemos estranhar, então, que recentemente o presidente George Bush filho tenha aprovado nos Estados Unidos uma controvertida legisla-

ção (depois suspensa pelo Congresso, ainda que não se saiba por quanto tempo) que permite que as redes privadas de televisão comprem debilitados jornais e revistas regionais e estaduais norte-americanos. E só um aparente paradoxo que esta legislação fosse aprovada e levada a cabo justamente pelo mesmo personagem que nas eras Nixon e Ford tinha impedido que os jornais regionais e estaduais comprassem canais estaduais de televisão. O paradoxo é só aparente porque a televisão, em pequena escala, estava surgindo nos Estados Unidos nos anos 1970 como uma ferramenta da elite para conseguir uma maior homogeneização na informação à qual populações de distantes regiões podiam ter acesso. O que Bush acaba de aprovar em 2003 —

e ainda não conseguiu pôr em prática — vai, então, no mesmo sentido: o que se

permite é que pequenos jornais antigamente independentes sejam adquiridos e dependam editorialmente de canais de televisão, pertencentes às grandes redes. Como se vê, o controle da informação e a política de comunicação interna dos Estados Unidos estão cada vez mais concentradas em umas poucas mãos. Lamentavelmente, algo não muito diferente vem acontecendo no mundo todo de forma cada vez mais acelerada.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS:

ANDREWS, George: MKULTRA. *The CIA's top secret program in human experimentation and behavior modification*. Healthnet Press, 2001.

BARNOUW, Erik *Conglomerates and the media*. The New Press, 1997.

BLUM, William: *Killing hope. US military and CIA interventions since World War II*. Common Courage Press, 1995.

BRUCE, Tammy: *The new thought police. Inside the lefts assault on free speech and free minds*. Prima Publishing, 2001.

CHOMSKY, Noam: *Estados canallas. El império de la fuerza en los asuntos mundiales*. Paidós, 2002.

CONSTANTINE, Alex: *Psychic dictatorship in the U.S.A.* Feral House, 1995.

HERMAN, Edward; BRODHEAD, Frank: *The rise and fall of the Bulgarian connection*. Sheridan Square Publications, 1986.

HERMAN, Edward; CHOMSKY, Noam: *Manufacturing consent. The political economy of mass media*. Pantheon Books, 1988.

JASPER, William: *The United Nations exposed. The internationalist conspiracy to rule the world*. The John Birch Society, 2001.

KEITH, Jim: *Mind control, world control. The encyclopedia of mind control*. Adventures Unlimited Press, 1997.

KESSLER, Ronald: *Inside the CIA. Revealing the secrets of the world's most powerful spy agency*. Simon & Schuster, 1992.

KICK, Russ: *Everything you know is wrong. The disinformation guide to secrets and lies*. The Disinformation Company, 2002.

KICK, Russ: *You are being lied to. The disinformation guide to media distortion, historical whitewashes and cultural myths*. The Disinformation Company, 2001.

KORS, Alan Charles; SILVERGLATE, Harvey: *The shadow University. The betrayal of liberty on America's campuses*. Harper Perennial, 1998.

LEE, Martin; SHLAIN, Bruce: *Acid dreams. The complete social history of LSD: the CIA, the sixties and beyond.* Grove Press, 1985.

LERNOUX, Penny: *In banks we trust.* Anchor Press/ Doubleday, 1984.

MARKS, John: *The search for the 'Manchurian Candidate'. The CIA and mind control. The secret history of the behavioral sciences.* W. W. Norton & Company, 1979.

MAZZOCCO, Dennis: *Networks of power. Corporate TV's threat to democracy.* South End Press, 1994.

McCHESNEY, Robert: *Rich media, poor democracy. Communication politics and dubious times.* The New Press, 1999.

McCOY, Alfred: *The politics of heroin in Southeast Asia.* Harper & Row Publishers, 1972. SALBUCHI, Adrián: *El cerebro del mundo. La cara oculta de la globalización.* Ediciones del Copista, 1996.

SCHWEIZER, Peter: *Victory. The Reagan administration's secret strategy that hastened the collapse of the Soviet Union.* The Atlantic Monthly Press, 1994.

STONOR SAUNDERS, Frances: *La CIA y la guerra fria cultural.* Editorial Debate, 2001.

YALLOP, David: *iPor voluntad de Dios?* Sudamericana, 1984.

ZEPEZAUER, Mark *The CIA greatest hits.* Odonian Press, 1994.

NA INTERNET:

BISHOP, Greg: "The covered news network", CNN.

GIBBS, David: "Academics and spies". www.cia-on-campus.org.

HUCK, Jim: "The truth". www.angelfire.com/ca3/jphuck/rightframe.html.

LIVERGOOD, Norman: "The new US-British oil imperialism".

7. PODER E SOCIEDADES SECRETAS

Dos filhos da elite, por volta de 0,5% ia às escolas chamadas "academi-as" e era ensinado a pensar e a ser independente. Por volta de 5,5% iam às Realschulen, onde lhes ensinavam parcialmente a pensar. Os outros 94% iam às Volksschulen onde eram induzidos a serem seguidores e bons cidadãos.

Sobre o sistema de educação da Prússia, em *Addresses*

to *Germans*, de Johan Fichte.

Há duas histórias: a história oficial, embusteira,

que é ensinada ad usum delphini, e a história secreta, na qual se encontram as verdadeiras causas dos acontecimentos: uma história vergonhosa.

Honoré de Balzac.

Vimos, nos capítulos anteriores, a existência de uma espécie de governo mundial nas sombras: o CFR. Muito bem, dissemos que o CFR

possui cerca de três mil membros, dos quais uns 80% são norte-americanos. Pensar em um governo no qual se expressem simultaneamente três mil vozes, três mil opiniões, três mil idéias, é claramente uma utopia. Assim, fazem parte do CFR aqueles que vão falar e também os que vão apenas escutar. Em outras palavras, mencionamos que no CFR

há uma grande quantidade de educadores, jornalistas, advogados, economistas, políticos, empresários, etc. Dentro dessa variada gama estão aqueles para os quais o simples fato de figurar no CFR já é uma grande honra e esses membros são convocados para propagar nas suas respectivas organizações o ideário do CFR. Também há aqueles para os quais estar dentro é uma tarefa imprescindível para "bajar línea" a uma grande quantidade de membros do CFR que não são mais do que executores, dentro dos seus respectivos âmbitos de ação, das políticas que a elite pensa e decide. A elite é um número de pessoas muito mais reduzido.

Há no CFR membros da elite, mas... como se organiza a elite? Como ela decide que linhas de ação devem ser seguidas a fim de que os membros do CFR possam cumpri-las em seus respectivos âmbitos? Já dissemos que, muitas vezes, uma idéia que é desejável para a elite é divulgada por seus membros dentro dos âmbitos do CFR para que antes surjam críticas e observações contra ela. Dessa maneira, os integrantes da elite podem, por antecipação, ter uma idéia formada

quanto ao grau e ao tipo de oposição que os seus desejos de domínio global possam gerar dentro da sociedade quando essas idéias forem anunciadas. Isso lhes permite muitas vezes lançar políticas de domínio com certo "marketing" prévio, o que as faz aparecer como democráticas e condizentes com o propósito de alcançar fins supostamente altruístas.

O grau de resistência popular a essas idéias é, então, muito menor.

Quando nos referimos à elite, geralmente o fizemos em termos da elite anglo-americana. É hora de explicar melhor o que significa isso. Na realidade, o Reino Unido e os Estados Unidos são dois países diferentes, mas as suas classes dominantes guardam muitas semelhan-

ças. Ambas são WASP (White Anglo-Saxon Protestant) e a alta aristocracia norte-americana, na qual costumam abundar alguns sobrenomes totalmente desconhecidos do grande público, está composta quase que integralmente por descendentes de colonos ingleses do século XVI que se estabeleceram geralmente em Massachusetts e em zonas próximas. Por gerações e gerações, os descendentes dessas famílias de colonos foram-se casando entre si. Os chamados "país da república" descendem diretamente desses colonos. Essa idéia elitista — quase racista

— de não se juntarem ou misturarem pessoas alheias ao considerado racialmente ideal manteve a elite na sua pretensão de ser racialmente pura. Quando mencionamos que algumas árvores genealógicas da família Bush levam a sua ascendência até os distantes reis ingleses do século XIII, estamos dizendo algo que pode parecer um detalhe, quase uma curiosidade, para o grande público. Mas não é nenhum detalhe nem nenhuma curiosidade, nem para a alta aristocracia norte-americana e inglesa nem para os chamados "novos ricos". Ou seja, os clãs burgueses, bilionários, que obtiveram as suas fortunas geralmente financiados por banqueiros ingleses durante século XIX, desenvolveram nos Estados Unidos o petróleo, as estradas de ferro, os bancos, etc. Em outras palavras, trata-se dos denominados *robber barons*.

Apontamos, inclusive, como a religião da elite (a religião nominal, entenda-se) coincide com a religião existente no Reino Unido. O epis-copalismo da aristocracia norte-americana é só uma "filial" da igreja anglicana, que nasceu como uma dissidência de Roma. Recordemos que, para os anglicanos, o Papa não é ninguém mais que o rei da Inglaterra, representado pelo bispo de Canterbury. As elites inglesa e norte-americana entraram em conflito entre si muitas vezes e em várias outras ocasiões disputaram vastas regiões do mundo. No entanto, essas brigas que muitas vezes se traduziam em guerras deveriam ser

vistas mais como rixas internas dentro de um mesmo grupo dominante, que como enfrentamentos entre dois inimigos. Costuma ocorrer em muitos grupos humanos que, ainda que dentro de um mesmo e homogêneo grupo de pessoas com interesses e filosofias afins, existam brigas para ver, no final das contas, quem exerce a liderança.

Pois bem, até a Primeira Guerra Mundial, a liderança dentro desse grupo era indubitavelmente da elite inglesa. Londres era a metrópole mundial, a moeda de reserva era a libra e os Estados Unidos eram só uma ex-colônia muito importante, em desenvolvimento e rápida ascensão. Mas a liderança de Londres era indiscutível. As coisas começaram a mudar depois da Primeira Guerra Mundial e, durante o desenvolvimento da Segunda, já estava claro que a liderança se tinha voltado em direção a Washington e Nova York. Talvez se possa oferecer uma mostra disso a partir de uma simples história. Quando, depois da Segunda Guerra Mundial, o imponente embaixador norte-americano em Londres consultou-se com lorde Winston Churchill sobre um pedido do governo do presidente Truman para que deixasse a embaixada e assumisse como secretário de Comércio, a resposta de Churchill foi: "O poder, agora, está em Washington". Se os Estados Unidos e o Reino Unido fossem duas nações totalmente independentes entre si, com classes dominantes que tivessem interesses contrários, o aristocrata embaixador norte-americano em Londres, W. Averell Harriman, jamais teria feito essa consulta ao primeiro-ministro inglês. E, claro, o primeiro-ministro inglês jamais teria admitido que o poder estava em Washington...

Enquanto a liderança do poder esteve em Londres, a elite inglesa exercia a sua influência através de uma sociedade denominada "The Group". Essa sociedade secreta situava-se - e situa-se ainda hoje - na Universidade de Oxford. À medida que a liderança ia passando cada vez mais para os Estados Unidos, a elite norte-americana — e a inglesa que a seguia e a segue — exercia e exerce o seu domínio através de uma sociedade secreta cujo nome é Skull & Bones (Caveira e Ossos), fincada na superelitista Universidade de Yale, em Connecticut.

A ORDEM

Essa sociedade secreta, cujo emblema é uma caveira com dois ossos cruzados no estilo das bandeiras piratas, existe desde muito tempo antes que os Estados Unidos começassem a exercer a liderança mundial. A Skull & Bones foi fundada nos Estados Unidos no ano de 1833

e o seu caráter secreto é perturbador. Os seus membros nem sequer podem admitir que pertencem à Skull & Bones. No entanto, George Bush filho reconheceu a sua filiação na sua autobiografia, o livro *A charge to keep 1*, como já mencionamos. Em 1990, quando seu pai ainda era presidente dos Estados Unidos e foi questionado também sobre a sua filiação a essa mesma sociedade secreta, a única resposta obtida lembremos textualmente: "In my senior year (at Yale) I joined Skull & Bones, a secret Society, so secret I can't say anything more."

pelo jornalista foi o silêncio. E não só o silêncio. Bush pai retirou-se abruptamente depois da pergunta. Na realidade, Bush pai cumpria uma das regras internas dessa sociedade secreta: jamais admitir a sua filiação

à Skull & Bones. Pode parecer, então, curioso que Bush filho o tenha feito por escrito em sua autobiografia de 1999. No entanto, mais adiante daremos algumas explicações sobre o que isso pode significar.

Voltemos, enquanto isso, à Skull & Bones. Tal sociedade tem outros dois nomes: "Brotherhood of Death" (Irmandade da Morte) e simplesmente "A Ordem". Como presumimos que para o leitor não vai ser muito simpático observar como exerce o seu domínio sobre nós uma sociedade secreta chamada "Irmandade da Morte", daqui em diante nos referiremos a ela simplesmente como a Ordem.

A Ordem foi fundada, como já dissemos, em 1833 como "Chap-ter" (ou seja, "filial") de uma sociedade secreta alemã. O maior estudioso sobre a Ordem, o economista e jornalista Antony Sutton, falecido recentemente, conseguiu identificar no seu *America's Secret Establishment* algumas conexões importantes entre a Ordem e algumas sociedades secretas alemãs. Entretanto, faltou para ele o "fio condutor" que vai da Ordem à sua antecessora germânica, chamada de os "Illuminati de Baviera". Acontece que a Ordem foi fundada em 1833 e essa sociedade secreta alemã tinha sido proibida e destruída pelo governo da Baviera em 1788, havendo, então, quase meio século de diferença entre a morte de uma e o nascimento da outra. Mas deixaremos esse tema também para mais adiante.

Diremos que essa sociedade tem crenças pagãs e filosofia moral pragmática. O

pragmatismo moral indu-los a pensar que mesmo o fato mais aberrante pode ser cometido se os fins perseguidos se tornarem mais próximos. Esse relativismo ético não deve chamar a atenção, dado que se baseia na idéia racista típica das elites, no sentido de se a-charem superiores aos demais. A igualdade de direitos, expressa tanto no cristianismo quanto no sistema jurídico de uma vasta maioria de países, não seria para a elite anglo-americana mais do que uma ilusão na qual é necessário que as massas acreditem para que o seu poder não seja disputado. Tão anti-religioso é o pensamento dos membros da Ordem, que nos seus documentos internos não contam o calendário desde o nascimento de Cristo, mas sim desde o de Demóstenes, um dos maiores e melhores oradores que teve a Grécia Clássica. O recha-

ço de preceitos morais permite aos membros da Ordem atuar com total desembaraço e falta de escrúpulos diante de qualquer obstáculo que se ponha em seu caminho. A vida e a morte de milhões de pessoas em sangrentas guerras, revoluções e epidemias não são para os membros da Ordem um obstáculo para alcançar o seu objetivo final. A globalização é, então, um estágio prévio, mas muito próximo, do tipo de sociedade que é agradável ao paladar dessas aristocracias. Uma sociedade composta só de duas classes sociais: os membros da elite, liderados pela Ordem, e os demais, as massas, igualados o máximo possível, quase indiferenciáveis. Apontamos que a escassez de combustíveis fósseis, assunto cuja real dimensão ainda se mantém em segredo, impediria por completo um crescimento global sustentável em ritmo suficiente para melhorar o nível de vida da população mundial e poder igualar a ascensão das massas. Portanto, a elite vai tentar empurrá-los, seguramente, "para baixo". Os recentes episódios de desvalorização, moratória, conversão forçada de dívidas e miséria acontecidos nos anos 1990 e no início do novo milênio em muitos países podem dar uma idéia do que significa "empurrar para baixo". A Ordem conseguiu até agora permanecer quase que em absoluto segredo. Nos primeiros 150 anos da sua existência na Universidade de Yale, não se escreveu nenhum livro sobre a existência desse minúsculo grupo e só apareceram dois artigos jornalísticos isolados, segundo o que se sabe. O pesquisador Antony Sutton estava trabalhando sobre fatos muito chamativos e relacionados com essa sociedade. Tinha descoberto como Wall Street financiou a revolução bolchevique e a queda do czarismo na Rússia e como, poucos anos mais tarde, estava financiando nada menos que o maior inimigo do comunismo: Hitler. A elite não só financiava extremos tão opostos como Lênin e Hitler, como, além disso, vendia para ambos o que necessitavam para se desenvolverem e se transformarem em mortais inimigos entre si. Para Hitler, ela vendia as matérias-primas de que a Alemanha precisava e, além disso, ajudava esse país a desenvolver, como vimos, combustível sintético do qual não dispunha. Para a Rússia soviética, que, por outro

lado, possuía abundante matéria-prima, a elite vendia armas e tecnologia de ponta comparável com a alemã e a norte-americana. Acontece que, depois da revolução bolchevique de 1917, a Rússia dependia totalmente da tecnologia ocidental para subsistir. Isso deve ficar claro. Não só lhe vendiam armas, como também os bens de capital indispensáveis para desenvolver todo tipo de atividade. Sem a ajuda de Wall Street, na Rússia não teria sido possível ascender a luz, tomar água, nem sequer cozi-nhar... Tal era a escassez de capital e de bens intermediários no estado pré-industrial no qual se achava a Rússia em 1917.

No entanto, não nos ocuparemos aqui desses temas históricos que serão assunto de um novo volume. Só diremos que Sutton estava mais do que surpreso e não encontrava a causa pela qual a elite financeira de Wall Street tinha financiado ambos os lados e, assim, colaborado para gerar a Segunda Guerra Mundial. O mistério acabou para Sutton quando, em 1983, ele recebeu, de membros anônimos e "arrepentidos" da Ordem, material secreto para revelar o mistério do financiamento simultâneo de Wall Street a nazistas e a comunistas. Em 1984, Sutton publica a sua obra e o mistério começa a se desvanecer para ir gerando um outro ainda maior. O que havia acontecido teria sido o seguinte: a Ordem foi fundada na Universidade de Yale² pelo magnata norte-americano do ópio William Russell e por Alfonso Taft, pai da única pessoa que seria ao mesmo tempo presidente da Nação e presidente da Suprema Corte de Justiça no início do século XX. A origem germânica da Ordem deve-se ao fato de que Russell teria estado ² Isso pode explicar a surpreendente abundância de graduados de Yale na CIA, como já havíamos mencionado no capítulo anterior.

na Universidade de Ingolstadt (Baviera) em 1831 e 1832, tendo ali tomado contato com uma sociedade secreta (os Illuminati). Nessa época, na Baviera (Alemanha) e em toda a Europa, causavam furor as idéias do idealismo alemão. As suas figuras máximas eram Friedrich Wilhelm Georg Hegel e seu antecessor Johann Fichte.

NOÇÕES DE HEGEL

Hegel pensava que o Estado era absoluto. Reduzia o indivíduo e o individualismo a quase nada. Para Hegel, a liberdade individual é só um conceito abstrato que o indivíduo pode alcançar se e quando este aceitar a sua total submissão ao Estado e a sua dependência em relação a ele. Para Hegel, não existe uma verdadeira liberdade individual. O Estado seria, assim, onipresente. No entanto, em termos práticos — e isso teria sido entendido muito bem e muito rapidamente por Russell e pelos membros da elite —, o Estado não é mais do que uma ficção, no sentido de que se trata de um ente abstrato. Alguém deveria estar, então, por trás do Estado, movendo os fios do poder. Quem melhor, segundo o particular conceito

da elite, que eles mesmos para se encarregar disso? É necessário levar em conta que a elite não era uma profunda estudiosa de um dos filósofos mais difíceis de se entender. Para o pragmático estilo anglo-saxão, foram utilizados certos dispositivos, certas noções da filosofia hegeliana que eram considerados extremamente úteis para desenvolver um muito sofisticado esquema de domínio com motivações globais.

Não deve parecer estranho que essa classe dominante, como muitas outras no curso da História, tenha desejado a mais extensa hegemonia possível. Um domínio global para esses aristocratas multimilionários era, como já vimos com Cecil Rhodes, um total controle do mundo inteiro. Para isso, eles precisavam — e continuam precisando — efetuar mudanças no mundo, o que muitas vezes é realizado através de guerras, de revoluções, de levantes e de atos violentos aparentemente desconectados entre si. A existência de vários países, religiões, línguas, costumes, etc. e de vastas regiões do planeta ainda alheias ao seu domínio efetivo conspirava contra as suas ambições.

Portanto, certos conceitos hegelianos podiam fornecer uma metodologia clara, efetiva e ordenada, sem a qual qualquer afã de domínio absoluto, de um Estado mundial controlado, seria uma quimera irrealizável. Qual seria, então, esse método? Pois bem: Hegel achava que a realidade se modificava perpetuamente através de um infinito processo de tese e antítese que derivava em uma síntese, uma espécie de fusão de elementos tanto da tese quanto da antítese de forma superadora. Devemos mencionar aqui que o dispositivo dialético podia fornecer à elite um mecanismo de domínio. Se apenas pensarmos que tanto o marxismo comunista quanto o nazismo hitleriano foram influenciados, em boa medida, pela dialética e pelo idealismo de Hegel, fica claro que, em termos de domínio, há uma metodologia em comum entre ambos os sistemas que excede as suas diferenças.

A elite teria raciocinado que, se eram necessárias mudanças na sociedade para exercer um poder global e se elas só podiam ser realizadas através de um conflito entre duas facções antagônicas, opostas entre si em um processo dialético de tipo hegeliano, o que melhor então do que controlar o conflito? Dito de outra maneira, se é possível influenciar de maneira muito importante os dois lados de um mesmo conflito e se é possível ter certa influência *low profile* no seu desenvolvimento, a elite bem que poderia prever, ainda que não com exatidão, mas ao menos com bastante precisão, o resultado do mesmo e manipular o máximo possível a realidade de acordo com os seus próprios interesses. Vejamos o que pensava Sutton, quando publicou a sua obra em 1984:

"No sistema hegeliano, o conflito é essencial. Para Hegel, e para os sistemas

baseados em Hegel, o Estado é absoluto. O Estado requer uma completa obediência do cidadão individual. Um indivíduo não existe por si mesmo nos chamados sistemas orgânicos, mas sim apenas para cumprir um papel nas operações do Estado. Encontra a existência só na obediência ao Estado. Não havia liberdade na Alemanha de Hitler, nem há liberdade para o indivíduo submetido ao marxismo. Tampouco haverá liberdade na Nova Ordem Mundial. E, se isso soa como em *1984* de George Orwell, é porque é assim mesmo." 3

O slogan viria a ser: "Um conflito controlado produz o resultado desejado". Em um mundo no qual a liberdade individual é apenas uma ilusão, se um reduzido grupo de indivíduos muito poderosos manipular o Estado a partir das sombras, pode-se tentar induzir o curso da História e conseguir esse feito por um período prolongado. É possível que alguns acontecimentos não ocorram como foram previstos, mas também é possível tentar corrigi-los. Por exemplo, não estava previsto que o petróleo secasse tão rapidamente nos Estados Unidos. Por isso, taticamente e com grande pragmatismo, a elite aplica outro princípio conhecido na estratégia militar ao menos desde a época do imperador romano Diocleciano: o de "Ação - Reação

= Solução". Esse princípio é um mecanismo que pode ser usado para gerar mudanças corretivas. O que postula? Que se alguém tem um problema grave e, como consequência, deve realizar um ato repudiável pelo consenso social (como seria, por exemplo, invadir um país sem uma causa), então nada melhor que provocar um ato que mude por completo a opinião pública. Dessa forma, encontra-se uma solução para o problema. O leitor poderá dizer que isso é como jogar xadrez consigo mesmo, com uma única pessoa mexendo as peças dos dois lados. Pois bem, o xadrez foi inventado no Oriente, mas não foram os britânicos que implantaram o costume de o indivíduo jogar consigo mesmo? Agora estamos em condições de entender muito mais o caráter e a intenção de onipotência da Ordem: acontece que, às vezes, para conservar ou aumentar o poder, é necessário levar a cabo atos desprezíveis.

As noções sobre a filosofia hegeliana não foram absorvidas por acaso.

Os laços entre a Ordem e as universidades de Berlim e Ingolstadt não se 3
Convidamos o leitor a ler a segunda parte do capítulo 9 do romance *1984*, de George Orwell, intitulada "Teoria e Prática do Coletivismo Oligárquico". Para decodificar corretamente a mensagem: onde se diz "partido", deve-se entender "corporação"; onde se diz "Oceania", deve-se entender Estados Unidos, Reino Unido, Austrália e Nova Zelândia; onde se diz

"guerra", deve-se entender, muitas vezes, "economia moderna", outra forma de

guerra.

limitaram apenas à presença do fundador da Skull & Bones na Alemanha em 1831 e 1832. Em meados do século XIX, três membros da mais rançosa aristocracia norte-americana viajaram à Alemanha para receber doutrinação em políticas educativas. No seu retorno, eles ocuparam as presidências das três universidades estrategicamente mais importantes dos Estados Unidos: Yale, Cornell e John Hopkins. Foi nessa época que os membros da Ordem fundaram nada menos que a American Historical Association e a American Economic Association e exerceram a sua influência em instituições superiores, inclusive de teologia. A fundação dessas academias não é um dado menor, posto que, através delas, se propôs e se difundiu a idéia de que existisse uma única "História oficial" e uma "doutrina econômica oficial", de maneira tal que a História apareça hoje como uma sucessão de fatos casuais e caóticos produzidos por forças não conectadas entre si. Dessa maneira, as guerras mundiais, o assassinato de Kennedy, o caso Watergate e a Guerra do Golfo são, para a "História oficial", acontecimentos isolados e desconectados. Do mesmo modo, na academia de economia fundada pela Ordem se louvam o livre mercado e o individualismo, gerando na população a ilusão de que o "sonho americano" é possível e de que qualquer um, competindo com os demais (nunca colaborando com a concorrência), pode transformar-se em um magnata. Claro, a realidade é bem diferente: por trás dos panos, os negócios estão oligopolizados a um extremo desconhecido pelo grande público e, às vezes, até pelos próprios entendidos no assunto.

Em certo sentido, esse domínio de um muito vasto aparelho produtivo por parte de um grupo extremamente pequeno de membros da Ordem foi favorecido por uma antiga prática britânica que o historiador Lawrence Stone explica minuciosamente na sua obra *Open elite: England 1540-1880*.

Trata-se da celebração limitada de casamentos entre membros da própria aristocracia de "sangue azul" (no caso dos Estados Unidos, entre famílias de colonos chegadas no século XVII) e indivíduos de várias das famílias de

"novos ricos" (no caso dos Estados Unidos, famílias formadas no século XIX). É assim que, segundo Sutton, confluem na Ordem clãs familiares multimilionários e popularmente conhecidos nos Estados Unidos — como os Rockefeller, os Harriman, os Davison (herdeiros em parte do clã Morgan e associados em boa medida com os Rockefeller), os Sloane (vendas no varejo), os Pillsbury (indústria alimentícia), os Paine e os Weyerhaeuser — com clãs cujo sobrenome pode não despertar nenhuma lembrança do leitor, mas que são da mais antiquada aristocracia norte-americana e detêm enormes doses de poder — Whitney,

Perkins, Stimson, Taft, Phelps, Bundy, Lord, Wadsworth, Vanderbilt e Gilman —, todos eles membros da Ordem durante gerações inteiras.

Antes de começar o ano durante o qual os estudantes de Yale se graduam, os quinze (nenhum a mais, nenhum a menos) membros da Ordem recém-graduados escolhem "a dedo" quinze membros que os substituirão no último ano universitário. A Ordem não é uma mera fraternidade estudantil e a sua atividade é bem diferente daquela desenvolvida por esse tipo de organização (em Yale há mais duas fraternidades). Trata-se, na verdade, de uma sociedade secreta com fins claramente pós-universitários. Os membros da Ordem permanecem nela de forma vitalícia. Todo o tempo há entre 500 e 600 membros vivos, dos quais muitos se distanciam dessa estrutura de poder e não tomam parte nas suas deliberações nem nas suas decisões.

Só um reduzido núcleo decide a agenda do CFR. A Ordem também dirige grandes fundações como a Fundação Ford e a Fundação Carnegie. Os herdeiros do sobrenome dessas fortunas familiares pouco podem fazer para evitar a manipulação, por parte dos membros da Ordem, de uma boa parte de seu patrimônio, dos interesses corporativos e das fundações que os seus ancestrais deixaram. Sutton aponta, por exemplo, que discussões de membros da Ordem e de membros da família Ford sobre a direção da Fundação Ford provocaram a renúncia dos membros da família Ford.

Essa enorme máquina de poder que é a Ordem, uma mistura de aristocracia e de alta burguesia, teria atuado de maneira determinante no estabelecimento do significado dos termos "esquerda" e "direita", classificação que, muitas vezes, tem sido funcional para intervir e até provocar conflitos através dos quais são obtidos os resultados hegemônicos que a Ordem considera que, por aproximações sucessivas, vão levando paulatinamente ao seu objetivo de domínio global. Isso pode explicar, por exemplo, por que o dinheiro das fundações de "direita", como a Fundação Ford, é canalizado em grande medida para setores da imprensa "de esquerda".

Da mesma forma que no seio do CFR — no qual existem vozes minoritárias que às vezes se opõem às linhas de ação predeterminadas —, a elite sempre deve ter à mão linhas de ação alternativas, quase diametralmente opostas às escolhidas, para utilizá-las no caso de que algo dê errado. Lembremos como o pré-candidato democrata que mais fundos tinha arrecadado até a segunda metade de 2003, o ex-governador de Vermont, Howard Dean

— que se tinha expressado publicamente contra a guerra no Iraque, mas que queria mais pressão contra o Irã e a Arábia Saudita —, conseguiu reunir tais

fundos depois de falar, em 23 de junho de 2003, no CFR. Recordemos como isso lhe abriu as portas na imprensa: o seu rosto foi capa, quase que simultaneamente, na *Time*, na *Newsweek* e na *US News and World Report*. De onde vem Dean? Pois bem, graduou-se em 1971 em.. Yale.⁴

Voltando à Ordem, para tornar possível esse monumental esquema de poder, a elite percebeu muito rápido que era imprescindível contar como aliado com o sistema educacional norte-americano. Por isso, desde meados do século XIX, foram importadas para os Estados Unidos teorias psicológicas e educativas alemãs. A educação norte-americana baseia-se na teoria de que o indivíduo deve ser educado para cumprir um papel, como se fosse mais uma engrenagem no aparelho social. Essa especial forma de educação, importada da Alemanha, é realizada nos Estados Unidos desde as primeiras etapas da escola primária. Inclusive, Sutton mostra na sua obra como as crianças norte-americanas são ensinadas a ler mediante métodos que tornam mais difícil — e não mais fácil — a compreensão. Não se trata de um 4 Ainda que a filiação de Howard Dean à Ordem não tenha sido determinada, teria sido sim comprovada a de uma espécie de pré-candidato "estepe" do Partido Democrata: o senador John Kerry, graduado em Yale e membro da Ordem. (Vale lembrar que o general Wesley Clark é também membro do CFR.) Mas, mesmo que não se saiba se Dean pertence à Skull

& Bones, sabe-se sim que ele aplica as suas mesmas práticas de segredo. Pouco antes de deixar o governo de Vermont, Dean assinou um documento para manter em segredo por dez anos toda a informação reservada do seu governo.

erro inconsciente, mas de uma política deliberada: a prioridade não é que o povo norte-americano se informe e tenha acesso ao conhecimento através da leitura, muito menos ainda na atual era da televisão. A grande multiplicidade de versões da História a que poderiam ter acesso através de livros, jornais, etc., quando a televisão ainda não existia, batia de frente com a aspiração a um "Estado absoluto" que pudesse proporcionar à elite um irreto-cável controle das massas. É devido a essa singular forma de educação, praticada desde a escola primária nos Estados Unidos, que se facilita a manipulação da opinião pública norte-americana, em contraposição à européia ou à latino-americana, nas quais o grau de desconfiança e apreensão em relação aos Estados Unidos é muito maior.

Segundo Sutton, existem duas universidades que funcionam como

"ventiladores" das políticas educativas que são elaboradas ao gosto da elite em Yale, Cornell e John Hopkins. Essas universidades são nada menos que a Universidade de Chicago e a Universidade de Columbia. Não chama a atenção,

portanto, que a Universidade de Columbia possui, sozinha, mais de 1% de todos os membros do CFR e que a Universidade de Chicago, fundada por John Rockefeller I, tenha criado, financiado e divulgado em todo o ambiente universitário norte-americano e mundial as teorias de Milton Friedman e de Robert Lucas. Em Chicago, essas teorias foram desenvolvidas — como apontamos no primeiro capítulo — com a finalidade de facilitar o enfraquecimento dos Estados, para o que, diga-se de passagem, era muito útil "tapar" descobertas como as de Nash e Lipsey e poder "res-suscitar" a ideologia neoliberal do individualismo e do *laissez-faire* absoluto, a qual, se convenientemente disseminada entre a população, permite gerar nas sociedades uma falsa idéia de liberdade, de democracia e de capitalismo competitivo. Essa idéia de que o "sonho americano" é possível mediante a liberdade individual e a suposta presença da livre concorrência faz com que as pessoas não se questionem acerca de temas como os que estamos vendo neste livro. Obviamente, trata-se de uma ilusão. A elite gosta da concentra-

ção do poder econômico em umas poucas mãos: as suas. Não quer problemas. Quanto menos inteiradas desse fato estiverem as pessoas, muito melhor para a elite. Além do mais, para uma filosofia de vida racista, para uma concepção social baseada em castas, a existência — a vida e a morte de enormes quantidades de seres-humanos — é considerada como uma questão menor, dado que, nesse caso, se trataria de indivíduos de nível inferior.

Se lembrarmos que a visão dessa classe dominante está tingida de malthusianismo e darwinismo, entenderemos claramente que, se há algo que aos seus olhos sobra no mundo, isso é precisamente gente (sobretudo se levarmos em conta a situação energética muito delicada comentada no segundo capítulo). Os reduzidos setores ultrapoderosos representados por Bush e Blair sabem muito bem que o pensamento individualista, quando se trata de uma equipe (o que toda sociedade é), conduz à lei da selva e ao enfraquecimento progressivo dos mais desamparados. A elite também sabe muito bem que, para otimizar os benefícios tanto individuais como grupais, não devem ser aplicadas as teses de Adam Smith, mas sim as de John Nash e as de Lipsey.

Mais ainda: a Ordem e a elite funcionam "a la Nash", ou seja, colaborando entre si e postergando a curto prazo alguns objetivos individualistas com o fim de beneficiar o grupo no seu conjunto⁵, o que posteriormente também resultaria em benefícios pessoais superiores. "Hoje por você, amanhã por mim", esta se poderia dizer que é a máxima, tanto de Nash como da Ordem.

A ORIGEM DA ORDEM

Dissemos que a Ordem proviria de uma sociedade secreta alemã, segundo descobriram em certos documentos alguns alunos curiosos de Yale.

Diante do exagerado sigilo de vários dos seus companheiros de Skull & Bones, eles decidiram invadir a sede da Ordem (chamada "a Tumba") no 5 Um claro exemplo é a eleição em que Bush pai, proeminente membro da Ordem, perdeu para Clinton no fim de 1992. Isso facilitou a agenda globalizadora ao poder "encobrir" de forma conveniente os escândalos do BCCI, do caso Irã-Contras e da invasão do Iraque, entre outros encarados por Bush pai.

ano de 1877 e encontraram papéis que certificavam essa conexão. Sutton chegou, no final da sua obra quase póstuma⁶, a especular que a origem da Ordem não seria outra além da loja dos Illuminati, sociedade secreta estabelecida na Baviera em 1776 por um obscuro ex-clérigo jesuíta chamado Adam Weishaupt. Essa loja teria sido fundada com o suposto objetivo de intercambiar idéias para a melhoria da situação social no mundo. No entanto, em pouco tempo demonstrou que tinha outros objetivos reais e que a-quilo era só uma fachada. O nome Illuminati provinha da crença, por parte dos integrantes desse grupo, de que qualquer ato, mesmo o mais cruel, não é mau se quem o realiza se encontra em um arrebatamento de iluminação mística. Weishaupt, a pedido e com o financiamento do fundador da dinastia Rothschild, Meyer Amschel Bauer, teria fundado essa loja com a finalidade, obviamente ilusória naquela época, de dominar o mundo inteiro. Rothschild teria tirado proveito naquele momento de certo enfraquecimento e endividamento de muitas lojas maçônicas para fundar uma ultrapoderosa loja própria que liderasse as demais e teria influenciado Weishaupt para que este inserisse os Illuminati dentro da maçonaria. Um dado-chave é que Weishaupt se iniciou na maçonaria em 1777, pouco depois de fundada a loja dos Illuminati. Dessa maneira, a casa Rothschild teria articulado, em um muito curto espaço de tempo, uma vasta rede secreta de contatos em nível mundial de pessoas juramentadas para ajudar-se mutuamente. Essa é uma característica própria da maçonaria, uma sociedade secreta ou uma sociedade com segredos - tal como preferem denominar a si mesmos os maçons.

Para fins práticos, dá no mesmo. Trata-se de uma rede secreta de caráter supranacional que associa gente poderosa organizada de modo vertical. O

debate acerca de quão secreta é a maçonaria pode chegar a ser inclusive apenas um jogo de palavras. A realidade é a mesma.

É bem provável que uma enorme proporção daqueles que fazem parte 6

Posteriormente à sua investigação sobre a Skull & Bones, Sutton só publicou uma curta obra. Era intitulada *The two faces of George Bush*. O autor viveu ainda mais 15 anos até o seu falecimento em 2002, mas praticamente não deixou nada publicado nesse período.

da maçonaria, inclusive nos seus patamares mais altos, não tenha a menor idéia dessas questões. Pode-se ingressar nessas sociedades secretas por ambições pessoais ou por altruístas fins sociais. No entanto, é muito necessário reforçar que, quando se é membro de uma sociedade secreta ou de uma sociedade com segredos, nunca se pode saber a que finalidades se está ser-vindo. O sigilo costuma invadir também a cúpula do poder das sociedades secretas. Por mais confiança e segurança que se possa ter naqueles que ocupam postos imediatamente superiores, deve-se pensar que apenas um muito reduzido subgrupo dentro desse tipo de elite sabe e conhece a real agenda de ação futura, os objetivos finais e os feitos que será necessário realizar inevitavelmente. É muito provável que na maçonaria de muitos países, por serem apenas distantes "filiais" dos reais centros de poder das sociedades secretas, ninguém, absolutamente ninguém, nem mesmo aqueles que ocupam os seus cargos mais altos, esteja verdadeiramente a par do que se planeja e do que está sendo feito. Inclusive nos Estados Unidos e na Inglaterra, uma vasta maioria dos maçons seguramente também não tem conhecimento de tudo isso.

As sociedades maçônicas norte-americanas admitem contar, entre os seus membros, com nada menos que 15 dos 43 presidentes que os Estados Unidos tiveram. E isso sem levar em conta, por exemplo, que os dois Bush pertencem a outra sociedade secreta (a Ordem), que Clinton também teria sido membro de uma sociedade secreta (a De Molay) e que na sua estada em Oxford também teria tido contato com pessoas da The Group, que o ex-presidente Lyndon Johnson teria sido iniciado entre os quadros dessa rede de sociedades secretas, mas não teria chegado muito longe, que Nixon teria sido membro (mas devido ao Watergate seria um "papelão" reconhecê-lo) e que Reagan teria sido incluído, uma vez nomeado presidente.

No entanto, há um "elo perdido" nessa cadeia: se os Illuminati foram perseguidos por volta de 1784 e teoricamente eliminados por volta de 17887

e, por outro lado, se a Ordem nasce só em 1833, qual é a conexão entre 7 O governo da Baviera daquela época perseguiu-os pelo seu caráter violento e inescrupuloso e pelas suas ambições de poder global.

ambos? Alguma organização teve que atuar nesse intervalo de tempo como a usina de idéias iluministas da vez. Aparentemente, foi a Phi Beta Kappa.

Em *Secret societies of all ages and countries*, de Charles Heckethorn, publicado em 1875, se lê o seguinte acerca da rede de fraternidades Phi Beta Kappa, que antes mencionamos e que hoje conta com mais de duzentas sucursais em universidades norte-americanas:

"A Phi Beta Kappa é a sociedade através da qual os Illuminati da Baviera teriam se expandido para os Estados Unidos. Nessa ordem, somente são admitidos estudantes universitários. A chave de acesso é: 'a filosofia — e não a religião — é a base de ação'. Ou seja, a filosofia é o guia ou a regra da vida."

Do mesmo modo que os Illuminati da Baviera, a Phi Beta Kappa foi fundada no ano 1776. Uma boa parte dos seus membros participou da revolução pela independência dos Estados Unidos. Os seus seguidores são escolhidos "a dedo" nas duzentas principais universidades norte-americanas. Mas, por volta do final da década de 1820, houve nos Estados Unidos uma forte pressão para que as sociedades secretas viessem à luz. A pressão foi tal que, por volta de 1830, obrigou a Phi Beta Kappa a se tornar pública e a dizer quem eram os seus membros. Esse é, então, o motivo pelo qual William Russell teria viajado à Baviera em 1831. Teria sido necessário fundar uma nova sociedade secreta para substituir a Phi Beta Kappa, a qual seguiria funcionando mas não mais como usina e geradora da idéia básica dos Illuminati: deter o poder em todo o inundo. Teria sido dessa maneira que a revelação da Phi Beta Kappa teria criado a necessidade de se formar a Skull & Bones.

Podemos supor, então, o porquê de George W. Bush, na sua autobiografia, ter infringido a principal regra de toda sociedade secreta: manter o segredo. É possível que, a partir do ano de 1984 — quando, por causa das descobertas de Sutton baseadas no depoimento de "arrepentidos", se descobre a existência do verdadeiro poder nas sombras: a Ordem —, tenha havido uma tendência da elite a abrir relativamente as suas portas e transportar o que é necessário esconder, a manipulação real do poder, para outra sociedade secreta, em algum outro lugar. Hoje, por exemplo, qualquer membro da Phi Beta Kappa pode expressar livremente que é membro. Não deveria parecer estranho, portanto, que em apenas alguns anos os seguidores da Skull & Bones também façam o mesmo, pois existiria, de qualquer modo, outra organização secreta que "tomasse as rédeas". Talvez por isso mesmo, ultimamente a Ordem teria admitido alguns indivíduos de raça negra, alguns judeus e algumas mulheres entre os seus membros. .

Curiosa situação, então: o mesmo clã — os Rothschild — que financiou o desenvolvimento e o crescimento dos Estados Unidos, gerando do nada os Rockefeller, Harriman e JP Morgan, e que teria ajudado a criar os grandes

bancos centrais ocidentais, seria o fundador da loja dos Illuminati, que, por sua vez, se teria instalado nos Estados Unidos primeiro com a Phi Beta Kappa e depois com a Skull & Bones. Os Rothschild foram os grandes financiadores da coroa britânica e da aristocracia inglesa e, mais do que nunca, os Estados Unidos e o Reino Unido parecem trabalhar juntos e com as mesmas finalidades. As suas aristocracias e as suas burguesias estão misturadas entre si, mas isoladas completamente do resto da população.

Vimos a influência de uma poderosa sociedade secreta de origem alemã nos Estados Unidos e na Inglaterra, mas não dissemos nada sobre a influência de sociedades secretas e do ocultismo em talvez um dos maiores projetos imperiais da história: o de Hitler. Se o real poder atual é manipulado por trás dos panos em uma sociedade secreta cujas origens, ao menos filosoficamente, seriam alemãs, também não teria tido o Terceiro Reich, associado financeiramente e comercialmente com a mesma elite, a sua origem em uma sociedade secreta germânica?

THULE GEMEINSCHAFT

Não é o objetivo desta obra se estender demasiadamente em considerações históricas que desenvolveremos melhor e amplia-remos em um próximo volume. No entanto, citaremos o caso da sociedade Thule, a fim de que fique claro o grau de periculosidade que costumam ter as sociedades secretas e, sobretudo, as conexões muitas vezes ocultas que há entre elas. A sociedade secreta Thule nasceu em 1919, no sul da Alemanha — mais concretamente na Baviera, a mesma pequena região geográfica na qual nasceram os Illuminati em 1776 —, para passar ao anonimato e ao sigilo total uma década mais tarde.

Acontece que na Alemanha, por causa do desastre provocado pela derrota na Primeira Guerra Mundial, havia terreno fértil para a geração e a expansão de idéias nacionalistas, socialistas e, muitas vezes, racistas. Boa parte dessas idéias foi canalizada através de sociedades secretas com objetivos políticos. Thule era a mais importante de todas essas sociedades do período entre guerras. Nas suas reuniões secretas, reuniam-se intelectuais e poderosos empresários alemães que desejavam mudar a história do seu país.

Eles necessitavam imperiosamente de um líder e, por isso, no início da década de 1920, ao ver os extraordinários dotes de oratória de Hitler e o poder hipnótico que este possuía quando se comunicava com os pequenos grupos do DAP (Partido Alemão dos Trabalhadores), não titubearam em dar-lhe todo o seu apoio e em ajudá-lo a escalar posições na política. Hitler, apesar de sentir certa curiosidade sobre o ocultismo, nunca tinha sido membro de uma sociedade secreta. No entanto, entre os seus mais imediatos seguidores proliferavam membros desse tipo de associação. Citaremos, entre eles, nada menos que Rudolf Hess (o número dois de Hitler), Wilhelm Frick (ministro da Economia do Terceiro Reich), Alfred Rosenberg (ideólogo e filósofo do partido nazista), Hans Frank (governador geral da Polónia), Karl Haushofer (principal geopolítico e estrategista militar alemão), Anton Drexler (chefe máximo do DAP, partido antecessor direto do partido nazista NSDAP) e muito especialmente, ainda que não no Thule mas com o nome Thule era designada, na Alemanha, uma mítica região do Ártico, similar à lendária Atlântida, na qual teriam morado homens gigantes da raça ariana. Chama a atenção o fato de que, em muitas sociedades secretas, prolifere esse tipo de mito. Em muitas sociedades maçônicas inglesas e escocesas se faz referência à mítica história do rei Arthur, monarca que, no seu respectivo território, cumpriria um papel muito semelhante ao desempenhado pelos gigantes de Thule.

em outra sociedade secreta, nada menos que Heinrich Himmler (chefe máximo da sinistra SS). Como se pode ver, Hitler não só estava rodeado de membros de

sociedades secretas, corno em boa medida devia a sua ascensão ao poder à atividade incansável de muitos desses membros, para que o seu NSDAP (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores, derivado do DAP) chegasse ao poder. Se alguém duvida da influência das sociedades secretas na ascensão do nazismo na Alemanha, talvez baste citar que a própria cruz suástica — símbolo escolhido por Hitler em pessoa para representar o seu esquema político — era, desde 1919, o símbolo escolhido pela sociedade Thule nos seus logotipos, como demonstra o abundante material existente a respeito. A suástica era um símbolo muito antigo da Índia, onde se teria originado a raça ariana há milênios, mas não tinha sido utilizada como símbolo de forma importante na Alemanha. Foi a sociedade secreta Thule que começou a empregá-la.

O financiamento de banqueiros norte-americanos e de sócios dos norte-americanos (como Von Tyssen) e o apoio dos membros de sociedades secretas alemãs foram determinantes para a ascensão de Hitler. Este ocupou o posto de chanceler do Reich em 1933, ano em que desaparecia todo vestígio de sistema democrático na Alemanha. Apesar de Hitler ter apagado com uma "canetada" a democracia, não teve a mesma sorte com as sociedades secretas, que, embora lhe tivessem dado grande impulso, podiam disputar com ele boa parte do poder. Em 1935, promulga, assim, duras leis com a finalidade de dissolvê-las. Fracassa, contudo. Dois anos mais tarde, tenta-o novamente com uma legislação ainda mais dura contra as sociedades secretas. Não só volta a fracassar, como também, por causa da persistência dessas sociedades, passa pelo seu primeiro "papelão" internacional, fato que marcou simbolicamente o início da queda do Terceiro Reich, em 1942. **9**

9 O atentado de 1944 que quase mata Hitler também teria sido planejado, ao menos em parte, por uma sociedade secreta chamada "Secret Germany". Von Stauffenberg, que esteve muito perto de matar Hitler, era um dos seus membros mais importantes. O ideólogo da

"Secret Germany" era o escritor Stefan George.

O que tinha acontecido? Em maio de 1941, o seu segundo no comando, Rudolf Hess, que aparentemente era um fanático pelo ocultismo, toma um avião e voa para as terras do inimigo. Aterrissa na Escócia em busca do duque de Hamilton, com o objetivo de tentar uma paz em separado com a Inglaterra. A fúria de Hitler contra Hess teria chegado naqueles dias a se comparar com a que sentia pelo povo judeu. A explicação oficial que deu o Terceiro Reich sobre o episódio foi a de que um dos membros da sociedade secreta tinha tido um sonho premonitório cuja interpretação esotérica teria apontado a conveniência desse vôo, do qual outros membros nazistas estavam surpreendentemente a par. Essa

explicação trouxe para Hitler uma nova oportunidade para tentar, pela terceira vez, não só a supressão das sociedades secretas, como também a de toda forma de ocultismo (incluindo aí práticas como a astrologia, o tarô, etc.) Hoje, muitos anos mais tarde, temos uma versão muito mais ajustada à verdade do que ocorreu naquele episódio.

Segundo Richard Deacon, em *A history of the British secret Service*, o voo de Hess não foi nada mais do que uma bem-sucedida operação, uma emboscada da espionagem inglesa para debilitar o regime nazista no meio da guerra. No entanto, ficaria ainda pendente a questão de como um nazista da envergadura de Hess se deixou emboscar tão facilmente. A explicação é mais simples do que parece: membros suíços e portugueses da sociedade secreta Golden Dawn — à qual também pertenceriam membros da sociedade Thule — teriam convencido alguns membros desta última que desejavam a paz em separado com a Inglaterra¹⁰ de que a mesma era factível se Hess viajasse. Como o fato de pertencer a uma sociedade secreta "amiga" é, para muitos dos membros desse tipo de associação, uma espécie de certificado de boa conduta, de forma cega e em pouco tempo se preparou em sigilo e pelas costas do próprio Hitler a viagem de Hess.

A Inglaterra (especialmente Churchill, membro de outra sociedade se-¹⁰ Os dois motivos para em separado buscar a paz com a Inglaterra eram: em primeiro lugar, tornar mais factível uma vitória contra a União Soviética e, em segundo lugar, a crença de muitas sociedades secretas alemãs e anglo-saxãs na superioridade da raça ariana, da qual descendem tanto alemães quanto anglo-saxões.

creta partidária da globalização do império britânico) não desejava a paz com a Alemanha, mas simplesmente enfraquecer o inimigo. Poucos meses depois desse episódio começam as primeiras grandes derrotas de Hitler nos campos bélicos. De forma um tanto curiosa se consideramos a anterior proibição, o próprio Hitler — talvez pela debilidade de uma mente um tanto supersticiosa — decide tornar-se um partidário bastante fervoroso da astrologia e consultar-se com o astrólogo Eric Hanussen, que efetuava sessões de espiritismo acerca do futuro do Terceiro Reich. Obviamente, se não se tratasse de Hitler, já estaríamos todos rindo. No entanto, o episódio não é uma piada e, ao contrário, deixa claro como as sociedades secretas podem enaltecer mesmo o personagem mais tirânico, como podem escapar das proibições expressas de um líder como Hitler e, inclusive, como podem chegar a convencer o seu número dois no comando a realizar uma operação tão desbaratada e pelas suas costas, o que durante algum tempo converteu o próprio *Führer* em motivo de piada. Posteriormente, a viagem custaria a Hess a sua prisão pelo resto dos seus dias: nada mais e nada

menos que quase 50 anos.¹¹

Além desse episódio, existe um fato que é quase uma constante com referência às sociedades secretas: os seus laços com a espionagem. Não deve chamar a atenção que George Bush pai tenha sido, ao mesmo tempo, membro da Skull & Bones e diretor da CIA. Praticamente todos os diretores da CIA foram antes eminentes membros de sociedades secretas.

Obviamente, a periculosidade das sociedades secretas baseia-se no fato de que o sigilo lhes confere uma vantagem muito grande em comparação com as sociedades abertas e democráticas. Eliminando qualquer prova, o sigilo dá aos seus membros a possibilidade de atuar sem que os outros saibam. Além disso, se existem as sociedades secretas é porque existem objetivos. Na prisão de segurança máxima de Spandau, na Alemanha, houve por muitíssimos anos um único prisioneiro: Rudolf Hess. A fortaleza-prisão estava guardada ao mesmo tempo por destacamentos especiais das tropas britânicas, norte-americanas, francesas e russas. As autoridades militares estavam esperando a morte do único prisioneiro para poder fechar a prisão e reduzir o orçamento. Hess lhes facilitou as coisas ao suicidar-se quando já era nonagenário.

Se esses objetivos secretos fossem compatíveis com o ideário das democracias, não teriam por que serem secretos. As sociedades secretas possuem não só objetivos secretos, como também meios de ação ilegais e muitas vezes criminosos. As sociedades secretas possuem códigos muito similares aos da máfia. Mais ainda, a própria máfia não é nada além de uma sociedade secreta¹². Se cada vez que escutássemos a expressão "sociedade secreta", fosse da índole que fosse, a associássemos de forma direta com a expressão "grupos-máfia", é possível que a nossa indignação fosse tal, que impedisse ao menos uma boa parte da atividade desses grupos. Talvez o mundo tivesse evitado boa parte das crises geradas e prolongadas muitas vezes um tanto artificialmente com a finalidade de manter e aumentar o poder por parte dessas sociedades.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS:

DE PONCINS, L.: *les forces secrètes de la Révolution*. Éditions Bossard, 1928.

DEACON, Richard: *A history of the British secret Service*. Taplinger Publishing Company, 1969.

GOODRICK-CLARKE, Nicholas: *Black sun. Aryan cults, esoteric Nazism and the politics of identity*. New York Press University, 2002.

GOODRICK-CLARKE, Nicholas: *The occult roots of Nazism. Secret Aryan cults and their influence on Nazi ideology*. New York Press University, 1985.

HECKETHORN, Charles William: *Secrets societies of ail ages and countries*. Kes-singer Publishing's Rare Mystical Reprints, 1896.

12 A palavra máfia proviria de meados do século XIX e seria a sigla da frase Mazzini Autoriza Furti, Incendi, Avelenamenti, ou seja, "Mazzini autoriza roubos, incêndios e envenenamentos". A máfia teria tido início como tal, segundo *Secret societies of all ages and countries* de Heckethorn, a partir de uma associação de indigentes sicilianos que, sob a tutela de Mazzini, começaram a se organizar e a realizar atividades criminosas sob a proteção da frota britânica.

LEVENDA, Peter: *Unholy alliance. A history of Nazi involvement with the occult*. The Continuum International Publishing Group, 2002.

MONTEITH, Stanley: *Brotherhood of darkness*. Hearsthouse Publishing, 2000.

QUIGLEY, Carroll: *The anglo-american establishment*.

STILL, William: *New World Order: the ancient plan of secret societies*. Huntington House Publishers, 1990.

SUTTON, Antony: *America's secret establishment. An introduction to the order of Skull & Bones*. TrineDay. Primeira edição, 1984. Reimpressão, 2002. (Obra especialmente recomendada.)

VON LIST, Guido: *The secret of the runes*. Destiny Books, 1988.

WARDNER,

James:

*The
planned
destruction
of
America.*

Longwood

Communications, 1994.

NA INTERNET:

BOISDRON, Matthieu: "Le Ille Reich et résotérisme". L'histoire dans tous ses états!" www.cronicus.com, 09/09/03.

ZOLLER, Regina: "« ¡Nacionalsocialismo y ocultismo?" La sociedad Thule".
[www.](http://www.relinfo.ch/thule/info.html)

relinfo.ch/thule/info.html, 1994.

PALAVRAS FINAIS

A BOMBA DO TEMPO DE WALL STREET

*Quem controlar o passado,
controlará o futuro. Quem controlar
o presente, controlará o passado.*

George Orwell, 1984.

Suponho que o leitor poderá sentir, neste ponto, um certo desassos-sego. Entretanto, sugiro que não se desespere nem pense que a situação descrita ao longo desta obra não tem remédio. Mesmo que possa ser verdade que algum mal dure cem anos, é improvável que dure duzentos.

Acontece que a sutil estrutura de domínio que a elite contribuiu para gerar e aperfeiçoar através de muito tempo dista de ser um mecanismo inexpugnável. O mesmo se baseia, sobretudo, na forma com que os negócios são realizados em Wall Street e no mundo financeiro em geral. E, como muitos fatos recentes demonstram, Wall Street está longe, muito longe, de proporcionar sonhos tranquilizadores para a elite.

É necessário explicar essa afirmação. O esquema de domínio baseia-se principalmente em poder dominar um extenso leque de negócios (petróleo, armas, laboratórios, educação, informação, sistema bancário, etc.) em uma vasta gama de países do mundo. Para controlar esses negócios estrategicamente centrais, foi necessário, entre outras coisas, pensar e implementar mecanismos financeiros por meio dos quais um reduzido grupo de pessoas pode controlar a política empresarial de uma grande quantidade de firmas pertencentes a esses setores. Um grupo muito reduzido de pessoas dirige, então, esses segmentos. Mas faz isso administrando o dinheiro de muitíssimas outras — milhões e milhões de indivíduos que investiram suas economias nos mercados financeiros. O mecanismo tem funcionado razoavelmente bem, à medida que os mercados têm respondido favoravelmente: ou seja, subindo.

Mas o mecanismo entra em contradição interna assim que os mercados, ao contrário de subir, baixam. No início deste milênio, o escândalo da Enron e de outras tantas mega-empresas foram suficientes como uma simples amostra de como o controle pode escapar facilmente das mãos dos poucos que o detêm. Acontece que, quando os mercados entram em queda, muitas empresas que não foram dirigidas de maneira honesta vêm cortado o seu acesso a mais crédito, ao

mesmo tempo em que para elas é pouco menos que impossível suprir-se de mais capital mediante a colocação de ações no mercado. Quando esse momento chega, já não há margem de a-

ção para administrar as empresas — e, portanto, o poder — ao bel prazer.

Como bem reza o ditado popular, "a necessidade tem cara de herege". E, em momentos de necessidade, os "pactos", secretos ou não, entre empresas e empresários não podem sobreviver por muito tempo.

Mesmo que no momento de escrever isto, em setembro de 2003, ainda não tenham ocorrido episódios de uma tal gravidade que possam acarretar um prognóstico de um final inquestionável para os mecanismos globalizantes que têm escravizado uma quantidade enorme de pessoas em uma vasta quantidade de países, alguns outros episódios prognosticam, há alguns anos, que se avizinham problemas pouco menos que insolúveis para a elite.

E não se trata apenas do escândalo da Enron, que motivou a surpreendente lei Sarbanes-Oxley, depois da qual os diretores de empresas devem jurar que os balanços das mesmas estão corretos. Um balanço é um balan-

ço. Por que se deve acreditar em juramentos se não se pode acreditar em um balanço? Com mecanismos artificiais como esses, conseguiu-se, em 2002, evitar uma crise na bolsa em Wall Street de proporções como havia mais de meio século não se via. Mas as miragens, ao menos quando o assunto é dinheiro, não duram para sempre.

As contradições invadiram também de forma muito palpável terrenos nos quais antes eram não só pouco frequentes como quase inconcebíveis.

Sem ir mais longe, quando George Bush filho declarou guerra ao Iraque, teve que baixar os impostos sobre os dividendos acionários pela metade, a fim de evitar um pânico em Wall Street. Trata-se da primeira vez na História em que um presidente norte-americano tem que baixar impostos no mesmo momento em que inicia uma guerra. Todo um contra-senso. Maior ainda se levamos em consideração que a situação fiscal nos Estados Unidos já era claramente deficitária no início de 2003.

As contradições alcançam níveis inclusive surpreendentes quando os Estados Unidos solicitam, periodicamente, até mesmo em reuniões do FMI e do G7, uma maior valorização das moedas dos países asiáticos. É compreensível que os Estados Unidos tentem reduzir o vultoso déficit da balança de pagamentos que possui. É uma espada de Damocles sempre pendente sobre o dólar e a economia

norte-americana. No entanto, vale recordar que, se as coisas não descarrilaram por completo na economia norte-americana, foi graças ao fato de que países como o Japão e a China, principalmente, têm comprado grande quantidade de títulos da dívida dos Estados Unidos com o produto dos seus superávits comerciais com o Tio Sam.

Vale, então, recordar o velho ditado: "Só há algo pior do que os seus desejos não se cumprirem: que eles se cumpram." Aliviar a situação da balança de pagamentos dos Estados Unidos implicaria a necessidade de deixar sem financiamento não só o seu Estado, mas também muitas das principais empresas norte-americanas.

As contradições, como se vê, estão na ordem do dia e são cada vez mais perceptíveis a olho nu. E não se trata de contradições secundárias, mas sim da própria base do sistema econômico norte-americano, idealizado quase sob medida pela elite empresarial anglo-americana. Se essas contradições não forem solucionadas, será muito difícil evitar uma crise medular. O grave inconveniente é que os problemas têm solução. As contradições, não.

Elas têm outro tipo de saída. .

Não é difícil imaginar, então, por causa dos problemas econômicos e financeiros que se vão acumulando em um ritmo cada vez mais veloz, o começo da era da "desglobalização". Provavelmente se tratará de um mundo no qual, impulsionados por recessões econômicas, os países tentarão exportar uns para os outros, renascerão barreiras comerciais, regulamentos e controles ao movimento de divisas e capitais. Como se vê, algo bastante distante da Nova Ordem Mundial desejada pela elite. Obviamente, a esse ponto não se chega por um caminho de sucessos econômicos, mas sim de fracassos. Por pura necessidade. Mas isso foi motivado pelo persistente erro

— tremendo erro — de insistir no caminho da globalização, quando há anos ele já começou a dar frutos amargos de empobrecimento geral, desemprego e excessos empresariais e financeiros de todo tipo.

Valeria a comparação com muitos planos de estabilização em uma variada gama de países. Durante certo tempo, eles rendem sucessos econômicos, mas, quando se insistiu em prolongar sua existência, só se conseguiu cair em crises econômicas e sociais muito mais profundas do que as que havia antes da sua implementação. Já era esperado. Nenhum país — e muito menos o mundo em seu conjunto — funciona em um só sentido o tempo todo.

Se seguirmos essa linha de pensamento, é fácil compreender que, mais cedo ou

mais tarde, a elite perde a partida. Já a perdeu de antemão, parado-xalmente por aplicar em excesso os mecanismos financeiros que ainda im-peram em Wall Street. É como se um malabarista, de tanto praticar os seus truques e conhecê-los cada vez melhor, decidisse aumentar cada vez mais a quantidade de malabares que usa em seu exercício. E, para piorar, cada vez em um ritmo maior. A brincadeira não pode durar para sempre. O risco é cada vez mais intenso e chega um momento em que a brincadeira não pode ser dominada pelo artista, que se transforma de alguém que está no controle em escravo da situação. Algo assim parece ter começado a ocorrer já faz alguns anos. Entretanto, só alguns poucos analistas, em comparação com o típico "coro" de vozes que unicamente prognosticam as crises quando elas já estão ocorrendo, perceberam que o panorama econômico e financeiro internacional ficou, silenciosamente, alarmante.

Se, além disso, acrescentarmos o muito grave problema energético que apontamos na primeira parte desta obra — que explica o afã de invadir o Iraque custasse o que custasse e que habitualmente é silenciado por temor às fortes pressões sociais para acelerar mudanças tecnológicas e acabar o quanto antes com os hidrocarbonetos fósseis (o que significaria um golpe muito duro no poder da elite) —, fica claro que a crise não só não parece ser evitável, como que os tempos podem estar muito mais próximos do que as transitórias bonanças nos mercados podem vaticinar.

Obviamente, as mudanças não serão produzidas sem custos. Estes hoje não podem ser avaliados. Só se pode pensar que muito provavelmente serão superiores aos que alguma vez foram vividos pelas atuais gerações.

Pode ser que isso não seja agradável, mas a alternativa seria nada menos que o aprofundamento da globalização a níveis tão desagradáveis para as maiorias populares que..

De todo modo, não é preciso pensar nisso. A possibilidade parece tão remota, que até pode ser impossível. Claro que a consequência mais lamentável de tudo isso são os milhares ou milhões de pessoas que ficam para trás e no meio do caminho, à mercê da indigência, da pobreza, do embruteci-mento e da morte.

Pode parecer paradoxal, mas tudo indica que a estocada mortal no poder da elite será dada, em algum momento ainda incerto, pelo próprio deus moderno criado pela mesma elite. Um deus feito na medida para as grandes massas, mas no qual os próprios integrantes da elite não crêem, no seu afã cada dia mais oligopolista. Como em Dr. Frankenstein, a elite colaborou para desenvolver ao extremo um ser que se apressa em voltar-se contra o seu próprio criador e comê-lo. Esse deus

não é nada mais do que o mercado. Talvez, nem Mary Shelley tivesse tido uma idéia melhor.

A propósito, às vezes a própria realidade nos surpreende e parece proporcionar dados paradoxais ou premonitórios. Por exemplo, poucos parecem ter reparado que, se percorrermos Wall Street, no centro de Manhattan, no mesmo sentido do sol, ou seja de leste para oeste, terminare-mos em um lugar muito estranho, sobretudo por se tratar do centro financeiro do mundo. Wall Street não termina no buraco que deixaram as Torres Gêmeas em sua queda precipitada depois que, antes das nove da manhã de 11 de setembro de 2001, começou uma das piores tragédias para os mais de dois mil operários, ascensoristas, porteiros, garçons, empregados de baixa hierarquia e chefes intermediários que se encontravam em seus postos de trabalho a essa hora em Nova York. Triste ironia, mas, se Osama teve muito ou pouco a ver com os atentados, não matou precisamente altos executivos nem milionários como ele, nem donos de empresas, que na hora em que explodiu o primeiro avião não costumam, quase nunca, estar trabalhando em escritórios, mas sim os pobres assalariados. Não, Wall Street não termina ali naquele buraco, apesar de muita gente responder isso, quase automaticamente, quando é perguntada sobre o assunto.

Muitas vezes, nem os próprios nova-iorquinos, em sua pressa de caminhar pelo centro financeiro do mundo, preocupados apenas com o dinheiro e o poder, reparam que Wall Street termina no pequeno e lúgubre cemitério colonial de Saint Paul, ao lado de uma arruinada, escura e quase sempre fechada ou vazia igreja. Ali, nesse cemitério muito anterior à globalização e ao mundo das finanças, sob umas descuidadas e velhas lápides cujos nomes e datas já nem são lidos, devido ao passar do tempo, jazem os únicos restos, as únicas caveiras e os únicos ossos que hoje descansam em paz no centro de Manhattan.

WALTER GUSTAVO GRAZIANO

Buenos Aires, 24 de setembro de 2003

AGRADECIMENTOS

Um livro é sempre o resultado da combinação de ao menos dois fatores-chave: o esforço do autor e a inteligência e rapidez da sua casa editorial. Neste caso, a Sudamericana.

É por isso que desejo agradecer, em primeiro lugar, aos diretores, aos membros da equipe e ao pessoal da editora, que escolheram esta obra, permitindo e agilizando a sua publicação.

Este trabalho não teria sido possível sem uma metodologia clara, precisa, inteligente e muito rápida. Por isso, agradeço, também em primeiro lugar, a Jorge Menéndez, cuja preciosa colaboração teria feito muita falta, porque a tarefa teria sido para mim muito mais longa, sinuosa e difícil. O tempo e o esforço que me poupou a possibilidade de ter acesso a uma excelente metodologia de trabalho são de um valor incalculável.

Sem as sugestões sobre o mundo editorial que me foram fornecidas por Silvia Hopenhayn, teria sido muito difícil publicar esta obra em uma excelente editora e com extrema rapidez. Por tudo isso, minha enorme gratidão.

O trabalho ágil, rápido e inteligente de Paula Velázquez foi crucial para a muito veloz — quase contra o relógio — elaboração do texto final desta obra, uma vez que a pesquisa de dois anos tinha concluído sua fase primordial. Muito obrigado, Paula.

Em meu próprio "campo de batalha" estiveram, colaborando comigo lado a lado, Alicia Nieva e Romina Scheuschner. É difícil explicar o grau de eficiência de seu trabalho. Sobretudo quando se trata de tomar contato com a informação complicada, às vezes muito angustiante, que costuma agir como uma descarga de fios elétricos de alta tensão.

Muitíssimo obrigado também a Camila Casale, Julieta Galera, Luci-ana Cotton, Julia Hopstock e Pamela Cavanagh, que forneceram muitos



www.tocadacoruja.net

dados valiosos, análises e informações em todo o início desta pesquisa.

Seu trabalho foi de grande valia para o desenvolvimento de todo o trabalho.

E, finalmente, obrigado, "Tato". Aquele "estranho dado isolado" que você tinha e que um dia, há alguns anos, me passou mostrou-se correto e abriu a pista e os caminhos de alguns dos árduos temas nos quais foi necessário se meter para entender o que está acontecendo.

Digitalização: Sander

Revisão: v_strega

Supervisão: Sayuri

TOCA DIGITAL

Quem colaborou com Hitler a partir
dos Estados Unidos?
Que relação houve entre o clã Bush e o
clã Bin Laden?
Quem dirige os meios de comunicação?
Quem enviou os envelopes com antraz?
Existe um plano secreto de domínio global?
Arrepiante, revelador, solidamente fundamentado,
Hitler ganhou a guerra levará seus leitores
a descobrir conexões antes impensadas
entre os fatos do passado e os do presente.
Mais ainda, a partir das suas premissas,
as notícias diárias vão adquirir uma dimensão nova:
a sensação de despertar de um longo sono.